JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

VOLUME 4

EDITORIAL ESTAMPA

OBRAS ESCOLHIDAS

JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

Volume IV

EDITORIAL ESTAMPA

Tradução de *Maria Santa Montez*

Capa de *Soares Rocha*

Distribuidor no Brasil:
Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Todos os direitos para esta edição estão reservados
por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1976

ÍNDICE

Apenas existe uma forma de salvar o nosso povo 9
O Programa da Frente da Pátria 11
Para onde caminha a Bulgária? 15
A crise na Bulgária 25
O governo de Bagrianov 33
O caminho de salvação para a Bulgária 35
Directivas dadas ao Estado-Maior General das tropas de guerrilheiros para a formação da primeira divisão do Exército de Libertação nacional 43
Tudo pela Frente! 45
Pelo saneamento económico e a independência da Bulgária dirigida pela Frente da Pátria 51
A Frente da Pátria é uma união de combate duradoura de todas as forças democráticas progressistas 55
Pelo desenvolvimento de uma verdadeira literatura na nova Bulgária 59
Grande mestre e guia 61
Avante por uma vitória eleitoral brilhante e decisiva 65
Por uma vitória de toda a nação sobre a reacção e sobre os elementos mal intencionados para com a nova Bulgária 73
A Frente da Pátria — apoio e força motora 99
A obra de 9 de Setembro é uma obra histórica 105
O lugar e o papel dos sindicatos operários no novo Estado 125
A milícia é um inquebrantável apoio do poder democrático 137
A missão histórica do Partido Operário Búlgaro (Comunistas) 143

A União da Juventude Operária deve tornar-se uma escola de socialismo 157
As duas lições 173
O nosso povo, embora pequeno, é orgulhoso 179
Carta aberta a Harold Lasky 183
Não há força capaz de derrubar a Frente da Pátria ... 185
Grito de aviso 193
Por uma autêntica República Popular 197
As três grandes tarefas nacionais 201
A mulher búlgara conquistou um lugar de honra no nosso país 205
O Partido Operário Búlgaro (Comunistas) deve ser o primeiro na luta pela República Popular e pela Grande Assembleia Nacional 217
A Bulgária será uma República Popular 235
Edificamos uma autêntica República Popular 239
Acerca do papel e tarefas da revista *Philosophska Missal* 245
Acerca do processo de Nuremberga 251
Avante contra a reacção e o fascismo, pelo triunfo da obra da Frente da Pátria, salutar e invencível 253
A Frente da Pátria, apesar de tudo, vencerá! 271
Os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional 291
Os dez imperativos mais importantes 301

Notas 303

APENAS EXISTE UMA FORMA DE SALVAR O NOSSO POVO

Ao declarar guerra à América e à Inglaterra (1), o governo do rei Boris demonstrou uma vez mais o seu papel de lacaio de Hitler, o sanguinário, e a sua política de traição dos interesses e do futuro do nosso povo.

Para as operações militares no Pacífico, a guerra da Bulgária contra a América e a Inglaterra não teve nem pode indubitavelmente ter qualquer importância prática. Mas este acto aventureiro do governo do rei Boris tem uma grande importância prática, sob o ponto de vista da situação e futuro da própria Bulgária. A Bulgária é, por esse facto, definitivamente atirada para a criminosa guerra de depredação de Hitler e transformada num instrumento dos seus planos de pilhagem.

A fatal derrota da Alemanha hitleriana, que lhe virá a ser infligida pela poderosa coligação anti-hitleriana, arrastará também para o abismo a Bulgária.

A declaração de guerra feita à América e à Inglaterra reveste-se de uma importância ainda mais imediata, depois de Hitler e os seus agentes búlgaros se terem convencido que era arriscado enviar o nosso exército contra a União Soviética; tentam agora utilizar o exército, através desse subterfúgio, a fim de o fazer combater pelos intentos da Alemanha hitleriana. A derrota dos alemães no Sul, bem como a completa derrocada dos seus planos de ofensiva em direcção ao Cáucaso feitos por Rostov, fazem com que Hitler procure outros caminhos.

O nosso povo encontra-se perante o perigo iminente de ter de verter o sangue de centenas de milhares dos seus filhos em proveito de intentos estrangeiros, os intentos do bando hitleriano que pilha e oprime o seu próprio país, assim como dezenas de outros que provisoriamente ocupou.

A existência da Bulgária como país independente está em jogo.

Existe apenas uma forma de salvar o nosso povo do perigo e o nosso país da catástrofe: é movimento nacional, o movimento do exército e do povo contra a política de traição dos nossos governantes, que se venderam a Hitler.

É preciso impedir por todas as formas e com todas as nossas forças que os bandos hitlerianos disponham da Bulgária, do seu território, dos seus víveres e dos seus recursos, das suas forças armadas.

É preciso conseguir impor, custe o que custar, uma política búlgara realmente nacional, que tenda a libertar o país dos opressores alemães e dos seus lacaios búlgaros.

15 de Dezembro de 1941.

Publicado em:
Aqui a estação radiofónica «Christo Botev», t. III, pp. 347-348.

Traduzido do texto:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI. Edições do P. C. B. 1954, pp. 105-106.

O PROGRAMA DA FRENTE DA PÁTRIA

A política antipopular do governo do rei Boris constitui um autêntico perigo nacional. A Bulgária transformou-se num vassalo de Hitler e o povo búlgaro escravo dos imperialistas alemães.

Em face da iminente derrota do insensato plano de Hitler de domínio do mundo, todo e qualquer prosseguimento dessa mesma política de traição significa atirar conscientemente o povo búlgaro para um precipício, com a consequente perda da sua independência nacional.

O povo búlgaro, o seu exército e os seus intelectuais patriotas têm, neste momento histórico, o supremo dever de se unirem numa poderosa Frente da Pátria, pela salvação da Bulgária.

A Frente da Pátria tem perante si as seguintes tarefas urgentes:

1. Impedir a entrada da Bulgária na guerra hitleriana, criminosa e mortal para o povo búlgaro.

2. Retirar de imediato as tropas búlgaras enviadas para reprimir a luta do povo irmão sérvio contra o jugo alemão e italiano.

3. Quebrar a aliança da Bulgária com a Alemanha hitleriana e os outros países do Eixo, libertar a terra búlgara das tropas fascistas alemãs e dos bandos da Gestapo.

4. Travar a exportação de víveres e matérias-primas para a Alemanha e restantes países do Eixo. Assegurar o abastecimento do povo e do exército e o aprovisionamento da

população em artigos de primeira necessidade, a preços acessíveis.

5. Assegurar, de acordo com a Carta do Atlântico ([2]), os interesses nacionais do povo búlgaro, através de um acordo com os restantes povos balcânicos e da estreita amizade e colaboração da Bulgária com a União Soviética, a Inglaterra, os Estados Unidos e os outros povos amantes da liberdade.

6. Libertar sem mais delongas todos os civis e militares perseguidos pela sua luta contra o fascismo e a Alemanha hitleriana.

7. Restabelecer as liberdades políticas do povo e sobretudo a liberdade de imprensa, de reunião e de associação; abolir todas as leis fascistas, anticonstitucionais e antipopulares.

8. Subtrair o exército das mãos da pandilha monarco-fascista e tomar medidas decisivas para que não seja utilizada com fins antipopulares. Assegurar os direitos cívicos dos oficiais, suboficiais e soldados.

9. Dissolver as organizações fascistas do tipo de «Brannik», «Ratnik», «Legião».

Pôr fora de combate os carrascos e criminosos fascistas e tomar medidas para a sua exemplar punição.

10. Proteger a riqueza nacional e o trabalho do povo contra todos os ataques estrangeiros e criar condições favoráveis ao desenvolvimento económico regular da Bulgária, na liberdade e na independência.

11. Assegurar os meios de existência do povo, o trabalho, os rendimentos, elevar o nível de vida dos trabalhadores da cidade e do campo.

12. Extirpar o obscurantismo fascista, a discriminação racial e a humilhação da honra nacional do nosso povo.

A realização destas tarefas urgentes que interessam ao nosso povo, pressupõe que seja formado sem demoras um verdadeiro governo nacional, capaz de fazer promover de maneira firme e consequente a política de salvação da Frente da Pátria. É por esta razão que a Frente da Pátria apresenta como fim imediato do seu combate a queda do actual governo — traidor, antipopular, hitleriano — e o estabelecimento de um autêntico governo nacional búlgaro.

Esse governo, apoiado pela vontade e apoio de todo o povo, preparará, por outro lado, as condições para a convocação da Grande Assembleia Nacional que terá de fixar a forma de governo da Bulgária para o futuro e criará as garantias constitucionais e materiais indispensáveis à liberdade, independência e prosperidade da nossa pátria.

17 de Julho de 1942.

Publicado em:
Aqui, estação radiofónica «Christo Botev», t. III, pp. 12-14.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI. Edições do P. C. B., 1954, pp. 108-110.

PARA ONDE CAMINHA A BULGÁRIA?

A morte prematura do rei Boris suscitou na opinião pública internacional um vivo interesse quanto à situação política da Bulgária e seu respectivo papel na guerra actual. É compreensível este interesse, se pensarmos que a Bulgária — embora um país pequeno em território e número de habitantes — ocupa um importante lugar nos Balcãs e dispõe de um exército intacto de 450 000 homens, que não tomou ainda uma posição activa na guerra. Não se deve deixar de ter em mente, por outro lado, que a Alemanha exerce actualmente uma forte pressão sobre a Bulgária, a fim de a arrastar para operações militares activas.

Para onde caminha a Bulgária? Qual será a sua política depois da morte do rei Boris, que a dirigia e unia os meios pró-alemães búlgaros? Será que o povo búlgaro continuará a permitir, no futuro, o prosseguimento dessa orientação pró-alemã, que conduziu já o país a um impasse e à beira do abismo? Será que a Alemanha virá a conseguir apoderar-se avidamente da Bulgária, utilizando para seu próprio benefício o seu território, o seu exército, as suas comunicações, as suas fontes de víveres e de matérias-primas? São estas as perguntas que preocupam todos os amigos sinceros da Bulgária.

★

Existem dois factos históricos que ligaram profundamente o povo búlgaro ao grande povo russo. Em primeiro lugar, a

Bulgária deve a sua libertação nacional ao povo russo. Este facto fortaleceu no seio do povo búlgaro as profundas tradições de reconhecimento e de afeição para com o povo russo. Em segundo lugar, tanto o povo búlgaro como o russo participam no destino comum dos povos eslavos na luta contra as cobiças teutónicas de assimilação dos eslavos. Os parentescos étnicos, a origem dos idiomas, a paridade das letras, da cultura e dos interesses na luta contra a ameaça alemã, resultaram na criação da base da indestrutível ligação entre búlgaros e russos. Todos os militantes importantes do movimento de libertação nacional búlgara, durante o século XIX, eram pioneiros convictos da fraternidade russo-búlgara. O povo búlgaro via no povo russo, sobretudo após a libertação da Búlgária feita pelo Exército russo, o seu libertador e penhor da sua existência nacional. Será necessário provar que depois da eliminação do czarismo feita pelo povo russo, que tomou nas suas mãos o seu próprio destino, se criaram condições extremamente favoráveis ao desenvolvimento da mais cordial amizade entre os dois povos eslavos?

Contudo, o imperialismo alemão, que tentava por todas as formas abrir um caminho através dos Balcãs em direcção a Leste, não tardou a erguer-se contra a natural afeição de todo o povo búlgaro para com o povo russo. A penetração do imperialismo alemão nos Balcãs está intimamente ligada ao estabelecimento de uma rede alemã na Bulgária, que soube reunir os elementos mais reaccionários, mais cúpidos e venais. Durante três décadas, esses agentes alemães promoviam uma política antibúlgara que custou ao povo búlgaro uma catástrofe nacional durante as guerras balcânicas (1912-1913) e uma catástrofe nacional ainda mais pesada em 1918, após a entrada forçada da Bulgária em guerra, ao lado da Alemanha, durante a primeira conflagração mundial.

Mais de 150 000 soldados mortos, centenas de milhares de pessoas mutiladas, viúvas ou órfãs, centenas de milhares de refugiados, 2 500 milhões de leva-ouro de contribuições, desmembramento de territórios búlgaros, pilhagem do país, reduzido ao caos económico — foi esta a expiação que teve de pagar o povo por ter participado na Primeira Guerra Mundial, ao lado da Alemanha do kaiser. O interesses nacionais do povo búlgaro foram por esse facto severamente atingidos.

O rei Ferdinando pagou com a perda da coroa a sua política, fugindo para a Alemanha, para junto dos seus mestres, que lhe concedem, ainda hoje, uma pensão. Ferdinando foi-se, mas a situação não mudou muito. O povo búlgaro não soube destruir em 1918 e de uma vez para sempre a rede alemã. Boris, o filho de Ferdinando, subiu ao trono e prosseguiu a política alemã de seu pai. É esta uma das principais razões por que a Bulgária, cujo povo experimentara já através da sua própria experiência o preço da aliança com os alemães, se encontrou novamente, volvido um quarto de século, no campo alemão, correndo actualmente o perigo de morte de ser arrastado para uma terceira catástrofe nacional, ainda mais funesta para a sua independência.

Depois da subida ao trono, o rei Boris, apoiado nos elementos mais reaccionários do país e do exército, perpetrou um golpe de Estado (a 9 de Junho de 1923), derrubou o governo constitucional de Stamboliiski, instaurou no país o regime fascista e orientou completamente a Bulgária na via dos interesses da política imperialista alemã. A Bulgária uniu-se ao Eixo, tornando-se um vassalo de Hitler — é este o resultado da política dos meios governamentais reaccionários da Bulgária.

Hoje os agentes de Hitler no país tentam abonar a lenda segundo a qual não restava já qualquer opção à Bulgária quando, em Março de 1941, viraram as costas ao povo e, contra a sua vontade, permitiram às tropas alemãs que invadissem a Bulgária: por isso se devia colocar ao lado da Alemanha, visto ser, segundo afirmam, a única forma de garantir a paz à Bulgária e em todos os Balcãs. Trata-se de uma enorme mentira, na altura desmascarada pela nota do comissário do povo dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., em 3 de Março de 1941 (3). A propósito do comunicado do governo búlgaro, pretendendo que haviam consentido na entrada das tropas alemãs na Bulgária com o fim de se manter a paz nos Balcãs, o comissário do povo dos Negócios Estrangeiros declarou:

> «1. O Governo soviético não pode compartilhar do ponto de vista do governo búlgaro sobre o bom fundamento da sua posição, visto que, independente-

temente do desejo do governo búlgaro, ela não conduz à consolidação da paz, mas sim à extensão da guerra e à entrada da Bulgária na guerra.

2. O governo soviético, fiel à sua política de paz, não pode, nessas condições, conceder qualquer apoio ao Governo búlgaro no prosseguimento da sua política actual.»

É indubitável que nas vésperas da invasão dos Balcãs feita pelos alemães era absolutamente possível garantir a paz nessa parte da Europa, garantindo simultaneamente os interesses vitais, da Bulgária, se o governo búlgaro tivesse dado atenção a esse aviso tão claro do governo soviético.

Qual era a situação em Março de 1941, quando as tropas alemãs penetraram na Bulgária e se instalaram no nosso território? Os povos da Jugoslávia estavam prontos a defender-se contra os alemães. O exército grego derrotava os italianos no território albanês. A Bulgária, apoiada no seu exército e na vontade unânime de todo o povo, poderia ter conservado a neutralidade. Os profundos interesses nacionais do país não militariam a favor da necessária neutralidade? Não insistia o povo búlgaro na conclusão de um pacto de amizade com a União Soviética — a mais segura garantia da independência da Bulgária e da manutenção da paz nos Balcãs ([4])? Mas os governantes búlgaros declinaram esse pedido do povo, uniram a Bulgária aos países do Eixo e deixaram as tropas alemãs entrar no país. Enterraram um punhal nas costas da Jugoslávia e da Grécia, possibilitando às hordas hitlerianas esmagar os exércitos grego e jugoslavo ([5]). Os acontecimentos que se seguiram demonstraram que todos esses actos dos governantes búlgaros contribuíram de forma eficaz para alargar a esfera da guerra nos Balcãs, nela arrastando a Bulgária.

A história dos povos balcânicos demonstra claramente que a independência nacional e a prosperidade da Bulgária não poderiam ser garantidas se o país não mantivesse acima de tudo uma estreita amizade com os seus vizinhos eslavos. É por isso que a Bulgária cometeu o mais grave crime, tornando-se um instrumento da Alemanha contra a União Soviética e traindo a Jugoslávia, os irmãos eslavos do povo búlgaro

nos Balcãs — macedónios, sérvios, montenegrinos, croatas, eslovenos. Os governantes búlgaros, ao entregarem a Bulgária aos celerados hitlerianos, desfecharam o mais cruel golpe nos seus interesses nacionais.

Em consequência desta política, a Bulgária transformou-se numa praça de armas da Alemanha hitleriana na guerra contra a União Soviética. Bourgas, Varna, Baltchik e diversos outros pontos do litoral do Mar Negro, bem como o porto de Roussé no Danúbio, estão de posse dos alemães e adaptados para servir os submarinos e os navios de guerra alemães. Os alemães utilizam, além disso, a frota búlgara para transportar tropas e munições para combaterem a União Soviética. Os alemães controlam na prática as mais importantes vias férreas do país, para transporte do material de guerra. Dispõem de vários aeroportos e de depósitos de armas no território búlgaro. Todos os aeroportos búlgaros são controlados pelas autoridades militares alemãs. O comando alemão construiu na Bulgária obras fortificadas e vias estratégicas, com o fim de transformar o território búlgaro na arena da guerra hitleriana.

Hoje a Bulgária é pilhada pelos alemães mais do que durante a Primeira Guerra Mundial. O governo exporta para a Alemanha, por intermédio do Departamento de Estado «Hranoïsnos», importantes quantidades de cereais e de produtos agrícolas. As exportações de víveres e de matérias-primas, destinadas à Alemanha, atingem já a colossal soma de 20 milhares de leva. Essa dívida da Alemanha para com o Banco Nacional da Bulgária jamais será liquidada. Existe também uma outra forma de roubar os camponeses búlgaros. A Bulgária está incumbida de prover às despesas de manutenção das guarnições alemãs, dos hospitais militares, de um grande número de agentes e de representantes alemães, de famílias de militares alemães. A matilha de alemães esfomeados adquire a preço irrisório produtos de consumo que expedem em seguida para a Alemanha.

Sob o ponto de vista económico, a Bulgária tornou-se um anexo da Alemanha. Mais de 63 por cento dos investimentos estrangeiros pertencem a alemães. Toda a política económica dos governantes búlgaros está submetida aos imperativos alemães. Isto significa o encerramento das empresas

de que a Alemanha não necessita, a adaptação da economia rural da Bulgária às necessidades da indústria alemã, isto é, a produção de matérias-primas e de produtos semifabricados para a Alemanha. Isto significa a liquidação do desenvolvimento industrial independente da Bulgária, já que esta se transforma numa colónia da Alemanha, conduzindo inevitavelmente à completa escravidão do povo búlgaro.

A pedido de Hitler, a pequena Bulgária declarou guerra, em Dezembro de 1941, a dois países de importância mundial: a Inglaterra e os Estados Unidos da América. A Bulgária não enviou tropas para a frente de Leste, visto o povo e o exército manifestarem uma forte resistência a semelhante crime. Contudo, a Bulgária desempenha o papel de polícia de Hitler nos Balcãs. As tropas búlgaras ocupam a Jugoslávia e a Grécia. O rei Boris pôs à disposição dos alemães tropas búlgaras que substituíram nos Balcãs as tropas alemãs enviadas para a frente de Leste.

E os governantes desta Bulgária, vassalo e polícia de Hitler nos Balcãs, não receiam declarar que «o país realiza os seus ideais nacionais». A fim de consolar o povo búlgaro, dizem-lhe que a Bulgária obteve a Trácia e a Macedónia. Mas a Bulgária, que «recuperou» a Trácia e a Macedónia, não deixou de perder, por outro lado, a sua independência nacional. As próprias Macedónia e Trácia são governadas por comandantes alemães, que procedem na Bulgária da mesma forma como se se tratasse do seu país. E finalmente, sobre o mapa geográfico publicado em Berlim por Goebbels, a Macedónia e a Trácia, esses territórios «búlgaros», figuram como regiões alemães, provisoriamente governadas pela administração búlgara. O movimento de resistência que se propaga na Macedónia e na Trácia testemunha bem o ódio que a população alimenta não só pelos conquistadores hitlerianos, como também pelos seus cúmplices búlgaros.

O rei Boris traçava todos os seus planos com vista a uma vitória fácil e rápida de Hitler. Contudo, os seus planos desmoronaram-se. De um dia para o outro, constatava-se que a Alemanha perdia a guerra e que o rei Boris estava a precipitar a Bulgária na catástrofe. O monarca vencido sentia subir o ódio do povo. Para sair do impasse, tentou diversas manobras, semeando a incerteza e o pânico. Em Berlim,

eram constantemente seguidas as hesitações do rei búlgaro. Não restam dúvidas que Berlim tem algo a ver com a morte «prematura» desse homem, cheio de saúde e excelente turista.

Referindo-se à Constituição em vigor, o governo Filov proclamou rei da Bulgária o filho de Boris-Siméon, com seis anos de idade. Contudo, os governantes búlgaros apenas recorreram à Constituição na medida em que esta satisfazia os seus próprios planos. Abstiveram-se de convocar a Grande Assembleia Nacional — como pretendia a Constituição — a fim de elegerem os membros do Conselho da Regência. Isto, deliberadamente. Os governantes receavam a menor consulta da vontade das massas populares na Bulgária. Utilizaram todos os processos para prosseguirem a orientação pró-alemã da sua política abominada pelo povo.

A morte do rei Boris revelou-se como um pretexto propício a uma nova intromissão grosseira da Alemanha nos assuntos da Bulgária. A composição da delegação alemã, no funeral do rei Boris, não foi feita por acaso: o grande almirante Raeder, o marechal de campo Keitel, o general Lindemann, o almirante Fricke, o general da aviação Leer, o general das SS Wunenberg, o barão von Steengracht do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o antigo ministro da Alemanha em Moscovo, conde Schulenburgo. Estabeleceu-se, com o seu auxílio, um Conselho de Regência que deveria continuar, sem qualquer hesitação, a orientação da política favorável à Alemanha. É preciso dizer, no entanto, que o Conselho de Regência, no seu estabelecimento actual, não está à altura de resolver a crise que o país atravessa — pelo contrário, esta aprofunda-se e agrava-se ainda mais. A maioria esmagadora do povo búlgaro manifesta cada vez com maior clareza a sua intransigência para com os traidores da pátria. Nunca o abismo que separa o povo da «clique» que se encontra no poder foi tão profundo como agora.

Nunca foi tão evidente o carácter criminoso da orientação pró-alemã da política do país. Contra essa orientação declaram-se não só o povo búlgaro como todos os seus elementos sãos, honestos e patriotas. Essa orientação vai contra a lógica dos acontecimentos da conjuntura hoje criada no decorrer da guerra. Este Verão, os exércitos alemães sofreram derrotas extremamente duras na frente de Leste. O Exército

Vermelho persegue as hordas alemãs em direcção ao Dnieper. A ofensiva de Verão do Exército Vermelho, após as vitórias que conquistou no decurso do último Inverno, aprofunda seriamente a crise que agita o campo fascista. Foi sob a influência dessa crise que sucumbiu o aliado italiano da Alemanha fascista. A Itália, o único grande país da Europa a aliar-se à Alemanha fascista, está fora de combate [6].

A capitulação da Itália desguarneceu o flanco direito dos hitlerianos nos Balcãs. A guerra aproxima-se da Península balcânica. Amanhã, se não for hoje ainda, os Balcãs virão a ser a arena da guerra. A hora da inevitável derrota da Alemanha e dos seus satélites aproxima-se.

É nesta conjuntura, em que os aliados e os parceiros de ontem da quadrilha hitleriana começam a desertar, que os governantes da Bulgária ousam, na confusão, impor ao povo búlgaro a intervenção na guerra ao lado dos hitlerianos em vias de derrota. Verifica-se na verdade a prática do ditado: Os deuses privam da razão quem eles querem perder!

A Bulgária depara hoje com dois caminhos a seguir: continuar a nadar nas águas da Alemanha, ou romper com a Alemanha e desenvolver uma política nacional independente.

O primeiro caminho significa entregar completamente o exército búlgaro ao comando alemão, para a «defesa dos Balcãs». É, nem mais nem menos, que a perda de centenas de milhares de búlgaros, é fazer do país o teatro das operações militares, dos bombardeamentos e das destruições em massa e, finalmente, é uma derrota militar completa e uma nova catástrofe nacional mais terrível ainda do que a de 1918.

O outro caminho significa a libertação da Bulgária da tutela alemã, a conservação das suas fontes humanas e materiais para assegurar a liberdade e a independência do país. É esta a única via que permite à Bulgária sair do impasse para onde foi atirada pela dinastia dos Coburgo e pelos agentes tes hitlerianos.

Poderá a Bulgária encaminhar-se nesta via salvadora para o povo? A situação interna e internacional confirma poder fazê-lo, se o povo e o exército derem as mãos e se sublevarem contra os agentes hitlerianos no poder, formando um verdadeiro governo nacional búlgaro. Esta tarefa não é certamente fácil, mas seria realizável se as forças patrióticas do

país e do exército encabeçassem o movimento já existente pela salvação da pátria.

Os agentes da Alemanha — os Filov, os Jékov, os Tzankov [7] — ameaçam a Bulgária com uma ocupação exemplar a efectuar pela Alemanha, no caso dos búlgaros recusarem auxiliar os ocupantes hitlerianos e começarem a desenvolver uma política nacional independente.

Ora, isto não é verdade.

As forças fundamentais da Alemanha hitleriana estão imobilizadas na frente Leste. O perigo iminente do desembarque aliado na Europa não permite aos hitlerianos dispersar as suas reservas humanas, já diminuídas. Após a deserção da Itália, os soldados das divisões italianas regressarão à pátria. Hitler terá grandes dificuldades em descobrir divisões para a ocupação dos Balcãs e, ainda por cima, para esmagar o exército búlgaro inteiro, se ele se sublevar, juntamente com o povo, contra os alemães. Não restam dúvidas que, nesse caso, o povo e o exército serão eficazmente auxiliados pelo exército de libertação nacional jugoslavo e pelos franco-atiradores gregos. Se se admitisse que Hitler estivesse decidido a lutar contra o exército búlgaro, as perdas que o povo e o exército viriam a sofrer seriam inferiores às que lhe são submetidas pela orientação pró-hitleriana dos governos búlgaros.

De qualquer forma, a Bulgária tem a possibilidade, sobretudo depois da capitulação da Itália e da desagregação que começa a desmantelar o bloco hitleriano, de expulsar os ocupantes hitlerianos e de se poupar a uma conquista estrangeira. Quanto mais nos deixarmos atrasar neste aspecto, mais aprofundamos o perigo que pesa sobre a Bulgária.

A opinião pública soviética, apesar da contínua hostilidade da Bulgária, provou até à data ser possuidora da maior paciência, persuadida que essa política pró-alemã é completamente alheia ao povo búlgaro. O povo russo que verteu no passado o seu sangue pela libertação e independência do povo búlgaro irmão e que suporta o principal peso na luta contra os inimigos seculares dos eslavos — os conquistadores alemães — tem o direito de prevenir a Bulgária que toda a paciência tem limites.

Com que poderá contar a Bulgária, se continuar em estado de guerra com a Inglaterra e os Estados Unidos da América e se continuar a auxiliar a Alemanha fascista na sua luta contra a U. R. S. S., provocando a legítima aversão dos povos balcânicos subjugados pelos alemães?

O destino do povo búlgaro esteve sempre lado a lado com os povos da União Soviética. É essa a razão por que a opinião pública soviética acolhe com satisfação o desejo do povo búlgaro de subtrair o seu país ao campo fascista, de evitar uma nova catástrofe e de assegurar a sua honra nacional, a sua liberdade e a sua independência.

Publicado em:
La Pravda, n.° 230,
de 16 de Setembro de 1943.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 112-114.

A CRISE NA BULGÁRIA

A Bulgária atravessa uma profunda crise, patente em praticamente todos os campos da vida política e social, na quase totalidade das regiões do país. A crise é também tangível no parlamento búlgaro, na ocasião dos violentos debates sobre a resposta à mensagem do regente, príncipe Cirilo. As raízes da actual crise residem na política pró-alemã que os meios governamentais búlgaros desenvolvem, contrariamente aos interesses do povo. Esta crise tornou-se mais grave nos últimos tempos, especialmente depois das retumbantes derrotas sofridas pelos exércitos alemães, debaixo dos golpes desfechados pelo Exército Vermelho vitorioso, na frente soviético-alemã. A crise agrava-se, em consequência do desmantelamento do bloco dos bandidos fascistas, da derrocada das esperanças em divergências decisivas no seio dos Aliados, derrocada essa que se tornou particularmente mais nítida após a conferência de Moscovo [8] e, sobretudo, após a de Teerão [9]. Por outro lado, a crise acentua-se também devido ao crescente movimento do povo búlgaro, movimento esse que se tem desenvolvido até atingir as proporções de uma ampla luta insurreccional contra essa política pró-alemã, abominável e desastrosa. Pode-se a partir de agora apreciar a envergadura da luta insurreccional popular da Bulgária, a partir do facto do governo se ter visto ele próprio obrigado a referir-se-lhe, depois da derrota da sangrenta campanha empreendida contra os insurrectos, em finais de Março deste ano, que se prolongou durante o Verão e Outono e que, não obstante a participação de mais de 20 mil soldados e oficiais,

da artilharia e da aviação, não atingiu os resultados que o governo esperava. Os patriotas búlgaros, decididos a lutar de armas na mão, criaram numerosos corpos de guerrilha que operam nas montanhas do centro e do sul da Bulgária. Esses corpos de guerrilha contam já vários milhares de membros e as suas fileiras engrossam constantemente, apesar de todas as medidas de terror dos meios dirigentes búlgaros e da Gestapo.

A inquietação e a desordem reinam no campo dos meios dirigentes búlgaros, que tentam superar a crise crescente, sobretudo com o auxílio de repressões maciças contra os patriotas combatentes, pela mobilização do tirânico aparelho policial e da Gestapo, a fim de esmagarem o movimento popular anti-alemão. Contudo, esta repressão furiosa apenas consegue atiçar o fogo da cólera popular e provoca a exasperação da crise de que o país sofre. O fracasso e os efeitos funestos da política de aliança com a Alemanha hitleriana tornam-se de dia para dia mais evidentes e a opressão da Gestapo cada vez mais insuportável.

Os meios dirigentes búlgaros procedem também a manobras, tentando, através dos métodos da dissimulação política, enganar o povo e atenuar de qualquer forma a crescente crise. Mobilizaram para este efeito todo o aparelho de propaganda. Ministros, deputados, agentes da polícia e jornalistas fraudulentos, todos foram mobilizados. Os agitadores governamentais, que percorrem incessantemente todo o país, de um lado para o outro, tentam apresentar a sua política pró-alemã como se se tratasse de política nacional: «A Bulgária — dizem eles — não faz mal a ninguém, não pretende nada que pertença a outrem: apenas aspira à realização dos seus ideais nacionais.» Mas esta manobra não lhes traz qualquer utilidade nem os pode sequer ajudar a superar a crise, visto os factos serem por si só demasiado evidentes para desmascararem a mentira e a demência desta argumentação.

Os dirigentes búlgaros actuais pretendem passar por «unificadores» dos búlgaros, por criadores de uma «Bulgária unificada». Não é contudo bem claro que a Bulgária, que «adquiriu» a Macedónia e a Trácia, perde ela própria, sob a bota dos conquistadores alemães, a sua independência nacional? Não é evidente, por outro lado, para qualquer pessoa

bem lúcida, que após o inevitável desastre da Alemanha nada restará dessa «Bulgária unificada»? Não está bem patente que enquanto os satélites búlgaros de Hitler se tentam fazer passar por pessoas «que não fazem mal a ninguém», a Bulgária continua a ser uma praça forte e uma base dos alemães na sua guerra de banditismo, efectuada contra os povos sedentos de liberdade e, em primeiro lugar, contra a União Soviética? Não é verdade que os alemães continuam, com o auxílio dos meios dirigentes búlgaros, a consolidar as suas posições na Bulgária, nela exercendo a sua influência, embora contra os interesses do povo búlgaro, da sua liberdade e da sua independência? Em Varna, as autoridades búlgaras evacuam servilmente a população, a fim de porem toda a cidade e a base naval à disposição dos alemães, com, entre outras, a intenção de aí instalarem dezenas de milhares de soldados e oficiais alemães feridos, evacuados da Crimeia. Não é um facto que os alemães instalam os seus inspectores no exército búlgaro, a título de «especialistas», mas funcionando na verdade como comissários hitlerianos? Não é verdade encontrar-se na Jugoslávia um corpo do exército de ocupação e que unidades desse mesmo corpo tomam parte, juntamente com as hordas alemãs, nas operações militares contra o exército de libertação da Jugoslávia, reconhecido pela União Soviética, Inglaterra e América como exército aliado?

Será enfim possível considerar a declaração de guerra feita pela Bulgária à Inglaterra e aos Estados Unidos da América, como um acto ditado pelos interesses nacionais búlgaros? Os dirigentes búlgaros vertem actualmente lágrimas de crocodilo sobre as vítimas da sua própria política criminosa, quando dos bombardeamentos de Sófia, feitos pela aviação aliada. Mas quem ignora que são precisamente os dirigentes búlgaros quem, a 12 de Dezembro de 1941, declararam aparatosa e solenemente guerra a essas duas potências, e isto acedendo apenas ao pedido de Hitler? Lamentam-se agora por a União Soviética não querer proteger os búlgaros dos bombardeamentos. Têm ainda a insolência de falar neste assunto, depois de terem por todas as formas auxiliado Hitler na sua guerra contra o grande povo russo, que outrora libertou a Bulgária.

Todas essas manobras desonestas são demasiado grosseiras para que os meios dirigentes búlgaros possam enganar o povo, para que possam atraí-lo para o seu lado e superar a crise do país, provocada pela sua própria política pró-alemã, antinacional.

Uma autêntica política búlgara verdadeiramente nacional, exige da Bulgária o abandonar o papel de vassalo da Alemanha e de cúmplice da guerra hitleriana criminosa, privando além disso os alemães de todas as bases militares, dos meios de comunicação e de todo o apoio búlgaro. Exige a imediata cessação do estado de guerra contra a Inglaterra e os Estados Unidos da América. Exige a cessação das operações militares das tropas búlgaras na Jugoslávia e a sua retirada — não uma guerra a favor de Hitler contra o exército de libertação nacional jugoslavo, mas sim uma política de entendimento fraterno e de luta comum com a nova Jugoslávia, democrática e federal, contra os conquistadores alemães, e a solução amigável, assente sobre esta base, dos problemas nacionais e territoriais entre a Bulgária e a Jugoslávia. Uma política de interesse nacional e que garanta o futuro da Bulgária, exige uma colaboração leal com os seus vizinhos e os grandes Estados democráticos, uma amizade sincera com o povo russo, que libertou os búlgaros de um jugo estrangeiro cinco vezes secular. Não há nem pode haver um só búlgaro sensato, amante da sua pátria, que não esteja persuadido que a sincera amizade com a União Soviética é não menos indispensável para a independência nacional e o progresso da Bulgária, do que o sol e o ar para um ser vivo.

O povo búlgaro não pode satisfazer os seus interesses nacionais sem romper a funesta aliança, imposta, com a Alemanha. A satisfação dos interesses nacionais do povo búlgaro — a criação de uma Bulgária livre, independente, forte e democrática, assegurando a união nacional real dos búlgaros — só é possível através do cordial entendimento com os povos balcânicos, em primeiro lugar com o povo jugoslavo, e com o apoio das nações unidas que amam a liberdade.

Quanto à situação interna do país, a política nacional exige que se pare com a repressão desencadeada pela polícia e Gestapo contra os adversários da vergonhosa aliança com a Alemanha, a libertação dos milhares de patriotas — civis

e militares — que apodrecem nas prisões e campos de concentração devido a sua luta contra a orientação política pró-alemã, a integração no exército dos oficiais patriotas demitidos, a paragem na exportação de géneros alimentícios e matérias-primas búlgaras para a Alemanha, o aprovisionamento, com esses mesmos géneros e matérias-primas, da população e do exército búlgaros, a garantia das liberdades democráticas do povo, a fim de que ele possa manifestar completamente a sua força pela defesa da pátria.

Eis o que significaria uma verdadeira política nacional externa e interna da Bulgária. Contudo, essa política encontra-se tão distante da política pró-alemã dos meios dirigentes búlgaros como o céu da terra. Trata-se de duas políticas diametralmente opostas, que se excluem uma à outra como a água e o fogo.

Os meios dirigentes búlgaros, esforçando-se por atenuar a atmosfera de descontentamento popular crescente, bem como a perturbação e confusão que se apoderam das fileiras dos seus adeptos, recorrem também a um outro tipo de manobras. Dizem em segredo: «Como vêem, nós estamos já solidamente unidos à Alemanha. Nada mais podemos fazer. É impossível qualquer outra política. Seria pior se nos virássemos agora contra a Alemanha. À mínima tentativa de ruptura com a Alemanha, esperar-nos-ia a sorte da Itália. A Bulgária seria transformada num teatro de operações militares e arruinada. Esperemos até ao último momento da guerra, e então veremos.» No que respeita ao exemplo da Itália, esta foi transformada em arena de operações militares, não por ter rompido com a Alemanha, mas sim por ter rompido tarde, demasiado tarde. A Itália foi transformada numa arena de operações militares, porque a política de Mussolini desagregou completamente o exército, auxiliou o comando alemão a desunir os exércitos italianos, a dispersá-los no Norte de África, nos Balcãs e na frente soviético-alemã. Desta forma, quando a Itália saiu da guerra hitleriana, os alemães puderam tornar-se senhores, com forças relativamente pouco numerosas, da Itália central e setentrional e transformar o país num teatro de operações militares. É claro para cada um de nós que os alemães se esforçam por promover uma política análoga para com o exército búlgaro, pedindo o envio de novos contingentes búl-

garos para a fronteira turca, na Trácia, na Grécia e Jugoslávia. Todo aquele que satisfaz as exigências dos alemães é um traidor do seu país e prepara uma catástrofe total para a Bulgária.

É absolutamente falso afirmar-se que seria impossível romper com a Alemanha, que uma outra política seria, por assim dizer, impossível. É sabido que a esmagadora maioria do povo búlgaro está contra os alemães. O país dispõe de um bom exército capaz, com o auxílio do povo, de enfrentar sozinho as forças alemãs da Bulgária. Além disso, do lado oeste, a Bulgária poderá contar com a solidariedade e o mais activo apoio do exército de libertação nacional da nova Jugoslávia, enquanto a sul, os gregos lutam também contra os ocupantes e conquistadores alemães.

Deve também ter-se em conta a circunstância de que, enquanto as principais forças do exército alemão estiverem imobilizadas na frente soviético-alemã, sofrendo derrotas sucessivas, enquanto os Aliados preparam da forma mais concreta o desembarque na Europa e poderosos golpes lhe são infligidos a leste, a ocidente e a sul, por terra, mar e ar, a Alemanha hitleriana não pode transferir novas forças importantes para os Balcãs.

É claro para quem saiba ver as coisas de forma exacta, que tudo isto cria possibilidades absolutamente reais para a Bulgária romper a aliança com a Alemanha, sair do campo hitleriano e resolver, desta forma e no interesse do povo búlgaro, da sua própria liberdade e independência, a crise profunda e cada vez mais aguda do país.

Só as pessoas desesperadamente ignorantes ou que venderam as suas consciências aos conquistadores estrangeiros poderão negar esta possibilidade perfeitamente real.

Seria ingenuidade acreditar que a Bulgária poderia assegurar o apoio dos Aliados, se de facto, e sob o ponto de vista de política externa, apenas a eles recorre em último recurso. Não, seria demasiado tarde nessa altura. Nesse caso, nada poderá socorrê-la. A Bulgária terá de suportar todas as consequências da sua cumplicidade na criminosa guerra, nos crimes da Alemanha. É rompendo agora com a Alemanha, isto é, antes da completa derrota da Alemanha, e contribuindo de acordo com as suas possibilidades para essa mesma derrota que a Bulgária se poderá furtar à catástrofe nacional que a ameaça. Ingressará então honrosamente no pós-guerra entre as nações amantes da liberdade.

A orientação política favorável à Alemanha lançou a Bulgária num estado de crise grave, à beira do abismo. O completo fracasso desta orientação é um facto consumado. Embora pareça estranho, é bem patente que, apesar de todos os contras, os pretensos homens de Estado búlgaros diligenciam por todas as formas, através da violência e com o auxílio dos alemães, impor ao país a actual orientação, mesmo para o futuro. Embora esses homens políticos não possam, claro está, ser de forma alguma considerados de grande perspicácia política, não podem contudo ser considerados de tal forma estúpidos ao ponto de não compreenderem toda a ausência de perspectivas e todo o fracasso da política pró-alemã. Porque se agarram então a essa política, como o cego à bengala? Não será por estarem pessoal e materialmente ligados à Alemanha e colocarem os seus interesses pessoais acima dos interesses nacionais da Bulgária e do povo búlgaro? Isto não explicará também o facto de esses mesmos senhores se apressarem em transferir os capitais que acumularam durante a guerra, para os bancos suíços e outros, na esperança de, após o desastre da Bulgária, poderem atingir qualquer porto de paz, tal como fizeram em 1918 o rei Ferdinando e o seu então presidente do Conselho Radoslavov?

Contudo, o povo búlgaro não tem por onde fugir. Está e ficará na sua terra. Não tenciona votar-se ao suicídio nacional e físico, visto ser precisamente esse suicídio que significa a continuação da criminosa aliança com a Alemanha.

Os patriotas búlgaros, unidos na Frente da Pátria, estão no bom caminho. Acreditam que a Bulgária apenas poderá encontrar uma saída para a actual crise liquidando decididamente a orientação política pró-alemã em todas as suas manifestações. Vêem a salvação do país na adopção de uma política nacional búlgara persistente — uma política de colaboração com os seus vizinhos, de colaboração com os grandes Estados democráticos e a União Soviética na luta contra o mais celerado dos inimigos dos povos eslavos e de todas as nações amantes da liberdade — o imperialismo hitleriano.

Ser ou não ser — eis o dilema agora apresentado pela história ao povo búlgaro e seus dirigentes. O tempo urge. A solução destes problemas não deve tardar, se a Bulgária quiser viver e desenvolver-se como um Estado independente na comunidade das nações amantes de liberdade.

Publicado em:
La Pravda, n.° 318,
de 27 de Dezembro de 1943.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 125-133.

O GOVERNO DE BAGRIANOV (10)

O governo de Bagrianov é um governo pró-alemão. Os principais ministérios — o Ministério da Guerra, os do Interior e dos Negócios Estrangeiros, dos Caminhos de Ferro e das Obras Públicas, da Indústria e do Comércio — estão nas mãos de notáveis germanófilos: Bagrianov, o general Russev, como o Conselho de Regência esperam poder praticar, com o auxílio do novo governo, uma política pró-alemã mais flexível do que a utilizada por Bojilov.

A composição e carácter do governo de Bagrianov testemunham de forma incontestável uma tentativa de ludibriação temporária do povo e, se possível, dos Aliados, a fim de ganhar o tempo necessário para paralisar tanto quanto possível o movimento insurreccional, em pleno desenvolvimento, e o crescente descontentamento das fileiras do exército contra os alemães. O governo de Bagrianov é chamado a resolver um problema insolúvel, tentando satisfazer todos ao mesmo tempo. Por essa razão a sua existência é precária, conduzindo a um novo agravamento da crise atravessada pela Bulgária.

O governo de Bagrianov testemunha o desejo dos alemães e dos nossos fascistas em prosseguir uma política pró-alemã, conservando contudo a máscara da neutralidade da Bulgária para com a União Soviética e continuando a manter com ela relações diplomáticas. Os alemães acreditam certamente ser mais vantajoso para eles praticar a sua política por intermédio dos governantes búlgaros do que repetir a experiência da Hungria, visto tanto a situação interna do nosso país, como o estado de espírito do nosso povo e do exército nada augu-

rarem de vantajoso para eles, se tentassem ocupar directamente a Bulgária.

São estes os cálculos do campo fascista na Bulgária, bem como dos seus mestres. Não há dúvida de que é essa a intenção: vender a pele do coelho antes de o matar. Não restam dúvidas que o governo de Bagrianov é não só incapaz de encontrar uma solução para a profunda crise atravessada pela Bulgária, como não pode sequer aliviá-la. As causas da crise em questão derivam do facto de os nossos governantes manterem uma política antipopular, pró-alemã, contra a vontade do povo búlgaro, de terem entregue o país aos alemães contra a sua vontade, com prejuízo dos seus interesses e do seu futuro, conduzindo desta forma a Bulgária para uma nova e terrível catástrofe nacional. Esta crise pode ser superada única e simplesmente pela ruptura com a Alemanha hitleriana e pela realização de uma política nacional búlgara consequente, de cooperação com a União Soviética e seus aliados. Só um governo efectivamente nacional e búlgaro, que exprima a vontade do povo, apoiando-se no povo e no exército, na luta desencadeada pela expulsão dos alemães da Bulgária, poderá contribuir para a solução da crise.

É agora, quando os Bagrianov tentam, através de manobras enganadoras e demagógicas realizadas no interior do país e fora das fronteiras, ganhar tempo e entravar o desenvolvimento do movimento insurreccional contra os alemães, que a Frente da Pátria desmascara todas as ilusões que se poderiam eventualmente acalentar para com esse governo, apelando mais vigorosamente que nunca para o reforço da luta anti-alemã de libertação nacional.

15 de Junho de 1944.

Publicado em:
Aqui, estação radiofónica «Christo Botev», t. VII, pp. 22-24.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI. Edições do P. C. B., 1954, pp. 134-136.

O CAMINHO DE SALVAÇÃO PARA A BULGÁRIA

Os artigos sobre a Bulgária publicados nesta brochura (*) conservaram até ao momento presente, embora tenham sido impressos no fim do ano passado, o seu carácter de actualidade. Pode dizer-se que, desde então, os acontecimentos confirmaram todos os ensinamentos fundamentais desses artigos.

A derrota infligida às hordas alemãs pelo valoroso Exército Vermelho na frente soviético-alemã, o êxito do desembarque das tropas anglo-americanas no norte de França [11], o curso da guerra, evidentemente catastrófico para a Alemanha exasperaram até ao paroxismo a longa e profunda crise que atravessa a Bulgária. O desânimo, a confusão e o pânico reinam entre os zeladores búlgaros de Hitler. O círculo dos que, no país, se mostram prontos a seguir até ao final a Alemanha de Hitler, reduz-se cada vez mais. O gabinete do demagogo Bagrianov, que substitui o gabinete falido de Bojilov, embora tenha inicialmente criado em algumas camadas da sociedade búlgara a ilusão de que, segundo ele próprio, procura sair da guerra, desmascara-se já através da sua política de duplicidade, da sua política pró-alemã. Apesar da mais desesperada demagogia e um crescente terror exercido contra os patriotas e o movimento insurreccional, não pode deixar de evitar o agravamento da crise, visto as raízes dessa mesma

(*) Trata-se dos artigos «Para onde caminha a Bulgária» e «A crise na Bulgária».

crise mergulharem na política pró-alemã nefasta e detestada pelo povo, adoptada pelo actual gabinete búlgaro, tal como tinha sido anteriormente adoptada pelos que o precederam. Esta crise só pode ser superada se a Bulgária romper com a Alemanha hitleriana, expulsando os conquistadores para longe das nossas fronteiras, orientando resolutamente a sua política para a amizade com a União Soviética e a colaboração com os seus aliados.

Se em Setembro e Dezembro de 1943 era exacta a nossa afirmação de que a Bulgária dispõe de todas as possibilidades para romper a aliança *contra natura* e vergonhosa com a Alemanha hitleriana, salvando-se assim da ruína e de uma terrível catástrofe nacional, essa afirmação encontra presentemente um fundamento tanto mais sólido na actual conjuntura.

O Exército Vermelho atingiu as fronteiras da Checoslováquia e da Hungria; perseguindo o inimigo, entrou no território romeno, encontrando-se nas proximidades do Danúbio; está hoje em pleno e grandioso avanço vitorioso sobre uma imensa frente que vai da Finlândia, ao norte, até à base dos Cárpatos, a sul; acaba de limpar a terra soviética dos conquistadores, esmaga sem piedade as hordas alemãs no território da Polónia e aplana vitoriosamente o caminho em direcção a Berlim, a fim de desfechar no monstro fascista o golpe final no seu próprio covil. Os exércitos dos Aliados expulsam da Itália os alemães. Perseguem os hitlerianos em França. Nas próprias fronteiras da Bulgária, o exército jugoslavo de libertação nacional liberta com êxito das mãos dos ocupantes a sua terra e, na parte meridional dos Balcãs, desponta na Grécia uma autêntica guerra nacional contra os alemães. Em todos os países ocupados, nomeadamente em França, eleva-se um poderoso movimento popular pela expulsão dos bandidos alemães. Sob a pressão dos últimos acontecimentos, os Estados neutros afastam-se da Alemanha, enquanto a Turquia, que possui uma fronteira comum com a Bulgária, acaba de cortar as suas relações diplomáticas e económicas com a Alemanha.

A Alemanha de Hitler esgota as últimas forças e encontra-se impelida irremediavelmente para a catástrofe. As derrotas militares minam as posições do regime hitleriano na própria Alemanha. São disso uma prova evidente a amotinação dos generais e oficiais e o recente atentado contra Hitler, efectuado no seu próprio quartel general [12]. Os mais altos escalões do exército alemão apresentam uma profunda fissura. A luta intestina lavra no campo fascista. O desenfreado terror de Himler e da sua Gestapo contra os revoltosos apenas atinge um sucesso passageiro e aparente. De facto, esse mesmo terror irá causar um agravamento das contradições internas na Alemanha e o reforço do processo de desagregação do exército alemão fascista. De qualquer forma, as posições do regime hitleriano são radicalmente abaladas, não deixando este facto de se repercutir nos países satélites de Hitler, nomeadamente na Bulgária.

Que poderiam invocar os dirigentes búlgaros e os comando do exército búlgaro para justificar perante o povo a sua política pró-alemã, o seu servilismo de lacaios de Hitler, agora que os factos estão presentes, de forma evidente, e que até os generais e oficiais alemães abandonam o aventureiro falhado que é Hitler e se amotinam abertamente contra a continuação da guerra já perdida pela Alemanha?

Todo o búlgaro sensato não pode deixar de pôr a seguinte questão: qual a razão da Bulgária ter de se sacrificar, de sacrificar o seu exército, o sangue da nação, a riqueza nacional, o seu futuro nacional, em proveito desse pacto de vassalagem para com a Alemanha hitleriana, imposto pela mafia alemã, quando na própria Alemanha a catástrofe que inexoravelmente se aproxima origina uma preocupação mortal? Poder-se-á conceber uma maior estupidez e mais cobarde traição para com o seu povo, do que o que efectuam, nas actuais condições, os governantes búlgaros que continuam a manter-se ao lado da Alemanha?

Desde o momento em que, em Março de 1941, o governo do rei Boris deixou entrar os exércitos alemães na Bulgária e que, em Junho do mesmo ano, a Alemanha atacou perfidamente a União Soviética, a situação mudou radicalmente. Os conquistadores fascistas búlgaros estavam nessa altura profundamente convencidos que deixando entrar a Bulgária na criminosa coligação de Hitler, ajudando-a a desmantelar a Jugoslávia e a Grécia, poderiam conquistar a Macedónia

e a Trácia ocidental, tornando-se assim senhores dos Balcãs. Estavam seguros da vitória próxima das hordas hitlerianas, que tinham já conseguido esmagar a Checoslováquia e a Polónia, apoderar-se da Dinamarca e da Noruega, desfazer a Bélgica, a Holanda e a França e atacar traiçoeiramente a União Soviética. Construíam já atraentes planos, esperando açambarcar riquezas e espoliar a população dos territórios balcânicos conquistados. Mas o Exército Vermelho baralhou todas as contas criminosas do aventureiro Hitler e com elas as contas dos seus míopes e ávidos satélites. É assim que, no desejo da conquista de uma presa fácil, demandando a conquista de uma «Grande Bulgária» e de uma hegemonia sem partilhas na Península balcânica, os lacaios búlgaros de Hitler — traidores dos interesses e do futuro do seu povo — entregaram a Bulgária ao saque dos Alemães, transformando-a num instrumento da Alemanha imperialista e precipitando-a para a beira do abismo.

Todo e qualquer homem de Estado sério teria considerado a radical mudança ocorrida no desenvolvimento da actual guerra, tirando daí as conclusões necessárias para o seu país. Contudo, toda a experiência obtida prova-nos que os governantes dos países vassalos da Alemanha são incapazes de o fazer. Os regentes-usurpadores, o príncipe Cirilo e Filov, bem como o governo de Bagrianov, por eles conduzido ao poder, esforçam-se por todas as formas, através da mentira e da violência, em prosseguir a política pró-alemã. Às escondidas, hipocritamente, asseguram que apenas aguardam o momento propício para se separarem da Alemanha sem demasiadas comoções e sacrifícios e que tendem, segundo dizem, para o estabelecimento de relações amigáveis entre a Bulgária e a União Soviética; mas, de facto, continuam a conceder auxílio à Alemanha hitleriana na sua guerra contra a União Soviética e seus aliados e obrigam o exército búlgaro a manter uma guerra fratricida contra o exército de libertação nacional jugoslavo.

Não será bem claro que, se os governantes búlgaros pensassem realmente na salvação da Bulgária, terminariam, em vez de reforçar, a repressão contra os partidários da Frente da Pátria, contra os patriotas do exército e do movimento insurreccional — a mais segura das forças populares

internas na luta pela expulsão dos ocupantes alemães do país —, não aumentariam o número de detidos nas prisões e campos de concentração, e poriam em liberdade as dezenas de milhares de heróis da luta popular que neles morrem lentamente. Se os governantes búlgaros quisessem a salvação do país, não enviariam tropas contra o exército de libertação jugoslavo, retirando pelo contrário da Jugoslávia o corpo de ocupação búlgaro e estabelecendo relações amigáveis com a Jugoslávia nova, democrática e federativa. Se pretendessem a salvação da Bulgária, recusariam todo o apoio material e moral à Alemanha hitleriana na criminosa guerra contra a União Soviética, contra a coligação democrática anglo-soviético-americana.

No entanto, o bando fascista e pró-alemão no poder nada faz para romper com a Alemanha e salvar a Bulgária. Apenas pensa na sua própria salvação, em conservar através de todo o tipo de manobras e mesmo por meio de certas concessões temporárias a sua dominação como usurpador sobre o povo, esperando que, na hipótese de um agravamento da guerra, a Bulgária se poderia furtar às responsabilidades e esperar uma solução de compromisso para sair da armadilha onde se deixou voluntariamente apanhar pela sua política traidora e aventurosa.

Actualmente, a maior preocupação dos governantes búlgaros é camuflar da melhor forma possível, através de uma desenfreada demagogia, a sua política pró-alemã e fascista. Prometem aos camponeses a terra e um aumento dos preços dos produtos agrícolas, aos funcionários e reformados um aumento dos emolumentos e pensões. Proclamam alto e bom som uma campanha contra «o enriquecimento ilícito» e proclamam para o país a chegada de uma «nova era de equidade». Utilizam todas essas promessas fingidas para atirar poeira aos olhos do povo, a fim de travarem um pouco o desenvolvimento da sua luta contra os conquistadores alemães.

Não, não se pode esperar que os fascistas búlgaros, os chauvinistas que acalentam sonhos de grandeza para a Bulgária, tomem por sua própria vontade, por sua própria iniciativa, medidas de ruptura com a Alemanha. Receosos da própria pele, assustados pela iminência da vingança popular, esses cúmplices dos crimes e delitos de Hitler tudo farão

para conduzir a Bulgária para a via da política pró-alemã, nefasta para o povo, enquanto não forem privados da última possibilidade neste sentido. Cabe agora a palavra ao povo búlgaro; é altura de ele agir e provar que está pronto para, de armas na mão, expulsar do país os conquistadores alemães. Seja o que for que possam empreender os governantes búlgaros — traidores e lacaios hitlerianos, utilizando no interesse da sua política de traição o poder de Estado, de momento nas suas mãos, e apoiando-se nas baionetas alemãs — não poderão nem evitar, nem fazer recuar por muito mais tempo a ruptura da Bulgária para com a Alemanha hitleriana, desde que o povo búlgaro tenha chamado a si a causa da sua salvação.

Hoje todo o problema consiste, para o povo búlgaro, em acelerar a ruptura com a Alemanha hitleriana, em participar, de acordo com as suas possibilidades, na derrota do exército hitleriano, do Estado hitleriano e da bárbara «ordem nova» hitleriana, em salvar dessa forma o seu país da ruína e da catástrofe nacional e em adquirir o direito à liberdade e um lugar adequado na família das nações amantes da liberdade, onde o povo russo — libertador dos búlgaros de um jugo cinco vezes secular — desempenha um papel principal.

Nas condições de iminente derrota definitiva da Alemanha hitleriana, nas condições actualmente criadas nos Balcãs, o povo búlgaro, o seu movimento insurreccional e os seus militares patriotas em colaboração com o exército jugoslavo de libertação nacional e os insurrectos gregos e macedónios, está absolutamente à altura de romper de imediato a criminosa aliança com a Alemanha hitleriana e de expulsar os alemães dos limites do seu país. É capaz de desarmar e de neutralizar a maior parte das tropas alemãs que se encontram no território búlgaro. Isso significaria a salvaguarda da vida de centenas de milhares de filhos do povo búlgaro, a salvação da Bulgária da ruína e da catástrofe que a ameaçam, e simultaneamente uma preciosa contribuição do povo búlgaro para abreviar a duração da guerra e poupar ao país sacrifícios inúteis.

Os patriotas búlgaros, sem distinção de opiniões ou de filiação política, unidos no seio da Frente da Pátria na luta de libertação do seu povo contra o jugo alemão e pelo renascimento da Bulgária na sua qualidade de Estado livre, independente, democrático e poderoso, e que acalentam sentimentos de amizade para com a União Soviética, irão adquirir hoje, graças às brilhantes vitórias do glorioso Exército Vermelho e ao avanço combinado contra a Alemanha hitleriana de leste, de oeste e de sul, ainda maior segurança no êxito da obra libertadora do povo búlgaro. A oposição anti-hitleriana cresce entre o exército. Alastra em todo o país o movimento insurreccional contra os bandidos alemães. Todo o aparelho de Estado fascista foi utilizado contra o movimento insurreccional da Bulgária, mas revelou-se incapaz de o abafar. Embora esse mesmo movimento sofra ainda importantes lacunas sob o ponto de vista da sua organização, do seu armamento e do seu comando, é incontestável que se desenvolve incessantemente, aumentando as suas forças, alargando constantemente o apoio concedido pelas massas populares aos corpos francos insurrectos, e reforçando-se sem parar a fraternidade de armas entre os insurrectos vindos do povo e os patriotas do exército.

Opondo a sua resistência às cruéis repressões das unidades especiais fascistas, que bloqueiam totalmente regiões insurrectas e que utilizam uma tal ferocidade que os leva mesmo à destruição de aldeias inteiras, o movimento insurreccional afirma-se cada vez mais como a mais segura força armada da Frente da Pátria, sem a qual seria inconcebível libertar o povo búlgaro do jugo fascista. É precisamente essa importância do movimento insurreccional que obriga os dirigentes e militantes da Frente da Pátria, tanto a nível central como a nível local, a reforçar as fileiras da Frente da Pátria e a superar o mais rapidamente possível a subavaliação feita à luta insurreccional armada em certos meios antifascistas e o medo resultante do recrudescimento desta última com a participação dos elementos patrióticos do exército. É assim e só assim que os patriotas búlgaros poderão resolver os problemas vitais da Bulgária que se lhes deparam: expulsão dos conquistadores alemães e estabelecimento de um poder verdadeiramente nacional, de um poder de democracia popular, capaz de fazer com que a Bulgária saia definitivamente do impasse para onde a desencaminharam os governantes fascistas pró-alemães.

Não restam dúvidas que o futuro reserva ainda muitas dificuldades; serão necessários esforços de excepcional envergadura e combates muito difíceis; será necessário aceitar ainda numerosos sacrifícios. Mas não restam dúvidas que o povo búlgaro, cujos elementos progressistas desenvolvem já uma luta heróica contra o fascismo, pode e saberá cumprir o seu dever para consigo próprio, para com a sua pátria, para com os seus irmãos eslavos e para com toda a humanidade progressista.

6 de Agosto de 1944.

Publicado em:
Caminho da salvação para a Bulgária.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 137-146.

DIRECTIVAS DADAS AO ESTADO-MAIOR GENERAL DAS TROPAS DE GUERRILHEIROS PARA A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA DIVISÃO DO EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

27 de Agosto de 1944.

Empreguem todos os meios disponíveis a fim de ser rapidamente transmitido ao Comité Central do Partido o seguinte:

1. Reunir todas as forças democráticas progressistas do povo, todos os grupos, militantes e elementos verdadeiramente anti-alemães em redor do Comité Nacional da Frente da Pátria, na sua qualidade de representante do povo búlgaro, organizador e dirigente da luta do povo contra os facínoras alemães e a sua rede fascista búlgara.
2. Tomar iniciativas no sentido do imediato desarmamento das unidades alemãs, dos agentes da Gestapo, etc., pô-las fora de combate, esmagar resolutamente toda a resistência e acção hostil para com a Frente da Pátria e o Exército Vermelho.
3. Chamar o povo, os soldados e oficiais a lutar contra os alemães e seus agentes, apoiar de todas as formas os esforços do Comité Central Nacional para a formação do governo da Frente da Pátria.
4. Mobilizar todas as forças a fim de paralisar as tentativas de operações militares contra o Exército Vermelho, por parte dos alemães e seus agentes fascistas no país.
5. Tomar medidas urgentes a fim de assegurar liberdade de acção ao Comité Nacional da Frente da Pátria, aos seus partidos, seus grupos, a favor de uma imprensa sem censura e da libertação dos patriotas detidos.

6. O povo búlgaro e as suas forças armadas deverão colocar-se resolutamente ao lado do Exército Vermelho, libertador da Bulgária do jugo alemão; devem com o seu auxílio banir da terra búlgara os facínoras alemães e seus pérfidos acólitos.

Confirmem a recepção da transmissão da directiva ao Comité Central. Comuniquem imediatamente o que se passa.

J. Dimitrov

Publicado no jornal: *Rabotnitcheski Délo*, n.º 208, de 7 de Setembro de 1947.

Traduzido do texto de: J. Dimitrov, *Obras*, t. XI. Edições do P. C. B., 1954, pp. 147-148.

TUDO PELA FRENTE!

AO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (Comunistas)

Camaradas! É em fraternidade convosco, com todos os patriotas búlgaros e com a nossa gloriosa juventude, que sinto profunda alegria e orgulho pela possibilidade finalmente concretizada pelo nosso valoroso povo, durante tanto tempo sacrificado, e que agora conseguiu finalmente sacudir o vergonhoso jugo germano-fascista, graças à sua insurreição antifascista popular e ao fraternal apoio do Exército Vermelho vitorioso, juntando-se assim às nações unidas, chefiadas pela União Soviética, a Inglaterra e os Estados Unidos da América.

A vitória da Frente da Pátria reveste-se de uma enorme importância histórica para o nosso país. O dia 9 de Setembro abriu uma nova era na história do nosso povo. A ruptura decisiva com a Alemanha hitleriana, o derrube dos traidores aniquiladores da Bulgária que detinham o poder, a criação de um governo da Frente da Pátria e o restabelecimento dos direitos e liberdades violadas, a participação do exército búlgaro em vias de renovação na guerra de libertação contra as hordas criminosas alemãs, a par com os Estados democráticos — tudo isso montou os sólidos alicerces da edificação de uma Bulgária nova, livre, independente e forte.

Mas trata-se apenas de uma *base*, assim como a vitória da Frente da Pátria não passa de um *começo*. É a partir

de agora que será necessário fortalecer essa vitória, construir obstinadamente e com discernimento sobre a base criada. Existem enormes e variadas dificuldades a tolher-nos o caminho, que é necessário superar rápida e resolutamente.

As hordas hitlerianas estão desfeitas, *mas não sofreram ainda o golpe de misericórdia.* A fera fascista está ferida de morte, *mas não foi ainda abatida.*

Depois dos prejuízos causados pela Bulgária, como Estado, devido ao erro dos seus governantes germanófilos e aos chauvinistas ávidos de grandezas, tanto aos povos vizinhos como à nossa libertadora, a Rússia, e à causa da libertação das nações unidas, deveremos consciencializar-nos de que o futuro do nosso país depende acima de tudo da nossa real colaboração, presente como povo e Estado, nos esforços militares comuns empreendidos no sentido de se aniquilar um pouco mais rapidamente a Alemanha fascista, pelo fim vitorioso, o mais breve possível, da guerra e pelo estabelecimento de uma nova paz, duradoura e justa.

É a esta missão que deverão precisamente subordinar-se todos os nossos outros problemas e tarefas secundárias. «Tudo pela Frente, tudo pela rápida conquista da vitória definitiva sobre o fascismo, sobre os celerados e esclavagistas alemães» — é esta a suprema palavra de ordem sob a qual deverão ser mobilizadas as forças do Partido Operário, das juventudes populares, da Frente da Pátria e do seu governo, de todo o povo e do seu exército, bem como todos os recursos do país.

A mais importante condição actualmente é sem dúvida alguma o reforço da própria Frente da Pátria, na sua qualidade de factor único social e político poderoso do nosso país, e na qualidade de aliança militante das forças políticas e sociais democráticas populares, verdadeiramente nacionais, de realizadora do nosso povo. Sem a Frente da Pátria e o seu movimento insurreccional, a vitória de 9 de Setembro não teria sido possível. A participação com êxito do nosso país no término vitorioso da guerra, a garantia de uma paz durável e justa para a Bulgária, não seriam também possíveis sem o reforço da Frente da Pátria, nem tão-pouco a realização do programa democrático da Frente. Ora, a firme e perseverante execução desse programa no campo da política externa e interna, na vida económica, social e cultural do país, é

condição indispensável à edificação de uma Bulgária nova, democrática.

O Partido Operário (Comunistas) foi o iniciador da Frente da Pátria e organizador do movimento insurreccional contra o fascismo. O Partido e as suas juventudes sofreram o maior número de baixas na luta pela libertação do povo do jugo germano-fascista. É essa a razão por que a sua responsabilidade no ulterior reforço da Frente da Pátria, bem como na execução das missões que lhe incumbem, é maior do que qualquer outra. Ao executar honestamente as suas obrigações para com os seus aliados da Frente da Pátria, tal como emanam do programa da Frente, e exigindo por seu lado a reciprocidade por eles devida, o Partido Operário (Comunistas) é chamado a desempenhar um papel de factor de coesão no seio da Frente da Pátria, bem como a dar o exemplo de colaboração fraterna e de fraternidade de armas a todos os partidos, agrupamentos e correntes de opinião pública antifascistas e patrióticas que fazem parte da Frente da Pátria, pela completa vitória da sua obra de salvação da nação e da Pátria. Colocando-se acima de todos os interesses e considerações de grupo ou egoístas, os comunistas têm o dever de considerar sempre os interesses vitais e constantes do povo quando se tratar de resolver problemas internos económicos, sociais, culturais e internacionais que digam respeito ao presente e futuro da nossa pátria, enquanto Estado de democracia popular, vivendo numa eterna amizade com o nosso libertador, o grande povo russo.

O Partido Operário (Comunistas) e os nossos aliados no seio da Frente da Pátria não deverão esquecer um minuto sequer que a condição que virá a decidir a total destruição das hordas hitlerianas e o esmagamento da «nova ordem» bárbara da Europa e dos Balcãs reside na colaboração de armas entre os três Estados de envergadura mundial, que são a União Soviética, a Inglaterra e os Estados Unidos da América, e que o estabelecimento de uma paz durável após a guerra dependerá acima de tudo da manutenção dessa mesma colaboração por parte das três grandes potências durante o pós-guerra. É de interesse vital para o nosso país, bem como para o seu futuro, evitar tudo o que possa beneficiar os adversários dessa colaboração, cortar cerce e de ime-

diato todas as intrigas e manifestações provocatórias destinadas a engendrar a suspeita recíproca entre aliados, seja qual for a proveniência dessas intrigas.

Já não é hoje segredo para nenhum de nós que uma das mais profundas raízes de todas as desgraças e catástrofes nacionais sofridas durante as últimas décadas pelo nosso povo reside no *chauvinismo megalo-búlgaro*, na ideologia e política marcadas por um *chauvinismo* megalo-búlgaro e de hegemonia nos Balcãs e de supremacia sobre os povos vizinhos. Foi neste campo que durante anos o chauvinismo existente no nosso país cometeu os seus crimes. Foi neste meio propício que a rede alemã entregou, sob os reis Ferdinand e Boris, a Bulgária aos alemães, transformando-a num instrumento do imperialismo alemão dirigido contra os nossos libertadores e contra os nossos vizinhos, ocidentais e meridionais.

Em nome da «Grande Bulgária» os chauvinistas megalo-búlgaros, traidores da nação e agentes alemães, impeliram pela terceira vez a nossa pátria para a beira do precipício, quase a perdendo. Sem o aniquilamento impiedoso do chauvinismo megalo-búlgaro — essa chaga viva na carne do nosso país — a edificação de uma Bulgária ressuscitada, nova, é impossível. Torna-se indispensável, em paralelo com uma acção de eliminação dos portadores desse germe mortal, efectuar-se uma extensa obra de esclarecimento ideológico do povo e das suas camadas intelectuais, a fim de que não reste qualquer vestígio de ideologia megalo-búlgara e de política aventureira. Torna-se necessário limpar com uma vassoura de ferro esses lugares imundos de Áugias, dessa cobarde e vergonhosa herança fascista, a fim de se sanear a atmosfera social e política do céu da Bulgária. É neste campo que se situa uma das grandes tarefas que incumbem ao nosso Partido.

Não duvido que, mergulhado em longos anos de luta contra o fascismo, contra os agentes estrangeiros e os inimigos do povo, aproveitando-se incessantemente das lições do passado longínquo e próximo, consciente das responsabilidades históricas que lhe cabem no momento histórico de hoje, o Partido dos comunistas búlgaros encontrará, apesar de todas as dificuldades, suficientes forças próprias e apoio

nas massas populares para desempenhar com dignidade o seu dever para com o nosso povo e a nossa pátria, seguindo uma política esclarecida, realista, sempre útil à nação, que tirará o nosso povo da beira do abismo para onde o impeliu o bando traidor germano-fascista, colocando-o no grande caminho aberto à liberdade, ao progresso, ao trabalho criador e ao bem-estar.

Recebei, caros camaradas, as minhas calorosas saudações.

Moscovo, 28 de Setembro de 1944.

O vosso *J. Dimitrov*

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 13,
de 2 de Outubro de 1944.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edição do P. C. B.,
1954, pp. 151-156.

PELO SANEAMENTO ECONÓMICO E A INDEPENDÊNCIA DA BULGÁRIA DIRIGIDA PELA FRENTE DA PÁTRIA

CONVERSAÇÕES COM A NOSSA DELEGAÇÃO ECONÓMICA (*)

Sobre a utilização dos recursos internos do país. A Bulgária encontra-se cruelmente saqueada pelos alemães, mas não está irremediavelmente arruinada. É-nos necessário valorizar, sem demora e em pouco tempo, todos os recursos internos do país a fim de não só a fazer sair da difícil situação económica, como de a sanear. É preciso organizar melhor a vida económica do país. A condição principal é contar em primeiro lugar com os nossos próprios recursos nacionais, com o nosso trabalho e as nossas próprias forças, e estarmos à altura de produzirmos nós próprios o maior número possível de mercadorias que nos são necessárias.

Sobre a construção económica nacional. É indispensável reconstruir e tornar produtiva toda a indústria búlgara, tolhendo o passo imediata e resolutamente a toda a veleidade de sabotagem e de desorganização. É indispensável criar-se uma economia sã, uma indústria viável, incluindo a pesada. Devemos criar na Bulgária altos-fornos para tratamento de minérios, fábricas para a produção de automóveis e locomotivas, uma indústria mecânica. O nosso país possui grandes riquezas naturais. As entranhas da terra búlgara transbordam de inestimáveis riquezas. Uma das importantes tarefas da

(*) Texto abreviado.

Bulgária da Frente da Pátria é explorar essas riquezas e aproveitá-las. Poderá contar, sob este aspecto, com o apoio da U. R. S. S. Não deveremos esquecer nunca que uma economia forte é uma necessidade para assegurar a independência política e nacional.

Sobre o papel e participação das cooperativas na vida económica da Bulgária. A cooperativa é uma organização de grandes massas populares. Deve desempenhar um papel *importante* na construção económica interna. Pode dizer-se que a cooperativa deve ter em larga escala no domínio dos interessse económicos e culturais da população, a importância que a Frente da Pátria possui na vida política e social da Bulgária. As cooperativas devem participar em todos os sectores importantes da vida económica, doméstica e social: produção, abastecimento, construção de habitações, concessão de créditos, melhoramento das condições de vida da população através de construção de banhos, de padarias, etc. Mas para tal é necessário que a cooperativa esteja assente sobre princípios democráticos estáveis. Dever-se-á organizar a exploração cooperativa da terra, criando todas as condições necessárias ao desenvolvimento desse tipo de cooperativas. A produtividade da terra búlgara crescerá desse modo, elevando-se assim o nível do bem-estar dos camponeses e de todo o povo.

Sobre a participação da indústria na construção económica da Bulgária da Frente da Pátria. A indústria é um ramo importante e fundamental da economia nacional. A indústria deve servir o povo, a Bulgária, e não os interesses egoístas de um grupo de especuladores. Os industriais patriotas deverão compreender que são eles, no seu próprio interesse, que devem perseguir os sabotadores, os parasitas e os especuladores que se encontram no seu meio e que pretendem enriquecer à custa do povo. Nesse caso, podem estar certos de terem a possibilidade de desenvolver frutiferamente a sua iniciativa e o seu espírito de empreendimento na sua qualidade de industriais. O mesmo se aplica aos comerciantes do país.

Sobre as relações entre os operários e os industriais. 1. Os industriais devem assegurar aos operários condições normais de vida e de trabalho: boas relações, boas condições de trabalho, refeitórios, um salário normal, etc. 2. Os industriais devem ter a certeza que, a partir do momento em que a sua actividade e iniciativa são postas ao serviço do povo, os operários saberão apreciá-lo, tomando uma atitude positiva para com as iniciativas de produção dos industriais. As relações entre os operários e industriais devem ser tais que possam auxiliar o trabalho, contribuir para desenvolver e aumentar a produção para benefício de todo o país. Certamente que as contradições de classe não serão suprimidas sob o novo regime popular. A luta de classes continua enquanto existirem classes.

Sobre a reeducação ideológica e política do povo. O nosso povo necessita de reeducação. Operários e camponeses, artesãos e intelectuais necessitam ser reeducados até um determinado ponto. Contudo, aqueles que mais precisam ser reeducados dentro de um espírito democrático, progressista, são os nossos comerciantes e industriais. A maioria dos comerciantes e industriais estavam sob a influência da política de saque do grande capital financeiro que dirigia a economia búlgara. Essa reeducação dos comerciantes e dos industriais deve exprimir-se na mudança da sua atitude para com o Estado e os operários, na submissão dos interesses privados aos interesses de todo o povo.

Sobre o carácter do poder da Frente da Pátria. Na Bulgária, o poder encontra-se nas mãos da Frente da Pátria, o que significa que o poder está, pela primeira vez, nas mãos do povo. Isto abre o caminho para um melhor e mais radioso futuro da Bulgária. Tudo depende unicamente da solidez da Frente da Pátria. Outrora houve, para governar o país, coligações de partidos. Eram coligações temporárias onde se desenvolviam lutas por uma maior participação no poder, por maiores benefícios e lucros, por mais cargos e empregos a ocupar. A Frente da Pátria não é uma coligação desse tipo. A Frente da Pátria é uma união de combate duradoura de operários, camponeses, artesãos e intelectuais. Não só devem existir como existem no seu seio representantes dos industriais e comerciantes patriotas. Todos os verdadeiros patriotas devem trabalhar pela consolidação do poder da Frente da Pátria. A Frente da Pátria é um movimento popular em cujos quadros se virá a desenvolver a vida política na Bul-

gária. O poder da Frente da Pátria é um poder popular, um poder democrático. A democracia da Frente da Pátria é um novo tipo de democracia, a democracia popular distinguindo-se da pseudodemocracia que na realidade apenas dissimula o jugo económico e político com que os opressores e espoliadores oprimem o povo. Sob o poder da Frente da Pátria, é conservada a propriedade privada. A iniciativa privada é igualmente salvaguardada, sendo, porém, o interesse privado limitado em proveito do Estado, em proveito do interesse público, do interesse geral do povo. A principal tarefa hoje em dia é consolidar a Frente da Pátria com todas as nossas forças, prosseguir a luta pela erradicação definitiva do fascismo sob todas as suas formas e manifestações, e trabalhar pela criação de uma Bulgária poderosa, democrática e próspera.

Moscovo, 14 de Janeiro de 1945.

Publicado em:
A Bulgária da Frente da Pátria, 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 164-167.

A FRENTE DA PÁTRIA É UMA UNIÃO DE COMBATE DURADOURA DE TODAS AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS PROGRESSISTAS

CONGRESSO NACIONAL DOS COMITÉS DA FRENTE DA PÁTRIA (14)

Irmãos e irmãs, jovens camaradas! Recebei as minhas mais cordiais saudações e os meus votos de maiores sucessos no vosso trabalho a bem da pátria. Pela primeira vez na história política da Bulgária realiza-se um verdadeiro Congresso Nacional. Este Congresso, que tem por missão efectuar um balanço do caminho percorrido desde a data histórica de 9 de Setembro até hoje e a fixar as medidas a tomar para a realização do programa salutar da Frente da Pátria, é um acontecimento extremamente importante na vida do nosso povo.

São fixadas ao Congresso tarefas de grande responsabilidade. Mas a principal tarefa, a que se sobrepõe a todas as outras, é sem dúvida alguma a consolidação harmoniosa da Frente da Pátria — união de combate duradoura de todas as forças democráticas progressistas do país, encarnação viva da unidade antifascista patriótica do povo búlgaro. É precisamente dessa consolidação que depende, em primeiro lugar, tudo o resto: a feliz participação do nosso povo no vitorioso desfecho da guerra patriótica contra os bárbaros germano-fascistas, o saneamento da vida económica, o melhor bem-estar das massas populares, o saldo favorável da situação internacional do nosso país e, finalmente, a garantia da sua liberdade, da sua independência, do seu desenvolvimento.

A Frente da Pátria, muito eficazmente secundada pelo Exército Vermelho, nosso grande libertador, salvou a Bul-

gária da terrível catástrofe a que a tinham conduzido os monstros fascistas. Graças à Frente da Pátria o nosso povo rompeu de uma vez para sempre com o infame passado fascista; lava o seu rosto nacional das manchas negras com que a tinham manchado os pérfidos megalómanos, reencontra o seu digno lugar nas fileiras dos eslavos e de todos os povos amantes da liberdade. O nosso país de lamentável satélite da Alemanha fascista torna-se um factor de paz futura e de progresso nos Balcãs. A Frente da Pátria lançou os alicerces e abriu de par em par o caminho da edificação de uma Bulgária nova, livre e renovada.

É por isso que os inimigos internos e externos do povo búlgaro, declarados ou secretos, tentam minar com tanta disputa, furor e perfídia a unidade de combate da Frente da Pátria e desacreditar o seu governo popular. É precisamente por essa razão que devemos reforçar até ao mais alto grau a vigilância de todo o povo para com esses inimigos e seus agentes, seja qual for o disfarce com que se enfeitem. A força e o futuro do nosso povo residem na sua unidade patriótica de combate encarnada hoje na Frente da Pátria.

Não deveria haver um só autêntico patriota búlgaro que não fizesse parte das fileiras da Frente da Pátria, que não contribuísse para a consolidação da Frente da Pátria na medida das suas forças e aptidões, que não guarde a sua unidade como a menina do seus olhos. Na nova Bulgária, a Bulgária democrática, não pode haver lugar para o fascismo maldito, para o chauvinismo megalómano e a misantropia, para os traidores do povo e os agentes do inimigo fascista.

A fim de consolidar os progressos incontestáveis que o nosso povo conseguiu realizar para superar com êxito todas as dificuldades que se lhe deparam ainda no caminho, torna-se indispensável que o governo e o Comité Nacional da Frente da Pátria, bem como os órgãos do poder e os comités da Frente da Pátria nos seus próprios locais, cooperem estreita e harmoniosamente entre si, que mobilizem todas as forças do povo, a sua iniciativa criadora e a sua energia, todos os homens, mulheres e jovens, como construtores com iguais direitos da nova Bulgária, todos os recursos naturais

do país para o harmonioso crescimento do seu poder económico, político, cultural, militar e nacional.

O nosso país não pode nem deve tolerar conspiradores fascistas, sabotadores, todo o tipo de especuladores parasitas, políticos, oportunistas sem escrúpulos, propagadores odiosos do veneno fascista e do obscurantismo, se quiser ser verdadeiramente livre, próspero e poderoso.

Ora, deve sê-lo e sê-lo-á.

Os meus calorosos cumprimentos.

O vosso *J. Dimitrov*

Moscovo, 11 de Março de 1945.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 148,
de 12 de Março de 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 171-173.

PELO DESENVOLVIMENTO DE UMA VERDADEIRA LITERATURA NA NOVA BULGÁRIA

UNIÃO DOS ESCRITORES BÚLGAROS

Recebei os meus calorosos agradecimentos pelas saudações que me dirigistes.

Agora que a guerra de libertação contra a Alemanha fascista terminou com uma vitória e que se inicia o período de paz abrem-se grandes possibilidades à actividade criadora dos nossos escritores. É com satisfação que acredito que os escritores búlgaros irão tirar o maior proveito deste facto, pois o povo búlgaro necessita tanto de uma verdadeira literatura popular como de ar e de pão; o povo precisa de uma literatura que eleve o seu nível cultural e ideológico, através de uma profunda verdade e de um poder emotivo, fazendo crescer a dedicação e o amor para com o povo e a pátria, reforçando o ódio ao fascismo e aos inimigos do povo, flagelando tudo o que existe de venal e corrompido no organismo são do povo (parasitismo, oportunismo grosseiro e politiquice mesquinha e egoísta), purificando a atmosfera búlgara viciada pelo vírus do chauvinismo megalómano, do obscurantismo, expandindo o amor pela autêntica ciência, encorajando os feitos heróicos no campo do trabalho e da cultura, na luta pela defesa dos direitos e das liberdades do povo, cultivando o sentimento da unidade eslava, da solidariedade internacional e da amizade eterna para com o nosso libertador, o grande povo soviético.

O admirável heroísmo dos nossos guerrilheiros, homens e mulheres do povo, bem como dos nossos militantes clandestinos durante a luta contra os fascistas, a valorosa participação

do exército búlgaro na definitiva derrota da Alemanha fascista e na vitória, a actividade corajosa desencadeada na retaguarda, a fim de apoiar a Frente e ajudar o povo, são estes outros tantos temas a desenvolver pela pena inspirada dos verdadeiros escritores do povo. Além disso, existem milhões de crianças e adolescentes que necessitam de uma boa literatura para a infância e adolescência.

A União dos escritores é chamada a contribuir sob todos os aspectos para o desenvolvimento de uma autêntica literatura da nova Bulgária. A ela cabe a missão de encorajar os verdadeiros talentos, aumentando continuamente o seu número e auxiliando-os na criação das necessárias condições para a sua actividade literária fecunda.

A União dos escritores tem igualmente o dever de arrancar do campo da literatura búlgara as ervas daninhas, de depurar das fileiras dos escritores os incapazes e todos os tipos de vis comerciantes da literatura, com a ajuda de uma boa e sã crítica literária.

É dentro deste espírito que desejo de todo o coração aos escritores búlgaros os maiores sucessos na criação.

J. Dimitrov

Moscovo, 14 de Maio de 1945.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 202,
de 15 de Maio de 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 191-192.

GRANDE MESTRE E GUIA

Dimitre Blagoev — o nosso inesquecível «Diado» (Avô) — é o incontestável promotor do marxismo e do movimento operário socialista na Bulgária, o fundador do nosso Partido. Os seus méritos históricos são imensos nesse aspecto. Tendo adquirido a sua formação revolucionária desde o seu tempo de estudante na Rússia, onde fundou em 1884 o primeiro grupo social-democrata, o jovem Dimitre Blagoev, expulso da Rússia em 1885, regressa à Bulgária cheio de energia e de ardente desejo de difundir o socialismo científico, de instruir e de organizar a classe operária nascente. Nas condições tão pouco desenvolvidas do nosso país de pequenos proprietários, Dimitre Blagoev aplana as dificuldades e esclarece, através de uma luta obstinada e perseverante, a via para o movimento operário, governando a sua nau entre esses Cila e Caribdes ([15]) do caos ideológico e político da época.

Blagoev lutou resolutamente pela criação de um partido proletário, conseguindo-o efectivamente mais tarde, combatendo implacavelmente todos aqueles que, sob o estandarte da «causa comum das camadas produtivas», se esforçavam por subordinar a classe operária à tutela de uma burguesia exploradora.

É assim que se formou, em 1903, sob a direcção de Dimitre Blagoev, o Partido Marxista dos Socialistas de Esquerda, predecessor do glorioso Partido Operário actual.

Se o socialismo de esquerda búlgaro, ao invés das outras correntes de esquerda dos partidos sociais-democratas da Segunda Internacional, se desenvolveu e tomou a sua forma

definitiva como corrente marxista aparentada e não hostil ao bolchevismo (marxismo-leninismo), é inteira e completamente ao nosso grande mestre, ao nosso guia Dimitre Blagoev que o devemos, à sua perspicácia teórica, à sua profunda rigidez de princípios, à sua intransigência para com toda a deformação do marxismo, à sua ilimitada dedicação para com a classe operária e à sua inabalável fé no poder do povo trabalhador.

Foi precisamente Dimitre Blagoev quem lançou as bases ideológicas sobre as quais se pôde erguer com tanto êxito o Partido dos socialistas «tesni» e, superando as imperfeições e deficiências do socialismo de esquerda dos «tesni», se pôde transformar, sem desordens internas notáveis e a bem do nosso povo, num partido marxista-leninista. Se o nosso Partido recuperou sempre depressa após cada derrota, tornando-se mais forte, mais unido e combativo, e isto apesar dos longos anos de terrível terror fascista, se chegou ao ponto de se tornar hoje num factor político importante no seio do governo da nova Bulgária, tudo isto devemos, não só nós como o nosso povo, principalmente a Dimitre Blagoev. Foi sob a sua acertada orientação que o nosso Partido se desenvolveu e aumentou como organização monolítica, possuído de um programa e uma política bem claros e de uma disciplina livremente consentida, mas rígida.

Dimitre Blagoev dedicou-se durante anos, com o auxílio dos seus companheiros de armas — Guéorgui Kirkov e Gavril Guéorguiev —, a educar e ensinar com cuidados paternais os quadros sãos e dedicados à classe operária e ao povo. Todos nós, seus discípulos, estamos orgulhosos por termos tido um tão digno e grande mestre. Dimitre Blagoev era o grande teórico, o melhor propagandista e o obstinado organizador do movimento operário. Distinguia-se pela sua dedicação aos princípios, não se guiando nunca nas suas acções por considerações de comodidade pessoal ou por disposições de momento. Tal como Lénine, situava os interesses do Partido, na sua qualidade de único representante e defensor constante da classe operária e do povo trabalhador, acima das suas considerações pessoais e das situações transitórias.

Dimitre Blagoev deixou-nos a nós — seus discípulos e continuadores — através do seu exemplo pessoal, da sua vida

rica, magnífica de militante sempre em luta, um imperativo legado: o de uma estrita rigidez de princípios; de nos conservarmos, até ao nosso último suspiro, fiéis à classe operária e à sua histórica missão; de sermos intransigentes para com todas as falsas teorias, opostas ao marxismo; de subordinarmos tudo o que nos é pessoal aos interesses do Partido, ao serviço da classe operária e do nosso povo; de preservarmos a unidade de acção, a disciplina, a pureza e honra do Partido como a menina dos nossos olhos.

Na altura da Frente da Pátria, em que se prepara o futuro da nossa pátria, a rica herança científica e literária e toda a vida de Dimitre Blagoev são uma inesgotável fonte de educação para os quadros do Partido, para os membros do Partido, bem como para todo o autêntico patriota búlgaro.

Moscovo, 15 de Maio de 1945.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 26,
de 19 de Maio de 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 196-199.

AVANTE POR UMA VITÓRIA ELEITORAL BRILHANTE E DECISIVA

DISCURSO PRONUNCIADO A 6 DE NOVEMBRO DE 1945 NO TEATRO NACIONAL DE SÓFIA, POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO SOLENE DO 28.° ANIVERSÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Caros compatriotas!

Permitam-me que lhes agradeça muito cordialmente e em breves palavras este patriótico e amigável acolhimento.

Há já vinte e dois anos que eu não pisava a terra búlgara. Acreditais-me certamente se vos disser que durante todo este tempo nunca, um momento sequer, onde quer que eu estivesse ou em quer que me ocupasse, nunca deixei de pensar, de trabalhar pelo meu país, pelo povo búlgaro, pelo seu futuro, sua felicidade e sua prosperidade. Dentro desta ordem de ideias, não será certamente supérfluo recordar-vos o momento em que se terminava o processo de Leipzig que todos vós conheceis. Durante o decorrer do processo e sobretudo depois, dirigi oficialmente alguns telegramas ao presidente do Conselho búlgaro Nicolas Muchanov e ao governo búlgaro de então, pedindo-lhes que me autorizassem, na minha qualidade de búlgaro absolvido pelo tribunal alemão, a regressar ao meu país e a consagrar as minhas forças e aptidões ao trabalho e à luta no meu país. A resposta foi também oficial: «Jorge Dimitrov não é um cidadão búlgaro!» Na conjuntura de então, isto significava, caros compatriotas, abandonarem-nos, a mim e aos meus co-inculpados búlgaros, entre as ferozes garras

desse mesmo Goering, desse mesmo Hitler que iria dizimar milhões de seres humanos daí em diante.

Nicolas Muchanov e o seu então ministro do Interior, Guirguinov, clamam agora a democracia, pretendendo que se esqueça esse vergonhoso acto de terem fechado as portas do país a um cidadão búlgaro, a um búlgaro que se tinha esforçado, na medida das suas possibilidades, por defender a honra do povo búlgaro. Se não fosse Moscovo, salvador dos povos oprimidos, se não fosse o governo soviético, teríeis comemorado hoje o aniversário da morte desse mesmo Dimitrov que agora tão calorosamente acolheis. Lembro-vos este facto porque, quando ao descer do avião pisei o solo da minha pátria, a primeira iniciativa que tomei foi deitar uma vista de olhos nos jornais búlgaros. Abri e li o *Zémédelsko znamé* — verde ([17]), o *Svoboden narod* ([18]), o outro *Znamé* ([19]). Dizei-me, camaradas, em que país será possível mentir e caluniar o seu próprio povo, o seu próprio país e o seu governo que goza da confiança da enorme maioria da população, e isto de uma forma tão desprovida de escrúpulos, tão indigna e desonesta? Ultrapassaram todas as marcas! E isto numa altura em que se decide o destino da Bulgária e do povo búlgaro para longos e longos anos!

A obra da Frente da Pátria é uma obra histórica, o governo da Frente da Pátria cumpre neste momento uma missão histórica. O búlgaro e a búlgara que entravam, que minam a unidade da Frente da Pátria, a unidade patriótica do povo búlgaro, são ou gente extraviada, ou então inimigos da liberdade e da independência do nosso povo. Nós, os autênticos búlgaros, queremos resolver por nós próprios os nossos assuntos internos.

Queremos criar a sólida unidade patriótica do nosso povo, indispensável à solução dos nossos problemas internos e internacionais. Eu próprio, me considerarei feliz se puder ser agora, no meu regresso, de qualquer forma útil neste aspecto. A minha intenção é, caso o povo búlgaro o considere útil e necessário, consagrar os últimos anos da minha vida ao serviço do meu povo.

Caros compatriotas!

Estamos em vésperas das eleições legislativas. Devem-se fazer, e far-se-ão, a 18 de Novembro.

O povo deve pronunciar-se, com toda a liberdade. As eleições deverão consolidar e irão sem dúvida consolidar os alicerces da nossa democracia búlgara. Não se trata de uma democracia socialista dos Sovietes, mas não é tão-pouco a falsa e enganadora democracia de Muchanov. É, deve ser e será popular, uma democracia da Frente da Pátria. O nosso povo, os nossos eleitores e eleitoras tanto em Sófia como em todo o país, deverão compreender no seu próprio interesse, no interesse do povo, no interesse do país, o seguinte: primeiramente, que as eleições se irão realizar; em segundo lugar, que esse governo, o governo chefiado por Kimon Guéorguiev, realizará as eleições; em terceiro lugar, que a modificação do governo, bem como esta ou aquela reconstrução serão obra, na medida do necessário, da futura Assembleia Nacional.

Há ainda outra coisa que deverão compreender e fixar esses pregoeiros e arautos do estrangeiro, que dançam ao som da flauta estrangeira e não ao da cornamusa (*) nacional búlgara: que a Frente da Pátria é uma necessidade histórica para a Bulgária — e não para este ou aquele homem político, para este ou aquele partido, mas sim para a Bulgária; que essa Frente da Pátria agrupa os membros aderentes e simpatizantes de cinco partidos ([20]). Sabeis bem que anteriormente esses partidos se guerreavam, que lutavam entre si, que mesmo agora divergem sobre determinados problemas de princípio. Esses partidos são, contudo, partidos patrióticos, agrupados hoje em redor de uma plataforma democrática comum. Os mal-entendidos estabelecidos entre eles a respeito de câmaras, de subprefeituras e outros, são problemas que esses mesmos partidos resolverão entre si, apoiando-se sobre a confiança e apoio do povo, sobre a confiança e apoio dos trabalhadores e trabalhadoras, dos camponeses e camponesas, dos comerciantes e industriais patriotas. Nem sempre é fácil resolver prontamente esses mal-entendidos. Apontem-me contudo uma família onde tudo corre sempre bem. Mesmo na mais perfeita família podem ocorrer mal-entendidos passageiros.

A Frente da Pátria agrupa cinco partidos; podem discutir

(*) Gaita de Foles. — *(N. do T.)*

e discutem efectivamente entre si, podem ter contradições e têm-nas efectivamente. Mas essas discussões e divergências são superadas, visto esses partidos se basearem no interese comum de todo o povo búlgaro, da nação búlgara, da pátria búlgara. Eis o factor que decide em definitivo todas as questões litigiosas.

Os partidos da Frente da Pátria estão unidos em redor de uma plataforma positiva, de um programa construtivo, de uma obra fecunda. Vejam contudo os da oposição, qual a base sobre que se agruparam. Se existe união entre eles, é precisamente a da destruição da unidade do povo. Se há qualquer união entre eles, é sem dúvida assente sobre a base da difamação, do ódio, da hostilidade contra a Frente da Pátria, contra a grande obra histórica de 9 de Setembro. Não possuem um programa construtivo, edificador — possuem apenas um programa destrutivo, negativo. Se lhes fosse concedido o poder — o que nunca se fará, nem se deverá fazer, visto 90 % do povo búlgaro estar tão bem instruído, apesar dos enganos e hesitações do passado, que nunca o virá a permitir — digo contudo que, se por um acaso impossível, lhes fosse concedido o poder, não tardariam a logo no dia seguinte se destruírem mutuamente. No seio da Frente da Pátria existem também discussões, divergências, mas os partidos da Frente da Pátria não se agarram pelos cabelos, não se arrancam os olhos, trabalham e trabalharão juntos, visto a obra da Frente da Pátria ser a obra de todo o povo.

O afirmar-se que os comunistas pretendem tomar todo o poder, ou que o tomaram já e que dominam por toda a parte é incontestavelmente uma pérfida lenda e uma calúnia. Não é verdade o afirmar-se que os comunistas pretenderiam ter um governo de partido único. Nós, o nosso Comité Central, todo o nosso Partido, a nossa imprensa e eu mesmo pessoalmente, afirmámos já inúmeras vezes que as missões com que depara actualmente o nosso povo são de uma natureza tal, de um tal carácter, de tal forma árduas e complexas, que não estão à altura das forças e aptidões de um só partido, por inteligente e heróico que ele seja.

Esta obra está ao alcance das forças; não poderá ser bem executada e definitivamente resolvida para benefício do povo a não ser através de uma acção colectiva, comum, de todas

as camadas sociais patrióticas, de todas as forças democráticas do povo, de todos os partidos democráticos, progressistas.

O governo não se compõe de governos específicos — governo do Interior, governo dos Negócios Estrangeiros, governo da Defesa... Trata-se do governo da Frente da Pátria. Se o primeiro-ministro é membro do círculo Zvéno, não é o primeiro-ministro do seu partido, mas sim o primeiro-ministro da Bulgária, da Frente da Pátria. Se o ministro dos Negócios Estrangeiros — um ministério importante — é membro do círculo Zvéno, é o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bulgária, da Frente da Pátria, de todo o povo. Se o ministro da Defesa, que dirige um ministério muito importante, é igualmente membro do círculo Zvéno, é o ministro da Defesa da Bulgária, membro do gabinete da Frente da Pátria; o Ministério da Defesa não é um governo dentro do governo. Se o ministro do Interior é comunista, não é tão-pouco o ministro do Interior do Partido Operário, é o ministro do Interior da Bulgária, da Frente da Pátria. O governo da Frente da Pátria compõe-se de representantes dos diversos partidos que formam a Frente da Pátria, mas todos os ministros e o próprio governo no seu conjunto são um governo de Frente da Pátria. O governo assume uma responsabilidade colectiva da actuação dos diversos ministérios. Não há nem pode haver ministérios de partido. Aqueles que acreditam que cada partido pode possuir o seu sector e governar como partido este ou aquele ministério engana-se redondamente. Comunista ou radical, social-democrata, agrário ou membro do círculo Zvéno — o ministro deve possuir as qualidades necessárias a um ministro, deve gozar da confiança do governo, do seu próprio partido e da Frente da Pátria. Um governo de partido único e uma direcção unipartidária dos assuntos de Estado não são possíveis hoje, na era da Frente da Pátria, mas só uma direcção colectiva, democrática e patriótica do nosso país poderá levar a bom termo a salutar obra empreendida para a Bulgária.

Ofereceu-se à oposição a liberdade, a inteira possibilidade de possuir os seus próprios partidos, deram-se-lhe jornais para que possa mentir e insultar. Mas os chefes da oposição abusam dessa liberdade. Já não é a liberdade mas sim a negligência. Aqueles mesmo que se mantinham calados durante

a ditadura fascista, enquanto os militantes padeciam na luta contra o fascismo, são os mesmos que agora abrem desmesuradas goelas, como feras, vertendo lágrimas de crocodilo pela liberdade e pelas garantias democráticas que faltam na Bulgária. Ultrapassaram efectivamente todos os limites. É por isto que é necessária uma estrondosa vitória da Frente da Pátria nas eleições, que haja uma Assembleia Nacional para pôr cobro à irresponsabilidade e despreocupação no nosso país.

Não se tratará do poder dos Sovietes mas sim de um regime de democracia popular, de ordem, de legitimidade, um regime de economia dos meios e das forças do povo, de edificação e reparação do nosso país, a consolidação da nossa independência nacional e da nossa soberania.

Fala-se muito nos cafés, escreve-se nos jornais da oposição que tais eleições não viriam a ser reconhecidas por algumas grandes potências, que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos não viriam a reconhecer um governo criado a partir da futura Assembleia Nacional — um governo sem a participação dos dirigentes da oposição que foram os próprios a boicotar, por estupidez, as eleições. Vós sois pessoas cultivadas, instruídas, conheceis muitos exemplos da história; nem num só caso surgiu uma só pessoa que ganhasse fosse o que fosse recusando-se a reconhecer os factos reais, tal qual são. Se alguém acreditar que não reconhecendo a nossa Bulgária da Frente da Pátria ela se ressentirá desse facto, está muito enganado. Não só o povo búlgaro está interessado no reconhecimento da nossa democracia, como o estão também determinadas esferas que até agora demonstraram alguma dúvida e hesitação e é bem possível que, em alguns casos, estes tenham mais interesse em concluir uma paz com a Bulgária do que nós próprios.

Eis pois a minha conclusão: aquele que tenha ouvidos que ouça, aquele que tem olhos que veja como a Frente da Pátria se encaminha firmemente para as eleições. Pode haver, no seio da Frente da Pátria, determinados elementos que hesitam, mas o seu espírito reforçar-se-á. Ou então, poderá acontecer que quando a carruagem da Frente da Pátria tiver adquirido velocidade, alguns venham a cair dela. Se caírem, a carruagem não sofrerá muito com isso.

Outros dizem pretender reintegrar a Frente da Pátria. A esses, é preciso dizer: a Frente da Pátria não é uma hospedaria, não é um botequim, onde se pode entrar para beber um copo de «slivovitsa» (*), pagar e ir-se embora, regressando no dia seguinte. A Frente da Pátria é um movimento popular histórico que se não pode desprezar. Todo aquele que nela entra deverá manter-se bem firme no seu posto ou, de sair, o seu regresso não poderá ser fácil.

Imaginam esses senhores, politiqueiros de café ou gente «de bem» de famílias ricas, que falam em nome do povo quando dizem que o povo se agita, que o povo não quer o governo de Kimon Guéorguiev, que o povo não quer que o ministro do Interior seja comunista! Mas onde está esse povo? Realizam-se por todo o lado e em todo o país grandes comícios, de que nos põem ao corrente não só os nossos correspondentes, como também os correspondentes estrangeiros que a eles assistiram e que os viram com os seus próprios olhos. Em Karnobat, por exemplo, assistiram ao comício da Frente da Pátria 60 000 a 70 000 pessoas, enquanto que ao comício da oposição assistiram apenas 2000. É esta a proporção por todo o lado. Onde estará então o povo? Se os oposicionistas quisessem constatar se o povo está, ou não, com eles, seria necessário que participassem nas eleições. Porque fogem eles?

O povo, com os nossos partidos da Frente da Pátria e nós todos enfim, faremos triunfar a salutar obra da Frente da Pátria. Eu próprio estou pronto, na medida das minhas possibilidades, a participar nesta obra e é por isso que vim.

Avante por uma vitória eleitoral brilhante e decisiva, pela felicidade da nossa pátria que tanto sofreu, mas que tão bela é.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 352,
de 7 de Novembro de 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 286-294.

(*) Bebida popular da Bulgária. — *(N. do T.)*

POR UMA VITÓRIA DE TODA A NAÇÃO SOBRE A REACÇÃO E SOBRE OS ELEMENTOS MAL INTENCIONADOS PARA COM A NOVA BULGÁRIA

DISCURSO PRONUNCIADO NA REUNIÃO ELEITORAL DE 15 DE NOVEMBRO DE 1945 ([21])

Caros compatriotas!
Irmãos e irmãs!
Eleitores e eleitoras!

Temos perante nós uma grande missão — a de eleger uma verdadeira Assembleia Nacional sobre a base de eleições livres, democráticas, que venham reforçar por via legislativa as conquistas populares de 9 de Setembro, a fim de que o nosso povo possa também no futuro continuar a ser senhor do seu destino, não permitindo qualquer outro regresso ao passado fascista, sombrio e vergonhoso.

A Frente da Pátria e o seu governo apresentaram-se ao povo com a sua plataforma eleitoral democrática, progressista. Esta plataforma responde aos interesses vitais e reais do nosso povo. Responde aos interesses dos operários e camponeses, dos artesãos e da «intelligentsia» popular, dos empregados e do exército popular búlgaro, da nossa heróica juventude; responde igualmente aos interesses desses industriais e comerciantes que procuram a sua prosperidade não na especulação e no saque, mas sim na recomposição económica e na reconstrução do país.

Esta plataforma é perfeitamente realizável, se se considerar o apoio activo da imensa e esmagadora maioria do povo. Não encerra de forma alguma vãs promessas demagógicas,

como prodigavam no passado os dirigentes pseudodemocráticos e fascistas.

A plataforma eleitoral da Frente da Pátria é a única possível nas actuais condições, uma plataforma verdadeiramente útil à nação. Aliás, como se sabe, ninguém se apresentou até hoje perante o povo com uma melhor e mais realizável plataforma.

No entanto, a Frente da Pátria e o seu governo, encabeçados por Kimon Guéorguiev, apresentam-se perante os eleitores e eleitoras não só com a sua plataforma eleitoral, como também com os seus actos positivos e fecundos, com as suas realizações para o benefício do povo e do país, desde 9 de Setembro até hoje.

1. *AS REALIZAÇÕES DA FRENTE DA PÁTRIA*

Quem não quiser ignorar os factos nem enganar-se a si próprio, reconhecerá que a Frente da Pátria não só salvou o nosso país de uma catástrofe nacional, não só preservou o país de lutas intestinas, do caos e da anarquia, como registou também durante o seu governo de um ano uma série de realizações de primordial importância, que abrem uma nova era na história do nosso país — a era de democracia da Frente da Pátria.

Não será um facto que a Frente da Pátria prossegue uma firme e consequente política de erradicação do fascismo e do chauvinismo megalómano búlgaro, que observa fielmente o estipulado. No tratado de armistício e as decisões da Conferência da Crimeia ([22]), que dissolveu as organizações fascistas, revogou as leis fascistas reaccionárias que oprimiam e espoliavam o povo; que a Frente da Pátria pôs fim ao regime desumano imposto aos judeus e outras minorias nacionais, que infligiu, pelos tribunais do povo, um castigo justo aos culpados que haviam arrastado a Bulgária para a guerra hitleriana de rapina, aos principais chefes e agentes do fascismo e da agressão alemã?

Não será um facto que a Frente da Pátria restabeleceu, fortaleceu, alargou as possibilidades e os direitos democráticos

do povo búlgaro, espezinhados durante 21 anos consecutivos pelo fascismo búlgaro — o direito de organização, de reunião, de imprensa; que concedeu a completa igualdade de direitos às mulheres, o direito de voto aos jovens e militares; que graças à plena e total liberdade e às possibilidades de desenvolvimento concedidas a todas as organizações de massas-profissionais, cooperativas, culturais, educativas, das mulheres, dos jovens, do desporto, das crianças, etc., estas puderam marcar um desenvolvimento sem precedentes na sua actividade; que a Milícia popular cria mais sólidas raízes como força organizada e disciplinada, como guardiã dos direitos e liberdades do povo, da legalidade democrática, e que é ela, sobretudo, que, apesar das calúnias e provocações desenfreadas dos mal-intencionados membros da oposição, mantém a ordem e a segurança no país?

Não é uma verdade a Frente da Pátria ter restabelecido e renovado o nosso exército, trabalhando energicamente a fim de o transformar num exército verdadeiramente popular, politicamente educado dentro do espírito de disciplina patriótica consciente, fiel guardião das conquistas de 9 de Setembro, da liberdade e da independência da nossa pátria; que a Frente da Pátria organizou e conduziu a bom termo a nossa guerra libertadora contra o ocupante germânico, pela qual o povo búlgaro contribuiu para o definitivo esmagamento dos agressores hitlerianos, passando a figurar entre os povos amantes da liberdade que combatem o fascismo?

Não é um facto que, graças à sua política exterior leal e consequente, a Frente da Pátria consolida as posições internacionais da Bulgária, arrancando-a ao terrível isolamento para o qual a tinham impelido o rei Boris e a sua camarilha; que conquistou para o nosso país a amizade eterna, o auxílio fraterno e a protecção da grande União Soviética, tão brilhantemente expressos na assinatura do armistício, nas conferências da Crimeia, Postdam ([23]) e Londres ([24]) e aquando do restabelecimento das relações diplomáticas, na altura da conclusão do acordo comercial e em muitas outras circunstâncias; que a Frente da Pátria restabeleceu relações de amizade cordial e de estreita cooperação com a nova Jugoslávia federativa; que restabeleceu sucessivamente as relações diplomáticas da Bulgária com os seus vizinhos e os Estados europeus,

enviou um representante político aos Estados Unidos e trabalha sinceramente e consequentemente para a definitiva e favorável resolução da situação internacional do país?

Não será um facto a Frente da Pátria desenvolver uma vasta política social, sanitária e educativa; que só no decurso de um ano elevou o número de hospitais e das secções de hospitais de 13 para 80, o de camas nas maternidades de 37 para 293, dos postos sanitários rurais de 290 para 880, de parteiras dos distritos rurais de 300 para 600, de estomatologistas de distrito de 50 para 117, de creches e jardins de infância de 2145 para 3067; que o número de liceus se acresceu de 53 e o de alunos de 45 000; que foram criadas novas universidades e faculdades, enquanto que o número de estudantes das mesmas quase duplicou; que foi criado um grande número de escolas e de liceus nocturnos; que uma série de novos teatros e de orquestras sinfónicas foram criados e dado um grande impulso à arte de amadores e à cultura das massas populares?

Não será concludente o facto de ter sido sob a Frente da Pátria que a Igreja búlgara se libertou do cisma, obteve a sua autonomia e o reconhecimento internacional, usufruindo da total possibilidade de desenvolver as suas actividades religiosas, bem como de participar na edificação da nova Bulgária democrática?

Não é também um facto ter sido dado um grande passo no campo da economia, a fim de se superar a crise económica e reanimar a vida económica; ter sido travada a inflação e brilhantemente lançado o empréstimo para a liberdade; que os preços por atacado não têm aumentado durante os três últimos meses, enquanto que os preços de retalho foram baixados em 2 por cento; que, graças sobretudo às matérias-primas importadas da União Soviética, a produção da grande indústria era, em Setembro do corrente ano, 28 por cento superior à de 1939, antes da guerra, enquanto que o número de operários aumentou em 43 000; que este ano foram distribuídos à população o dobro dos produtos têxteis fornecidos no ano anterior; que uma série de medidas foram tomadas para aliviar a situação das vítimas da seca, melhorar o abastecimento da população rural em calçado, produtos têxteis, metálicos, etc.?

Não será uma realidade o terem surgido pela primeira vez no nosso país o trabalho de choque, a emulação patriótica, o movimento pelas normas de produção, que irão desempenhar de agora em diante um grande papel no crescimento da produtividade do trabalho; que não existe no nosso país greves, não há quase desemprego, enquanto se constata um entusiasmo no trabalho sem precedentes entre os operários, os camponeses e todos os trabalhadores; que surgiu e se desenvolveu em todo o país o movimento das brigadas de cultura e trabalho para auxílio à aldeia, englobando mais de 250 000 participantes — operários, artesãos, intelectuais, militares — e que forneceu à província um auxílio que ultrapassa já 570 milhões de leva; que, em resposta a este movimento de auxílio da cidade à aldeia, se desenvolve agora o movimento das brigadas rurais para auxílio à cidade, fornecido pela aldeia — o que promete englobar um número em nada inferior de participantes e prestar um auxílio tão precioso como o anterior à população pobre e activa das cidades; que, como resultado desta entreajuda fraterna e desta activa camaradagem a amizade entre os trabalhadores das cidades e os do campo nunca foi tão sólida e indissolúvel como é hoje; que não há hostilidade entre operários e camponeses; que não existem desordens ou escaramuças como acontece em determinados países vizinhos ou longínquos embora oposicionistas mal intencionados e reaccionários se esforcem por provocar de todas as formas possíveis essas desordens e escaramuças, mas que prevalece uma cooperação fraterna entre operários, camponeses, intelectuais e camadas médias?

Não é uma realidade que foi graças à Frente da Pátria que o movimento cooperativo, que terá de desempenhar um importante papel na modernização e desenvolvimento da nossa diminuta produção agrícola e artesanal, experimentou um poderoso impulso em todas as suas ramificações; que especialmente as cooperativas agrícolas, conservando a propriedade privada sobre as terras e observando estritamente o princípio da benevolência, irão permitir mecanizar a agricultura e aplicar as aquisições da ciência agronómica moderna, ultrapassando já o número de 400, com mais de 36 000 membros e 150 000 hectares de terras cultiváveis?

Não será finalmente uma realidade a Frente da Pátria, que dentro de prazos incrivelmente curtos para nós, terminou a construção do caminho de ferro Krupnik-Kulata e da barragem «Béli Isker», se empenhou também na construção das barragens «Topolnitza», «Rossitza» e «Tachboaz», assentando os alicerces de uma grande construção que irá conferir um forte impulso à industrialização do país, à sua electrificação e melhoramento de extensas regiões agrícolas? Tudo isto, cidadãos e cidadãs, são factos incontestáveis que honram a Frente da Pátria e o seu governo.

Estamos, claro está, no início da consolidação do regime democrático e do impulso económico do nosso país. Foram apenas dados os passos decisivos para retirar o nosso país da situação económica e financeira difícil em que a tinham mergulhado os usurpadores hitlerianos e os governantes fascistas traidores da nação, bem como para superar as dificuldades internas e internacionais que o nosso povo terá de vencer. Há ainda muito a fazer sobre este aspecto.

Enquanto a Frente da Pátria e o seu governo empregam, com o apoio do povo, todos os seus esforços a fim de conduzirem definitivamente a nova Bulgária para o caminho certo, a reacção e os oposicionistas de todos os tipos, partindo dos seus interesses pessoais e dos dos seus grupos e apoiando-se sobre o auxílio dos grupos reaccionários do exterior, esforçam-se por todas as formas por impedir, sabotar, minar a obra da Frente da Pátria, tão fecunda e útil à nação. Mas é precisamente por essa razão que se tornam tão indispensáveis a unidade patriótica indissolúvel e o esforço de trabalho de todo o nosso povo.

2. *O PODER DA FRENTE DA PÁTRIA É UM PODER NOVO, JOVEM*

Cidadãos e cidadãs:

Ao salientarmos essas acções criadoras e essas incontestáveis realizações da Frente da Pátria, não pretendemos que o governo da Frente da Pátria não tenha cometido erros, que

não encerre nem lacunas nem fraquezas. Apenas quem não trabalha não comete erros. O poder da Frente da Pátria é um poder novo, um poder jovem. É um poder democrático que, pela primeira vez, governa o país tendo em vista os seus interesses reais. Os representantes e órgãos desse poder não possuíam ainda, em alguns casos, a necessária experiência, enquanto que deviam operar em condições particularmente difíceis e complicadas, na altura em que o antigo aparelho do poder fascista se encontrava desmantelado e que o novo aparelho democrático não podia ainda ser posto em execução com tanta facilidade e rapidez. Os erros, lacunas, entusiasmos, são fenómenos transitórios, são as doenças infantis da democracia búlgara que se expande e se consolida. Uma prova entre outras é o de uma grande parte dessas anomalias terem sido já superadas com êxito, o de o seu número decrescer cada vez mais e de nos encaminharmos com rapidez para a sua definitiva liquidação.

Pode dizer-se que essas lacunas e erros incidiam sobretudo nos três seguintes aspectos:

1. Violação da legalidade democrática no próprio local, exprimindo-se através da arbitrariedade e não observância das ordens do poder central.

2. Determinadas manifestações de sectarismo por parte de comunistas nas suas relações com os nossos aliados; uma insuficiente representação dos outros partidos da Frente da Pátria na composição dos comités da Frente da Pátria e na administração e ingerência directa dos comités da Frente da Pátria no trabalho da administração. Como se sabe, a única força organizada e activa existente no país a 9 de Setembro e nos dias que se lhe seguiram era o Partido Operário. É por essa razão que, não só nos comités da Frente da Pátria como na administração, predominavam os comunistas, visto ser impossível proceder de outro modo; contudo, e logo que a organização dos outros partidos irmãos da Frente da Pátria ficou assente, foram os próprios comunistas a apresentar o problema da modificação dessa situação. Actualmente, encontra-se rectificada em quase todo o lado.

3. Atribuição às cooperativas de determinadas tarefas para as quais não se encontravam ainda suficientemente preparadas. A Frente da Pátria encorajou, encoraja e encora-

jará também no futuro o movimento cooperativo; mas a Frente da Pátria é a favor de um equilíbrio justo entre a iniciativa do Estado, cooperativa e privada, a fim de assegurar a mais rápida recomposição da economia nacional e o impulso económico do país.

Estes entusiasmos repentinos são, como já se disse, superados com êxito, e são-no graças aos esforços conjugados de todos os partidos da Frente da Pátria. A Frente da Pátria é a favor de uma ampla crítica e autocrítica da sua actividade, não receia mostrar ou que lhe mostrem as suas reais insuficiências.

3. *O QUE REPRESENTA A OPOSIÇÃO*

Os opositores cisionistas da Frente da Pátria empenham-se contudo em se aproveitar dos erros e insuficiências cometidos a fim de justificarem a sua cisão. Mas todos compreendem que o necessário é corrigir esses mesmos erros, eliminar essas fraquezas e entusiasmos exagerados, sem ser necessário abandonar a Frente da Pátria. Se os oposicionistas tivessem querido efectivamente auxiliar na rectificação dos erros e entusiasmos, teriam apresentado de forma positiva as suas propostas para eliminar essas anomalias, no interesse geral de toda a população. Visivelmente, não era essa a sua intenção. Nunca fizeram propostas desse tipo. Os oposicionistas erguem-se contra a própria Frente da Pátria, contra o seu programa e a sua obra libertadora e salutar pelo bem da Bulgária — a obra de 9 de Setembro.

Está bem explícito que por detrás dos partidos da oposição se ergue a reacção búlgara, aspirando à restauração do passado. Os planos de restauração dos oposicionistas estavam bem patentes na luta desprovida de todo e qualquer escrúpulo contra a Frente da Pátria, na sua ausência de um programa positivo, na negação do 9 de Setembro e das realizações do poder popular, da nova democracia.

Ergue-se contra a Frente da Pátria uma oposição heterogénea que fala uma linguagem diferente, que se agrupa

sobre a base única da destruição da grande obra de 9 de Setembro e da unidade do povo búlgaro.

Será apenas por acaso que no apelo dos «unificados», Petkov e Guitchev, não se diz uma só palavra sobre o 9 de Setembro e a Frente da Pátria, apelando-se simultaneamente para a luta contra a democratização do nosso país, prosseguida pela Frente da Pátria? Não, não é de forma alguma um acaso. Uma clara expressão da natureza antipopular e antibúlgara da oposição, em ambas as suas alas — a de Muchanov e a de Petkov —, é o facto de assentar todas as esperanças de regresso ao poder exclusivamente sobre a ingerência estrangeira nos negócios internos búlgaros. A sua naturcza antinacional está também patente na táctica de boicotagem a que recorre para as eleições legislativas, que visam consolidar a situação interna e internacional do país.

Ao renunciarem participar nas eleições, sem um programa positivo útil à nação, os oposicionistas embrenharam-se no caminho das provocações, diversões e actos de terrorismo, de sabotagem económica, de fomentação de perturbações e desordens no país. Não se trata de forma alguma de uma oposição política séria, mas sim de um bando de politiqueiros ambiciosos e oportunistas, de defensores da reacção, ávidos do poder.

Poder-se-á considerar, por exemplo, o senhor Nicolas Petkov um homem político sério e honesto, quando no apelo para o «reagrupamento» que ele próprio assinou renuncia publicamente à obra histórica do 9 de Setembro e da Frente da Pátria, dedicando-se actualmente a criar um bloco sem princípios contra a Frente da Pátria, quando ainda recentemente jurava fidelidade e dedicação à Frente da Pátria e à obra histórica do 9 de Setembro?

Eis o que declarava Nicolas Petkov no seu discurso de Pazardjik, de 26 de Novembro do ano passado:

> «... não decidam queimar todo o colchão — para empregar as próprias palavras de Alexandre Stamboliiski — por nele terem descoberto uma pulga. Até ao 9 de Setembro, a Frente da Pátria era uma necessidade. Hoje, é uma necessidade histórica. Deveremos

guardá-la como a menina dos nossos olhos. Pensemos no futuro que aguardaria a Bulgária, a nossa pátria, se não aguentássemos firme até ao final. Todos compreenderemos que os sacrifícios e padecimentos que teremos de suportar são indispensáveis à salvação da pátria, para assegurar o futuro da Bulgária.»

Enquanto que na sua declaração perante o congresso da Frente da Pátria (Março de 1945) afirmava:

> «A União Agrária Popular Búlgara *insiste na força e união das quatro organizações políticas na Frente da Pátria,* que é uma necessidade histórica para a salvação da Bulgária e, como tal, a única força política que, pela primeira vez desde a existência da Bulgária livre, agrupa em nome de uma plataforma ideológica clara todas as camadas trabalhadoras do país e a "intelligentsia" honesta oriunda do povo.»
>
> «Deveremos reforçar cada vez mais a união no seio da Frente da Pátria. Poderemos realizá-la, essa união, da forma o mais positiva possível, através do reforço da autoridade e da iniciativa dos comités da Frente da Pátria, que são a sólida ligação entre o povo e o poder...»

Eis ainda uma declaração de Nicolas Petkov, feita por ocasião do primeiro de Maio de 1945:

> «... camponeses e operários jurarão, no primeiro de Maio, que nada os poderá separar e que farão tudo ao seu alcance para eliminar de uma vez para sempre todos os obstáculos existentes no caminho da sua fraternidade e unidade, e que salvaguardarão como a menina dos olhos a Frente da Pátria e sua unidade...»

Confrontai estas solenes declarações de Nicolas Petkov com os seus actos de agora e descobrireis o verdadeiro carácter moral desse pretendente à direcção da União Agrária.

Se para Nicolas Petkov a Frente da Pátria era uma necessidade histórica real, se ele considerava verdadeiramente o programa e a política da Frente da Pátria como salutares para a Bulgária, como poderia então justificar a sua cisão da Frente da Pátria e a sua actual aproximação aos reaccionários confirmados, inimigos da democracia? Não será bem claro que Nicolas Petkov age agora movido por considerações e sugestões que nada têm a ver com os interesses do povo, dos nossos camponeses?

Vejamos agora o outro pretendente à direcção da União Agrária — Dimitre Guitchev, condenado pelo tribunal do povo. Duas horas antes de assinar o protocolo de reagrupamento com N. Petkov, Dimitre Guitchev declarava perante o camarada Vasil Kolarov a sua convicção de que Nicolas Petkov agia de acordo com directivas vindas do estrangeiro, que no dia seguinte ao seu discurso tinha recebido em sua casa, pela porta de serviço, a visita de um representante estrangeiro notório que teria vindo transmitir-lhe as suas directivas, e perante um tal homem, ele, que, Dimitre Guitchev, não se poderia aliar e apenas duas horas depois assinava o protocolo de união com esse mesmo Nicolas Petkov que ele próprio considerava como um agente do estrangeiro e dirige, nessa mesma ocasião e conjuntamente com ele, um apelo aos camponeses búlgaros à luta contra a Frente da Pátria.

Quem poderá considerar gente tão hipócrita como homens políticos sérios e honestos? É preciso ter uma muito má impressão sobre os nossos camponeses para acreditar que eles se pudessem mobilizar, seguindo um tal «chefe».

A União dos agrários é efectivamente indispensável e no interesse do nosso povo; essa união torna-se no entanto possível, faz-se e far-se-á definitivamente não sobre a base da negação do 9 de Setembro e das conquistas democráticas do povo, que é em suma a plataforma da oposição abertamente reaccionária de Muchanov e Guirguinov, mas sim sobre a base do reconhecimento desse acto histórico feito também pela União Agrária, que participa na Frente da Pátria e que se manteve fiel aos preceitos fundamentais do grande homem de Estado búlgaro e guia popular Alexandre Stamboliiski.

4. *QUE REPRESENTA O PODER DA FRENTE DA PÁTRIA*

Caros membros da Frente da Pátria das cidades e dos campos!

Que representa o nosso poder da Frente da Pátria?

O levantamento popular de 9 de Setembro, que teve lugar sob a orientação da Frente da Pátria em condições favoráveis ao nosso povo, criadas pelo glorioso Exército Vermelho, libertador dos povos, e que, depois de aniquilar as hordas hitlerianas na Roménia, as perseguiu no nosso próprio território, abriu uma nova era na história política da Bulgária — a era da Frente da Pátria, da reconstrução democrática livre e do desenvolvimento do nosso país.

O acto histórico de 9 de Setembro foi preparado no decorrer de uma luta, longa e penosa, contra a ditadura monarco-fascista, luta essa em que o povo búlgaro forneceu numerosas e valorosas vítimas. Foi sob o fogo dessa luta, em que a mais brilhante página foi o glorioso movimento dos guerrilheiros que nasceu a Frente da Pátria, que se fortaleceu e se transformou num poderoso factor social e político que reagrupou todas as forças antifascistas, nacionais, democráticas e criadoras do nosso país. Com a Frente da Pátria o povo búlgaro tomou o seu destino nas suas próprias mãos. É por isso que o povo vê com razão, na organização da Frente da Pátria, o seu verdadeiro dirigente, o dirigente do novo Estado democrático búlgaro.

O governo formado pela Frente da Pátria distingue-se radicalmente de todos os governos passados. Não é uma coligação governamental provisória para explorar o poder do Estado em proveito dos interesses de partido ou pessoais. O governo da Frente da Pátria é o primeiro governo popular que agrupa as forças nacionais sãs do país, se apoia no povo e goza da sua confiança.

Aqueles que alimentam más intenções para com o nosso povo repetem amiúde que o governo da Frente da Pátria se trataria de um governo unipartidário, que representaria «a ditadura dos comunistas». É contudo uma realidade os cinco partidos participarem no governo. Esses partidos possuem programas com princípios diferentes, mas agrupam-se sobre a base do programa comum da Frente da Pátria, programa democrático, progressista, antifascista. Por outro lado, sabe-se que os comunistas não detêm a maioria no governo, nem sequer a maioria entre os candidatos às eleições da futura Assembleia Nacional. Os comunistas foram e são a favor do governo colectivo e da colaboração fraterna com os seus aliados da Frente da Pátria e do governo. Os comunistas nunca exerceram a sua «ditadura», não exercem nem pretendem exercer uma tal ditadura. Os partidos da Frente da Pátria reagruparam-se na Frente da Pátria para restabelecerem a economia do país, reparar a destruição causada ao povo e ao país pelo fascismo e pelos saqueadores hitlerianos, liquidar a maldita herança do fascismo, assegurar o desenvolvimento livre e democrático e a independência nacional da Bulgária. Com os seus esforços conjugados, tentam resolver os problemas internos e internacionais do país, no interesse do povo búlgaro e sobre a base da cooperação com todos os povos amantes da liberdade.

Tanto o nosso Partido como eu próprio, pessoalmente, temos declarado em várias ocasiões que os comunistas, ao colocarem-se acima de todo e qualquer interesse e consideração de grupo egoístas, devem partir sempre do interesse comum, vital e duradouro do nosso povo, a fim de resolverem os problemas internos, económicos, sociais, culturais e internacionais que dizem respeito ao presente e futuro do nosso país. O nosso Partido e eu próprio, pessoalmente, salientámos sempre que as tarefas que se deparam ao nosso país são de tal forma difíceis e complexas que não se encontram à altura das forças de um só partido ou de uma só camada da população; é por essa razão que são necessários os esforços conjugados de todos os partidos e, organizações antifascistas democráticas e indispensável a unidade do povo.

Mantemo-nos firmes nas nossas posições visto estarmos profundamente convictos que tudo isto provém logicamente das missões inerentes ao período da Frente da Pátria que o nosso país atravessa, que são ditadas pelos interesses supremos da nação e que exprimem as aspirações e as esperanças do nosso povo, de todas as pessoas honestas, dignas e progressistas que o compõem.

Sabe-se que nós, os comunistas, consideramos a instauração do socialismo como a única possibilidade de libertar definitivamente os povos das calamidades que lhes são impostas pelo sistema capitalista de gestão e exploração do trabalho e dos recursos naturais. Pensamos, no entanto, e declaramo-lo aberta e categoricamente que, nas condições em que o nosso país se encontra, os problemas apresentados pela própria vida e que aguardam solução se revestem unicamente de um carácter de democracia popular.

Uma das mais urgentes tarefas do actual período é retirar o nosso país da situação económica difícil para que foi impelido pelo fascismo. O povo precisa de um rápido restabelecimento da economia, de um aumento rápido da produção de produtos e de artigos de primeira necessidade. O país necessita de regularizar a sua situação internacional, concluir uma paz digna e duradoura.

Os comunistas não são fantasistas, mas políticos realistas. Comportam-se sempre de acordo com as condições reais e as relações das forças sociais. Os comunistas concebem todas as suas acções a partir dos interesses vitais e reais do povo, dos interesses nacionais do país num momento determinado. Além disso, os comunistas vêem-se na obrigação de dizer a verdade ao povo. Consideram como parte da sua dignidade as suas palavras condizerem sempre com os seus actos.

Declaramos da forma mais categórica que o interesse real do país e do povo, no período actual, exige a consolidação do regime democrático com um Parlamento livremente eleito pelo povo. Rejeitamos categoricamente a mentira provocatória, propagada pelos oposicionistas mal-intencionados e pelos agentes do estrangeiro, em como a Bulgária viria a tornar-se uma parte da União Soviética, como república soviética, após as eleições. Juntamente com os nossos aliados da Frente da Pátria, somos por uma Bulgária livre, democrática e independente.

Não é menos estúpida, provocatória e perfeitamente ridícula a mentira que afirma que depois das eleições a Assembleia Nacional viria a proclamar a Bulgária república soviética e que o presidente dessa república seria nem mais nem menos que Jorge Dimitrov. Aqueles que acreditam em tais

frivolidades afirmam-se indiscutivelmente como possuidores de um diploma de ingenuidade e indigência política.

5. PODERÁ O NOSSO PAÍS SER ECONOMICAMENTE FORTE?

O povo búlgaro é, através das suas tradições de liberdade e da estrutura económica do seu país, um povo de sã democracia. Contudo, a pandilha de especuladores, de grandes exploradores e de parasitas existente na burguesia búlgara desempenhava um papel de corretor e de associado das firmas comerciais, cartéis e «trusts» estrangeiros a fim de explorar o trabalho do povo e as riquezas nacionais. Esse grupo pouco numeroso não possuía qualquer interesse no desenvolvimento de uma indústria nacional e de uma agricultura moderna. Utilizava os capitais de que se tinha apropriado e a poupança nacional não para o desenvolvimento das forças produtivas do país mas antes para a especulação. Foi assim que o nosso país se manteve terrivelmente atrasado no seu desenvolvimento económico, enquanto que o povo, operários e camponeses, mergulhava na miséria.

O 9 de Setembro de 1944 e a Frente da Pátria vieram cortar as asas a esse grupo explorador. Mas ele não se encontra definitivamente estrangulado. Reergue a cabeça, organiza uma campanha reaccionária contra a Frente da Pátria, aproveitando-se do apoio dos seus defensores políticos no interior do país e dos seus protectores do exterior. É inclusivamente ele que se encontra por detrás da oposição de todos os tipos e de expressões diversas, operando através delas contra a obra popular da Frente da Pátria. Esse mesmo grupo de especuladores parasitas constituiu até ao dia 9 de Setembro a coluna vertebral do fascismo no nosso país.

Esse grupo dedicava-se constantemente a inculcar no povo a crença de que a Bulgária é um país fraco, incapaz de desenvolver a sua própria economia nacional. Ora, todos sabem que existem inúmeros países pequenos, alguns mesmo mais pequenos do que a Bulgária, como a Suíça, a Bélgica, a Ho-

landa, a Dinamarca, a Noruega, a Suécia, que são de longe mais avançados que o nosso sob o aspecto económico.

É falso o não podermos ter uma indústria e uma agricultura desenvolvidas. Para se atingir o fim em vista é contudo necessário aniquilar primeiro esse grupo de parasitas especuladores. É preciso esmagar impiedosamente a sua sabotagem económica, a sua subversão. É preciso acabar com a má gestão dos recursos da nação, com o saque dos frutos do trabalho dos nossos operários e dos nossos camponeses. É necessário libertar os nossos campos da sua actual situação de vítima do roubo e especulação, educá-los sob o aspecto material e cultural, arrancá-los desse estado de obscurantismo e de miséria em que os mantinham os regimes reaccionários do passado. É preciso pôr cobro a essa situação escandalosa em que os camponeses e operários, todos os trabalhadores honestos, trabalham e produzem bens a custo de pesados esforços, enquanto que em Sófia e nas outras cidades do país dezenas de milhares de ociosos passeiam nas ruas e se instalam permanentemente nos cafés e botequins, como parasitas nocivos sobre as costas do povo búlgaro.

É preciso mobilizarmos todas as forças do nosso povo, aprender a tirar o maior proveito do trabalho da nação, organizar a nossa economia e o nosso comércio, explorar e utilizar os nossos recursos naturais, pôr fim à utilização dos milhares de leva provenientes da poupança nacional e dos créditos bancários na especulação, e só então é que o nosso país, embora pequeno, se tornará forte e próspero.

6. *A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A POLÍTICA EXTERNA DA FRENTE DA PÁTRIA*

Permitam-me, caros cidadãos e cidadãs, que pronuncie algumas palavras sobre a situação internacional e a política externa da Frente da Pátria.

Depois do vitorioso desfecho da guerra contra a Alemanha, é preciso agora estabelecer-se uma nova paz duradoura entre os povos. Não restam dúvidas que a condição essencial

para a obtenção de uma paz sólida e real é a colaboração entre as grandes potências — União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha. Os povos não esquecerão nunca que na guerra mundial que acaba de terminar, a União Soviética salvou a humanidade e a civilização do aniquilamento e da destruição. Os povos não esquecerão nunca que foram os esforços conjugados das três grandes potências — a União Soviética, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — que asseguraram a definitiva derrota do inimigo. É por isso que insistem obstinadamente no prosseguimento da colaboração entre essas três grandes potências, depois da guerra.

Essa colaboração do pós-guerra deu desde já importantes resultados. Temos primeiramente a Conferência da Crimeia, onde foi decidido, entre outras coisas, que «o estabelecimento da ordem na Europa e a reorganização da economia nacional se deverão realizar de forma a permitir aos povos libertados suprimir os derradeiros vestígios do nazismo e do fascismo e criar instituições democráticas de sua própria escolha». Da mesma forma a Conferência de San Francisco ([25]), que lançou as bases da Organização das Nações Unidas, bem como a Conferência de Potsdam, onde os dirigentes das três grandes potências chegaram a um acordo sobre os mais importantes problemas respeitantes à Europa e ao mundo inteiro, especialmente sobre a questão da política comum para com a Alemanha. As decisões das Conferências da Crimeia, de San Francisco e de Potsdam exercerão indubitavelmente também no futuro uma influência preponderante na vida dos povos.

Surgiram, contudo, e de forma particularmente grave, certas dificuldades na recente Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Londres. A este respeito, o ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, Molotov, declarou por ocasião do 28.° aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro:

> «A solidariedade da coligação anti-hitleriana anglo-soviético-americana edificada durante a guerra está actualmente a ser posta à prova. Esta coligação será efectivamente tão forte e estará tão apta para as deci-

sões conjuntas nas novas condições, no momento em que agora surgem incessantemente os novos problemas do período do pós-guerra? O fracasso da Conferência dos cinco ministros em Londres foi já como que um aviso a este respeito. Contudo, existiam já dificuldades na coligação anglo-soviético-americana também durante a guerra. No entanto, a coligação das três potências conseguia, mesmo sem ser logo à primeira, encontrar a solução apropriada para as questões imediatas, no interesse de toda a coligação anti-hitleriana dos países grandes e pequenos, considerando também a necessidade do ulterior reforço da colaboração entre as grandes potências democráticas.»

O desejo de preservar esta colaboração, que corresponde aos interesses dos povos, está também patente nos discursos dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos — Burnes, e da Grã-Bretanha — Bevin. Testemunha-o igualmente a mensagem especial recentemente enviada pelo presidente dos Estados Unidos — Truman — a Estáline.

Especula-se muito sobre as dificuldades e divergências existentes entre as grandes potências. A reacção edifica todos os seus planos antinacionais sobre uma eventual desagregação da coligação anglo-soviético-americana. Pode-se afirmar que as dificuldades actuais serão também superadas, visto os povos aspirarem à paz e serem resolutamente contra a cisão da grande coligação democrática, que soube resistir a todas as provações da guerra e tem a possibilidade de resistir da mesma forma aos transes do pós-guerra.

Um outro aspecto característico da situação internacional é o que constatamos em todos os países europeus, isto é, a crescente luta das massas populares pelo estabelecimento de uma ordem democrática sólida e a restauração da economia nacional desses países sobre a base dos princípios democráticos.

Apesar de toda a demagogia e das intrigas da reacção, as forças democráticas aumentam por toda a parte, nalguns países mais rapidamente, noutros mais lentamente, e é a elas que pertence o futuro. Os povos não querem de forma alguma

ver regressar o passado, o estado de guerra. Declaram-se decididamente pela democracia, não por palavras, mas por acções. São resolutamente contra toda a reacção, toda a agressão, toda a preparação de novas guerras de pilhagem. É o que se manifesta nos resultados das eleições que ultimamente se efectuaram em numerosos países.

Em França, os comunistas encontram-se à frente, como o mais forte partido do povo francês. Os restantes partidos democráticos registam também grandes êxitos. A esmagadora maioria do povo francês está a favor da democracia. Na Finlândia, onde as forças democráticas acabam de sair da clandestinidade, a Frente democrática regista grandes êxitos. Na Dinamarca observa-se uma forte corrente geral para a esquerda. Na Hungria, onde a reacção desenvolveu todos os seus esforços para derrubar a Frente democrática da independência, a Frente mantém-se e formou mesmo, depois das eleições, o seu novo governo.

Mas o êxito mais espectacular regista-se na Frente Popular na Jugoslávia. Mais de 90 por cento dos eleitores votaram na Frente Popular, contra a oposição reaccionária que na Jugoslávia, tal como a nossa própria oposição, boicotou as eleições.

O povo búlgaro pode, melhor do que qualquer outro, regozijar-se com razão da brilhante vitória da Frente popular na Jugoslávia irmã. A sua vitória é também a nossa vitória, visto fortalecer ainda mais a nossa amizade, consolidar a democracia e a paz nos Balcãs.

Deve ver-se um sinal do tempo no reforço da amizade entre os países eslavos — Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia, Bulgária. Unidos pelos laços de uma estreita amizade para com o grande povo russo, os povos pacíficos eslavos podem desempenhar e desempenharão sem dúvida um grande papel na consolidação da paz na Europa e na criação de uma barreira poderosa contra toda a possibilidade de agressão no futuro, bem como de todo o atentado à sua liberdade e independência. A Bulgária nova e o nosso povo escolheram o seu lugar ao lado das forças democráticas nos Balcãs, na Europa e no mundo.

Qual é a nossa política externa nacional? Pode formular-se clara e simplesmente do seguinte modo:

A política externa da Bulgária nova é uma política de paz, de amizade e de cooperação com todos os povos democráticos amantes da liberdade. A Bulgária apoia sinceramente a Organização internacional, a fim de assegurar a paz e a segurança, cujas bases foram assentes em San Francisco.

A linha fundamental da política externa búlgara é a indefectível amizade, sincera e consequente, para com a União Soviética, para com o grande povo russo, por duas vezes nosso libertador.

O povo búlgaro experimenta a mais profunda gratidão e sincero reconhecimento para com o povo soviético que libertou a Bulgária do jugo germano-fascista e pelo enorme auxílio moral, político e material que a União Soviética lhe concede para a reconstrução económica da Bulgária e a resolução da sua situação internacional.

A nossa política externa é a política das mais estreitas relações fraternas para com a nova Jugoslávia federativa, da unidade dos povos eslavos na defesa da sua liberade e da sua independência, contra toda a forma de agressão. A política externa da Frente da Pátria orienta-se simultaneamente de forma determinada e consequente para o estabelecimento de boas relações com todos os nossos vizinhos, de amizade com todos os povos amantes de liberdade, com os povos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

É com a consciência da mais completa responsabilidade que tomo a liberdade de declarar que só a Frente da Pátria se encontra à altura de estabelecer e assegurar as relações duradouras, normais e amigáveis entre a Bulgária, por um lado, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, por outro. Como só ela representa a esmagadora maioria do povo búlgaro, só ela pode restabelecer e consolidar dentro dos mais curtos prazos a economia do país, só ela pode desenvolver uma política exterior consequente. Os grupos da oposição, pela sua natureza e política de intrigas e de conciliábulos, não estão à altura de criar relações de amizade duradouras entre a Bulgária e o estrangeiro que possam corresponder à dignidade e aos interesses do povo búlgaro, sobre a base da cooperação entre as grandes potências e o interesse da paz nos Balcãs, na Europa e no mundo inteiro.

A sinceridade da política externa da Frente da Pátria confirma-se através dos seus actos. Estamos profundamente convictos que a atmosfera de desconfiança que subsiste ainda em determinados meios do estrangeiro para com a nova Bulgária democrática e que com tanto zelo e tão pouco escrupulosamente é alimentada pela nossa oposição insolente, não poderá prolongar-se por muito tempo.

7. *QUAIS AS TAREFAS COM QUE DEPARA O POVO BÚLGARO*

Caros eleitores e eleitoras!

São numerosas as tarefas com que depara o nosso povo e a próxima Assembleia Nacional, e que aguardam solução. Mas as mais importantes são as seguintes:

1. Retirar o país da situação económica e financeira difícil para que o arrastaram os agentes alemães e os traidores da nação; restaurar a economia nacional e assegurar o impulso económico do país.

2. Elevar o nível material e cultural do nosso povo, particularmente da classe operária, dos camponeses, dos artesãos, da «intelligentsia» oriunda do povo, dos empregados e dos nossos valorosos militares.

3. Assegurar a independência nacional e a soberania da Bulgária, através do definitivo regulamento da sua situação interna e internacional e da conclusão de uma honrosa paz.

São numerosos aqueles que perguntam se é possível estabelecer-se uma cooperação, depois das eleições para a Assembleia Nacional, entre a Frente da Pátria e determinados grupos e homens políticos não fascistas que não fazem parte da Frente da Pátria. Penso que não é de excluir uma tal cooperação, que ela é mesmo possível, em determinadas condições. Tudo dependerá, acima de tudo, da conduta e da actuação desses grupos e desses homens. Seria possível uma tal coope-

ração, por exemplo, desde que subordinada a certas condições essenciais, em especial:

Primeiro: Que reconheçam a insurreição popular antifascista de 9 de Setembro que salvou o país de incalculáveis calamidades, que assentou as bases de um regime democrático e que abriu o caminho ao desenvolvimento livre e democrático da Bulgária.

Segundo: Que reconheçam a necessidade histórica da Frente da Pátria, como união das forças antifascistas e democráticas do povo.

Terceiro: Que cessem de desempenhar o papel de guarda-vento ou de centro de reagrupamento dos elementos fascistas e outros reaccionários na sua luta contra a Frente da Pátria e que rompam as suas relações com os grupos reaccionários estrangeiros.

Quarto: Que estejam prontos a trabalhar efectivamente para consolidar o regime democrático parlamentar, a fim de assegurar a independência e a dignidade nacionais e a soberania da Bulgária contra toda e qualquer ingerência do exterior.

Para a resolução dos problemas internos e internacionais da Bulgária, nós, comunistas, estamos prontos a avançar a par com todos aqueles que pretendem trabalhar sincera e honestamente para a edificação da nova Bulgária democrática. Mas como se poderá pedir a nós, comunistas, e à Frente da Pátria, para cooperar com grupos que conspiram contra a unidade patriótica do povo, que tudo fazem para demolir e minar a obra histórica de libertação de 9 de Setembro; que procuram entravar por todas as formas a reconstrução económica do país; que impedem a sua normalização completa, boicotando as eleições legislativas; que consideram que quanto mais difícil for a situação do país, tanto no interior como no exterior, melhor servirá os seus planos visando o poder; que se aliam aos grupos reaccionários fora da Bulgária e se esforçam por provocar a ingerência exterior nos nossos assuntos internos; que calcam aos pés, sem qualquer cerimónia, a nossa dignidade nacional e a honra do povo búlgaro. Como se poderá querer colaborar com eles? Julgai por vós próprios!

8. *AVANTE RUMO À VITÓRIA DE TODO O POVO*

Caros compatriotas:

A nossa criação popular é rica em sábios provérbios. Permitam-me que vos recorde agora três dentre eles que se revestem para nós, búlgaros, de um valor muito especial:

O primeiro diz: «para cultivar a vinha não é preciso rezar. mas sim cavar».

O segundo diz: «faz-se a cama onde se há-de deitar».

O terceiro diz: «a união pode remover montanhas».

Traduzidos na linguagem comum, dentro do espírito da situação interna e internacional actual, estes provérbios populares significam o seguinte para o povo búlgaro:

Primeiramente, trabalho, ainda mais trabalho, sempre trabalho — um trabalho produtivo e útil à sociedade;

Em segundo lugar, uma confiança inabalável nas suas próprias forças nacionais;

Em terceiro lugar, a unidade nacional indestrutível contra o fascismo, contra os elementos mal intencionados para com o nosso país, tanto no interior como no exterior; unidade nacional inabalável para a edificação de uma Bulgária livre, independente, democrática e forte.

Não há nem pode haver uma força capaz de desviar o nosso povo da única via boa e salutar — a via da Frente da Pátria. O povo sabe que a Frente da Pátria pode eventualmente perder estes ou aqueles elementos mais fracos, que receiam as dificuldades, mas a Frente da Pátria persistirá e subsistirá, enquanto novas forças honestas, antifascistas e patrióticas do nosso povo nela se virão integrar. O povo búlgaro está firmemente decidido a suportar *hoje* todas as inevi-

táveis privações e dificuldades, todos os sacrifícios, a fim de consolidar a todo o custo a sua liberdade e a sua independência, a sua soberania, a fim de assegurar o seu *amanhã* próspero e o seu futuro melhor. Sabe bem que não existem nem podem existir outras forças sociais e políticas fora da Frente da Pátria capazes de dirigir com firmeza e segurança a reconstrução democrática, a restauração económica, o desenvolvimento do país, a favorável resolução da sua situação internacional. O povo búlgaro aguentou demasiados governantes venais, demasiados agentes estrangeiros, possui uma enorme e amarga experiência do passado para que possa deixar fugir agora o seu destino, seja sob que pressão for, de entre as suas mãos viris e trabalhadoras. Vira as costas desdenhosamente às intrigas e provocações dos políticos falidos, ávidos de poder e de riquezas, aos cortesãos, servidores do regime pessoal do rei e defensores do fascismo e da reacção de todos os tipos, que se não querem render à evidência de que depois de 9 de Setembro a antiga Bulgária fascista deixou de existir, sendo substituída agora por uma nova Bulgária, democrática, onde já não é a camarilha do Palácio mas o povo quem governa.

Quero dirigir um ardente apelo aos eleitores e eleitoras de todo o país e em especial às habitantes das cidades e das aldeias, aos jovens, aos oficiais e soldados que irão votar pela primeira vez nestas eleições:

Cumpram dignamente o vosso dever sagrado, entreguem conscientemente o vosso boletim a bem da salutar obra da Frente da Pátria, pelo vosso próprio bem-estar, pela felicidade da nossa bela pátria!

Avante, rumo à vitória de todo o povo sobre os elementos reaccionários e mal intencionados para com a Bulgária nova!

Viva a unidade de combate antifascista e patriótica do nosso povo!

Viva a amizade dos operários e camponeses!

Viva a Frente da Pátria!

Viva a Bulgária livre, independente, poderosa e democrática e o seu povo viril, amante do trabalho e da liberdade!

Glória eterna aos heróis caídos na luta pela liberdade e honra da nossa pátria!

A obra da Frente da Pátria é uma obra popular. É uma obra justa. Ela vencerá, contra tudo e todos!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 360,
de 16 de Novembro de 1945.

Tradução abreviada do texto
de: J. Dimitrov, *Obras*, t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 295-325.

A FRENTE DA PÁTRIA — APOIO E FORÇA MOTORA

EXTRACTO DO DISCURSO DE ENCERRAMENTO PRONUNCIADO PERANTE O IX PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS), A 14 DE DEZEMBRO DE 1945

Como compreendem, as decisões adoptadas na sessão de hoje são de excepcional importância para a política geral e para os problemas internos do Partido. A convocação da Assembleia Nacional, o trabalho que lhe cabe e a sua própria importância colocam-nos perante uma série de problemas relativos à realização dessas mesmas decisões. É preciso não esquecer que a Frente da Pátria, o seu Comité Nacional e os comités locais representam, na sua qualidade de movimento popular, o apoio e a força motora não só do Parlamento como também do governo e de todo o nosso desenvolvimento democrático. É preciso não admitir o mínimo afrouxamento no trabalho dos comités da Frente da Pátria, sob o pretexto de termos hoje a Assembleia Nacional, visto isso poder vir a representar um sério retrocesso na presente situação. Isso significaria levar a água ao moinho da reacção. Poderia exercer uma influência desencorajadora nas massas populares e engendrar, se o admitíssemos, o enfraquecimento das posições da Frente da Pátria, na sua qualidade de força dirigente principal, social e política do nosso povo. É preciso, pelo contrário, animar mais ainda as actividades do Comité

Nacional da Frente da Pátria e de todos os comités locais, mostrando-lhes a orientação que deverão seguir. O essencial seria estar alerta para que tanto o Comité Nacional como os comités locais conservem, apoiem e desenvolvam não só a colaboração entre os partidos que o compõem, como também a unidade das massas populares das cidades e aldeias, das fábricas, dos campos e de todo o país.

A primeira e principal tarefa do Comité Nacional e dos comités da Frente da Pátria é conservar e reforçar a unidade do povo contra a reacção, a fim de assegurar a liberdade e a democracia do nosso país.

A segunda tarefa de choque é empreender iniciativas práticas e mobilizar as massas para um trabalho criador que tenda à realização do programa da Frente da Pátria. Os comités da Frente da Pátria devem ocupar-se igualmente dos problemas que levantamos na imprensa, como o do aquecimento, da forragem, bem como de uma grande quantidade de problemas concretos e práticos. Contamos com o trabalho útil e benéfico para o povo da actual Assembleia, verdadeiramente nacional. Mas não devemos esquecer que a nossa grande esperança reside nas forças do povo, da Frente da Pátria, que contamos principalmente connosco próprios, como partido de trabalhadores. Daqui resulta ser necessário não subestimar nem exagerar o nosso trabalho no Parlamento, não esquecendo nunca, contudo, que as raízes das forças populares se situam fora do Parlamento.

O Parlamento é um instituto representativo e legislativo. Não se pode encarregar das funções da Frente da Pátria que dirige o destino do povo. É preciso que pensemos a sério na aplicação das medidas que poderiam vir a consolidar no futuro os órgãos da Frente da Pátria. Esses órgãos não estão ainda suficientemente consolidados, e até a própria questão da sua manutenção se encontra em princípio ainda por resolver. Existem diversos pontos em que a sua constituição não está satisfatória e claro está que se não podem deixar as coisas tal qual estão. É preciso fazer com que esses órgãos, não só o Comité Nacional, como também os comités das cidades e das aldeias, se reforcem como órgãos populares — plenos de iniciativas, mobilizando, controlando e trabalhando. Esta tarefa não está ainda definitivamente resolvida. É necessário que, partindo

da nossa anterior experiência, bem como de numerosas fraquezas e erros até hoje verificados, se realizem ainda numerosos empreendimentos práticos, a fim de se cumprir essa tarefa.

A segunda questão que eu gostaria de abordar é a das relações com os nossos aliados. Não quero repetir o que já se disse anteriormente, mas cada um de nós deve compreender que somos um partido dirigente. Alguns camaradas não se compenetraram ainda que carregamos com a enorme responsabilidade do destino do povo, na nossa qualidade de partido dirigente que representa principalmente a classe operária e as massas dos trabalhadores. É verdade que somos um partido do governo, mas não somos o único. Governamos a par com outros partidos, nossos aliados no seio da Frente da Pátria. Não podemos prescindir deles, tal como eles não podem prescindir de nós. No decorrer deste período, é necessário e inevitável governar colectivamente. E já que se torna necessário que colaboremos com os nossos aliados com base numa plataforma comum, que responda aos interesses fundamentais do nosso povo, é preciso que aprendamos a colaborar de forma razoável. Devemos aceitá-los como são e não como desejaríamos que fossem. Eles não podem agir e comportar-se sempre como nós, comunistas. Os partidários das leis agrárias, os aderentes ao grupo político Zvéno, os sociais-democratas, os radicais — eis os nossos aliados no seio da Frente da Pátria. Mas as suas aspirações políticas, a sua mentalidade, o seu próprio programa de partido não coincidem sempre com os nossos. Não podemos deixar de considerar este aspecto. Existem elementos nocivos que minam a unidade da Frente da Pátria e que são em geral contra toda a colaboração com os comunistas. Contudo, a maioria deles são a favor dessa colaboração.

Julgamos os nossos aliados e repartimo-los consoante sejam pela unidade da Frente da Pátria e pela colaboração com o nosso Partido, ou então como pessoas que, por esta ou aquela razão, são contra toda a espécie de colaboração com o nosso Partido. É precisamente aí que se situa a linha de marcação. Trabalharemos a par com aqueles que sejam pela colaboração, apesar de todas as suas fraquezas, e seremos contra aqueles

que não querem colaborar connosco e que são contra a Frente da Pátria.

É preciso compreender a necessidade de conservar e reforçar o mais possível a unidade da Frente da Pátria. É necessário criar uma sólida unidade no seio da Frente da Pátria, do exército, nas aldeias, entre a «intelligentsia» e em todo o aparelho de Estado. O contrário apenas pode ser apoiado por fantasistas, sectários incorrigíveis, anarquistas, trotskistas e outros elementos estrangeiros que se insinuaram nas fileiras do nosso Partido. A colaboração pressupõe a possibilidade de concessões mútuas, mas no sentido da realização do programa da Frente da Pátria e dentro do espírito de entendimento que visa o progressivo avanço do povo para a frente, e não no do retrocesso. A linha geral da Frente da Pátria não suporta concessões. A colaboração implica uma crítica recíproca e uma autocrítica. É preciso, claro está, criticar na imprensa e oralmente, principalmente a tendência de certos especuladores para obterem vantagens pessoais, em detrimento do povo, das suas funções e do poder da Frente da Pátria. Esta crítica não pode quebrar e não quebrará a nossa colaboração.

O papel do nosso Partido no seio da Frente da Pátria é particularmente importante. O nosso Partido deve ser composto por elementos exclusivamente honestos e dedicados à classe operária e ao povo.

O Partido deve elevar o nível ideológico e político dos seus quadros e dos seus membros. Deve estar ainda mais e melhor unido que anteriormente, visto uma grande parte dos seus membros, por serem novos, deverem de agora em diante aliar-se ao Partido a fim de formarem um todo monolítico.

É especialmente importante para nós prepararmos o melhor possível os nossos quadros e, sobretudo, especialistas, pessoas que conheçam bem os problemas económicos e outros — os problemas militares, ou os problemas respeitantes à instrução pública, quadros que se situem bem no lugar devido, susceptíveis de se aperfeiçoarem e de se desenvolverem. Devemos aprender a bem governar o Estado. No passado fomos oprimidos, sem termos a possibilidade de adquirir essa aptidão. É preciso que aprendamos a construir, visto não termos sido no passado construtores. Devemos aprender a organizar e a dirigir empresas e estabelecimentos. Devemos estar em condições de elevar o nível cultural do país, devemos possuir quadros susceptíveis de se desenvolverem e não quadros que não suportem críticas quando cometem erros. Esses quadros devem empenhar-se no trabalho, enquanto estudam incansavelmente e trabalham na sua qualificação, de manhã à noite; devem prestar atenção às críticas dos camaradas, às críticas do Partido. Não podemos tolerar no nosso Partido mexeriqueiros nem palradores nos cargos dirigentes. Os amotinadores e pregoeiros são estranhos ao nosso Partido. Necessitaremos, nos próximos momentos difíceis, de pessoas activas, laboriosas, criadoras, pessoas que saibam reflectir. Precisamos de quadros fiéis ao Partido e dedicados ao povo e que avancem denodadamente. Não podemos tolerar no seio do Partido pessoas que praticam a corrupção, seja qual for o seu lugar na hierarquia ou o posto que ocupem. É preciso que nos desembaracemos desses elementos depravados, é necessário expulsá-los do Partido e entregá-los à Justiça. A fim de se preservar o nosso Partido de influências nefastas, é preciso possuir uma atitude bolchevique severa, direi mesmo rigorosa, para com estes problemas. Os inimigos subornam astuciosamente, desmoralizam, aproveitam-se das fraquezas de alguns camaradas, nos ministérios, nas instituições, em todo o lado. Os meios reaccionários elogiam, subornam directa ou indirectamente e tendem a desmoralizar. É preciso levantar uma barreira de ferro para preservar o Partido.

Existe também um outro perigo para nós, como Partido dirigente: não nos podendo atacar abertamente, os nossos inimigos tentam minar o nosso Partido no seu próprio interior, recrutando os seus agentes entre os nossos camaradas através de palavras de ordem demagógicas e esquerdizantes.

É preciso, para se evitar esse perigo, reforçar muito solidamente a nossa moral de Partido, a nossa disciplina de Partido, guardar como a menina dos nossos olhos a honra do Partido. O pior crime para um comunista é denegrir não só o Partido como a si próprio. É preciso possuir-se uma disciplina de ferro, desempenhar rigorosamente as resoluções do Partido, submeter os interesses pessoais aos interesses do Partido.

É preciso também consolidar a unidade moral e política do nosso Partido. O nosso Partido não pode de forma alguma

consentir qualquer fracção antipartido de grupos e agrupamentos, seja qual for a máscara com que ajam.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 395, de 24 de Dezembro de 1975.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XI. Edições do P. C. B., 1951, pp. 380-385.

A OBRA DE 9 DE SETEMBRO É UMA OBRA HISTÓRICA

DISCURSO PRONUNCIADO NA ASSEMBLEIA NACIONAL A 25 DE DEZEMBRO DE 1945

Senhoras e Senhores Deputados:

A primeira palavra a pronunciar do alto desta tribuna, ao abrirmos os debates sobre o discurso do trono, não pode deixar de ser do mais profundo reconhecimento, o reconhecimento de todo o povo para com esses inúmeros homens, mulheres e jovens que lutaram corajosamente contra a ditadura monarco-fascista durante dois decénios, reconhecimento para com os gloriosos guerrilheiros e para com os intrépidos patriotas do exército búlgaro que asseguraram a vitória da Insurreição Popular de 9 de Setembro de 1944. O nosso povo não poderá nunca esquecer os seus heróis, caídos na luta pela liberdade, pela honra e independência da pátria. As novas gerações do povo inspirar-se-ão na sua brilhante recordação e seguirão o seu exemplo heróico.

A obra de 9 de Setembro, tal como foi justamente salientado no discurso do trono, é uma obra histórica. A Insurreição de 9 de Setembro, organizada e dirigida pela Frente da Pátria, salvou o nosso país da catástrofe nacional que o ameaçava e o nosso povo de sofrimentos e calamidades incuráveis. Se no início do mês de Setembro se tivessem deixado continuar no poder os governantes que tentavam a todo o custo salvar o antigo regime decadente, a Bulgária teria

inevitavelmente sofrido, como satélite da Alemanha, a terrível derrota desta última. O acto histórico de 9 de Setembro livrou-nos de uma sorte tão ignominiosa como trágica. O povo expulsou energicamente do território da Bulgária o poder fascista traidor e antipopular e criou o seu poder popular representado pela Frente da Pátria. A Bulgária alinhou resolutamente ao lado da coligação anti-hitleriana e participou activamente no definitivo aniquilamento do inimigo teutónico, inimigo figadal dos eslavos e de toda a humanidade progressista. Foi à custa de um grande número de vítimas e com o sangue do povo que se lavou a nódoa de desonra com que a monarquia e os dirigentes fascistas — agentes do estrangeiro e traidores do povo — haviam marcado a fronte da nossa nação.

O 9 de Setembro abriu uma nova era na nossa história — a era da democracia real, a era da Frente da Pátria. Esta nova era caracteriza-se não só pelo facto de o governo fascista ter sido substituído por um outro, por um governo popular. As pessoas superficiais têm tendência para ver apenas esta mudança. Na realidade, com o 9 de Setembro realizou-se não só a modificação do governo, como também uma profunda alteração de regime.

É verdade que a nossa ordem social se mantém, como anteriormente, uma ordem baseada no princípio da propriedade privada, pelo que as antigas classes e camadas sociais permaneceram com os seus interesses particulares. Contudo, e dentro do âmbito dessa ordem social, foi criado no lugar do regime fascista um novo regime democrático. Interveio uma mudança radical nas relações das forças sociais e no seu papel no Estado, bem como na vida social, política, económica e cultural do país. O mais característico nesta mudança é o facto de o poder do Estado ter sido arrancado, pela insurreição popular, das mãos da camarilha de especuladores e de grupos de rapina de grandes capitalistas, reunidos em redor da Corte e ligados por um cordão umbilical ao imperialismo alemão, a fim de passar para as mãos do povo, da sua Frente da Pátria, isto é, para as mãos da aliança de combate da classe operária, dos camponeses, dos artesãos e da «intelligentsia» oriunda do povo. Os industriais e os comerciantes progressistas alinham também nesta aliança.

O leme da direcção passou para as forças sociais novas, sãs e criadoras.

Homens novos, homens do povo tomaram nas suas mãos as rédeas do poder. Por terem servido fielmente o povo, a maioria de entre eles foi cruelmente perseguida no passado pelos antigos regimes fascistas e reaccionários. Nas prisões ou campos de concentração, nos destacamentos de guerrilheiros ou como militantes da Resistência, sofrendo privações e sofrimentos inauditos, reforçaram ainda mais a sua vontade, o seu patriotismo e a sua resolução de trabalhar e lutar pelo bem-estar do povo e pela prosperidade da Bulgária. Vieram para o governo do Estado, bem como para os órgãos da Frente da Pátria e dos seus partidos, homens novos, dotados, que odeiam o incapaz e antipopular antigo regime e que estão prontos a dedicar agora as suas forças e capacidades à Bulgária nova, democrática. Uma multitude de pessoas — homens, mulheres e jovens que asfixiavam sob o antigo regime, despertaram para uma vida política activa e para actividades benéficas para o povo.

Esse poder de Estado reveste-se hoje de um novo conteúdo democrático-popular. Em vez de servir de instrumento para escravizar as massas populares e espoliar o seu trabalho, o novo poder de Estado é um poder popular chamado a servir o povo e unicamente o povo. A sua missão é trabalhar para garantir os direitos e as liberdades do povo, para lhe assegurar trabalho, alimentação, vestuário e habitação, para levar a bom termo as transformações democráticas necessárias, para trabalhar por todas as formas para o levantamento e desenvolvimento da economia nacional assente sobre princípios democráticos, no interesse do povo e não de determinados grupos de especuladores e parasitas, de firmas e de cartéis. Não é em último lugar, claro, que o governo popular é chamado a criar as necessárias condições para um trabalho duradouro, pacífico e fecundo do povo, em vez de explorar as forças e recursos populares para participar em guerras de aventura e de rapina.

É evidente que existe um abismo entre a Bulgária monarco-fascista e a Bulgária nova, democrática, a Bulgária da Frente da Pátria. Ocorrem depois do 9 de Setembro profundas alterações na estrutura social e económica. Outros

factores, os factores populares, tornam-se predominantes. A Bulgária embrenhou-se e avança numa via completamente nova — a via da democracia, de forma alguma formal ou falsa, mas sim da democracia real. As duas grandes forças produtoras — os operários e os camponeses — e a sua indissolúvel amizade, constituem a espinha dorsal desta democracia. Os elementos fascistas, reaccionários e parasitas não podem mais ditar a última palavra no governo do país. Já não são a sua vontade, os seus interesses grosseiros e egoístas e os dos seus protectores no estrangeiro, como acontecia no passado, mas sim a vontade e os interesses do povo, de todo o povo, os interesses do Estado e do país que se transformaram na lei suprema e inviolável da nossa vida social, política, económica e cultural, bem como da nossa política externa.

Temos agora um novo Estado em vias de edificação e de consolidação como Estado de democracia popular.

É precisamente nesse factor que reside, sobretudo, o sentido profundo da obra histórica do 9 de Setembro. Não basta reconhecer e louvar essa obra, mas é preciso também apreciar o seu justo valor, a fim de se tirarem conclusões práticas com vista ao desenvolvimento democrático e à expansão do nosso país.

Senhoras e Senhores Deputados!

Todos nós sabemos que é preciso ainda limpar muitos estábulos de Áugias, para que o nosso Estado se torne totalmente democrático. Não se pode limpar de repente tudo o que existe de podre, tudo o que foi acumulado ao longo dos decénios no aparelho de Estado e na nossa vida social, económica e cultural. Estão ferrugentos um grande número de elos da máquina do Estado, pelo que não correspondem já às necessidades dos novos tempos e aos seus problemas. As raízes da burocracia e da corrupção são profundas, herdadas do passado, e devem ser cortadas. Muito resta fazer para que os nossos industriais e negociantes não considerem o Estado unicamente sob o prisma dos seus interesses privados. Será também necessário corrigir definitivamente a atitude negativa de outrora das massas populares para com o Estado, plenamente justificada durante o regime fascista, mas que não se coordena já com o nosso Estado de hoje, não fascista, o da Frente da Pátria.

A Frente da Pátria governa o país desde há apenas 15 meses. É um pequeno lapso de tempo. Governa-o numa situação política interna e internacional extremamente difícil, herdada do regime fascista. A Frente da Pátria e o seu governo deveriam sobrepor-se, como se sabe, às intrigas e ataques incessantes e pérfidos dos reaccionários do interior e do estrangeiro. Apesar disso, é um facto incontestável que a Frente da Pátria e o seu governo restabeleceram, reforçaram e alargaram as liberdades e os direitos do povo, realizaram a igualdade política e cívica completa da mulher búlgara, conferiram à nossa juventude o direito ao voto e tornaram possível a participação do nosso exército e do povo na grande guerra de libertação, pela derrota da Alemanha hitleriana; preservaram o país da ruína económica e salvaram a população da fome, apesar do criminoso saque que os alemães exerceram nas nossas riquezas, apesar da seca deste ano; evitaram o perigo de uma catastrófica inflação e mantiveram o leva búlgaro a um nível satisfatório.

É também incontestável que a Frente da Pátria e o seu governo conseguiram suscitar o entusiasmo no trabalho, as forças criadoras e a iniciativa do povo nas cidades e aldeias e avançaram extraordinariamente no caminho do restauro da economia nacional, bem como no domínio da política social e cultural, da saúde e da instrução pública.

Em suma, a grande obra positiva da Frente da Pátria e do seu governo é terem arrancado o nosso país ao terrível isolamento internacional para onde o tinham precipitado o regime fascista pró-alemão, quebraram o gelo que rodeava a Bulgária por todos os lados e abriram o caminho para a resolução favorável e definitiva da sua situação internacional, atribuindo-lhe um lugar digno dela no seio da família dos povos amantes da liberdade.

Pode-se dizer hoje, sem exagerar, que a Frente da Pátria e o seu governo conseguiram no decurso do período mais duro e crítico conduzir o navio da Bulgária por entre os recifes de Cila e Caribdes, pelo que temos razões para acreditar que o saberão conduzir definitivamente a bom porto.

As eleições legislativas de 18 de Novembro, que se desenrolaram numa perfeita ordem, sem precedentes na nossa história política, e na absoluta calma, permitiram aos eleitores búlgaros exprimir a sua verdadeira vontade. A enorme maioria do nosso povo exprimiu a sua vontade de uma forma incontestável e categórica, aprovando sem reservas a obra de 9 de Setembro, bem como o programa e a política da Frente da Pátria. A eleição de uma autêntica Assembleia Nacional, como a Bulgária nunca teve até hoje, é um novo grande passo em frente para a consolidação da situação interna e internacional do nosso país, enquanto que a sua actividade salutar fortalecerá ainda mais, sem sombra de dúvida, as posições do governo popular da Frente da Pátria.

Senhoras e Senhores Deputados!

A radical renovação levada a cabo a 9 de Setembro ainda não terminou, tal como se diz com muita justiça no discurso do trono. É precisamente para o reforçar e abrir definitivamente o caminho ao desenvolvimento democrático ulterior do país, no campo da política económica, social e cultural, bem como no campo das nossas relações internacionais, que se deve convocar a Grande Assembleia Nacional a fim de se selarem na Constituição da Bulgária as transformações sociais e políticas até aqui efectuadas e se criarem as garantias constitucionais e materiais contra todo e qualquer retorno ao vergonhoso e maldito passado.

É preciso em primeiro lugar eliminar da Constituição esses artigos que permitem concluir tratados e alianças nas costas e contra a vontade do povo, precipitando o país para aventuras militares. É preciso também eliminar esses artigos que permitem a uma minoria de elementos ávidos e grandes capitalistas espoliar e conservar sob a sua férula a maioria do povo. A Constituição deve consolidar a igualdade em direitos da mulher búlgara e os direitos da juventude, bem como dos militares. É preciso, claro está, suprimir ao mesmo tempo a instituição monárquica, que sempre foi o centro em redor do qual se unia a reacção para esmagar as liberdades e direitos do povo e utilizar as forças populares para guerras de aventura e de saque. Este facto é tanto mais justificado nas nossas

condições, quanto a dinastia dos Coburgo, primeiro com o rei Ferdinand e depois com o rei Boris, sempre foi uma peça do imperialismo alemão. A sua política antipopular causou duas terríveis catástrofes nacionais ao nosso país, impelindo-o para a beira do abismo, de que foi salvo pela Insurreição Nacional de 9 de Setembro.

Qual o búlgaro sensato e que ame sinceramente o seu país que possa agora elevar a voz para defender a monarquia e a dinastia dos Coburgo?

Não seria supérfluo lembrar a este respeito o programa da Frente da Pátria, publicado durante o Verão de 1942 e adoptado por unanimidade por todas as forças democráticas e antifascistas do nosso país. Enumerando os cometimentos cuja realização pode salvar a Bulgária, o programa da Frente da Pátria conclui nestes termos:

> «A realização dessas tarefas indispensáveis ao nosso povo impõe a formação, no mais breve prazo possível, de um governo verdadeiramente nacional, capaz de conduzir firme e consequentemente a salutar política da Frente da Pátria. É assim que a Frente da Pátria tem por objectivo imediato da sua luta derrubar o governo traidor, antipopular e hitleriano de hoje, a fim de formar um governo verdadeiramente búlgaro. Firmando-se na vontade e apoio de todo o povo búlgaro, esse governo criará igualmente as condições necessárias para a convocação da Grande Assembleia Nacional, que decidirá a forma ulterior do governo da Bulgária e que estabelecerá as garantias constitucionais e materiais necessárias à liberdade, independência e desenvolvimento da nossa pátria.»

Hoje em dia, a questão de uma constituição verdadeiramente popular e democrática está de tal forma implantada na consciência do nosso povo que a transformação da Bulgária em República popular de sistema parlamentar não pode de forma alguma deparar com sérias objecções. A futura Assembleia Nacional desempenhará com dignidade o seu papel histórico, proclamando a Bulgária uma República popular.

Senhoras e Senhores Deputados!

Desde o 9 de Setembro que se fez muito pela liquidação do regime fascista. É contudo errado pensar-se que o perigo fascista para o povo e o país se encontra definitiva e irreversivelmente afastado. Aqueles que afirmam que depois do severo e justo castigo com que o Tribunal do povo condenou os chefes do fascismo, os traidores do povo, o fascismo já não existe no nosso país, estão sem dúvida a prestar um mau serviço ao nosso povo. É prejudicial fechar-se os olhos perante o facto de existirem ainda forças reaccionárias no interior apoiando o fascismo, não abertamente, claro está, mas sob diversas formas, mais ou menos disfarçadas.

Existem também círculos reaccionários no exterior interessados na restauração do fascismo. Os elementos especuladores e espoliadores detêm ainda posições económicas importantes e estão em contacto com os meios reaccionários internacionais. São esses elementos que criam novamente as suas representações políticas sob a forma de diversos grupos de oposição. Recrutam advogados a quem pagam caro para defenderem os seus negócios de especulação e de mercado negro. Com o intuito de influenciarem a seu favor determinados meios, sobretudo os meios hesitantes da «intelligentsia», tentam aproveitar de todas as formas as dificuldades económicas, de abastecimento e outras que o nosso povo é obrigado a suportar neste momento. Tentam impedir com todos os seus esforços a normalização da situação interna e internacional do país. Não contando com o apoio do povo, os reaccionários agem disfarçados, organizam sabotagens económicas, bandos terroristas, preparam actos terroristas e de diversão, agindo em colaboração com os inimigos da Bulgária no estrangeiro. A imprensa da oposição serve-lhes de tribuna legal e constitui um viveiro de arruaças e vírus nocivos. Não nos deitemos pois a dormir, estejamos vigilantes e oponhamos uma resistência decisiva!

Que meios é necessário empregar para desenraizar as sequelas do regime fascista, para impedir a restauração do fascismo e reforçar de forma definitiva a nova ordem democrática no nosso país?

O primeiro meio é, sem dúvida, a ainda mais estreita união das forças sociais antifascistas, democráticas e progressistas da Frente da Pátria, única organização social e política capaz de assegurar ao povo a possibilidade de continuar a ser senhor do seu próprio destino, em todas as circunstâncias.

O segundo meio é promover uma política económica que viria a afastar da nossa vida social e económica o capital parasita e especulador e que estimularia de forma eficaz os industriais e os comerciantes patriotas que participam conscienciosamente na recomposição da nossa economia nacional; uma política económica tal que viria a desenvolver e consolidar sistematicamente o sector de Estado e cooperativo na nossa economia nacional, a fim de acelerar o incremento económico do país e melhorar o mais rapidamente possível a situação material e cultural dos trabalhadores das cidades e dos campos.

Encorajando-se a sã iniciativa privada no campo da indústria, dos ofícios, do comércio e da agricultura, torna-se necessário introduzir a maior planificação possível no desenvolvimento dos diversos ramos da agricultura e na exploração e utilização de todas as riquezas nacionais do solo e do subsolo. Além disso, o Estado deve desempenhar não só o papel do factor regulador e de controle da nossa economia, como deve expandir ele próprio os grandes empreendimentos económicos de importância nacional que, pelas suas dimensões e características, não são naturalmente do âmbito da iniciativa privada.

Nas condições em que se encontra a nossa agricultura, dividida em pequenas explorações agrícolas, a sua correcção exige, por um lado, um sério auxílio a prestar tanto pela sociedade como pelo Estado aos produtores agrícolas activos e, por outro lado, o desenvolvimento das cooperativas de produção sobre um princípio benévolo, que permitiriam utilizar as máquinas agrícolas modernas e aplicar amplamente as aquisições da ciência agronómica. Uma reforma agrária cuidadosamente preparada e bem estudada, assim como a garantia de preços justos para os produtos agrícolas, exerceria incontestavelmente uma favorável influência sobre o campo búlgaro, permitindo fazê-lo sair da miséria e das trevas a que o tinham reduzido os regimes anteriores, e ajudaria os pro-

dutores agrícolas a desembaraçarem-se dos especuladores e espoliadores dos frutos do seu trabalho.

O terceiro processo é a indissolúvel união entre a Frente da Pátria, a Assembleia Nacional da Frente da Pátria e o governo da Frente da Pátria, nas suas actividades práticas e fecundas pela harmoniosa consolidação do regime democrático no país e pela incessante educação política do povo, sobretudo das suas gerações novas, dentro do espírito democrático; pela satisfação das necessidades vitais da população da cidade e do campo; para se arrancar o nosso país do marasmo financeiro e económico para que o arrastou o antigo regime fascista; para erguer o poder económico, político e nacional da nova Bulgária.

É preciso não esquecer, além disso, que a Assembleia Nacional e o governo, bem como todo o poder popular da Bulgária da Frente da Pátria, provêm do povo, apoiam-se no povo e é às massas populares e seus partidos políticos e organizações sociais, unidos no seio da Frente da Pátria, que vão buscar as suas forças.

Sem a Frente da Pátria, no período histórico actual, não poderia haver liberdade real no nosso país, não poderia existir verdadeira democracia; não se asseguraria ao povo búlgaro a possibilidade de ser senhor do seu destino, assim como se não poderia garantir a independência nacional e a soberania do nosso país.

Sem a Frente da Pátria, as camadas reaccionárias, entre nós parasitas, poderiam aproveitar-se das suas posições económicas, dos seus capitais, das suas riquezas, das suas relações com os seus consórcios e cartéis estrangeiros, a fim de tentarem impor-se de novo ao povo e fazer retroceder o país.

Senhoras e Senhores Deputados!

O governo da Frente da Pátria, tal como se indica igualmente no discurso do trono, fez sem dúvida muito pelo povo e pelo país. Tomou e toma medidas a fim de aliviar a situação das massas activas da cidade e do campo. Mas a situação é ainda muito difícil.

No entanto é preciso não esquecer que o poder popular difere e deve diferir do poder fascista reaccionário sobretudo

no facto de assegurar não só a liberdade e os direitos ao povo, como de trabalhar incessantemente pelo maior melhoramento possível da sua situação material e cultural e, acima de tudo, pelo bem-estar das principais camadas produtivas do povo — a classe operária, os camponeses e os artesãos.

Cabe à Assembleia Nacional, assim como ao governo e a todos os órgãos da Frente da Pátria, tomar a este respeito medidas concretas, decisivas e rápidas para fornecer à população o combustível, o alimento e o vestuário; ao gado, a forragem; às quintas cooperativas, as sementes, os adubos, as alfaias agrícolas; aos artesãos e à indústria, os materiais. Cabe-lhes tomar medidas pelo incremento cultural do nosso campo; medidas pela protecção da mãe e da criança; pelo desenvolvimento do ensino e da instrução pública; medidas para melhorar a legislação socialista e a protecção do trabalho.

É preciso utilizar também neste sentido todos os recursos existentes, desenvolver as iniciativas da população, de todas as organizações profissionais e culturais, utilizar racionalmente o trabalho nacional.

É necessário também melhorar a situação material dos operários e dos funcionários, que continua a ser difícil. Sem um tal melhoramento, é inconcebível obter-se um sério e duradouro aumento da produtividade do trabalho, tão necessário à restauração da economia nacional.

É preciso reorganizar os serviços do Estado, suprimindo todos os institutos e empregos inúteis ou duplicados. É necessário simplificar e reduzir as despesas do aparelho de Estado. Daí resulta ser preciso reorganizar determinados ministérios, como o Ministério do Comércio e da Indústria, separando a indústria, as minas e a electrificação e criando ministérios independentes.

É preciso instaurar-se o mais rapidamente possível um severo regime de economias — economia de materiais, de energia eléctrica, de dinheiro. Os capitais e a poupança devem ser utilizados somente para a produção e com fins úteis ao povo, e não com finalidades especulativas e de enriquecimento ilícito.

É necessário lutar-se resolutamente contra a burocracia que abafa toda e qualquer iniciativa fecunda e prejudica

a utilização racional do trabalho e dos recursos do país. É preciso criticar impiedosamente a especulação e a corrupção que ainda existem em alguns serviços e estabelecimentos económicos.

É também necessário tomar sérias medidas legislativas e outras para desenraizar completamente toda e qualquer sabotagem económica, toda a veleidade de desorganização do aparelho de Estado, da vida económica, dos transportes e do comércio. Um problema que não deve ser de maneira nenhuma adiado é o de incitar a um trabalho social útil todos os cidadãos e cidadãs aptos para o trabalho no nosso país, libertando desta forma as cidades de elementos parasitas e ociosos que gastam os recursos do povo e que em nada contribuem para a sociedade a não ser na corrupção.

É necessário elaborar-se o orçamento do Estado, que deve ser um orçamento verdadeiramente popular — real, de acordo com as possibilidades dos contribuintes das diversas camadas do nosso povo e com as reais necessidades da nossa economia nacional.

A este respeito, é preciso mudar-se o sistema das imposições, realizando-se a mais equitativa distribuição dos impostos, sobrecarregando em primeiro lugar as camadas mais abastadas da população.

Tudo isto figura no programa da Frente da Pátria, cuja rápida realização e consequente êxito são aguardados pelo nosso povo.

Contudo, o cumprimento do programa da Frente da Pátria pressupõe, entre outros, a existência de quadros formados em todos os domínios da edificação do Estado, da economia e da cultura. É por essa razão que uma das maiores preocupações do governo e da Assembleia Nacional deverá ser o assegurar amplas possibilidades para a formação de tais quadros. A Bulgária da Frente da Pátria precisa de novos destacamentos de engenheiros, de técnicos, de médicos, de enfermeiros, de parteiras, de agrónomos, de professores, de magistrados, de administradores e de representantes da cultura. Cabe aos nossos estabelecimentos de ensino elementar, profissional e a outras escolas especiais, assim como às nossas universidades, fornecer esses quadros, adaptando para esse efeito o seu trabalho de estudos e de educação.

Os nossos estabelecimentos de ensino deverão formar servidores do povo educados dentro de um espírito democrático e simultaneamente especialistas competentes. A Bulgária deverá possuir uma «intelligentsia» altamente qualificada e profundamente dedicada ao seu povo. Sem uma semelhante «intelligentsia», é impossível ao nosso país avançar no caminho do progresso. O povo estima e ama os seus intelectuais. Orgulha-se do importante papel que a «intelligentsia» oriunda do povo desempenhou na obra do 9 de Setembro, papel esse que continua a desempenhar na edificação da Bulgária nova. Mas exige, e tem o dever de exigir, de todos os homens da ciência, da cultura e das artes que não sucumbam às tentações que lhes são dirigidas pelos reaccionários, que cumpram até ao fim o seu dever patriótico para com o povo e o país.

É particularmente importante realçar que na solução de todas as questões tanto a Assembleia Nacional, o governo, como os órgãos da Frente da Pátria se devem inspirar não nos interesses egoístas de uma minoria dos círculos afortunados, mas sim nos interesses da esmagadora maioria dos trabalhadores, do nosso povo. Onde quer que haja contradição entre os interesses dessa minoria e os da enorme maioria do nosso povo, é preciso preferir sempre os interesses do povo, os interesses da economia nacional e do nosso Estado democrático. Esse princípio de direcção deve ser também inevitavelmente observado na divisão dos bens materiais, bem como na de todos os recursos para a satisfação das necessidades da população da cidade e do campo.

Senhoras e Senhores Deputados!

Está expresso no discurso do trono um reconhecimento justo e merecido para com todos os soldados e graduados do exército búlgaro, pelos esforços e sacrifícios deliberados que fizeram durante a guerra de libertação levada a cabo pelo nosso povo contra os conquistadores alemães.

Inclinamo-nos todos à memória dos heróicos combatentes caídos no campo de batalha pela honra, liberdade e independência da nossa pátria. Devemos ainda acrescentar que,

pela primeira vez no decurso da nossa história, o nosso exército é objecto de um autêntico reconhecimento popular e da infinita afeição do povo.

No passado, o nosso exército era um instrumento entre as mãos do monarca e da camarilha da Corte, muitas vezes por eles utilizado com fins antipopulares. Foram precisamente a monarquia e a camarilha da Corte que sujaram a sua honra e dignidade, obrigando-o a desempenhar o papel de polícia dos bandidos hitlerianos nos Balcãs, contra os nossos irmãos jugoslavos. O nosso ministro da Guerra tinha absoluta razão quando declarava, ainda não há muito tempo, que «uma das causas da nossa catástrofe nacional é o facto do exército não passar de uma arma, um instrumento nas mãos da dinastia, não servindo o povo búlgaro, mas sim os interesses estrangeiros; que o nosso exército caminhará de agora em diante e sempre no caminho seguido pelo povo búlgaro, que servirá a ideia de amizade eterna para com o grande povo russo, da manutenção das relações fraternas com a nova Jugoslávia e de melhores relações com os seus vizinhos e os grandes Estados democráticos».

A Frente da Pátria salvou o exército do opróbrio de subordinação à Alemanha, do fratricídio e da servidão para com os figadais inimigos dos eslavos. Livrou-o de uma inevitável decomposição e da sua perda. Tal como todos o reconhecem hoje, só a Frente da Pátria se encontrava em condições de reorganizar e renovar o nosso exército, de lhe conferir um carácter nacional e de o preparar para logo no dia a seguir ao 9 de Setembro virar as armas contra as hordas alemãs. Conseguiu não só expulsar essas mesmas hordas para longe das nossas fronteiras ocidentais, como também executar importantes operações militares, lado a lado com os soldados do invencível Exército Vermelho, pela decisiva derrota do inimigo comum.

Desde o 9 de Setembro que muito se fez pela renovação, pela reorganização, pelo reforço político e combativo do nosso exército. Mas devemos trabalhar ainda mais obstinadamente para que se desenvolva definitivamente como um exército efectivamente popular, um guardião firme e comprovado da liberdade e independência nacional búlgara. É preciso, acima de tudo, educar o nosso exército dentro do

espírito de um indefectível amor pelo povo e pela Pátria, dentro do espírito da salutar obra da Frente da Pátria. Não deveriam figurar no nosso exército — independentemente do posto que ocupem e do grupo político com que simpatizem — chefes e capitães que minem a sua unidade e prejudiquem o reforço da sua combatividade. O nosso exército precisa de comandantes populares, fiéis ao povo, que aperfeiçoem incessantemente a sua ciência militar, que sejam amados e respeitados pelo exército que comandam.

Depois do 9 de Setembro, como se sabe, houve inúmeros oficiais eficientes, embora afastados do serviço pelo anterior regime fascista, que se juntaram ao corpo dos oficiais, bem como numerosos comandantes vindos de destacamentos dos guerrilheiros. É pois importante a tarefa de criar a necessária aliança, a confiança recíproca, a estima e a colaboração entre estes oficiais e o restante corpo dos oficiais. É da unidade patriótica do corpo dos oficiais que muito dependem a combatividade e disciplina do exército.

É também necessário chamar seriamente a atenção sobre o melhoramento da formação militar e política dos quadros dos suboficiais, que mais perto se encontram da massa dos soldados.

Cabe aos oficiais encarregados da instrução política do exército desenvolver, sob a direcção e com o auxílio do ministro da Guerra, um trabalho sistemático para educação dos nossos soldados dentro de um espírito democrático, na estrita e consciente disciplina e no amor à arte militar, aproveitando-se desta forma da rica experiência adquirida pelos comandantes-adjuntos durante a Guerra patriótica.

Sem dúvida que a Assembleia Nacional e o governo farão todo o possível por assegurar ao nosso exército as condições materiais e culturais que condigam com a sua elevada missão.

Hoje em dia o povo e o exército formam um todo. É preciso que não exista qualquer força capaz de opor o povo ao exército e o exército ao povo, como no passado. O exército, na sua qualidade de exército popular, serve e deve servir o nosso povo democrático. Só assim poderá desempenhar com êxito o seu papel extremamente importante de fiel guardião da liberdade e independência da Bulgária.

Senhoras e Senhores Deputados!

A Bulgária não teve até aqui a sua própria e consequente política externa nacional. Durante todo o período da história política recente do nosso país, apesar dos afastamentos temporários, a linha geral da política externa búlgara sempre esteve ao serviço do imperialismo alemão, que prosseguia sistematicamente a realização da sua política de «Drang nach Osten» (*). Foi uma linha de inimizade entre a Bulgária e os seus vizinhos, uma linha que opunha a Bulgária ao seu libertador — a grande Rússia; foi a execução do maquiavélico princípio dos barões e dos fidalgotes prussianos: «Dividir para reinar!» Foi com este fim que tiveram larga utilização o chauvinismo da grande Bulgária, da grande Sérvia, da grande Grécia e de outras correntes chauvinistas de megalomania nos Balcãs. A tentativa do grande homem de Estado búlgaro, Alexandre Stamboliiski, de mudar esta linha da política externa terminou, como se sabe, pelo derrubamento «manu militari» do seu governo e do assassínio do próprio Stamboliiski.

A tentativa do governo de Kimon Gueorguiev, em 1934, não teve maior êxito, tendo sido derrubado pelo rei Boris e a sua camarilha.

Não terá sido essa política externa, tão estranha ao povo búlgaro, essa política de chauvinismo megalómano búlgaro, que nos opôs ao nosso grande libertador? Quem poderá negar o facto da Bulgária ter apenas sofrido derrotas e calamidades, de cada vez que se afastou da grande Rússia? Quem poderá negar que também agora, durante a última Guerra Mundial, e apesar de todas as provocações dos dirigentes fascistas, foi precisamente esse mesmo povo russo, a União Soviética, que nos auxiliou por todas as formas, a nós búlgaros, a livrar-nos da vergonhosa e «contra natura» aliança com a Alemanha hitleriana? Não é verdade ter sido o glorioso Exército Vermelho quem tanto nos ajudou a alcançar a histórica vitória

(*) Viragem para Leste. — *(N. do T.)*

da Insurreição de 9 de Setembro, a vencer o exército alemão na Roménia? O discurso do trono frisa bem o seguinte:

> «O governo da União Soviética, o primeiro entre os países a assinar o armistício, encetou relações diplomáticas com a Bulgária e concluiu, no momento mais difícil da nossa economia, o primeiro tratado comercial de trocas com a Bulgária, através do qual fornece à economia búlgara um considerável e oportuno auxílio, aliviando a penosa situação do povo.»

A Frente da Pátria pôs fim à política externa antipopular e alheia ao povo. Rejeitou firmemente a política perniciosa do chauvinismo megalómano búlgaro — principal causa das catástrofes nacionais que sofremos.

A política externa da Frente da Pátria é uma política verdadeiramente nacional, búlgara. Tem origem nos interesses efectivamente nacionais da Bulgária. Considera a amarga experiência do passado, quando os imperialistas estrangeiros e os seus agentes nos Balcãs, recrutados nos meios da pandilha governamental, se aproveitaram do problema da Macedónia para opor os búlgaros aos sérvios e os sérvios aos búlgaros. A Frente da Pátria pensa que devemos fazer o possível para que a Macedónia cesse, de uma vez para sempre, de servir de pomo de discórdia nos Balcãs e que se transforme no ponto de união dos búlgaros e sérvios, a nova Bulgária e a nova Jugoslávia. As relações entre a Bulgária da Frente da Pátria e a República Popular Federativa da Jugoslávia — entre esses dois países eslavos vizinhos — são de tal modo fraternas que se encontram absolutamente à altura de resolverem por si próprias, sem qualquer intervenção estrangeira, todas as questões relativas aos seus interesses nacionais. É desta forma que a política da Frente da Pátria é radicalmente diferente da política externa fascista, desenvolvida antes de 9 de Setembro de 1944. É uma política de amizade eterna para com o grande povo russo, com a União Soviética, bem como uma política de cooperação fraterna e indefectível para com os povos da nova Jugoslávia e os outros povos eslavos.

A política externa da Frente da Pátria tende a restabelecer as mais sinceras e amistosas relações com as grandes democracias do Ocidente — os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — e a superar todos os obstáculos existentes ao reconhecimento do governo búlgaro e à próxima conclusão do tratado de paz. A política externa búlgara é uma política de paz e amizade para com todos os povos democráticos amantes da liberdade.

Esta política externa considera a necessidade de reforçar a cooperação entre as três grandes potências — a União Soviética, os E. U. A. e a Grã-Bretanha. Esta cooperação assegurou a vitória na guerra de libertação, constituindo uma garantia para assegurar uma paz duradoura depois da guerra. Os meios reaccionários internacionais, cujos agentes são simultaneamente alguns dos nossos grupos de oposição, não conseguirão destruir esta cooperação desejada por todos os povos. Há toda a razão para esperar que a Conferência ([26]) dos ministros dos Negócios Estrangeiros das três grandes potências, actualmente reunida em Moscovo, irá consolidar ainda mais esta cooperação tão necessária.

Os actos da Frente da Pátria depois de 9 de Setembro, bem como as profundas transformações democráticas realizadas dentro do espírito das decisões de Ialta tomadas pelos dirigentes das três grandes potências, testemunham claramente a nova via democrática seguida pelo nosso país, no interesse da paz, da democracia e do progresso nos Balcãs e na Europa.

É de admirar, apesar de tudo, que existam ainda homens políticos sérios no estrangeiro que se recusem a confessar que a política externa da Bulgária mudou radicalmente após o 9 de Setembro de 1944, que a Bulgária alinhou e alinha ainda de forma decidida a par com os Aliados, que apresentou e apresenta em cada dia que passa provas palpáveis da sua inquebrantável resolução de se tornar um factor de paz e de democracia nos Balcãs.

Não restam dúvidas, portanto, que os esforços feitos pela Bulgária nova da Frente da Pátria — precisamente como um elemento de paz e de progresso na Europa do pós-guerra — virão a ser reconhecidos num futuro próximo por todas as grandes potências democráticas e por todos os povos amantes da liberdade.

Senhoras e Senhores Deputados!

Depois de tantas amargas provações, o povo búlgaro encontrou finalmente o lugar que lhe é devido. Segue o caminho certo — o caminho da Frente da Pátria. É prosseguindo nessa via, confiando nas suas forças, que ele conseguirá vencer todas as dificuldades internas e internacionais. Não devemos, contudo, esquecer que a chave da solução favorável dos nossos problemas internos e internacionais se encontra nas nossas próprias mãos búlgaras, na nossa unidade nacional.

Viva a verdadeira Assembleia Nacional de hoje!

Viva a Frente da Pátria — organizadora e guia do nosso povo!

Viva a unidade patriótica do povo búlgaro!

Avante, com todas as nossas forças, pela edificação da Bulgária livre, independente, democrática, poderosa e próspera!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo,
de 26 de Dezembro de 1945.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XI.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 387-411.

O LUGAR E O PAPEL DOS SINDICATOS OPERÁRIOS NO NOVO ESTADO

DISCURSO PRONUNCIADO A 20 DE JANEIRO DE 1946 NO PLENÁRIO DO C. C. DA UNIÃO GERAL DOS SINDICATOS OPERÁRIOS

Camaradas:

De acordo com as informações que me foi dado obter, a União Geral dos Sindicatos registou efectivamente desde o seu último congresso consideráveis êxitos, em especial no que respeita à consolidação da sua organização interna, no restauro e desenvolvimento da economia nacional da Bulgária da Frente da Pátria, bem como no melhoramento do nível de vida material e cultural dos operários e empregados no nosso país. Estou convencido que as decisões tomadas no presente plenário irão contribuir para futuros êxitos no nosso movimento sindical.

Gostaria contudo de convosco compartilhar uma das impressões que colhi sobre o trabalho dos vossos sindicatos. Talvez eu não esteja cem por cento certo, pelo que nesse caso me poderão corrigir. Tenho a impressão que a União Geral dos Sindicatos, os sindicatos locais e seus dirigentes não extraíram conclusões práticas dos acontecimentos ocorridos no nosso país depois do 9 de Setembro, quanto ao papel que os operários organizados terão de desempenhar na nova Bulgária. *A classe operária do nosso país não se opôs ao Estado nem ao poder. Bem pelo contrário, a classe operária participa no governo do país, através da Frente da Pátria.* Par-

ticipa nele, visto a classe operária e seus respectivos sindicatos serem e deverem ser um dos pilares fundamentais do poder popular, do governo da Frente da Pátria. Deverão tornar-se a todo o custo o factor fundamental (e não apenas um dos factores fundamentais) do restauro e desenvolvimento da indústria e dos transportes no nosso país, de que depende o êxito de toda a economia nacional. Os sindicatos e a sua União Geral não podem nem devem ser considerados como a quinta roda do carro do governo da Frente da Pátria e da economia nacional. Os sindicatos devem possuir o sentido de responsabilidade e a consciência de serem um grande factor social, económico, cultural e político no nosso país. Hoje em dia, o Estado — um Estado popular — pertence-nos. Ao contrário do que sucedia no passado, temos uma classe operária que não está submetida arbitrariamente ao poder do Estado e ao capitalismo, como na época do regime fascista. Não existe actualmente um só chefe da administração, ministro ou qualquer outra pessoa que possa vir a agir de forma arbitrária, nem nenhum capitalista — proprietário de empresa, de fábrica ou de oficina — que seja o senhor absoluto, que possa pôr e dispor a seu belo contento, que possa resolver por si próprio a ordem, a duração do trabalho, o montante do salário, enquanto o operário apenas tenha que obedecer, executar as suas ordens, deixando-se explorar, oprimir e roubar. *O industrial actual, proprietário de empresa, não é nem pode ser o senhor absoluto da sua empresa privada.* O poder da Frente da Pátria não o priva de tal; vê-se contudo obrigado a conformar-se com os interesses e direitos dos operários e a colocar os seus interesses privados ao serviço dos interesses da economia nacional do país e de todo o povo.

Durante a era da Frente da Pátria, inaugurada a 9 de Setembro, *os industriais, ainda que proprietários das suas empresas, não são de forma alguma os seus senhores absolutos.* Estão limitados pelas condições que lhes reserva a Frente da Pátria. Estão limitados pela existência dos sindicatos e dos seus comités. Estão limitados pela legislação do trabalho. *Os sindicatos têm por missão não susbtituir o proprietário da empresa, mas, bem pelo contrário, contribuir para o aumento da produção, abastecer a empresa de matérias-primas, ampliá-la, etc. Têm por missão estabelecer uma disciplina de trabalho severa e aumentar a produtividade do trabalho; têm por missão agir contra toda e qualquer sabotagem e desorganização no seio da empresa, defender os interesses e direitos dos operários, habituar os industriais e todos os proprietários de empresa a uma nova atitude para com os operários e os empregados, a uma nova atitude perante o trabalho. Quando qualquer industrial toma iniciativas próprias, desdenhando o trabalho de esclarecimento, tanto a classe operária como os sindicatos podem com todo o rigor recorrer ao processo legal a que têm direito: a greve.*

Claro está que nas actuais condições da Bulgária da Frente da Pátria, as greves podem e serão por princípio evitadas desde que, claro está, o proprietário da empresa não se manifeste como senhor absoluto e não actue como na época do fascismo. Os proprietários incorrigíveis, que ignoram a conjuntura da era da Frente da Pátria e se não conformam rigorosamente com os direitos dos operários e empregados, habituar-se-ão sem dúvida quando estes últimos recorrerem à greve, depois de terem utilizado todos os processos usuais. *É assim que os nossos sindicatos não excluem nem podem excluir as greves, sempre que as condições o exijam.* É desta forma que virão a ser consolidadas as normais relações entre patrões e operários, relações essas indispensáveis ao desenvolvimento e à actividade de toda a empresa e da própria economia nacional.

Eu disse que temos um Estado que nos pertence, um Estado popular; é por isso que tomamos para com ele uma atitude nova. No passado, a nossa atitude para com o Estado fascista — opressor, explorador, espoliador, instrumento dos inimigos do nosso povo — era, como sabem, negativa. Víamo-nos obrigados a recorrer à sabotagem, à greve, à luta contra o fascismo no interesse do povo, no interesse do país. Infelizmente, a nossa classe operária conduziu de forma insuficiente essa luta; contudo, a linha dada e seguida pelos operários conscienciosos — a vanguarda da classe operária — era a da greve e da sabotagem com o fito de derrubar o regime fascista e de criar o que o 9 de Setembro veio a criar — um novo Estado popular.

Que significa no entanto um Estado popular? Não se cria espontaneamente. É verdade que as bases já estão assentes,

escolhemos um novo percurso e enveredámos por uma nova via. Contudo esse mesmo Estado deve tornar-se popular, na plena acepção da palavra, pelo trabalho e pela luta. É verdade que a Frente da Pátria garante as condições e as possibilidades da sua edificação. Cabe no entanto aos nossos sindicatos um importante papel no processo dessa edificação. Consideremos, por exemplo, as administrações de Estado. Quanto vício aí existe! Quantos lugares imundos a sanear! Mas não podem ser de forma alguma saneados em 1 ou 2 meses, é necessário que se utilize para esse fim uma verdadeira vassoura rígida e firme, varrendo-se de forma planificada, sistemática, durante um longo período. Essa vassoura deve estar sobretudo entre as mãos das organizações da classe operária, isto é, nas mãos dos sindicatos. *Poderão os nossos sindicatos tolerar nas administrações de Estado uma burocracia viciosa, criminosa, como existe hoje em numerosas administrações? Poderão tolerar a corrupção, as «luvas», o desperdício existentes em numerosos estabelecimentos? Poderão os sindicatos tolerar a falta de disciplina de trabalho que observamos em quase todas as administrações onde numerosos funcionários e empregados não executam conscienciosamente o seu horário de trabalho, mas trabalham de qualquer maneira, vagueando de gabinete em gabinete, entravando o judicioso funcionamento do aparelho de Estado, tão indispensável ao rápido restauro da economia nacional? Não, claro está, não podem tolerar tais atitudes!*

Não se trata somente de afastar os elementos fascistas. Claro está que o devemos fazer de uma vez para sempre. Trata-se também *do grande problema que representa a reeducação de centenas e de milhares de empregados que são organizados nos nossos sindicatos, mas que estão habituados a trabalhar como antigamente*, recebendo por vias travessas «luvas» dos comerciantes e especuladores e que se tornam, quer queiramos quer não, em promotores da corrupção e da «negociata» dentro do aparelho de Estado. É pois indispensável proceder-se a uma educação e a uma obstinada reeducação do pessoal. É indispensável que os sindicatos se ocupem desta medida. O país necessita trabalho honesto e disciplina no trabalho. É preciso não adiar para amanhã o trabalho de hoje. É preciso que não se permita aos

elementos nocivos, criminosos, aproveitarem-se da insuficiente experiência e vigilância dos empregados honestos e mesmo dos próprios comunistas, a fim de se entregarem a uma actividade criminosa e antipopular.

Será que os sindicatos, e acima de tudo o sindicato dos ferroviários, poderão tolerar a actual situação existente nos nossos transportes ferroviários? Quantas catástrofes ocorrem por negligência! Não me refiro já às catástrofes devidas à sabotagem, à má vontade, a intenções criminosas. Não são poucos estes casos, visto tanto os reaccionários como a nefasta oposição recorrerem à sabotagem e às diversões a fim de comprometerem o novo poder popular. Refiro-me sim às catástrofes que ainda hoje têm lugar e que são devidas à negligência ou à não-observância da disciplina no trabalho, ao desobedecimento ao respectivo chefe, à recusa de execução de ordens e de regulamentos que é necessário observar a fim de se evitarem tais catástrofes. Ora, uma catástrofe significa precisamente a deterioração de locomotivas, com vítimas não só entre os ferroviários como entre os passageiros. Trata-se de um problema que interessa extraordinariamente a classe operária e os sindicatos; deve ser examinado com grande seriedade a fim de se estabelecer a ordem, através de esforços comuns na administração dos caminhos de ferro e no transporte, do que depende a vida económica e cultural do nosso país.

Não vou citar outros exemplos. Conhecem-nos sem dúvida melhor do que eu próprio. Não há dúvida que, sem a participação activa dos sindicatos, essas mesmas tarefas não poderão ser cumpridas. Ora, elas devem ser a todo o custo realizadas, no interesse do nosso povo e do nosso país. *Para que o Estado se torne um Estado popular, devemos tomar para com ele uma atitude nova, devemos desembaraçar-nos dos vestígios da anterior atitude antiquada e hostil.* É contudo também necessário que os órgãos do Estado tomem uma atitude diferente para com a classe operária, para com os camponeses, os artesãos, o povo inteiro. Quero também salientar que os sindicatos têm a desempenhar neste campo um trabalho extremamente importante devendo cumpri-lo com êxito, com consciência e de forma metódica.

Durante este período a situação material e cultural dos operários e empregados foi melhorada. Interessei-me pessoalmente por esses melhoramentos, de importância maior ou menor, mas que são reais. Será que se pode dizer, camaradas, que os sindicatos conseguiram tirar proveito das possibilidades existentes a fim de melhorarem a situação material e cultural dos operários e empregados? Não! Não há dúvida que a situação geral do país é difícil. Herdámos uma pesada herança: economia arruinada e caos financeiro. A guerra privou o país de inúmeros meios. E também a seca contribui para esta situação. Tudo isto é sobejamente sabido. Não se pode, claro está, aumentar substancialmente no momento presente os salários dos operários e dos empregados, como se poderia fazer noutras condições mais favoráveis. Se observarmos contudo rapidamente cada administração, cada empresa, cada região do nosso país, encontraremos muitos recursos de origem local que não foram ainda utilizados. Os sindicatos não devem apenas fazer declarações e tomar decisões gerais; devem observar em todo o lado, em cada empresa, aquilo que se poderá ainda fazer para se aumentar o salário, não só o salário propriamente dito (visto o salário em metal sonante não solucionar por si só a questão), como também o salário real, a fim de se melhorar efectivamente a situação material e cultural dos operários e dos empregados, graças às cantinas-refeitórios, ao fornecimento de vestuário, de calçado, à construção de habitações, de casas de repouso, de sanatórios, à criação de clubes, etc. Poder-se-ia fazer em muitas fábricas muito mais do que até hoje se fez em proveito dos operários, sem se aumentar o preço de custo das mercadorias, se apenas os sindicatos e as suas comissões se ocupassem do assunto. É preciso camaradas, que desenvolvam as iniciativas sugeridas pelos próprios trabalhadores, que descubram e tirem proveito das possibilidades existentes, mesmo quando mínimas, e isto em cada fábrica, em cada mina, em cada oficina, em cada cidade ou aldeia onde exista uma empresa industrial, *com o fim de se melhorar tanto quanto possível a situação material e cultural da classe operária.*

Leram na resposta ao discurso do trono, adoptada por unanimidade pela Assembleia Nacional, que na nova Bulgária, na Bulgária da Frente da Pátria, *o trabalho deve ser um factor fundamental, devendo ocupar um lugar fundamental na vida estatal, social e política do país.*

Mas tratar-se-á apenas de um documento, de uma declaração solene, como por exemplo a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da Revolução Francesa de 1789, se não existir uma força organizada que o concretize. A força organizada, é a Frente da Pátria, o seu Comité Nacional e os comités no plano social, mas são contudo os *sindicatos* que representam a principal força organizada — o sindicato de cada ramo de produção e a União Geral dos Sindicatos.

É indispensável que tenhais maior confiança em vós próprios, na força da classe operária organizada; é indispensável que tenhais, na vossa qualidade de sindicatos e dirigentes desses mesmos sindicatos, uma maior confiança e um maior sentido de responsabilidade no futuro do país e da economia nacional; é preciso que vos liberteis da timidez herdada do passado, quando o operário batia à porta do fabricante sem que este se dignasse abrir-lha. Libertai-vos desse complexo! Libertai dele também os operários e os empregados! Isto não significa que se devam revoltar, que devam fazer escândalo; isto significa apenas que deverão sentir a vossa força organizada como classe operária, a força da vossa União Geral dos Sindicatos, que deverão sentir a força da Frente da Pátria, do seu próprio poder, agindo de forma inteligente, metódica, mas firme. Com firmeza!

Quando em tempos fui secretário da União Geral dos Sindicatos Operários, eu percorria o país e conhecia como os dedos da mão todas as fábricas e empresas e quase todos os operários militantes. O passado já lá vai. Nesse tempo, organizávamos muitas vezes greves não só para se melhorar a situação material do operário, como também com fins de agitação e de propaganda, para se reforçar a consciência das massas operárias. Presentemente não fazemos greves com fins de agitação e de propaganda. *Hoje somos os construtores, os criadores de uma Bulgária nova, democrática, que queremos siga a via do desenvolvimento social normal, a via onde todos os povos encontrarão um dia a salvação e a felicidade — a via do socialismo.* Não se trata de palavras vãs sobre o socialismo, como proferem incessantemente certos

pseudo-socialistas e demagogos que na verdade apenas desejam sabotar a causa popular da Frente da Pátria.

Conhecemos as leis marxistas do desenvolvimento social. Recebemos a nossa instrução e continuamos a recebê-la através do grande mestre que é Lénine.

Sabemos com precisão e de forma científica que 2 e 2 são 4, que o povo búlgaro atingirá o socialismo tanto mais depressa quanto mais depressa o próprio povo das cidades e das aldeias se convencer firmemente da salutar virtude e da necessidade histórica do socialismo.

Para que os nossos sindicatos possam cumprir durante o actual período a sua missão, essa missão tão particularmente importante, e mesmo decisiva em certos aspectos e em determinados casos, deverão possuir, educar e formar incessantemente *quadros* durante o trabalho, na actividade, na luta, *quadros dedicados à classe operária, ao nosso povo, quadros esses educados sob o ponto de vista político, quadros de operários, de engenheiros e de técnicos qualificados, quadros que conheçam a orientação do desenvolvimento social, tanto no presente como no futuro, quadros que ensinem a governar o Estado, a comuna, a gerir a produção, que ensinem a governar e não a declamar.* Quadros que ignorem os lugares-comuns, que não pensem que trabalhando pela Frente da Pátria, se faz fracassar o socialismo (tais pessoas não faltam) mas que pouco a pouco, de dia para dia, se vão aperfeiçoando, vão enriquecendo os seus conhecimentos e aptidões, se tornem especialistas se trabalham no circuito produtivo, e aprendam — no caso de serem militantes sindicais — não só a fazer propaganda, o que é deveras indispensável, mas ainda a gerir empresas, a fazer abortar as fraudes. Quadros que saibam como o patrão sem escrúpulos de uma empresa pode enganar os operários e o Estado e quais os logros que podem resultar desses embustes. É preciso que existam pessoas aptas a estudar esses problemas, que cada dirigente se torne cada vez mais experimentado. Isto não só é indispensável hoje, sê-lo-á ainda mais para o futuro.

Existe ainda um problema. Além da União Geral dos Sindicatos Operários existe, como sabeis, uma outra União. É a dos agricultores (27). Eu considero que o desenvolvimento dessa União supõe um contacto muito estreito, uma actividade conjunta, uma cooperação e uma assistência mútuas entre a União Geral dos Sindicatos Operários e a União dos Agricultores. Os interesses dos operários diferem dos dos camponeses; as missões que vos são confiadas são diferentes das atribuídas aos agricultores. Contudo, esses interesses e missões não se contradizem; *pelo contrário: completam-se.* Existem além disso problemas comuns que dizem respeito tanto a uns como aos outros. A cooperação fraterna, a todos os escalões, entre os operários e os camponeses — espinha dorsal da Frente da Pátria — contribuirá eficazmente para o reforço da sua amizade militante. *Os sindicatos operários, graças à sua colaboração com a União dos agricultores, graças às brigadas de trabalho e de cultura,* bem como por outros meios, contribuem de forma eficaz para a elevação do nível de vida material e cultural nos nossos campos, no que a classe operária está vivamente interessada. Os sindicatos não desempenhariam bem o seu papel histórico se não trabalhassem o mais possível para a consolidação em todos os campos da aliança fraterna entre a classe operária e os camponeses, o mais seguro penhor da criação de uma Bulgária poderosa, democrática e próspera.

Direi finalmente para terminar, camaradas, que a União Geral dos Sindicatos Operários deve agir, deve participar também na vida política e social do país como organização independente — digo bem, independente — da classe operária. A União Geral dos Sindicatos Operários, que não é uma organização de partido, mas que também não é uma organização apolítica, mas sim uma organização de toda a classe operária, que engloba e não pode deixar de englobar membros provenientes de diversas correntes políticas que participam na Frente da Pátria, bem como muitos sem partido, deverá tomar uma posição sobre os grandes acontecimentos políticos do país e publicar declarações, decisões e determinadas informações em obséquio dos seus membros. É assim que o governo e o Comité Nacional tomaram uma posição quanto às decisões de Moscovo que foram apoiadas por todos os países democráticos, como testemunho do reforço da tão indispensável e salutar cooperação entre a União Soviética, a Inglaterra e a América. Esse problema foi esclarecido pela nossa imprensa. Interrogamo-nos contudo: será que os sin-

dicatos se não interessam por esse problema? Será que a atitude dos membros nefastos da oposição para com essa decisão lhes não diz respeito? Não se interessarão eles pelas criminosas tentativas desses membros da oposição, que visam fracassar a aplicação dessa decisão, a fim de complicarem a resolução da situação internacional da Bulgária? Será que não interessam aos sindicatos os ataques antipopulares da reacção interna e estrangeira dirigidos contra a nova Bulgária?

Não deveria a União Geral dos Sindicatos Operários pronunciar-se sobre estes assuntos, examiná-los e explicá-los às suas organizações, aos seus membros, a toda a classe operária, mostrar o que há a fazer? *Bem vêem que a reacção se reorganiza,* o que é bastante compreensível. Sabemos quem a encoraja: possui os seus conselheiros que a apoiam no estrangeiro. Recorre à sabotagem económica, aos actos terroristas, a fim de criar desordem e estabelecer a confusão no nosso país. O Comité Nacional da Frente da Pátria examinar esta situação durante as suas últimas sessões, Porque será então que a União Geral dos Sindicatos Operários não expressa a sua opinião após um exame circunstanciado, porque não exporá ela o seu ponto de vista como organização independente e em nome da classe operária? Essa posição não irá certamente contradizer a da Frente da Pátria, mas será independente, desenvolvida e apoiada, sob o ponto de vista dos sindicatos, por uma argumentação que permitirá à classe operária compreender melhor e mais facilmente porque é indispensável lutar contra a reacção, porque é indispensável estarmos vigilantes dia e noite contra os inimigos do povo, tanto dentro como no estrangeiro, porque é que a classe operária se deverá convencer que nem mesmo Deus, se existisse, poderia ajudar essa reacção. A sua causa está irremediavelmente perdida visto a Bulgária não ser, como dizem os camponeses, uma aldeia sem cães, um país sem fiel guarda. A Bulgária possui a sua força política e social na pessoa da Frente da Pátria, possui as suas organizações profissionais nas empresas de todo o país; e este país não está só. Esta pequena Bulgária, pequena mas jovem, viável, não corrompida pela civilização capitalista, como aconteceu com alguns outros países (a

Bulgária e todos os países eslavos possuem esta vantagem de não terem sido tão corrompidos pela venal civilização capitalista como certos outros países capitalistas), *essa Bulgária pequena mas jovem,* dizia eu, *viável, que depois de 9 de Setembro imprimiu um impulso às forças do povo, exaltou o seu entusiasmo pelo trabalho, o seu patriotismo, a sua pressa em avançar em frente e sempre em frente, possui muitos amigos.*

A Bulgária goza da protecção fraterna da grande União Soviética.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 14,
de 24 de Janeiro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 15-28.

A MILÍCIA É UM INQUEBRANTÁVEL APOIO DO PODER DEMOCRÁTICO

DISCURSO PRONUNCIADO A 21 DE JANEIRO DE 1946 PERANTE OS CHEFES DA MILÍCIA

Camaradas:

Muito se tem dito enaltecendo a nossa Milícia popular. Não há dúvida de que tudo o que se tem dito bem merecido é. Não se trata de vulgares e vãos elogios. A Milícia popular do país é, tal como o nosso exército transformado num exército democrático popular, um apoio sólido e inquebrantável do novo poder democrático da Frente da Pátria. Não podemos encarar o desenvolvimento democrático regular da Bulgária na vida político-social e no domínio da economia nacional, sem uma sólida, disciplinada e instruída Milícia popular.

A Milícia popular é chamada a manter a ordem e a tranquilidade, a assegurar o trabalho criador e pacífico do nosso povo e a ser a guardiã dos seus direitos e interesses, da sua vida e bens, a defender o novo regime democrático contra os manejos dos elementos antipopulares e dos agentes estrangeiros, sejam quais forem os disfarces que estes utilizem para agir.

Com o auxílio das camadas sãs e patrióticas do povo, a nossa Milícia popular possui suficiente força para desempenhar no futuro, de forma ainda mais perfeita e ainda com maior êxito, a sua árdua e complexa missão de utilidade pública.

Em que consiste afinal a força e a autoridade da Milícia popular? Na minha opinião, consiste, em primeiro lugar, no facto de os chefes, os dirigentes da Milícia popular e a maioria dos milicianos não serem funcionários vulgares, tratantes ou opressores, como acontecia na polícia sob os antigos regimes, sobretudo no tempo do fascismo, mas sim combatentes sinceros pelas liberdades e os direitos do povo, combatentes pela liberdade e o bem-estar do nosso povo.

Os actuais chefes e dirigentes da Milícia popular são homens que lutaram a par com o povo, para o derrubamento da maldita ditadura monarco-fascista e para libertar o nosso país do bárbaro jugo alemão. Sendo filhos do povo, encarniçaram-se nos duros combates de guerrilheiros, nas prisões e nos campos de concentração, sempre prontos a sacrificar a vida pela liberdade e pela independência do povo. Trata-se de autênticos patriotas búlgaros que de tal deram boas provas.

A força e autoridade da Milícia popular são devidas, em segundo lugar, ao facto de os comandantes, os seus chefes e os seus milicianos se entusiasmarem pelos ideais do nosso povo, pelas grandes ideias que hoje regem os destinos da Bulgária através da Frente da Pátria: a ideia da edificação da nova Bulgária democrática, a ideia da amizade eterna para com o grande povo russo, da indissolúvel fraternidade para com os nossos vizinhos eslavos, os povos da nova Jugoslávia, a ideia de preservar a nossa liberdade e a nossa independência, bem como a nossa soberania, de todo e qualquer atentado ou perigo, seja qual for a sua origem.

A Milícia popular é forte, por a vida do povo ser também a sua, por avançar de mãos dadas com o povo, por não possuir outros interesses, outros fins e outras missões a não ser os interesses, os fins e as missões do nosso povo unido na Frente da Pátria.

Camaradas, a nossa Milícia popular formou-se no meio de grandes dificuldades e de ásperas lutas, depois de 9 de Setembro. Não caiu do céu. Não se formou por si só como suporte defensor e guardiã do nosso poder popular. A Milícia formou-se e continua a formar-se passo a passo com o apoio dos comités da Frente da Pátria e a activa participação do nosso Partido.

Se podemos saudar esta noite a nossa Milícia popular com uma tão grande alegria e satisfação moral, se podemos estar agora, todos juntos, militantes da Frente da Pátria e o próprio governo, verdadeiramente orgulhosos da Milícia popular, é por ter sido efectuado um enorme trabalho no sentido de reunir os elementos iniciais numa organização de Estado unida, pronta para o combate e dedicada ao povo, como o é a Milícia popular de hoje.

Devemos contudo inteirar-nos todos, sobretudo aqueles que trabalham na Milícia, os seus chefes, os seus empregados importantes e menos importantes, que a obra histórica da Frente da Pátria está longe de ter terminado. Nós — todo o povo e todo o país — escalamos uma montanha a fim de alcançarmos o cimo, talvez mais alto ainda que o nosso Mussala. Avançamos pouco a pouco, com dificuldade e grandes esforços como povo, como exército, como Milícia popular, sobre caminhos escarpados que conduzem ao cimo. Estamos contudo ainda longe do cume. Não nos encontramos já no sopé da montanha, é certo; chegámos talvez a meio caminho. Falta-nos ainda escalar a outra metade, a mais árdua, a fim de chegarmos ao cimo, para obtermos uma Bulgária nova realmente próspera e feliz.

Os nossos inimigos — internos e externos — pretendem fazer-nos parar a meio caminho, tentam mesmo impelir-nos para trás. Trabalham activamente e encarniçadamente nesse sentido e são tanto mais encarniçados, quanto mais activa e energicamente nos aproximamos da realização do programa da Frente da Pátria. As leis que se votam e se votarão na Assembleia Nacional vão exasperar ainda mais os reaccionários e a sua oficina: a oposição. Possuímos agora suficientes informações que nos permitem concluir que tanto a reacção interna como os núcleos reaccionários estrangeiros no nosso próprio país, bem como noutros países vizinhos, se esforçam por reforçar os seus grupos de diversão através de actos terroristas e de sabotagem. Têm mesmo em mente preparar sublevações, a fim de entravarem a consolidação e o desenvolvimento ulteriores da ordem democrática no país, a edificação da nova Bulgária democrática.

Quem deverá defender a obra criadora do povo? Primeiro que tudo a Milícia popular, a nossa força interna armada,

que é o órgão do povo, do Estado, o suporte do poder da Frente da Pátria. É contudo prejudicial deixarmo-nos adormecer sobre esses louros. Os chefes da Milícia e os milicianos devem estar vigilantes, com todos os seus sentidos alerta, a fim de fazerem abortar a tempo os planos antipopulares.

Diz-nos a experiência que a medicina não consegue infelizmente ainda hoje vencer completamente muitas das doenças que atingem os homens. Uma das doenças mais graves e perigosas para um povo, para um partido e para toda uma organização, compreendendo a Milícia popular, é perder o controle de si próprio, é subir-lhe o sucesso à cabeça. Preservemo-nos com todas as nossas forças e meios dessa doença.

Existem entre nós, tal como no próprio seio da Milícia, pessoas que crêem ingenuamente já termos passado o Rubicão ou que pensam poder facilmente obter o impossível. Essas pessoas não se convencem que é precisamente agora que devemos arregaçar as mangas ainda mais do que ontem e mais ainda do que depois do 9 de Setembro, que é agora que devemos estar mais vigilantes, que devemos exigir mais da nossa própria pessoa, estudar mais do que no passado, ter mais contactos com a população, agir com mais sabedoria e tacto. Todos compreendem certamente que é mais necessário contarmos agora com a actividade organizada, disciplinada, reflectida e plena de tacto da Milícia popular do que com a aplicação da força material de que dispõe. Isto é sem dúvida mais difícil mas absolutamente indispensável, é o único meio de se obterem resultados realmente positivos pela consolidação da nossa democracia popular búlgara. É preciso não seguir a linha da menor resistência; deve-se pelo contrário seguir a linha da necessidade social e histórica do povo e do país.

Por outro lado, é preciso que se observem estritamente as leis da Bulgária da Frente da Pátria. Essas leis vigoram não só para os cidadãos normais, como também para os dirigentes, para aqueles que exercem o poder popular. São obrigatórias para todos nós, para todos os búlgaros, homens e mulheres. Todos aqueles que, tal como os nossos infames oposicionistas, se crêem acima das leis, que as leis não existem para eles, visto possuírem no estrangeiro grandes protectores, devem em conformidade com essas mesmas leis, ser castigados e postos no seu devido lugar.

O povo ama a nossa Milícia popular visto reconhecer a enorme diferença entre a antiga polícia fascista, carrasco do povo, e a milícia popular, seu fiel defensor. Existe entre as duas uma diferença como entre o céu e a terra. Os inimigos detestam a Milícia popular; contudo, quanto mais a detestam, mais o povo a ama. Este amor deve no entanto crescer, reforçar-se, desenvolver-se. Representa um enorme capital para o povo, para o governo, para a Frente da Pátria, para a própria Milícia popular, pelo que esta deve agir no sentido do incessante crescimento desse capital.

É conveniente além disso que se tenha em conta — sobretudo os nossos chefes da Milícia — o seguinte: diz-nos a experiência que o exercício do poder, o que inclui o nosso poder popular, se faz acompanhar de diversas tentações e constitui um certo perigo de desmoralização, de corrupção, de descarrilamento da vida justa e legal, especialmente para aqueles de entre os seus servidores que possuem um carácter mais débil. Pode fazer vacilar o chefe de uma província, de um distrito ou de um bairro. São indispensáveis para este efeito uma grande força moral e uma vigilância constantes. É preciso que os homens da Milícia popular continuem a ser os mesmos combatentes que eram antes e depois de 9 de Setembro. Não devem tolerar o oportunismo, não devem sucumbir à tentação de favorecerem os seus amigos, os seus familiares, os seus concidadãos. Devem partir do princípio que são os representantes do nosso povo honesto e nobre, do nosso Estado popular, da nossa Frente da Pátria, e na medida em que a Milícia popular se encontra sob a direcção de um ministro filiado no Partido Comunista, são também os representantes do Partido Comunista visto empenharem a sua autoridade, a sua honra, o seu futuro. É esta a razão porque cada empregado da Milícia popular deve dar provas de um espírito crítico a seu respeito; deve controlar-se e controlar os seus colaboradores e os seus subordinados, agir como compete aos combatentes pela liberdade e pela justiça, pelos grandes ideais do nosso povo, pela grande obra histórica de 9 de Setembro.

Faço uma saúde, fazendo votos para que os empregados da nossa Milícia popular sejam todos, desde o primeiro ao último, combatentes honestos, sinceros e valorosos pela causa da Frente da Pátria, pela prosperidade e felicidade do nosso povo!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 41,
de 25 de Fevereiro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII,
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 46-52.

A MISSÃO HISTÓRICA DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS)

DISCURSO PRONUNCIADO
A 26 DE FEVEREIRO DE 1946
NA CONFERÊNCIA REGIONAL DE SÓFIA
DO P. O. B. (C)

Camaradas:

O nosso Partido, na sua qualidade de partido da classe operária, do povo trabalhador, partido de marxistas, de comunistas, distingue-se radicalmente de outros inúmeros partidos políticos. Há partidos políticos que existem temporariamente; são criados em função de objectivos e de tarefas provisórias, pelo que desaparecem uma vez cumpridos esses objectivos e tarefas abandonando a cena política. O nosso Partido não é dessa natureza; é, pode-se dizer, um *partido histórico*. Nasceu na luta; foi criado, desenvolveu-se e cresce incessantemente nessa mesma luta. Desde a sua criação até aos nossos dias, o nosso Partido tem já uma existência de meio século, quer legalmente quer na clandestinidade. Deve existir e continuará a existir a todo o custo até ao momento em que, em princípio, a existência dos partidos políticos deixe de se tornar necessária. Entretanto, o Partido deve estar à altura de desempenhar as tarefas apresentadas pelas diversas etapas do desenvolvimento social.

É precisamente devido a esta natureza do nosso Partido e ao facto de ter missões históricas a cumprir que se deve distinguir dos restantes partidos políticos temporários, tanto

pela sua actividade interna como pela sua disciplina, pelo seu nível ideológico e político. Além disso, desde 9 de Setembro que o nosso Partido tem aumentado, como sabeis, como partido de massas à escala do nosso país. Têm sido inúmeros os novos elementos que aderiram às nossas fileiras: operários, camponeses, artesãos, intelectuais, representantes das ciências e das artes. O nosso Partido englobou nas suas fileiras inúmeros elementos honestos e dedicados, vindos do povo. Não ignorais também por outro lado que possuímos, como partido dirigente, uma forte atracção que não podíamos ter durante o período que precedeu o 9 de Setembro. Até essa data, apenas participavam no Partido aqueles que estava dispostos para o sacrifício, prontos a sacrificar os seus interesses materiais, a sua tranquilidade, até a própria vida. Depois do 9 de Setembro introduziram-se nele certos elementos fortuitos e estranhos ao Partido Comunista, uns para evitarem os aborrecimentos que o seu passado lhes poderia ocasionar, outros ávidos de extraírem benefícios e de obterem lugares vantajosos para si próprios e para os seus. Comportaram-se mesmo como os mais zelosos comunistas, declarando-se «comunistas de primeira categoria». Devemos pois declarar abertamente que existem no nosso Partido, que conta para cima de 400 000 membros, elementos que devem ser afastados como elementos estranhos, prejudiciais, comprometedores do Partido.

Se quisermos ser, como já disse, *um partido com missão histórica,* não deveria existir lugar no nosso Partido para oportunistas, para caçadores de empregos, para pessoas que utilizam o poder com fins pessoais. Não se deve tolerar no nosso Partido nem a corrupção, nem os actos que o possam comprometer. É indispensável, camaradas, demonstrarmos severidade, implacável severidade. O Partido nada perderá com isso, pelo contrário, apenas beneficiará. Reduzamos o número de membros do Partido de 450 000 para 400 000 combatentes honestos pela causa do povo búlgaro. Esses 400 000 combatentes honestos, dedicados à causa da Frente da Pátria e do socialismo, estão capacitados para arrebatarem milhões de homens e mulheres búlgaros.

Em segundo lugar, o Partido deve possuir uma disciplina de ferro, uma disciplina consciente e livremente consentida,

uma *disciplina* de ferro que se baseia e deve estar baseada sobre a nossa unidade de pensamento, a unidade das nossas tarefas e dos nossos fins como partido, sobre a nossa ciência marxista que nos conduz ao caminho das vitórias. É-nos indispensável uma tal unidade de pensamento e de disciplina para que o nosso Partido possa cumprir as suas missões históricas. Daí o não se poderem colocar os interesses, os desejos e concepções pessoais acima das missões e dos fins do Partido. Aquilo que nos pertence a nós, membros do Partido, independentemente do posto que ocupamos, deve ser subordinado aos interesses do Partido, aos interesses do nosso povo. Daí resulta que nas nossas organizações de partido, no nosso Partido como um todo, não pode haver lugar para agrupamentos e fracções, e de forma geral, para elementos hostis, anti-partido. É preciso extirpá-los implacavelmente onde quer que se encontrem e aplicar, se tal for necessário, o escalpelo do Partido. Não pode haver tolerância e liberalismo para com semelhantes elementos no seio do Partido, elementos esses que tentam desorganizar as nossas fileiras e semear a desmoralização, que são promotores de ideias e de influências hostis ao Partido. Isto, camaradas, é tanto mais indispensável se considerarmos que não são poucos no Partido os membros que a ele aderiram recentemente, que não conhecem suficientemente a nossa teoria, que não assimilaram completamente a linha geral do Partido, que é a da Frente da Pátria, membros esses inclinados a prestarem-se à demagogia e aos extravios vindos do exterior, que pode transformar-se em vítimas de provocadores, agentes dos nossos inimigos. Os inimigos não podem atacar de frente o nosso Partido, actuando do exterior, visto ele assentar sobre bases sólidas, sobre bases de granito; tentam contudo do interior,a coberto de «slogans» esquerdistas e de frases demagógicas, induzir em erro certos membros do nosso Partido e semear a desorganização nas suas fileiras, enfraquecer a sua disciplina e a sua coesão ideológica e política. É preciso vigiar tais elementos no Partido. É preciso agir impiedosamente contra tais elementos que o desorganizam e o desmoralizam. Não pode nem deve haver, num partido militante como o nosso, lugar para os anarquistas, para os anarco-sindicalistas, para os anarco-comunistas, nem para outros elementos dessa índole.

Contudo, a coesão, a disciplina e a combatividade do Partido dependem acima de tudo de dois factores importantes: o primeiro factor, são *os quadros do Partido;* o segundo, *a judiciosa compreensão da linha do Partido e das suas perspectivas:* para onde vamos, porque lutamos e onde chegaremos como partido, como povo.

No que respeita os quadros do Partido, fala-se muitas vezes entre nós de quadros «velhos» e de quadros «jovens». Velhos e jovens! Trata-se de uma divisão totalmente errada. O Partido possui em suma diversas categorias de quadros, poderá mesmo afirmar-se que possui quatro categorias fundamentais, englobando cada uma delas *quadros jovens e velhos.*

Uma dessas categorias é representada pelos quadros, velhos e jovens membros do Partido desde antes do 9 de Setembro tendo-se alguns filiado mesmo antes de 1923 e outros após essa data, mas todos eles membros sem interrupção até ao 9 de Setembro, trabalhando activamente, combatendo contra o fascismo, participando na histórica obra do 9 de Setembro e continuando mesmo depois dessa data a servir sem descontinuidade, honesta e fielmente, a causa do Partido. *Trata-se da primeira categoria.*

Uma outra categoria, igualmente composta por quadros jovens e antigos, são os que até ao 9 de Setembro — alguns desde 1923, outros desde mais tarde — não eram militantes activos do nosso Partido, mantendo-se à margem, mas que, de acordo com as suas forças e possibilidades auxiliaram o Partido na sua actividade nas cidades, nas aldeias, nas administrações. São quadros honestos, dedicados, embora sem serem heróis, incapazes de aderir aos destacamentos de guerrilheiros, não passaram pelas prisões nem pelos campos de concentração. Mantiveram-se afastados, mas sinceramente ligados ao Partido e à sua causa, não deixando nunca de o ajudar moralmente e materialmente e escondendo os nossos camaradas clandestinos, socorrendo combatentes feridos, etc. *Trata-se da segunda categoria.*

Existe igualmente uma categoria especial de quadros de Partido, jovens e velhos, que durante o regime fascista e até ao 9 de Setembro se afastaram do Partido, conservando uma atitude passiva, mantendo-se à margem, tratando dos seus

próprios assuntos (advogados, muitos professores e empregados, etc.). Não mantiveram uma conduta hostil para com o Partido, não passaram para o lado do inimigo, não secundaram o fascismo. *Trata-se da terceira categoria de quadros do Partido.*

Existe finalmente uma série de novos quadros de Partidos, jovens e de idade já avançada, que se manifestaram e se desenvolveram depois do 9 de Setembro, quando se abriram de par em par as portas à actividade política, quando o céu se aclarou e se ouviam em todo o país «vivas» sem fim. Foi nessa altura que iniciaram a sua actividade política no Partido e que o seu número aumentou como novos quadros no aparelho de Estado, nas organizações públicas, nos comités da Frente da Pátria, etc. *É a quarta categoria de quadros do Partido.*

São estas as quatro categorias fundamentais dos quadros do Partido. O Partido está interessado em utilizar todos esses quadros, de uma forma racional, na sua actividade, quer no seio do próprio Partido quer no aparelho de Estado, nas organizações públicas, em todo o lado no meio do povo, pela edificação da Bulgária nova, da Bulgária da Frente da Pátria. É esta a razão por que todos esses elementos dessas quatro categorias de quadros devem ser colocados sob a vigilância da direcção do Partido: direcção central, regional, etc. No período que atravessamos, a missão consiste em acelerar a fusão de todas essas categorias num todo, num conjunto de quadros unido, de que dependerão em grande medida a coesão, a disciplina e a combatividade do nosso Partido.

É natural contudo que o Partido não empregue a mesma atitude para com as quatro categorias de quadros. As direcções do centro, as provinciais e as distritais devem ser compostas sobretudo por representantes da primeira categoria. *A primeira categoria de quadros é actualmente a espinha dorsal dos quadros do Partido em geral, e do próprio Partido.* Esses quadros representam a melhor e plena garantia quanto à judiciosa direcção do Partido e quanto à boa educação das suas massas. Seguidamente vem a segunda categoria, que não esteve activa até 9 de Setembro mas que é composta por membros honestos e dedicados que auxiliaram o Partido na luta contra o fascismo. O Partido não pode deixar de manter

certa reserva para com a terceira categoria, que embora sem auxiliar o Partido, não passou para o lado do inimigo. Uma parte dos membros dessa categoria isolou-se durante um longo período, por vezes mesmo durante 20 anos, da vida política, do Partido, das suas lutas. Esta categoria de quadros encontra-se por princípio atrasada sob o ponto de vista político e ideológico. Não pode pretender participar na direcção do Partido no presente momento. Deve restabelecer-se, assimilar a linha do Partido; deve recuperar o que perdeu durante 20 ou 10 anos, deve alcançar os outros para poder pretender a uma participação decisiva na direcção do Partido, nos assuntos do Partido. Essa categoria de quadros pode ser muito útil, e sê-lo-á, ao aparelho de Estado, às organizações políticas, à economia nacional, mas desde que esteja sob a direcção do Partido. Os quadros dessa categoria serão úteis através dos seus conhecimentos como advogados, médicos, engenheiros, pedagogos e outras especialidades, em resumo, como pessoas instruídas, na medida em que cumpram as directivas do Partido, da sua direcção, na medida em que obedeçam categoricamente à disciplina do Partido e observem a sua moral.

Existem nessa categoria camaradas que experimentam de momento uma certa amargura que os faz sofrer. Alguns de entre eles foram até 1923 dirigentes de organizações à escala de província, de distrito, enquanto outros foram membros do Comité Central, deputados e conselheiros municipais até 23 de Setembro de 1923. Agora que nas condições existentes de uma atmosfera política livre reapareceram em cena, crêem que deverão a todo o custo ser colocados em lugares dirigentes no Partido, pelo que se sentem pouco à vontade por se encontrarem sob a direcção de camaradas mais jovens do que eles próprios, e ambicionam ocupar um lugar dirigente no Partido, no Estado, na comuna, etc. É precisamente neste ponto que surgem certos dissabores não só para eles como para as organizações do Partido. É preciso acabar com isso. Esses camaradas devem compreender que não lhes é possível ocupar um lugar de dirigente na vida do Partido nem tão-pouco um lugar de grande responsabilidade na vida do Estado e da sociedade a não ser que arregacem as mangas e obedeçam à direcção e à disciplina do Partido. Por outro lado, o próprio Partido

deverá correr em seu auxílio por todas as formas a fim que eles possam recuperar o mais rapidamente possível aquilo que no passado perderam. É precisamente a altura de dizer aqui que existe muitas vezes uma atitude incorrecta para com os quadros da terceira categoria, por parte de certos dirigentes de Partido. Estes dizem: «Lutámos até ao 9 de Setembro, fizemos sacrifícios, enquanto eles tratavam dos seus assuntos de advocacia, enquanto cultivavam as suas vinhas e viviam no sossego, não se expondo em parte alguma, temendo pela própria pele; querem agora ser grandes dirigentes das organizações de Partido... Como se poderá tolerar semelhante coisa?» Testemunha-se mesmo uma certa animosidade para com esses quadros. Tal atitude não interessa ao Partido. É preciso que se acabe com esse procedimento. É indispensável, pelo contrário, que as capacidades e conhecimentos desses quadros sejam aproveitados, a cem por cento, de forma apropriada, pela causa do Partido e da Frente da Pátria.

No que respeita aos quadros da quarta categoria, isto é, os quadros que entraram no Partido após o 9 de Setembro, deverão tratar de assimilar a experiência adquirida pelo Partido durante o período anterior ao 9 de Setembro, deverão aprender as lições fundamentais da sua história, deverão dar grande importância à elevação do seu nível ideológico e político, a fim de se tornarem quadros consumados.

Todos os quadros do Partido, a começar por mim e até ao último membro do Partido, somos obrigados *a aprender a governar*. Não fomos um Partido no poder, fomos um Partido na oposição. Criticámos, lutámos, mas não governámos, à excepção de determinadas comunas que governámos temporariamente até 1923. Actualmente depois do 9 de Setembro, estamos a adquirir experiência como Partido do governo. Essa experiência é-nos bem indispensável. Os quadros do Partido, estejam eles onde estiverem, devem instruir-se. Devemos todos aprender a governar, a construir, a construir com os nossos aliados da Frente da Pátria, a trabalhar em conjunto com eles; é preciso que exista uma competição entre nós e os nossos aliados, permitindo-nos fornecer os melhores especialistas; é preciso que os nossos quadros conservem o primeiro lugar e que mereçam sempre a confiança que lhes é atribuída. São indispensáveis para este efeito o trabalho,

o conhecimento, o *savoir-faire*; são a banir a preguiça, o autocontentamento, a jactância sectária. É preciso não nos deixarmos adormecer sobre os louros alcançados, trabalhando pelo contrário infatigavelmente pelo nosso próprio aperfeiçoamento. Se o comunista é engenheiro, que estude ainda; se é administrador, que eleve a sua qualificação; se é professor, deve realizar outro tanto; se é funcionário do Partido, deverá realizar ainda mais serviço. Onde quer que trabalhemos, independentemente do lugar que ocupemos, deveremos instruir-nos incansavelmente, visto que sem a ciência de governar, de como construir a Bulgária nova, democrática, não poderemos assegurar à nossa pátria e ao nosso povo o progresso e um brilhante futuro.

Estou convencido que estes problemas que dizem respeito aos quadros e à sua educação, à sua formação, foram já estudados com grande cuidado na conferência; gostaria contudo de frisar que a nossa educação marxista-leninista, de que muito se fala entre nós, no seio do Partido, mas infelizmente pouco posta em prática, esse trabalho instrutivo e educativo, deve estar sempre ligado directamente à actividade prática, à actividade criadora, ao trabalho no Partido e fora dele. Separar a teoria da prática, a instrução teórica da actividade prática, é prejudicial. É preciso que haja um acordo perfeito entre o trabalho prático que executamos e a instrução teórica; é preciso não pensar que já obtivemos o máximo dos conhecimentos. Ninguém, dentro da sua especialidade, sabe tudo o que seria necessário saber. Temos de saber sempre mais e mais. *É preciso que nos instruamos no processo do trabalho, como fazíamos até ao 9 de Setembro durante a luta contra o inimigo: nas prisões, nos campos de concentração, nos destaçamentos de guerrilheiros. Hoje devemos instruir-nos no processo da construção e do trabalho criador.*

A compreensão justa da nossa linha geral e da nossa política representa o segundo factor de que dependem a coesão, a combatividade e a disciplina do nosso Partido.

Ouvem-se muitas vezes vozes (em geral vozes provocadoras, mas que influenciam alguns dos nossos camaradas ainda pouco maduros sob o ponto de vista político) que afirmam que o nosso Partido, a principal força da Frente da Pátria, se transformou num vulgar partido democrático, que

renegou tacitamente do socialismo, que existe, segundo afirmam, em função das contradições entre a luta e o trabalho pela realização do programa da Frente da Pátria, por um lado, e a luta pelo socialismo, por outro. É preciso acabar-se com esta prática. Os camaradas que hesitam sobre este problema fundamental não poderão trabalhar com força, energia e entusiasmo pelo Partido, pela causa popular geral da Frente da Pátria.

Que representa em suma a nossa política nesta etapa do desenvolvimento social, isto é, durante a era da Frente da Pátria? Apresenta-se em resumo da seguinte forma: sob o ponto de vista do nosso Partido, na sua qualidade de Partido da classe operária, de Partido activo, tanto no momento presente como no futuro, a realização prática e total do programa da Frente da Pátria significa a criação de condições necessárias que possam permitir ao nosso povo integrar-se na via do socialismo. Ora é notório que o futuro de todos os povos reside, em última análise, na realização do socialismo. Contudo, a conjuntura da luta pelo socialismo é completamente diferente hoje do que era em 1917-1918 na Rússia czarista, quando estalou a revolução de Outubro. Desde então, como sabeis, passaram trinta anos e a União Soviética tornou-se entretanto num Estado socialista à escala de uma grande potência mundial. Esse país socialista demonstrou uma grande vitalidade durante a guerra patriótica; forneceu a mais importante participação para a vitória sobre o fascismo, a fim de salvar a civilização na Europa e no mundo. Foi precisamente essa guerra que confirmou de forma estrondosa a força, o poder e a superioridade do sistema socialista. Este facto teve e continua a ter uma enorme influência no desenvolvimento internacional. Como resultado da guerra e sob a influência da grande obra da União Soviética, produziram-se transformações democráticas profundas em muitos países, para não dizer em todos. Citemos entre eles a Jugoslávia, a Checoslováquia, a Polónia, a Hungria, a Roménia, a Finlândia, a Bulgária.

Essas transformações democráticas, esse desenvolvimento na via do progresso, contra os regimes caducos e reacciona-

rios, contra os regimes do grande capital especulador, dos cartéis e dos consórcios, do imperialismo, vemo-las intervir não só nas colónias como nos países dependentes, na Indonésia, na Índia e em outras regiões do mundo. Além disso, a existência de um grande Estado socialista, como a União Soviética, bem como as transformações históricas, democráticas que se efectuam após a guerra, põem a inúmeros países o problema da realização do socialismo como cooperação da classe operária com os camponeses, com os artesãos, com os intelectuais e com as outras camadas progressistas do povo. Quando também no nosso país, na Bulgária, se nos deparar o problema da passagem do nosso povo do sistema social actual para um sistema novo, socialista, então os comunistas edificarão, com o apoio do povo, a nova sociedade socialista juntamente com os camponeses, com os artesãos e com os intelectuais, como obra histórica de todo o povo.

A marcha desse desenvolvimento social, camaradas, poderá parecer a alguns demasiado lenta. Contudo, ela não só é possível e real, como também, sem dúvida alguma, muito menos difícil para os povos. É por essa razão que nós, comunistas, declaramos abertamente, e não receamos afirmá-lo, que preferimos precisamente, nas actuais condições, essa via rumo ao socialismo visto ser real e menos difícil. É absolutamente certo que os povos, tanto pequenos como grandes, acabarão por se embrenhar na via do socialismo visto o socialismo ser uma necessidade histórica tanto para uns como para os outros.

É esta a realidade e nós como marxistas devemos sabê-lo: cada povo passará para o socialismo, não através de uma via idêntica, estereotipada, não precisamente pela via soviética, mas sim pelo seu próprio caminho, consoante as suas condições históricas, nacionais, sociais, culturais e outras. Aquele que fala em contradição entre a política da Frente da Pátria, que é a nossa, e a luta pela união de todas as forças progressistas e democráticas no seio da Frente da Pátria, pela realização do seu programa, por um lado, e a luta pelo socialismo por outro, aquele pois que mencione uma tal contradição, não é de forma alguma um marxista, é um provocador. Cada etapa do desenvolvimento social põe o povo perante uma

tarefa importante, central. Na era da Frente da Pátria, a tarefa importante, central, é a *a realização do programa da Frente da Pátria, a vitória da causa histórica do 9 de Setembro, a garantia da democracia popular búlgara na vida estatal, social, económica e cultural do nosso povo.* É por isso que aquele que não trabalha e que não luta nas fileiras da Frente da Pátria pela solução dessa grande missão nacional, independentemente das suas declamações a favor do socialismo, leva a água ao moinho dos meios reaccionários, dos inimigos do socialismo.

Camaradas, gostaria de vos dirigir ainda algumas palavras mais. Devemos ter a nobre ambição, como comunistas, membros do Partido, de sermos em todos os aspectos bons e fiéis discípulos de Lénine. Devemos instruir-nos incessantemente e resolver sempre todos os problemas e tarefas que preocupam o nosso povo e o nosso país, não de uma forma *estereotipada,* mas partindo do ambiente concreto, da conexão das forças sociais, do estado de espírito do povo, das suas aspirações e das suas necessidades. Devemos trabalhar pela causa da libertação do povo búlgaro de toda a exploração, das calamidades, da desgraça, etc., fiando-nos na nossa inteligência prática, nos nossos próprios esforços criadores. É preciso reflectir, instruirmo-nos e agir judiciosa e habilmente, de acordo com o ditado pelos interesses vitais do nosso povo em cada momento determinado: tanto na cidade como na província, na aldeia, na administração, na fábrica, na oficina, na mina, na escola, em todo o lado. É necessário que aprendamos *a expor e a resolver concretamente as tarefas e problemas de uma forma marxista, bolchevista.* O nosso camponês, dotado de bom senso e de uma inteligência nata, reflecte sobre o que deve semear nas suas terras, visto ser previdente e saber o que virá a obter. Não é um fantasista, é um realista. Nós próprios retirámos poucos ensinamentos da experiência prática do povo. Muitos dos nossos camaradas não apresentam tanta previsão no seu trabalho de Partido: forjam planos complicados, nebulosos; apresentam-se fantasistas, com fraseamento vão. O camponês poderá dizer-lhes com razão: «Deixe essas frases, nós precisamos de actos; construamos escolas, pontes, desentulhemos a estrada, asseguremos feno ao gado;

precisamos de cultura, de instrução, de cinemas, de teatros, etc.»

Em muitos locais os dirigentes do Partido preferem comandar em vez de demonstrarem espírito de camaradagem e paciência para com os membros do Partido e para com a população, em vez de esclarecerem, de instruírem e de educarem, recebendo ao mesmo tempo eles próprios ensinamentos das massas.

Quando dirijam uma conferência, observem a assistência, apreciem-na e designem aqueles que são dotados, com talento. A experiência demonstra que os membros do Partido mais dotados são em princípio modestos ou mais que modestos; mantêm-se à margem, despercebidos, enquanto os patetas se costumam colocar nas primeiras filas, visto terem normalmente a palavra pronta. Procurem esses camaradas modestos e dotados, como Diógenes procurava um homem, de lâmpada na mão. Procurem cada novo militante, descubram aqueles que são idóneos, abram-lhes o caminho. Existem jovens, honestos e dedicados, que vendo alguns dos seus camaradas mais instruídos fazer conferências, pensam: «Não conseguirei nunca fazer como eles.». Ora, trata-se precisamente de organizadores dotados, possuidores de uma inteligência nata e de um carácter firme. É assim que passam despercebidos, digo-vos, quer entre o povo quer no seio do nosso Partido, numerosos quadros dotados. É preciso que se tomem iniciativas para que tais quadros venham a ser designados, para que sejam auxiliados no seu desenvolvimento. Não esqueçamos nunca que *os quadros decidem o êxito de toda e qualquer obra.*

Finalmente, devemos ambicionar, como comunistas búlgaros, que o nosso Partido seja, como partido dirigente, perfeitamente exemplar em todos os aspectos. Devemos também trabalhar pela causa comum, em camaradagem, com os nossos aliados — os membros da União Agrária, do círculo político Zvéno, do Partido Social-Democrata, do Partido Radical — e devemos ser os primeiros no grande movimento popular da Frente da Pátria. Não esqueçais que os homens nem sempre fazem o que desejam, mas sim o que lhes é imposto pela situação. Criemos na Bulgária, através de um trabalho e de

uma luta à escala da Frente da Pátria, um ambiente que permita a todos os nossos aliados, bem como aos elementos hesitantes de hoje, servir até ao fim a causa histórica da Frente da Pátria!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 46,
de 2 de Março de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1945, pp. 53-67.

A UNIÃO DA JUVENTUDE OPERÁRIA DEVE TORNAR-SE UMA ESCOLA DE SOCIALISMO

EXTRACTOS DA CONFERÊNCIA REALIZADA COM OS MEMBROS DOS COMITÉS DA UNIÃO DA JUVENTUDE OPERÁRIA DE SÓFIA E DA PROVÍNCIA, A 1 DE MARÇO DE 1946

1. *QUESTÕES DE ORGANIZAÇÃO*

É de grande importância que o secretário da organização da província seja igualmente secretário da organização da respectiva cidade, pois de contrário os comités actuariam sem a necessária coordenação, encontrando-se apenas em certas conferências; os comités provincial e da cidade assemelhar-se-iam pois a duas províncias diferentes. Esta situação foi já liquidada no seio do Partido, mas não ainda no que se refere à U. J. O. O trabalho é desta forma melhor organizado, economiza-se tempo, evitam-se determinados mal-entendidos e age-se portanto de forma muito mais eficaz. A época em que vivemos exige de nós uma actuação absolutamente eficaz.

Deve existir um contacto sólido e permanente entre o Comité Central e os comités provinciais e de cidade. Ora a regra estabelecida entre vós é que o C. C. trabalhe por um lado, enquanto os comités departamental, de bairro e de cidade trabalham por outro. Deveis deixar-vos guiar no vosso

trabalho pelo seguinte princípio: uma grande centralização na direcção e a maior descentralização possível no trabalho. Uma direcção centralizada, que se inspire nas mesmas ideias, que siga a mesma linha (e neste aspecto deve ser tão dura como um punho fechado) enquanto que a actividade prática, o trabalho de organização, a propaganda e a educação devem ser descentralizados, a fim de abrangerem as mais amplas massas da juventude. Se se conhecer a linha geral, se se conhecerem as directivas da direcção, cada um poderá por seu turno, na organização respectiva desenvolver a maior iniciativa criadora possível, a maior energia e habilidade a fim de as levar com êxito à prática.

O efectivo dos nossos quadros é insuficiente, não só no que se refere ao Partido como à U. J. O. Vivemos 20 anos na clandestinidade, sofremos perseguições, estivemos nas prisões, não tivemos tempo nem possibilidade para criar quadros suficientemente numerosos. Aliás, aqueles que pereceram na resistência, nas prisões e nos campos de concentração pertenciam ao grupo dos mais audaciosos e eficientes. Agora que temos a nossa liberdade de acção, que ninguém nos pode perseguir, devemos aproveitar essa mesma liberdade e trabalhar para formarmos os quadros necessários, devemos servir-nos dos velhos quadros que sobreviveram e dar possibilidade aos novos, àqueles que aderiram ao Partido e à U. J. O. após o 9 de Setembro, de se colocarem com o seu trabalho na organização e no aparelho de Estado, a fim de se tornarem plenamente úteis. É esta a razão por que se não deve perder tempo em discussões vãs e em falatórios, deve-se pelo contrário, dedicar uma atenção séria e o maior cuidado à formação de novos quadros. Os rapazes e as raparigas dedicados e fiéis devem ser terminantemente encarregues de um trabalho de responsabilidade. Procurem sobretudo criar quadros de jovens especialistas: bons engenheiros, médicos, agrónomos, juristas, etc. Da vossa União devem sair intelectuais qualificados.

Um outro defeito é o tempo que a falta de organização faz perder. Fixam-se as reuniões para as 8 horas, mas começam apenas às 10 horas. Isso não está certo. Não se tem em conta o factor «tempo». Desperdiçam-se de forma criminosa forças e energia. Se acordásteis nas 8 horas, começai pois às 8 horas! Esta questão deve ser tratada na imprensa e nas

próprias reuniões, deve-se estigmatizar este grave defeito. Por outro lado, as reuniões são longas por as questões não serem definidas com antecedência. Iniciam-se infindáveis discussões sem princípio, meio nem fim, sobre uma ou outra questão, as ideias são infindáveis, agitam-se como numa colmeia, bastando que alguém toque ao de leve para que as abelhas se ponham imediatamente a zumbir, cada um está pronto para sugerir ideias, e é assim que o tempo passa rapidamente em palavreado supérfluo. O tempo é precioso para nós, muito mais precioso que certas coisas valiosas. Vinte e quatro horas não chegam, é demasiado pouco. Mesmo que a própria natureza as pudesse transformar em 48 horas, ainda assim o tempo não chegaria. Durante essas 24 horas é preciso trabalhar, dormir, repousar. A única forma possível é organizarmos nós próprios, nós dirigentes e militantes de base, o nosso próprio tempo. Não podeis trabalhar ininterruptamente, sem tempo para repouso, para uma ida ao teatro ou ao cinema. Que espécie de dirigentes sereis, sem cultura? Ao estudo do marxismo deve-se acrescentar a cultura. Deveis ser robustos, fortes e resistentes. Trata-se de trabalhar e de criar.

No nosso trabalho é necessário utilizar sempre de forma organizada o tempo dos organismos dirigentes; as questões devem ser estudadas com antecedência, e resolvidas de forma concreta. Se uma questão não figurar na ordem dos trabalhos e se não tiver uma importância e urgência excepcionais, deverá ser examinada na sessão seguinte. Por outro lado, não é necessário que todos apresentem a sua opinião. Se alguém já disse o indispensável, para que é que serve repetir o mesmo? É preciso evitar as repetições. É preciso acabar com a ambição de ostentar a sua própria sabedoria. As pessoas que têm a prosápia de tudo saber não são militantes sérios, não se prestam à evolução. Aquele que crê que tudo sabe permanece sempre no mesmo ponto, enquanto a vida avança por seu lado, ultrapassando-o.

Depois de tomardes determinadas decisões deveis estabelecer sempre: o prazo, o camarada que executará essas decisões, bem como aquele que assegurará o controle da execução. Se fizerdes tudo isto, 90 por cento das vossas decisões serão positivas. Decide-se convocar uma reunião, mas a maior parte das vezes não se decide quem a convocará, quando e

como virá a ser organizada, entregando-se ao secretário a decisão de todos esses detalhes. A maior parte das decisões não passam do papel, não passam de intentos não realizados. Passam-se horas e horas a discutir essas decisões que não serão nunca realizadas. Serão porventura boas decisões, mas apenas úteis para os arquivos. E os arquivos só têm uma certa importância para a História. É preciso controlar a execução das decisões tomadas. O controle torna-se necessário desde o cimo até à base, até à última das vossas instâncias. E isso não é fácil, é preciso muito trabalho e tenacidade para que a tal as pessoas se habituem. Um ou dois dias antes da expiração do prazo é preciso controlar o trabalho realizado, já seja pelo telefone ou por qualquer outro processo. Vós sois jovens, sólidos; sois capazes de introduzir uma ordem deste tipo na vossa organização. Verificareis então rapidamente que os resultados serão muito melhores.

A maior parte das vossas receitas deve proceder das quotizações. Torna-se necessário contudo controlar a recepção das quotizações, de a organizar de imediato, não atrasar o pagamento das quotizações fixadas. Se houver negligências, é preciso utilizar a persuasão, insistir diversas vezes e considerar a exclusão como uma medida extrema. Habitualmente, quando ao fim de dois ou três meses se verifica que um membro não apagou as suas quotizações, procede-se à sua exclusão. Isso significa que a organização não procede a um trabalho de educação indispensável. Deve-se perguntar aos responsáveis que esforços de persuasão empregaram para com membros que não pagam as suas quotizações. Se um responsável se apressa em excluir um membro por este não ter feito o seu pagamento, isso significa que segue o caminho do menor esforço. Esse responsável não pode ser de forma alguma um bom responsável. Cada uma das vossas organizações deve possuir a todo o custo um tesoureiro activo que na devida altura deverá recordar aos membros as suas obrigações, que cuidará de receber com regularidade as quotizações, as quais de contrário seriam negligenciadas aumentando assim a dívida com o passar dos meses e tornando-se então difícil para o membro em questão liquidar as suas quotizações em atraso.

O regular pagamento das quotizações é o primeiro sinal da dedicação de um membro para com a sua organização. Não deveis ocupar-vos de negócios comerciais como fonte de rendimentos. Evitai tais fontes, visto poderem prejudicar o carácter da vossa organização. As sessões musicais e literárias são uma honesta fonte de rendimento, com a condição contudo de serem bem organizadas e darem resultado. Os resultados das sessões devem ocupar o segundo lugar depois das quotizações, sob o ponto de vista financeiro. Organizais lotarias destinadas aos jovens? Porque não angariar meios entre os amigos abastados da juventude? Existem pessoas que possuem recursos e que ajudarão de boa vontade a organização. Criai um fundo na U. J. O. O Comité Central deveria discutir essa questão. A vossa organização deverá apoiar-se em si própria, não deve recorrer ao auxílio material do Partido a não ser em último recurso.

2. *PELO CARÁCTER DE MASSAS DA UNIÃO*

Os efectivos da União da Juventude Operária devem ser superiores aos do Partido. Para que um jovem venha a ser admitido na U. J. O. deve provar ser honesto e dedicado. É esta a condição decisiva. Pode acontecer não estar suficientemente preparado — mas não é a U. J. O. uma escola para a educação da juventude? Não deveis preparar o jovem fora da U. J. O., mas sim aceitá-lo tal qual é, com os seus defeitos. É já essencial que seja honesto e dedicado, daí em diante a U.J.O. ocupar-se-á da sua formação. As portas da U. J. O. devem estar abertas neste aspecto. A juventude é educada no processo do seu trabalho, à medida que vêm a ser realizadas as missões presentemente apresentadas ao nosso povo, à Frente da Pátria, ao Partido e à U. J. O. Não deveis contudo aceitar nem provocadores nem elementos hostis. Não deve haver lugar na U. J. O. para os agentes estrangeiros camuflados. É preciso exercer máxima vigilância sobre eles.

A principal forma a utilizar para atrair novos membros é alargar as vossas actividades no seio dos sindicatos. Obtereis assim pelo menos mais 50 por cento de jovens operários do que possuís neste momento. Deveis proceder a um inquérito

em cada sindicato de forma a descobrir o número de jovens já organizados, saber quantos de entre eles são membros da U. J. O. e descobrir os mais activos de entre eles. Deveis encontrar em cada sindicato as razões que levam certos jovens a não serem membros da U. J. O., e quem são eles. Os vossos membros devem trabalhar de forma muito activa em cada sindicato a fim de organizarem a juventude sindical na U. J. O.

Existem em seguida a União das mulheres e as diversas organizações femininas. Que fazeis nesse campo? Qual é o número de raparigas existentes nas organizações femininas e quantas de entre elas aderem à U. J. O.? Quais são as activistas, qual a razão por que um grande número de raparigas não estão organizadas na U. J. O.? É necessário concentrar a atenção dos camaradas no sentido do recrutamento dessas raparigas para a U. J. O. A U. J. O. deve incluir nas suas fileiras a maioria das raparigas, que muito podem pelo movimento da juventude. Esse sector da juventude é também importante sob o ponto de vista nacional. Serão elas as futuras mães e delas depende a geração que darão à nova Bulgária. Como membros da U. J. O., e se forem honestas, cultas, se possuírem uma sólida educação política e se forem fisicamente sãs, serão amanhã boas mães. São elas as futuras companheiras dos nossos jovens, dos nossos militantes. O papel que desempenham ao lado dos maridos na vida familiar é muito importante.

Haveis cometido erros no que se refere à cultura física. Haveis-vos isolado das organizações desportivas, persuadidos que deveríeis organizar os desportos por vós próprios. É preciso reorganizar o vosso trabalho neste campo, conhecer os jovens membros das organizações desportivas, descobrir aqueles que não são membros da U. J. O. e saber qual a razão. Tereis assim não só uma nova fonte de aderentes à U. J. O. como também uma influência favorável nas organizações de massas.

Quando trabalhardes nas escolas, ireis deparar com vários obstáculos, o caminho não será certamente plano. A reacção tenta criar uma base nas escolas, pelo que devereis tomar contra-medidas e desenvolver maiores esforços. Depois do 9 de Setembro de 1944, quase toda a gente seguia a Frente

da Pátria, a corrente arrebatava tudo e todos. A partir daí começou contudo o segundo período, a diferenciação: uns eram a favor, outros, contra, e o restante hesitava. Isto aplica-se em especial aos intelectuais. É este o período que presentemente atravessamos. Quanto mais numerosos forem os êxitos da Frente da Pátria, tanto mais fracas serão as hesitações. A oposição quer precisamente aproveitar-se desse período de hesitação por que passa uma parte dos intelectuais para criar pontos de apoio entre a juventude escolar. Necessita em particular de agitadores — estudantes de escolas e cursos superiores — e é aí que sereis precisamente mais atacados. Não ignoramos que Sófia é um autêntico ninho da reacção. Deveis contudo possuir plena confiança nas forças do povo. Existem jovens que, ao verem que a oposição goza de uma certa influência em determinados meios, se mantêm à margem. Devereis pois esclarecer a situação e empreender os máximos esforços para a consolidação da fé da juventude, e em especial da juventude escolar, na justa causa da Frente da Pátria, nas forças do nosso povo.

3. *PELA INSTRUÇÃO DA JUVENTUDE*

A instrução marxista-leninista é uma questão importante, devendo-se tomar medidas particularmente sérias nesse campo. Fala-se geralmente muito a este respeito, agindo-se contudo muito pouco. A época que atravessamos e as condições em que trabalhamos exigem no entanto de cada membro da U. J. O., de cada membro do Partido, o aumento diário e constante dos seus conhecimentos, a aprendizagem dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Deveis adaptar e organizar o vosso ensino de forma a torná-lo acessível a uma grande parte dos vossos membros. A juventude escolar que possui, por exemplo, uma instrução genérica, poderá mais facilmente familiarizar-se com a nossa teoria, enquanto que para a juventude operária e camponesa, alheia à instrução genérica e que na sua maioria apenas levou os estudos até ao nível do ensino elementar ou quando muito até ao certificado de estudos, a nossa teoria apresenta um certo número de dificuldades. É por esta razão que o ensino deve ser dife-

renciado, isto é, devem-se elaborar métodos diferentes para a juventude operária e para a juventude camponesa. Na U. J. O. seguis contudo neste campo um plano perfeitamente idêntico. Deveis reflectir sobre a diferenciação do ensino, o que não é fácil. É necessária uma certa preparação preliminar, uma avaliação de toda a vossa experiência neste campo, bem como a elaboração de dois programas de instrução distintos: um para os alunos e para a juventude intelectual, e o outro, popular, para a juventude operária e camponesa.

Não esqueçais que a base do movimento da juventude deve ser a juventude operária e camponesa. É esta a grande massa em que vos ireis apoiar. É muito importante possuirem-se intelectuais honestos e eficientes, mas os bons quadros deverão sobretudo ser compostos pela juventude operária e camponesa. Devereis efectuar o vosso trabalho tendo em conta esta tarefa e tomar medidas a fim de obterdes meios suplementares neste campo. Os círculos de ensino devem ser ampliados ao máximo: nas escolas, na província, nas empresas, nos serviços de administração, nos bairros das cidades; os estudos devem ser benévolos, não obrigatórios. Deve fomentar-se um interesse constante nesses círculos. Os participantes dos círculos deverão reunir-se uma ou duas vezes por semana a fim de lerem em conjunto ou a fim de lhes serem explicados assuntos de actualidade. É possível reunirem-se em qualquer lado, sem que seja necessário ser sempre no clube. Esses círculos, de 10 a 15 pessoas, deverão existir aos milhares, visto representarem o melhor processo de instrução. Os jovens poder-se-ão entreajudar, adquirir uma cultura e uma formação ideológica e política.

A educação individual é particularmente necessária à juventude. O Partido e a U. J. O. não podem incluir nos seus cursos e escolas todos aqueles que deveriam estudar. Por isso é indispensável que cada um se ocupe por si próprio da sua educação pessoal. Deve criar-se com esse fim uma ampla rede que inclua milhares de círculos, fornecendo-lhes manuais, questionários, livros, para que os jovens possam estudar sós e adquirir o máximo de conhecimentos úteis. Nas actuais condições a educação individual é o mais poderoso processo para elevar o nível teórico e político dos vossos

membros. Todo o jovem que se deita à noite sem reflectir sobre o que aprendeu durante o dia não pode de forma alguma progredir. Embora sobrecarregados com trabalho diário, deveis organizar a vossa actividade de forma a ter tempo para reflectir no que fizésteis durante o dia: se um pouco mais do que o habitual ou se um pouco menos. Se foi um pouco mais, estais na boa via, mas em caso contrário, devereis tomar providências. Existe entre nós uma espécie de contentamento sectário; acreditamos saber tudo aquilo de que necessitamos, e mesmo que o não saibamos tencionamos poder aprendê-lo se não hoje, pelo menos amanhã ou depois. Ora esta satisfação é precisamente a mais perigosa doença para vós, jovens; deveis fugir dela como da peste. Há um provérbio que diz: «Aprender até morrer». Para nós, comunistas, para os membros da U. J. O., esse provérbio deve servir de regra. É preciso falar menos e agir mais! Deve-se dizer o necessário e trabalhar mais do que se fala. E estudar incessantemente e com perseverança!

O jornal *Mladejka iskra (Centelha dos Jovens)* deverá ser para vós a ligação com a juventude operária e com toda a juventude popular. A sua fraca difusão entre a juventude é por si só resultante das insuficientes medidas tomadas nesse sentido. Deveis ter assinantes, pessoas que paguem o jornal e que queiram recebê-lo; é preciso que se ocupem em especial da regular difusão do jornal na província, nas empresas, nas administrações e nas escolas. É necessário nomear responsáveis pela distribuição, criando-se uma vasta rede de difusão. São precisos para tal grandes esforços, sem o que a difusão não chegará a atingir as vastas massas da juventude. Por outro lado, o conteúdo do jornal deve ser acessível à juventude, deve ter interesse; deve responder às necessidades, às exigências culturais da juventude. Uma tiragem de 150 000 exemplares é demasiado restrita. Tanto a difusão como o número de leitores do jornal constituem o barómetro da consciência e da actividade da U. J. O. em cada província. É preciso também pedir às organizações que encarreguem especialmente alguns membros de cuidarem da difusão da revista *Mladej (Juventude)*.

4. *DEFESA DOS INTERESSES E DOS DIREITOS DA JUVENTUDE*

Sabe-se que é grande o número de jovens que trabalham nas empresas, sendo mesmo a maioria nas manufacturas de tabaco, nos têxteis e em várias outras empresas. A U. J. O. deve dedicar especial atenção ao melhoramento das condições de trabalho dessa juventude. Deve-se testemunhar uma constante solicitude para com eles. Nós proclamamos: «A U. J. O. é o defensor dos interesses materiais, culturais e espirituais da juventude», o que aliás se encontra inscrito nos seus estatutos. Qual a vossa acção, entretanto, como organização para a defesa dos interesses materiais, culturais e espirituais da juventude? Deveis ter consciência deste problema. Isso não significa, claro está, que comeceis a construir casas de repouso, dormitórios, etc.; isso compete aos sindicatos, aos proprietários das empresas e ao Estado. Deveis contudo estar à altura de estender a vossa actividade às empresas, através dos sindicatos, mas de forma que todos saibam que a iniciativa foi vossa e que participastes nela.

A U. J. O. não pode ser uma organização com a sua actividade limitada à propaganda. A U. J. O. é uma organização indispensável à juventude, necessária à sua formação material, cultural e espiritual, pelo que o vosso trabalho deve ser acompanhado por uma actividade prática para a defesa dos interesses e dos direitos da juventude. Parece-me que o calcanhar de Aquiles da U. J. O. é o facto de prestar pouca atenção e de pouco fazer pela defesa dos interesses vitais da juventude. Prestai bem atenção a tudo isso! Deveis tomar diversas iniciativas nesse campo, mesmo no que respeita a coisas à primeira vista insignificantes. Dizem-vos por exemplo que um dos vossos jovens membros se encontra doente. Se a vossa organização prestar o seu apoio para que ele seja rapidamente hospitalizado e convenientemente tratado, tudo isso será considerado no vosso activo. Todo o bairro ou empresa o saberá. Uma certa solicitude e uma especial atenção para com a juventude — dentro do âmbito das possibilidades materiais, e dentro das possibilidades do poder da Frente da Pátria — são muito necessárias em todos os campos. Este quadro não é restrito, pode ser pelo contrário ampliado

também no campo da actividade prática. Enquanto se limitarem à propaganda, apenas registarão meios-sucessos. Se não lhe agregarem uma actividade prática a favor da juventude, a força de atracção da U. J. O. enfraquecerá. E os inimigos tirarão partido dessa fraqueza.

A juventude deve considerar em todas as circunstâncias a U. J. O. como o seu conselheiro e defensor! Aproveitem mesmo as mais insignificantes ocasiões com esse fim! Aproveitem por exemplo os casamentos de jovens e mandem alguém felicitar os noivos. Quando uma jovem camponesa, membro da organização, se casa, os restantes membros deverão assistir ao casamento. Se nasce uma criança na família de um aderente, se um aderente perde o pai ou a mãe, um representante da U. J. O. deverá visitar a família e prestar todo o auxílio possível. Não pensem que estes detalhes, embora insignificantes aparentemente, poderão lesar o prestígio da U. J. O., como organização de combate. Se reflectirem seriamente sobre este ponto, poderão descobrir inúmeros métodos de trabalho dentro deste campo. Devem estabelecer um sistema próprio. Não deixem escapar tudo aquilo que vos possa ligar mais de perto à juventude. É preciso que a juventude possa sentir na U. J. O. a sua própria organização, a que pode recorrer e pedir conselho ou auxílio se necessário. Se não cuidarem deste aspecto, irão sem dúvida transformar-se numa vulgar organização de beneficência. Para que isso não aconteça, esse tipo de trabalho deve ser acompanhado por toda a vossa actividade de organização de combate. Ora vocês devem interessar-se em todos os casos pela vossa juventude, visto serem os dirigentes responsáveis dessa mesma juventude. Quantas vezes visitaram fábricas, a fim de constatarem «in loco» as condições de trabalho e de vida da juventude operária, e aquilo que há efectivamente a fazer para melhorar a sua situação? Devem contudo sondar incessantemente a juventude operária! Isto não diz respeito somente ao serviço «Juventude operária»; toda a direcção deverá demonstrar interesse por esses importantes problemas e pelos interesses da juventude.

Existe burocracia entre nós. O secretário da organização dá, por exemplo, uma ordem, e dá por aí terminada a sua

missão. Ora as ordens dadas são explicadas, até mesmo no próprio exército. A U. J. O. é uma organização onde a adesão é livre. Se um jovem o desejar, poderá tornar-se membro, se não, não aderirá. É da vossa competência criar as necessárias condições para que ele possa sentir uma satisfação moral e orgulho por vir a ser membro da U. J. O. São inúmeros os dirigentes do próprio Partido que não compreendem este aspecto. No que se refere à juventude, trata-se de uma condição imprescindível. A juventude é o período de transição entre a adolescência e a idade madura. É durante esse período que os jovens experimentam diversos sentimentos e que mais se encontram à mercê dos processos que conduzem por vezes a nefastas consequências e que podem mesmo levar à própria catástrofe. A direcção da U. J. O. deve estar atenta e vigilante. Eis um exemplo: o amor é um fenómeno natural, legítimo; podem contudo surgir diversos casos. O amor nem sempre é recíproco, provoca por vezes emoções demasiado fortes, sofrimentos, e o jovem nem sempre é capaz de os superar. Daí a depressão, a melancolia... Se o dirigente for um burocrata, mesmo que se aperceba do aspecto infeliz do rapaz ou da rapariga, passará à frente. Que interesse poderá isso ter? Por outro lado, o verdadeiro dirigente deve tomar uma atitude atenta e cordial, deve encontrar tempo suficiente para falar com o jovem ou com a jovem em questão, deve ampará-los moralmente e ajudá-los a sair da situação. Ajudarão desta forma um grande número de jovens a vencer as dificuldades da vida diária e a desenvolver-se normalmente.

É preciso demonstrarem uma atitude atenta e de interesse, e não de apatia, para com os camaradas da organização. Trata-se de um capital humano, o capital do Partido e da U. J. O. Numa organização de massas como a U. J. O., podem encontrar-se igualmente elementos funestos que abusam da confiança das raparigas. Recebi várias cartas com queixas deste tipo. Existem indivíduos inúteis que brincam ao grande amor, abandonando em seguida a rapariga. Quais são as atitudes tomadas pela U. J. O.? Dever-se-á agir com firmeza e dando bom exemplo, ou bastará dizer: esses assuntos pessoais não me dizem respeito? Uma tal atitude, burocrática

e egoísta, lesa o desenvolvimento da U. J. O. e deve ser a todo o custo evitada. Sabe-se sobejamente que o amor é um factor muito importante na vida dos homens, que os transporta, os impulsiona. É preciso contudo exigir uma moralidade sã e não hipócrita, uma autêntica moralidade comunista. É de grande importância estabelecer entre os rapazes e as raparigas, membros da U. J. O., sãs relações de confiança mútua e de colaboração fecunda, no interesse da nossa grande causa comum.

5. A U. J. O. — ESCOLA DE SOCIALISMO

A U. J. O. deve ser uma escola de socialismo para a juventude progressista. Embora ocupando-se de problemas comuns, da realização dos trabalhos na ordem do dia, e lutando contra o fascismo e a reacção, a U. J. O. é simultaneamente uma escola de socialismo. A nossa juventude operária, camponesa e escolar deve estar pronta a lutar pelo socialismo e, mais tarde, pelo comunismo.

Digam aos vossos camaradas para lerem as minhas intervenções à Conferência Regional do Partido, e reflitam sobre elas. Devem dizer e explicar aos vossos membros uma verdade simples: quando se pretende construir uma casa, não se começa pelo telhado; cava-se primeiramente o terreno, assentam-se os alicerces, depois constroem-se os muros e só depois se coloca o telhado. O mesmo se dá na luta pelo socialismo. Não se começa pelo telhado mas sim pelos alicerces, fundações essas que constituem precisamente a realização do programa da Frente da Pátria. Deve-se começar por construir esses alicerces e só depois se coloca o telhado. A altura em que se deverá assentar o telhado será fixada por diversas condições objectivas, dependendo também de nós próprios, do factor subjectivo. Quanto melhor trabalharmos, tanto mais depressa passaremos para o socialismo. O camponês sabe que deve primeiro semear, sachar e só depois tirará uma boa colheita. O mesmo se passa na vida pública.

Como marxistas, devemos saber esta simples verdade: lavrai, semeai, sachai e tirareis em seguida uma boa colheita. É isto que muitos dos nossos camaradas, sobretudo os jovens, não compreendem ainda bem.

É extremamente importante possuir-se uma perspectiva justa. Todos os povos se encaminham ou se encaminharão para o socialismo. Nenhuma força poderá entravar esse progresso para o socialismo. Agora quando, e como é que os povos lá chegarão, é um assunto absolutamente diferente. É preciso que se saiba que não empregarão universalmente o mesmo método. O caminho da insurreição armada não é inevitável nem indispensável; em determinadas condições específicas pode-se chegar ao socialismo sem necessidade de insurreição armada. Essas condições estão actualmente criadas: por um lado, devido à existência de um grande Estado socialista que possui uma enorme influência política e moral — a União Soviética — e por outro lado, devido às transformações democráticas realizadas em vários países e que abrem caminho para o socialismo.

Eis o nosso objectivo fundamental por hoje: reforçar a unidade da Frente da Pátria, na sua qualidade de união das forças antifascistas, democráticas e progressistas do nosso povo, cujas primeiras fileiras deverão ser formadas pela juventude; arrancar profundamente os vestígios do fascismo, amordaçar a reacção, conduzir para um final vitorioso a histórica obra do 9 de Setembro — a edificação da República Popular no nosso país. Quanto mais rápida for a realização desses objectivos, tanto maior será a segurança com que o nosso povo chegará ao socialismo.

★

Existem entre nós pessoas que aprenderam e fixaram os elementos do marxismo, mas que os fixaram como papagaios. Não estudam o marxismo de forma criadora, como método de acção, mas sim de uma forma dogmática. Devemos ser marxistas criadores, devemos ver o que Lénine nos trouxe de novo depois de Marx. Ao aprofundar o estudo deste novo

elemento do marxismo, seremos capazes de resolver a questão da passagem do capitalismo para o socialismo de forma judiciosa, de acordo com a condições concretas existentes no nosso país, de acordo com as suas particularidades económicas, culturais, nacionais e históricas. Uma vez assimilados os princípios essenciais da ciência marxista-leninista, esta servir-nos-á de método de acção e não de fórmula aplicável a todos os países, a todas as épocas ou em todas as condições. Uma tal fórmula não existe nem poderá existir nunca.

Publicado na revista:
Juventude, n.º 6,
Junho de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 68-83.

AS DUAS LIÇÕES

DISCURSO PRONUNCIADO A 5 DE ABRIL DE 1946 PERANTE O GRUPO PARLAMENTAR DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS)

São bem conhecidas a Declaração do governo, bem como a declaração do nosso grupo parlamentar e dos grupos parlamentares dos restantes partidos da Frente da Pátria, pelo que é desnecessário referi-las. Essas declarações frisam uma vez mais a unidade política dos partidos da Frente da Pátria, a unidade entre o novo governo, o segundo governo da Frente da Pátria, e a Assembleia Nacional. Apesar da existência em certos grupos parlamentares de alguns elementos que não estão, segundo parece, totalmente de acordo com a política firme e consequente da Frente da Pátria, não ousaram contudo manifestar-se abertamente nem na Assembleia Nacional nem fora dela, ao sentirem o grande apoio prestado pelo povo à Frente da Pátria.

A esmagadora maioria dos deputados à Assembleia Nacional permanecem firmes, como sabem, sobre as posições enunciadas na declaração do governo.

Devem-se contudo extrair algumas lições dos acontecimentos ocorridos em relação à demissão do governo e à formação do segundo governo da Frente da Pátria.

A *primeira lição* a retirar diz respeito à oposição, aos grupos da oposição. Não é segredo para ninguém que no seio da Frente da Pátria existem pessoas que esperavam que os dirigentes dos grupos da oposição, finalmente instruídos

pelos acontecimentos, conseguissem colocar os seus interesses e considerações egoístas de Partido abaixo dos interesses nacionais do povo búlgaro, do nosso país. Essas pessoas acreditavam sinceramente que isso seria possível. Ora a segunda tentativa de incluir dois representantes dos grupos da oposição no novo governo da Frente da Pátria dissipou definitivamente as suas esperanças. Não se trata de simples acaso. Não é por acaso que a oposição, tanto de início como sobretudo durante a última tentativa, demonstrou uma tal irredutibilidade e intransigência, uma tal teimosia política. Os dirigentes da oposição agiram dessa forma visto serem, na maioria, representantes desses elementos e grupos existentes no nosso país que partindo dos seus interesses egoístas são contra o programa da Frente da Pátria, contra a democracia popular na Bulgária e a sua consolidação, contra a solidariedade eslava na luta pela paz e pela democracia — elementos e grupos esses que gostariam de fazer recuar a roda da história e voltar a criar, para substituição da Frente da Pátria como dirigente do destino da Bulgária e do povo búlgaro, uma coligação burguesa monárquica que pudesse impor a vontade do grande capital parasitário contra os interesses do povo e do nosso país.

No que se refere à política interna, a oposição não se pôde conformar com a ideia de o povo, através da Frente da Pátria, ter tomado nas suas mãos o seu próprio destino. A oposição não se pode conformar nem se conformará, pois de contrário renegaria a sua própria razão de existir.

No campo da política estrangeira, a oposição não é só ideológica e politicamente solidária com a reacção na Grécia, na Roménia, na Jugoslávia e noutros países; está também directamente ligada aos meios reaccionários do estrangeiro. A oposição regozija-se com cada uma das dificuldades com que se vai deparando a democracia popular tanto no nosso país como em outros países. Exulta com cada um dos sucessos, mesmo temporários, dos meios reaccionários nos países vizinhos e nos mais distantes. Encontra-se profundamente transtornada com a detenção de Draja Mikhailovitch, seu antigo amigo e inimigo da fraterna Jugoslávia.

Além disso, a oposição no nosso país é uma oposição reaccionária. É anti-soviética, antijugoslava, anticomunista.

A oposição conta com as dissensões entre as grandes potências: entre a União Soviética, a Grã-Bretanha e os E. U. A. Assenta todas as suas esperanças de um eventual êxito na Bulgária, no agravamento das relações entre as três grandes potências e tal como notaram já, não só na sua imprensa como na propaganda feita por todo o país, faz cientemente todo o possível para ajudar e aprovar a tensão existente nas relações entre a União Soviética, por um lado, e á Grã-Bretanha e os E. U. A., por outro. Foi precisamente neste sentido que os dirigentes da oposição agiram em relação às conversações efectuadas para a formação do novo governo, fazendo abortar pela segunda vez a execução da resolução de Moscovo.

Daí resulta que é uma *necessidade política* para o nosso povo isolar o mais rapidamente possível essa pérfida oposição reaccionária da vida política e social do nosso país e dominá-la completamente.

O nosso povo não pode tolerar que se entrave a consolidação da ordem democrática no nosso país, o restabelecimento da economia nacional, a satisfação das necessidades vitais da população e a favorável resolução da situação internacional da Bulgária, a conclusão de uma paz justa e digna.

O facto de os dois grupos da oposição possuírem o nome de oposição da Frente da Pátria é apenas um disfarce, uma forma de induzir o povo em erro: na realidade, essa oposição é antipopular, dirigida contra a Frente da Pátria. A missão do nosso partido, a missão de todos os partidos da Frente da Pátria, de todas as forças progressistas do nosso povo, é afastar o mais rapidamente possível esses grupos, isolá-los totalmente, no interesse do povo búlgaro, do seu desenvolvimento democrático e da sua prosperidade.

Quanto mais depressa a gente honesta, enganada por esses grupos da oposição, for novamente trazida para as fileiras da Frente da Pátria, tanto mais depressa os cidadãos e cidadãs búlgaros crédulos, que foram arrastados pelos dirigentes da oposição, se orientarão de novo para o bom caminho, para a Frente da Pátria; quanto mais depressa, melhor será. Diminuirão nessa altura os obstáculos à realização das missões conferidas à Frente da Pátria, à sua Assembleia Nacional,

ao seu governo. Quanto mais depressa isso acontecer, maior será o êxito com que virá a ser criada uma nova Bulgária, democrática e próspera.

Existe contudo uma *segunda lição importante* a extrair e que se refere à própria Frente da Pátria, aos partidos que participam na Frente da Pátria. Sabemos e frisámos já por várias vezes que a Frente da Pátria é acima de tudo uma união das forças antifascistas, democráticas e progressistas do nosso povo; é contudo simultaneamente um bloco dos partidos antifascistas e democráticos que a compõem. Tanto uma coisa como outra são indispensáveis. *São as duas faces de uma só e mesma coisa.*

Quanto à Frente da Pátria como organismo político e social, demonstrou já um vigor e uma vitalidade absolutamente incontestáveis perante a mudança de governo. Contudo, tal como o organismo mais são possui por vezes furúnculos que é necessário lancear, esvaziando a tempo o pus para se evitarem sofrimentos inúteis e para o *fortificar* ainda mais, da mesma forma surgiram em determinados meios certas fraquezas, aspectos negativos, tendências para o oportunismo e considerações de grupo, ligados com a formação do segundo governo da Frente da Pátria. Os elementos instáveis que já existiam anteriormente destacaram-se em especial durante as conversações estabelecidas para a formação do novo governo. Verificou-se que em certos grupos parlamentares havia pessoas com um pé na Frente da Pátria e o outro fora e que não cerravam fileiras com as massas populares que suportam a Frente da Pátria.

Daqui resulta que não só o nosso Partido como os nossos aliados da Frente da Pátria, *são obrigados a conjugar os seus esforços para liquidarem o mais rapidamente possível tais manifestações perigosas e prejudiciais.* É indispensável denunciar e condenar todos aqueles que entravam o consequente prosseguimento da política da Frente da Pátria, que desacreditam o poder da Frente da Pátria aos olhos do povo, seja qual for o lugar que ocupam na sociedade ou no Estado. É ingenuidade pensar que as relações e a proveitosa colaboração entre os Partidos da Frente da Pátria se poderão ressentir com esse facto. Pelo contrário; é através de uma crítica cordial e desmascarando onde quer que se torne necessário, que se reforçará a unidade da Frente da Pátria e a sua ligação com todo o povo.

Não deveremos nunca esquecer que, para garantir o êxito da nossa obra comum é preciso não dissimular as fraquezas e insuficiências ou diminuir a sua importância, mas antes pelo contrário, reconhecê-las abertamente e afastá-las de forma resoluta.

Em terceiro lugar, é preciso partir da hipótese que os pérfidos ataques feitos à Frente da Pátria serão reforçados após a formação do segundo governo da Frente da Pátria. Devemos saber que a oposição política em plena falência não deixará, no seu ódio e desespero, de recorrer aos actos terroristas e de diversão a fim de provocar confusão no país, para entravar o trabalho criador do nosso povo, para aumentar e complicar as dificuldades no reabastecimento da população e no fornecimento de vestuário, de forragens para o gado, na satisfação das necessidades do país e na realização do programa económico e de construção do governo. Os bandos da oposição contam desde já com as dificuldades no reabastecimento, que durarão até à próxima colheita, como quem conta com um fiel aliado na luta contra o poder popular, regozijando-se com isso.

É preciso matar à nascença os infernais planos antipopulares dos reaccionários. Não se podem tolerar a este respeito nem a bondade nem a quietude.

Os factos ocorridos perto do Narodno Sobranié durante a primeira sessão após a formação do novo governo, isto é, o incêndio provocado na Universidade, deve constituir um aviso para todos nós, para o nosso povo. Esse acto parece ser uma demonstração dos nossos inimigos contra a Assembleia Nacional, contra a Frente da Pátria e o seu governo. Por essa razão se torna necessário organizar ainda melhor a vigilância nas empresas, nos estabelecimentos, nos entrepostos, nos transportes, etc. É absolutamente imprescindível que os actos de determinadas pessoas suspeitas sejam vigiados pela Milícia popular e pelos comités da Frente da Pátria. É necessário apelar para a vigilância de toda a população contra a actividade dos meios reaccionários e dos agentes do estrangeiro, tanto mais que a acção desencadeada contra a nova Bulgária se encontra ligada, com toda a evidência,

a acções semelhantes contra a Jugoslávia, a Roménia e outros países democráticos, sendo feita à escala balcânica. Deveremos estar a postos. *É necessário a vigilância de toda a população a fim de se evitar toda e qualquer surpresa perigosa para o país.*

Não é necessário convencer-vos de que os nossos inimigos não terão êxito nas suas intenções. *A Frente da Pátria implantou-se de tal forma no povo que não existe qualquer ataque, seja ele de dentro ou do estrangeiro, capaz de a abalar, a não ser que sejamos nós próprios a demonstrar fraqueza, fraqueza essa de que os nossos inimigos se aproveitarão.* Existem todas as condições para que a Frente da Pátria se reforce como união democrática antifascista do nosso povo, para que triunfe definitivamente a histórica obra do 9 de Setembro.

O nosso Partido, na sua qualidade de força política melhor organizada, mais forte, mais unida, mais disciplinada e mais activa da Frente da Pátria, *assume a maior responsabilidade para com o futuro do povo e do país.*

Essa missão leva-nos, como partido e grupo parlamentar, a reforçar incansavelmente as nossas organizações, a tornar mais activos as nossas centenas de milhares de membros e de partidários na cidade e no campo, a mobilizá-los para um trabalho criativo, a permanecer ainda mais perto do povo, compartilhando as suas necessidades e esperanças, a colocarmo-nos no auge da luta pelo seu melhor bem-estar e pelo seu desenvolvimento, nas primeiras fileiras dos edificadores da nova Bulgária democrática.

Publicado em:
Rabotnicheski, Délo, n.° 79, de 10 de Abril de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XII. Edições do P. C. B., 1954, pp. 98-105.

O NOSSO POVO, EMBORA PEQUENO, É ORGULHOSO

DISCURSO PRONUNCIADO NO JANTAR OFERECIDO EM HOMENAGEM A JOHN MACK, A 12 DE ABRIL DE 1946

Em nome do Partido Operário (Comunistas) e em meu próprio nome, gostaria de brindar à saúde de John Mack, estimado convidado e bom amigo que se encontra entre nós ([28]). John Mack é o primeiro homem público e político inglês que veio sem preconceitos, sem opiniões preconcebidas, como amigo, à nova Bulgária democrática. Hoje, tanto na grande praça perante a Assembleia Nacional como esta noite, durante algumas horas passadas num ambiente também cordial, teve oportunidade para se convencer de que o nosso povo, ligado historicamente pelo corpo e pela alma ao grande povo russo e aos seus irmãos jugoslavos, sente também amizade e reconhecimento pelo grande povo britânico. John Mack teve igualmente a oportunidade, que se repetirá aliás ainda nas inúmeras cidades da província que irá seguidamente visitar, de compreender que o nosso povo é pequeno sim, mas muito orgulhoso.

O nosso povo nunca pediu nem aceitou esmolas; tão pouco agora mendiga a esmola de seja quem for. Esse mesmo povo lutou durante dois decénios contra a bárbara e feroz ditadura fascista. Consentiu em pesadas perdas, sacrificando a vida de milhares dos seus filhos nessa luta. Não abdicou, não se pôs de joelhos. Carregou com orgulho e apesar de suportar inúmeros sofrimentos, a pesada cruz da luta pela

liberdade nacional. A 9 de Setembro, cuja causa histórica é para todos nós sagrada, o povo búlgaro quebrou, com o auxílio fraterno do Exército Vermelho, os pesados e insuportáveis grilhões da ditadura fascista. Desde então para cá, o nosso povo democrático empenha-se em construir uma nova Bulgária democrática, no meio de enormes dificuldades, tendo de superar uma pesada herança legada pelo passado, a incrível seca do ano passado, as sabotagens feitas tanto dentro como fora do país. O nosso povo prossegue essa luta, a fim de salvaguardar a sua liberdade e a sua independência. Estou convencido de que o camarada John Mack terá argumentos suficientes para provar à opinião pública da Grã-Bretanha que se comete uma grande injustiça para com a Bulgária e para com o povo búlgaro, ao recusarem-se a reconhecer o seu governo, o governo da Frente da Pátria, nascido das eleições democráticas livres ocorridas a 18 de Novembro último. Nós, búlgaros, não pedimos esmola, apenas reclamamos justiça por parte do povo inglês, do povo americano, do povo francês, por parte das grandes potências. Quando nos for feita justiça — e bem o merecemos pelos duros sacrifícios realizados ao longo do nosso árduo e incansável trabalho criador — serão dissipados os mal-entendidos para com o povo búlgaro. Todos aqueles que não reconheceram ainda o governo da Bulgária da Frente da Pátria não se libertaram, na minha opinião, dos preconceitos e suspeitas para com a Bulgária.

Penso que devemos regozijar-nos por termos entre nós um homem da têmpera do camarada John Mack.

Gostaria que não fosse esta a sua última visita ao nosso país. Desejaria que depois dele viessem até cá outros militantes a fim de verem com os próprios olhos e ouvirem com os próprios ouvidos o que o nosso povo diz e pensa, compreenderiam então os heróicos esforços por ele feitos para poupar ao seu país dificuldades e sofrimentos inúteis, apenas resultantes dos preconceitos, da falsa informação, dos egoísticos interesses de grupo que tão prejudiciais são à paz.

Proponho que ergamos o nosso copo à saúde do camarada John Mack e ao êxito do Partido Trabalhista de que é deputado, ao socialismo que ele serve e pelo qual luta, à liberdade

e à independência nacional do nosso activo povo, valente e honesto, em honra de John Mack, que é um homem público e político independente íntegro, que não acredita nas intrigas nem nas calúnias segundo as quais a Bulgária da Frente da Pátria estaria contra a Inglaterra e contra a América. Somos contra as intrigas inglesas e americanas, contra as maquinações estrangeiras, mas não somos contra os povos inglês e americano, com os quais desejamos viver dentro das mais estreitas relações, embora conservando intacta a nossa eterna amizade para com o grande povo russo.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 83,
de 15 de Abril de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 116-118.

CARTA ABERTA A HAROLD LASKY

Foi com grande surpresa que soube ter utilizado o discurso por mim proferido na Conferência regional de Sófia do Partido Operário Búlgaro, na sua polémica com os comunistas britânicos. Entre outras coisas, comentou o meu discurso da seguinte forma: «Dimitrov afirma sem hesitações que é intenção dos comunistas atacar à traição os partidos sociais-democratas.» É estranho. Como pôde tirar uma conclusão tão falsa, quando eu não disse nem escrevi em lado algum semelhante coisa?

Não deve ignorar que eu defendia já em 1933, no processo de Leipzig, com algemas nas mãos e na medida das minhas possibilidades, não só os comunistas alemães, como também os sociais-democratas alemães contra os hitlerianos desenfreados. Lancei publicamente de Leipzig o apelo tanto a uns como a outros para que lutassem juntos contra o fascismo e formassem um partido operário antifascista unificado. Não pode tão-pouco ignorar que no VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, argumentei minuciosamente a tese da necessidade de acções conjuntas dos partidos comunistas e sociais-democratas, bem como a criação de uma poderosa frente internacional de luta contra o fascismo e contra a guerra rapace fomentada pelos fascistas alemães contra os povos amantes da liberdade. Não pode ignorar tão-pouco que a Internacional Comunista lançou antes da guerra diversos apelos à Internacional Socialista, no sentido de se efectuarem acções conjuntas contra o inimigo fascista comum.

É sabido que na minha pátria, a Bulgária, os comunistas

e os sociais-democratas trabalham e lutam juntos, sob o signo do perfeito entendimento, nas fileiras da Frente da Pátria que salvou o nosso povo de uma tremenda catástrofe.

Estou profundamente convencido de que a união dos comunistas e dos sociais-democratas num partido único da classe operária — factor determinante da verdadeira democracia — é hoje, depois das amargas lições da Segunda Guerra Mundial, uma necessidade histórica. Todo aquele que impede directa ou indirectamente essa união não pode ser evidentemente considerado como um autêntico amigo da classe operária, da democracia, da paz durável entre os povos.

Considerando que a verdade deve ser posta acima de tudo, não só para todo e qualquer consciencioso cidadão como com maior razão ainda, para todo o socialista honesto, creio bem que não deixará de reconhecer a necessidade de desfazer o equívoco sobre o meu discurso, informando devidamente os milhares de operários da Grã-Bretanha; gostaria que tivesse a gentileza de mo comunicar também pessoalmente [30]. Na expectativa da sua resposta.

J. Dimitrov

Sófia, 10 de Maio de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 161-162.

NÃO HÁ FORÇA CAPAZ DE DERRUBAR A FRENTE DA PÁTRIA

DISCURSO PRONUNCIADO EM PERNIK, PERANTE OS MINEIROS TRABALHADORES DE CHOQUE, A 2 DE JUNHO DE 1946

Camaradas mineiros! Permitam-me que felicite cordialmente, em nome do Partido Operário (Comunistas) e no meu próprio nome, todos os nossos mineiros, trabalhadores de choque, heróis do trabalho, de que se orgulha a classe operária búlgara e todo o nosso povo. Faço votos para que trabalhem como operários de choque ainda com mais energia, zelo e dedicação à nossa pátria, a fim de que possam aumentar através do vosso admirável exemplo, o número dos novos operários de choque, criadores de normas de produção mais elevadas, artesãos da felicidade da classe operária, do nosso povo. Vivam os nossos valorosos operários de choque!

Experimento uma especial satisfação por estar de novo entre vós, nas minas de Pernik; infelizmente, porém, esta vinda ocorre um pouco tarde para mim. Não posso deixar de recordar neste momento, e gostaria de o relembrar aos vossos camaradas mais velhos bem como a todos vós, os mais novos, como se encontrava este local aqui há 40 anos. Em Outubro de 1905 vim pela primeira vez a Pernik, em nome do nosso Partido e em nome da União Geral dos Sindicatos Operários, a fim de procurar mineiros com que pudesse experimentar lançar os alicerces da organização profissional dos mineiros. Pesava então uma negra escuridão sobre Pernik, nessa altura um diminuto reino de trevas, de opressão

e de terrível miséria. Os mineiros encontravam-se à mercê de uma gritante iniquidade, de intermináveis arbítrios e actos de violência por parte da Direcção das minas, de engenheiros reaccionários e do próprio poder do Estado reaccionário. Contudo, esse pequeno punhado de mineiros começou a pensar seriamente em modificar a situação, em criar uma força organizada capaz de defender a vida, os interesses e os direitos dos mineiros. Pouco depois passaram a ser doze os mineiros-apóstolos, tal como na lenda bíblica. Foi à custa de grandes esforços, de inúmeros obstáculos a superar, de perseguições e de sofrimentos, que o número dos mineiros organizados foi aumentando cada vez mais.

Foi assim que a actividade desse pequeno grupo de pioneiros originou a actual poderosa União dos Mineiros.

Alguns meses depois, em Junho de 1906, *foi declarada uma greve geral dos mineiros de Pernik* contra o brutal poder do Estado (visto a mina pertencer, também nessa altura, ao Estado), contra o governo que não respeitava nem os interesses, nem os direitos, nem a dignidade humana dos mineiros de Pernik. Os mineiros de Pernik, ainda recentemente organizados, lutaram heroicamente durante 35 dias, com o auxílio dos seus camaradas das aldeias vizinhas reunidos na retaguarda, com o auxílio dos operários e dos camponeses de todo o país que enviavam aos grevistas pão, víveres, enfim, tudo o necessário; com o auxílio também dos estudantes, que durante 35 dias consecutivos se mantiveram entre os grevistas, fazendo agitação, cuidando que não houvesse traidores ou quem quebrasse a greve. Esta greve, que ficará para sempre memorável não só na história do movimento dos mineiros como também na do nosso movimento operário, terminou vitoriosa: *o Estado reconheceu pela primeira vez uma organização profissional na Bulgária, a da União dos Mineiros.* Os mineiros de Pernik obtiveram então o direito de resolver com honra e dignidade através da sua organização, do seu clube e da sua comissão, os litígios que os opunham à direcção de minas e ao Ministério do Comércio. Foi um grande êxito! O êxito foi tanto maior, quanto a consciencialização dos mineiros se aprofundou também. Sentiram que estando unidos, organizados e apoiando-se na classe operária e nas massas camponesas trabalhadoras, poderiam lutar

com êxito pelos seus direitos, pelas suas liberdades e interesses, não estando sujeitos ao desdém e à humilhação como antes. Camaradas, passaram-se exactamente quarenta anos desde então. *Durante esses quarenta anos os nossos mineiros obtiveram muitos êxitos e sofreram bastantes derrotas.* Sofreram muitas vítimas. Entre elas, o dirigente dos mineiros de Pernik, Témelko Nenkov, cruel e perfidamente assassinado pelos fascistas, é sem dúvida a maior, a mais preciosa vítima sofrida pela União dos Mineiros e pela nossa classe operária. Ergamo-nos em honra da sua memória aureolada de glória, por um minuto de silêncio!

Camaradas, os mineiros de Pernik não se vergaram sob o regime fascista. Cavando com firmeza para extraírem a hulha, de dentes e punhos cerrados, cavavam juntamente com o povo búlgaro a sepultura da ditadura fascista. Os mineiros de Pernik desempenharam igualmente um papel activo na histórica obra de 9 de Setembro. *O 9 de Setembro foi uma vitória, uma grande vitória para os mineiros de Pernik.*

Depois do 9 de Setembro, há já um ano e meio que os mineiros de Pernik trabalham com zelo para restaurar a nossa economia nacional, criando essa força que, tal como dissemos já, acciona as máquinas na indústria, põe em movimento os caminhos de ferro e os transportes, assegura o aquecimento e a iluminação do nosso país.

Se a classe operária, conjuntamente com os camponeses, é a base de granito da Frente da Pátria e do poder popular estabelecido após o 9 de Setembro, *os mineiros, a par com os operários do transporte, constituem o destacamento de vanguarda da classe operária,* a base da Frente da Pátria e do poder popular. O nosso poder popular fez muito durante um ano em todos os campos, nomeadamente: consolidação do regime democrático no país, reorganização democrática do Estado e da vida política e social, economia nacional, protecção do trabalho, elevação do nível material e cultural da classe operária e, em geral, dos trabalhadores na Bulgária. Tudo o que foi feito está contudo longe de ser suficiente. O essencial, o mais importante que incumbe à nossa classe operária e em especial aos mineiros, a todo o nosso povo, não foi ainda realizado. *Temos por missão criar, edificar uma República popular,* República popular essa que possa

fornecer todas as garantias materiais, políticas, culturais e morais contra um retorno ao sombrio passado, uma República popular onde não haja lugar para o capital explorador, especulador e parasitário, onde não haja lugar para os ociosos, para os especuladores, para os espoliadores e opressores do povo; uma República onde o trabalho seja, de uma vez para sempre, um factor determinante e supremo; uma República popular onde seja realizado o seguinte princípio: quem está apto para trabalhar, mas não quer trabalhar, quem não quer desempenhar um trabalho de utilidade pública, não deverá ter direito a comer; por uma República popular capaz de assegurar o desenvolvimento democrático do nosso país, avante, sempre avante. Todos os bens materiais, culturais e espirituais pertencerão apenas àqueles que trabalham, àqueles que forjam ou que forjaram o bem-estar do povo!

Devemos sem perda de tempo desenvolver todas as nossas forças, toda a nossa energia, para que sejam utilizados em todos os recursos do nosso país e para garantir a digressão económica da nação búlgara, visto que sem potência económica não pode existir liberdade duradoura nem independência nacional para o nosso povo. Cabe-nos uma grande tarefa: lutar com o auxílio dos nossos amigos, os povos soviéticos, com a ajuda dos nossos outros irmãos eslavos e dos nossos numerosos amigos democráticos da Europa Ocidental e da América, *lutar para assegurar uma paz digna e favorável à Bulgária!*

Grandes missões, missões de importância histórica! Todas as dificuldades devem ser superadas. Contudo, para se obter êxito, é preciso que o povo esteja unido. A Frente da Pátria, penhor do feliz futuro da nossa pátria, deve ser consolidada sob todos os pontos de vista, especialmente neste momento em que, conjuntamente com a reacção, se erguem também falsos partidários da Frente da Pátria que pretendem minar no interior essa poderosa força do nosso povo.

Recordam-se certamente da fábula de Krilov, o grande fabulista russo: uma águia, um caranguejo e uma solha reuniram-se para conduzir um carro; contudo, como a águia puxava para cima, o caranguejo para trás e a solha para baixo, o carro acabou por se enterrar no lodaçal. O nosso povo, nós, os comunistas, e os nossos fiéis aliados da Frente

da Pátria, não permitiremos que o carro do Estado seja posto nas mãos de uma águia, de um caranguejo e de uma solha. *A unidade no governo, a inalterável unidade da Frente da Pátria, são uma necessidade vital.* O essencial é, não uma promessa de unidade, mas sim a unidade na acção. Estamos já fartos de lindas declarações. O povo pretende actos, actos úteis e efectivamente conformes ao programa da Frente da Pátria!

Que ingenuidade a daqueles que imaginam e esperam poder fazer flutuar o seu estandarte quando as tropas soviéticas deixarem a Bulgária, acabando assim a Frente da Pátria! Também no exército existem tais elementos. Por estupidez, esses elementos não compreendem que a força da Frente da Pátria, do actual poder popular, não reside na presença das tropas soviéticas. A fonte de fortaleza do nosso poder popular encontra-se no seio do povo, da classe operária, dos camponeses, da «intelligentsia». As tropas soviéticas podem partir; não receberam por missão ficar em permanência no país. O povo contudo, fica, a Frente da Pátria fica, as suas profundas raízes ficam e não existe força alguma que as consiga extirpar.

Contudo, os inimigos do povo fazem correr o boato de que soará o último momento da Frente da Pátria logo que as tropas soviéticas deixarem a Bulgária. Esses boatos são significativos; tanto para vós como para nós, para todo o nosso povo representam um sinal. Que significa tudo isto? Quer dizer que as forças reaccionárias se preparam: legionários, terroristas, oficiais, reaccionários, todo o tipo de especuladores e outros elementos nocivos. Conspiram, preparam-se para actuações antipopulares.

Há um malfadado escritor, Triphon Kunev ou Triphonson, como o designam ironicamente, que publicou numa brochura as «Pequenas crónicas» do jornal *Zéleno Znamé.* Escreveu no prefácio que o seu trabalho deveria servir o triunfo do «movimento da resistência» na nova Bulgária. Teve a ousadia de declarar abertamente as suas ideias tenebrosas. O que é o movimento da resistência? Contra quem é dirigido? É dirigido contra o povo e contra o poder do povo, por aqueles que devem ser relegados para os arquivos da história como inúteis e nefastos. Na Bulgária, toda a pessoa

sensata sabe *que não existe força alguma capaz de derrubar o poder da Frente da Pátria, visto este representar a esmagadora maioria do povo, a sua melhor parte e a mais forte.* Existem contudo elementos cobiçosos que podem efectuar actos de terrorismo, cometer assassínios, monstros que podem entravar provisoriamente neste ou naquele ponto a obra criadora do povo, agentes pagos pelo estrangeiro que podem desorganizar o povo e sabotar os seus esforços, desenvolvidos no intuito de edificar a nova Bulgária no domínio do circuito produtivo, da vida social e do aparelho de Estado. Esses meios pérfidos e cobiçosos não permanecem tranquilos, agrupam-se, preparam-se. Por isso é preciso que o nosso povo esteja atento, sempre em estado de alerta.

Existem aventureiros que gostariam de provocar uma guerra civil, que esperam aceder ao poder com o auxílio do estrangeiro. Gostariam...; que experimentem pois. O povo dar-lhes-á uma lição que recordarão por muito tempo, mesmo quando forem ter, como se costuma dizer, com os anjinhos. Não devemos pois permitir que as coisas cheguem a esse ponto, no interesse do povo, no interesse do nosso desenvolvimento democrático normal e do nosso restauro económico. A melhor terapêutica é a que permite não só curar, como também evitar as doenças.

Na nossa situação, em linguagem política, isto não significa pôr fora de combate os provocadores e os aventureiros quando eles se levantarem contra o poder do povo, mas sim dar provas desde já de uma grande vigilância tanto na cidade como no campo, nos estabelecimentos como no exército, em todo o lado, para prevenir a tempo a mínima tentativa de perturbação da tranquilidade e da ordem do país. *É necessário que o nosso espírito nacional esteja alerta, que esteja mobilizado.* Quando vocês trabalham debaixo da terra para extrair a hulha, quando produzirem zelosamente essas 10 000 toneladas de carvão diárias, tão indispensáveis e que tanto vos valorizarão, a vós, mineiros, lembrem-se do que eu vos disse e estejam prontos, se alguma vez os inimigos do povo o tornarem necessário, a deixar de lado por algumas horas os vossos instrumentos e a marchar sobre Sófia!

É preciso chamar a atenção do alto desta tribuna a todos os grupelhos e organizações terroristas, como a organização

militar «Tsar Krum» já posta a nu dentro do próprio exército, aos seus dissimulados acólitos, aos seus agentes e protectores secretos, é preciso recomendar-lhes reflexão, que não brinquem com o fogo, visto nós podermos salvar do incêndio a casa búlgara, enquanto eles se transformarão sem dúvida alguma em pasto das chamas. O povo afastará da sua via criadora todos aqueles que se lhe opuserem.

Camaradas, a vossa solene reunião coincide com a solene celebração organizada em memória do nosso grande herói nacional Christo Botev, poeta e revolucionário. Nenhum búlgaro ainda o conseguiu superar, pela sua grandeza, pela sua participação no Renascimento nacional búlgaro, pela sua contribuição para a liberdade e para a independência nacional búlgaras. Gostaria de terminar com o seguinte apelo: sirvamos o nosso povo, a nossa pátria, com tanta honestidade, dedicação e abnegação como a serviu o grande Christo Botev! Lutemos contra os inimigos do povo, tal como lutou com intrepidez o revolucionário Christo Botev!

Viva a nossa heróica classe operária, vanguarda da produção, do restauro da nossa economia nacional e da consolidação do nosso poder!

Viva a amizade entre operários, camponeses e intelectuais patriotas, visto ser essa amizade a espinha dorsal da Frente da Pátria, a união das camadas e das forças democráticas e antifascistas do nosso povo!

Vivam os nossos valentes mineiros: vivam sobretudo aqueles que se tornam operários de choque! Vivam em especial os mineiros que põem em jogo todas as suas aptidões e que fazem tudo o que podem para aumentar a produtividade do trabalho!

Viva a União dos Mineiros à qual, com grande alegria minha, estou ligado de corpo e alma!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 121,
de 4 de Junho de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 194-203.

GRITO DE AVISO

Celebramos a gloriosa memória de *Alexandre Stamboliiski* ([31]), esse grande filho do povo, homem público e homem de Estado, com um sentimento de sincero reconhecimento pelos seus excepcionais méritos postos ao serviço do nosso país.

O mérito de Alexandre Stamboliiski, autêntico democrato--republicano e ousado combatente pelos direitos do povo, consiste acima de tudo em ter sido o *primeiro* a efectuar uma tentativa séria para modificar a política interna e estrangeira antipopular da clique dos grande capitalistas e especuladores, agrupados em redor da dinastia dos Coburgo, para a orientar no sentido de novas vias democráticas, como o exigiam o interesse do povo e o radioso futuro da pátria. Se a Alexandre Stamboliiski não lhe foi contudo possível levar a cabo essa tentativa, a principal causa foi que tanto ele como os seus colaboradores se deixaram arrastar pela enganadora concepção de um governo agrário homogéneo, sem os operários, e inclusivamente contra eles. Outra causa foi o Partido Comunista não ter ainda nessa altura assimilado devidamente e na prática a grande ideia da aliança dos operários e camponeses. Sabemos que a 9 de Junho, o Partido Comunista adoptou uma posição de «neutralidade»: teve de pagar caro esse engano.

Assim, como consequência da desunião da classe operária com os camponeses, do Partido Comunista e da União Agrária, o governo constitucional e parlamentar de Stamboliiski foi derrubado a 9 de Junho de 1923, enquanto o próprio Stamboliiski e dezenas dos seus fiéis companheiros de luta

foram pérfida e ferozmente assassinados pelos carrascos fascistas, carrascos esses que viriam mais tarde a aniquilar também uma grande parte dos dirigentes e quadros do Partido Comunista.

Três meses depois desta tão amarga lição sofrida pelo nosso povo, a 23 de Setembro de 1923, os operários e os camponeses, sob a direcção do Partido Comunista e em fraterna aliança militante com a União Agrária, levantaram-se contra o governo fascista do sanguinário Tzankov e do seu protector, o rei Boris. Esta primeira insurreição popular de massa contra o fascismo foi derrotada, selando contudo para sempre, pelo sangue que os comunistas e agrários verteram juntos, a aliança fraterna dos operários e dos camponeses. Foi assim que foram lançados os alicerces sobre os quais se formou seguidamente, durante a longa luta heróica contra o fascismo e contra os ocupantes alemães, a união das forças antifascistas, democráticas e progressistas, ligadas à poderosa Frente da Pátria.

Desta maneira, os acontecimentos de 1923 permitiram ao nosso povo extrair a mais edificante e preciosa lição: a classe operária e os camponeses, agindo em separado, não se poderiam subtrair ao fascismo nem à reacção, não poderiam assegurar o desenvolvimento democrático do país, não poderiam criar as condições que permitiriam ao povo tomar o destino nas suas próprias mãos. Só a sua aliança fraterna e indissolúvel lhes permite quebrar os grilhões de toda e qualquer opressão económica e política, de todo o obscurantismo espiritual e cultural, a fim de edificarem, em conjunto com as restantes forças democráticas antifascistas, uma nova Bulgária republicana, livre, independente e popular.

A obra de 9 de Setembro de 1944 é acima de tudo o triunfo da aliança dos operários e camponeses, a espinha dorsal da Frente da Pátria. Essa aliança é o principal penhor da total realização do programa da Frente da Pátria. É por isso que sobre ela devemos velar como coisa muito querida, consolidando-a sob todos os pontos de vista. É essa a melhor forma de prestarmos homenagem à memória do valente herói, do mártir Alexandre Stamboliiski, bem como aos milhares de combatentes caídos pela liberdade e pela felicidade da nossa pátria.

Que vibre por todo o país, até à mais distante casa rural, o grito de aviso: defendamos com todas as nossas forças e por todas as formas a histórica obra de 9 de Setembro de 1944, para não termos de reviver a tragédia de 9 de Junho de 1923!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.° 125,
de 8 de Junho de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII,
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 206-208.

POR UMA AUTÊNTICA REPÚBLICA POPULAR

DECLARAÇÃO APRESENTADA
À ASSEMBLEIA NACIONAL, A 25 DE JULHO DE 1946,
EM NOME DO GRUPO PARLAMENTAR
DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS)

Senhoras e Senhores Deputados!

O Partido Operário Búlgaro (Comunistas), fiel às suas tradições e princípios, bem como à vontade do nosso povo, tomou uma posição activa na elaboração da Lei sobre a abolição da monarquia, a proclamação da República popular e a convocação da Grande Assembleia Nacional. O grupo parlamentar do Partido votará por unanimidade essa histórica lei que anuncia a definitiva liquidação da monarquia, bem como a próxima proclamação da República popular.

A adopção da Lei por parte da Assembleia Nacional equivale à solução de um problema já desde há algum tempo amadurecido. Dessa forma, realizar-se-á uma das principais palavras de ordem do 9 de Setembro e simultaneamente uma das principais disposições do programa da Frente da Pátria. Terminarão assim os longos anos de luta travada pelo povo contra a monarquia e a dinastia dos Coburgo, dinastia essa que tantas infelicidades causou ao nosso país e à nossa nação.

A 8 de Setembro o povo búlgaro, tal como um juiz supremo, tornará irrevogável a sua sentença contra a instituição monárquica e contra a dinastia estrangeira e antipopular dos Coburgo.

O referendo a favor da República popular será, depois do 9 de Setembro de 1944, um grande triunfo da democracia popular búlgara.

A Grande Assembleia Nacional terá como função elaborar uma nova Constituição da Bulgária. Esta não poderá ser uma Constituição reaccionária, conservadora, burgueso-republicana, que estabeleça sob diversas formas o domínio dos grandes capitalistas e dos magnates da finança, dos cartéis e dos «trusts» búlgaros ou estrangeiros.

As fundamentais disposições da nova Constituição estão claramente demonstradas, embora de forma breve, no artigo 12 do projecto de lei. Não se trata única e simplesmente de proclamar a República na Bulgária, trata-se também de garantir o carácter popular e democrático da República. Não somos a favor de qualquer tipo de república. O nosso povo não quer a república em termos gerais, quer uma república realmente popular, uma república popular que possa fornecer as garantias materiais, políticas culturais e morais indispensáveis contra o regresso ao escuro e abominado passado; uma república popular que possa assegurar o avanço democrático do nosso país, sempre em frente; uma república onde não haja lugar para o capital explorador, especulador e parasitário; onde não caibam os mandriões, os especuladores, os espoliadores nem opressores do povo. O povo búlgaro quer uma república popular capaz de criar definitivamente as condições em que o trabalho seja um factor económico e social determinante, em que a terra seja de quem a trabalha, em que as riquezas do solo e do subsolo sejam postas ao alcance de todo o povo, em que a mulher possua os mesmos direitos que o homem, em que a juventude beneficie de um vasto campo de actividade social e de grandes possibilidades de desenvolvimento. O nosso povo trabalhador quer uma república popular onde seja praticado o seguinte princípio: aquele que pode trabalhar mas que não quer trabalhar, aquele que não deseja executar um trabalho de utilidade pública, não deve ter direito a comer, não deve gozar dos bens materiais, culturais e espirituais do povo.

A Grande Assembleia Nacional, ao inscrever e garantir na lei fundamental do país, na nova Constituição, todas as aquisições políticas, económicas, culturais e sociais que o

povo búlgaro foi obtendo durante os longos anos de luta contra o jugo estrangeiro, contra a monarquia, contra o fascismo e contra a reacção, cortará cerce com toda e qualquer possibilidade de restauro, seja ela qual for, com todo o sintoma de reversibilidade, possibilitando o desenvolvimento social na via do progresso e da prosperidade.

Existem entre nós alguns burgueses, defensores da antiga Constituição de Tirnovo, que propõem tomá-la como base, introduzindo apenas algumas emendas. Não restam dúvidas de que esses senhores pretensiosos nada esqueceram do passado e nada aprenderam de novo. Esses senhores não consideram as profundas mudanças democráticas já efectuadas no país e esquecem que *após a proclamação da República popular, não se trata de modificar a antiga Constituição, mas sim de elaborar uma Constituição totalmente nova: a Constituição da República Popular da Bulgária.*

Por outro lado, toda a Bulgária sabe que é absolutamente insensato encher com vinho novo velhos odres já usados. A Bulgária de hoje precisa não de um fato passajado e gasto até ao fio, mas sim de um fato novo e resistente. A estrutura do nosso Estado necessita de uma nova base, de novas formas. Estamos decididos a embrenhar-nos, juntamente com todos os jovens povos democráticos, não na antiga via de falsa democracia, renegada pela história, mas na via da nova democracia realmente popular que é a única a poder assegurar a liberdade e a independência da nossa pátria, o feliz progresso e o futuro da nossa nação.

Pretendemos firmemente que as eleições permitam enviar à Grande Assembleia Nacional os filhos e filhas mais dignos e dedicados do nosso povo, representantes de todas as camadas sociais. Declaramos ao mesmo tempo categoricamente que a livre participação nas eleições será assegurada não só aos partidos da Frente da Pátria como também aos agrupamentos políticos legais da oposição.

Como está bem patente, esses mesmos agrupamentos da oposição tiveram a possibilidade de participar nas eleições na XXVI Assembleia Nacional Ordinária, que preferiram contudo boicotar, já seja por estupidez, ou por cobardia. Somos agora levados a acreditar que após a amarga expe-

riência desse malfadado boicote, não repetirão o erro político do ano passado.

Em todo o caso, interessa ao nosso país acabar definitivamente, através do próximo escrutínio, com a presunção de que a reacção se teria fortemente enraizado no seio do povo. A 27 de Outubro o mundo terá inteira possibilidade de se convencer que o povo búlgaro é efectivamente democrático e progressista, que soube extrair todos os ensinamentos possíveis do seu triste e difícil passado e que não permitirá nunca que as suas forças, o seu território e os seus recursos materiais sirvam para a realização de fins antipopulares e antidemocráticos, para aventuras militares, para guerras de agressão e de espoliação. O nosso povo está firme e inabalavelmente decidido a permanecer sempre, conjuntamente com a Grande União Soviética, seus outros irmãos eslavos e todos os povos democráticos, um sólido e são elemento da democracia, da paz e da cooperação entre os povos.

Morte à abominada monarquia e ao amaldiçoado fascismo!

Viva a invencível Frente da Pátria!

Viva a República Popular da Bulgária!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.º 168, de 26 de Julho
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII,
Edições de P. C. B.,
1954, pp. 238-242.

AS TRÊS GRANDES TAREFAS NACIONAIS

Ao nosso país apresentam-se de momento três grandes tarefas nacionais. Para as realizar é necessário concentrar a atenção e conjugar os esforços do povo, da Frente da Pátria e do seu governo, dos partidos políticos e de todas as organizações públicas que participam na Frente da Pátria, de todos os patriotas, homens e mulheres búlgaros.

A primeira grande tarefa nacional consiste na *conquista de uma paz justa e digna.* Paralelamente ao até hoje realizado neste sentido, convém mostrar de forma peremptória na Conferência da Paz em Paris, que a Bulgária merece ser tratada como um co-beligerante contra a Alemanha hitleriana e não como um seu satélite.

Quanto à conclusão e à assinatura do tratado de paz, não deveria subsistir qualquer dúvida de que *estas apenas podem ser efectuadas com o governo da Frente da Pátria, único representante da Bulgária, e o único com direito a falar em nome da nação búlgara e de assumir qualquer tipo de condições e obrigações respeitantes ao nosso país.*

A segunda grande tarefa nacional *consiste em proceder à consulta do povo sobre a questão da liquidação da monarquia e ao estabelecimento da República popular.* Todo o nosso povo deverá tomar uma posição consciente e activa neste acto histórico. É preciso que todos os eleitores e eleitoras que amam a sua pátria participem na consulta popular, exprimindo o seu sufrágio através do boletim tricolor «Pela República popular». O plebiscito de 8 de Setembro deve ser uma vitória de todo o povo sobre os vestígios da amaldiçoada monarquia

e seus adeptos fascistas e reaccionários, sobre todas as forças nefastas e antipopulares, sobre todos os elementos que visam o restauro do antigo regime no nosso país. A campanha que precede a consulta popular e o trabalho de esclarecimento deverão abrir definitivamente o caminho à edificação da República Popular da Bulgária de amanhã.

A terceira grande tarefa nacional *consiste em proceder às eleições para uma Grande Assembleia Nacional,* incumbida de elaborar e de aprovar a nova Constituição — a Constituição de uma República Popular — bem como de legislar durante um ano.

A campanha eleitoral para a Grande Assembleia Nacional não só visará a eleição dos mais fiéis e dignos filhos e filhas do nosso povo, representantes de todas as camadas sociais, é também conveniente que o povo possa ser ele próprio a examinar e a exprimir a sua opinião sobre os princípios fundamentais da futura Constituição, como Constituição verdadeiramente popular e democrática. Desta forma, será facilitada a tarefa da Grande Assembleia Nacional quando da definitiva solução da questão constitucional, vital para o futuro do nosso país.

São necessárias uma série de condições prévias para chegar a uma feliz solução dessas três grandes tarefas nacionais, isto no interesse da nação e do futuro do país. A primeira e principal tarefa é indiscutivelmente a indefectível união antifascista e democrática do nosso povo, materializada pela Frente da Pátria. Essa unidade deve ser reforçada ao máximo antes de mais na base, no seio do povo, na cidade como no campo. Paralelamente, devem ser absolutamente asseguradas tanto a mútua compreensão como a colaboração leal entre os cinco partidos antifascistas e democráticos que se encontram à cabeça da Frente da Pátria e que formam o governo do país. Os mal-entendidos temporários que existem, e devidos principalmente à presença nas fileiras da Frente da Pátria de pseudopartidários da Frente da Pátria, de elementos favoráveis ao restauro do antigo regime, devem ser liquidados o mais rapidamente possível. É com esse fim que os partidos da Frente da Pátria devem tomar a iniciativa de se desembaraçarem dos seus elementos indesejáveis e nefastos, daqueles que jogam com paus de dois bicos, que conduzem uma política

hipócrita e que prejudicam, pela sua actuação, as boas relações entre os partidos.

É preciso por outro lado tomar medidas urgentes e decisivas para depurar o aparelho de Estado dos pró-fascistas, dos sabotadores e dos parasitas, que se opõem à orientação democrática da política interna, económica e estrangeira do país e que criam conscientemente motivos de descontentamento para com o poder popular.

Um facto notório é o governo, sob decisão da Assembleia Nacional e através de uma comissão especial de representantes de todos os grupos parlamentares, ter procedido à depuração dos elementos fascistas, antidemocráticos do exército, favoráveis ao restauro do antigo regime, a fim de o transformar efectivamente num exército popular, apto para o combate, num fiel e firme guardião da liberdade e da democracia, dos supremos interesses da nação. É contudo de notar que este processo de saneamento, cujos resultados se farão de agora em diante sentir, não se dirige aos quadros de oficiais em geral. Pelo contrário, ao desembaraçá-los dos elementos indesejáveis, esse mesmo processo efectuar-se-á no próprio interesse dos oficiais. Uma vez desembaraçados desses elementos, os quadros de oficiais poderão enfim gozar da estabilidade indispensável que lhes irá permitir dedicarem-se de corpo e alma à sua tão importante e responsável missão. Por outro lado, os oficiais não fascistas passados à disponibilidade irão beneficiar de diversas facilidades de ordem material e outras, a fim de poderem vir a ser, na vida civil e desde que demonstrem boa vontade, cidadãos extremamente úteis ao seu país.

Impõe-se também a necessidade de depurar os restantes serviços administrativos, sobretudo os ministérios e as direcções económicas, bem como os ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Instrução Pública. A este respeito podemos guiar-nos, por analogia, pelo artigo 4 da Lei respeitante à direcção e controle do Exército.

A Frente da Pátria deve afastar definitivamente todos os obstáculos que se oponham à realização do seu programa. Deve eliminar com pulso de ferro a nefasta herança do passado — todas as irregularidades e casos escandalosos, bem como toda a corrupção, sobretudo no campo do abastecimento da população e da repartição do abastecimento, dos contin-

gentes, etc. Existem ainda infelizmente muitas irregularidades e casos escandalosos. *Este trabalho deve ser feito sem tomar em consideração a situação social, a posição ou a filiação política das pessoas interessadas.*

A época que atravessamos exige imperiosamente que a Frente da Pátria, os seus partidos, o seu governo e a sua Assembleia Nacional se apresentem perante o povo firmemente unidos, de cabeça erguida, com um sentimento de profunda responsabilidade para com a sociedade e o Estado, e com aquisições criadoras positivas em proveito da nossa pátria.

Não esqueçamos pois que é à classe operária e ao campesinato laborioso, ao nosso próprio Partido, pela particular situação que ocupa na vida social e política do país, que cabe a maior responsabilidade na justa solução das três grandes tarefas nacionais citadas.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo.
N.º 171, de 1 de Agosto de 1946.

Tradução ligeiramente abreviada do texto de: J. Dimitrov, *Obras*, t. XII. Edições do P.C.B., 1954, pp. 243-247.

A MULHER BÚLGARA CONQUISTOU UM LUGAR DE HONRA NO NOSSO PAÍS

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO PLENÁRIA DA UNIÃO POPULAR DAS MULHERES BÚLGARAS, A 5 DE AGOSTO DE 1946

Estimadas camaradas:

É com particular satisfação que cumpro o dever de saudar, em nome do Partido Operário Búlgaro (Comunistas), bem como em meu nome pessoal, a vossa Sessão plenária, e, na vossa pessoa, todas as mulheres patriotas búlgaras, militantes pela causa da Frente da Pátria, pela causa da democracia popular búlgara. Gostaria ao mesmo tempo de exprimir publicamente a nossa gratidão e o nosso reconhecimento para com as mulheres búlgaras, pelos enormes serviços prestados quando da histórica vitória de 9 de Setembro, bem como por tudo o que fizeram tanto nas cidades como no campo, nas empresas, nos escritórios, nas escolas e em todo o lado, pela transformação democrática e pela renovação económica e cultural do nosso país depois do 9 de Setembro.

Camaradas! As históricas façanhas das mulheres da Resistência, cometidas durante a luta do nosso povo contra o fascismo e contra os ocupantes alemães, ficarão para sempre gravadas na História. Foram milhares e milhares de cidadãs, de camponesas, de operárias, de intelectuais a demonstrar um raro espírito de sacrifício: deram asilo aos partidários e aos combatentes clandestinos; ajudaram-nos, arriscando a própria vida bem como a dos seus filhos. Nas cidades e no campo,

nas empresas e nos serviços administrativos, contam-se dezenas de milhares de mulheres búlgaras que depois do 9 de Setembro fizeram autênticos prodígios de heroísmo e que testemunharam o seu ardente amor pela pátria, pelo restabelecimento da nossa arruinada economia nacional, pelo reforço do regime democrático no país; tomaram a seu cargo as crianças órfãs — vítimas do fascismo e da guerra de libertação. O nosso povo não esquecerá nunca o que as mulheres búlgaras fizeram, quando enviaram presentes, cartas de encorajamento e conselhos maternais às forças combatentes do 1.° Exército búlgaro, que derramava o seu sangue pela liberdade e pela independência do nosso povo lutando contra a Alemanha hitleriana.

Nunca o nosso povo poderá esquecer os sentimentos de amor, de dedicação e de abnegação das mulheres búlgaras. Ousamos dizer e frisamo-lo sem qualquer exagero, perante todos, que sem essa participação das mulheres búlgaras a luta travada pelo nosso povo e pelo nosso exército não poderia ter sido coroada por uma tão brilhante vitória sobre o inimigo. As patrióticas mulheres búlgaras mostraram ser dignas das suas irmãs soviéticas, jugoslavas, dos restantes países democráticos. Foi através do seu trabalho, das suas lutas, da sua abnegação, do amor que anima uma mãe ou uma irmã, que a mulher búlgara conquistou um lugar de honra no nosso país e na arena internacional, nomeadamente na Federação democrática internacional das mulheres. A União popular das mulheres búlgaras não vem em último lugar mas, bem pelo contrário, situa-se nas primeiras fileiras e é citada como exemplo. Quando a nossa nova Constituição, a Constituição da nossa República popular de amanhã, consolidar definitivamente as aquisições democráticas do nosso povo bem como todos os direitos das mulheres, estas poderão desenvolver ainda mais plenamente e em pé de igualdade com os homens, as suas forças e aptidões pelo bem da pátria.

Camaradas! A vossa Sessão plenária está a decorrer num momento particularmente importante. Estais bem conscientes desse facto, e o relatório aqui apresentado permitiu aliás que o compreendêsseis ainda melhor. Trata-se de um momento em que se trava um combate decisivo pelo estabelecimento de uma paz duradoura e justa.

A luta que travam os povos, encabeçados pela União Soviética, contra os vestígios do fascismo e contra os promotores de novas guerras, deve ser conduzida com uma energia ainda maior, visto que há portas que por todo o lado se abrem ao renascimento do fascismo e a novas agressões fascistas. Seguis e devereis seguir ainda com maior atenção todas as informações respeitantes ao estabelecimento da nova paz no mundo. Deveis reconhecer as enormes dificuldades com que nos deparamos ao diligenciar obter uma paz justa e duradoura entre os povos. Há forças que no seu próprio interesse entravam o estabelecimento de uma paz duradoura; essas forças gostariam de obter uma paz temporária e defeituosa, seguida daqui a um ou dois decénios por uma guerra ainda mais horrorosa, com bombas atómicas, como não chegou a ser feito nesta última guerra. É assim que a causa da paz vai prosseguindo com dificuldade. É por essa razão que a uma conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros se seguiu, como sabeis, uma outra conferência. É por isso que as sessões da Conferência da Paz em Paris, incumbida da elaboração dos tratados de paz com os antigos satélites da Alemanha hitleriana — a Itália, a Bulgária, a Roménia, a Finlândia e a Hungria — decorrem cheias de obstáculos. Não faltam nem dificuldades nem aspectos litigiosos.

Um facto contudo encorajador, estimulante e indiscutível, é o não haver nenhum povo no mundo que não deseje a mais rápida conclusão da paz, que não deseje o estabelecimento de uma nova paz, democrática e inabalável. Não existe nenhum exército que queira novamente combater ou partir de novo para os campos de batalha. Entre os milhões de mulheres de todo o mundo, não existem sequer umas escassas dezenas que se possam declarar a favor de uma nova guerra. A Bulgária tem todas as razões para obter uma paz honrosa e justa. Como melhor garantia contamos com o facto de termos a apoiar-nos defensores e protectores que são grandes potências, como a União Soviética, e por outro lado o de serem de dia para dia mais numerosos os meios democráticos influentes que apreciam devidamente o papel de elemento da paz e da democracia desempenhado pela Bulgária nova e democrática. Existem na Conferência da Paz delegações, como a delegação checoslovaca, a delegação polaca e outras, que

estão ao nosso lado, que reconhecem o papel desempenhado pelo nosso povo na derrota final do hitlerismo e que estão prontas, sincera e lealmente, a defender a nossa causa nacional.

Na Conferência da Paz de Paris é impossível não se reconhecer que a Bulgária é efectivamente um país *novo, democrático,* que rompeu resolutamente com o passado fascista. A Bulgária é um país com a sua Frente da Pátria invencível e inabalável. É um país onde não existem, como sabeis, essas greves que abundam em grande número de países ocidentais; existe na Bulgária um enorme entusiasmo pelo trabalho. É também um país onde não existe crise económica, mas onde nos acabamos de recompor do caos económico e onde se criam condições para um desenvolvimento económico. A Bulgária não é um país onde exista desemprego; pelo contrário, necessita de mão-de-obra. É um país onde não existe guerra civil, ao invés da nossa vizinha meridional e de grande número de outros países.

A Frente da Pátria desencadeia uma ofensiva decisiva contra todos os vestígios do fascismo e contra a reacção que impedem que reinem plenamente no nosso país a ordem e a quietude. Existem entre nós pessoas que semeiam o pânico, que duvidam, espíritos fracos que ao verem a Frente da Pátria a depurar as suas fileiras, a sanear o nosso exército, afastando os elementos prejudiciais e transformando-o num autêntico exército popular, que ao verem que o Ministério dos Negócios Estrangeiros se despoja de antigos empregados e diplomatas fascistas e pró-fascistas, que agem contra os interesses da Bulgária nova e democrática, essas pessoas entram pois em tremendo pânico. Existem ainda inimigos da Bulgária nova nas fileiras dos nossos estabelecimentos do ensino superior e do corpo docente, na Academia de Ciências e noutros institutos de ensino; no Ministério do Comércio e Reabastecimento e noutros serviços administrativos do Estado refugiaram-se sabotadores, parasitas que impedem a boa organização do aprovisionamento, a repartição de víveres e de reabastecimento do nosso povo, isto tudo com o fim de comprometer o novo poder, o poder popular. Impõe-se aqui também uma séria depuração. Esse tipo de pessoas que cedem ao pânico, de espírito fraco e com pouca energia, tremem perante uma

indispensável depuração do povo e do próprio país. Lançam boatos, totalmente dominados pelo pânico: existe uma crise no seio da Frente da Pátria, a Frente da Pátria tende a desmoronar-se — os comunistas e os «zvénari» parece que se desentenderam, os comunistas e os agrários parece terem-se também incompatibilizado, e outros disparates análogos. Os espíritos esclarecidos não podem deixar de verificar que não há crise alguma, que se trata na verdade de um processo de saneamento absolutamente natural, que se trata de sanear a atmosfera da Bulgária, de limpar as cavalariças de Áugias, como se costuma dizer, da lama fascista e reaccionária. Trata-se de destruir miasmas, bem como os bacilos que minam e que sapam as forças vitais do nosso povo, do novo Estado búlgaro. A Frente da Pátria sairá deste processo de saneamento dezenas de vezes mais forte.

Reforçada e renovada, a Frente da Pátria desenvolverá com todas as forças dos seus cinco partidos a campanha a favor da República Popular, a fim de se lançar em seguida na campanha eleitoral nacional para a Grande Assembleia Nacional e na elaboração de uma nova Constituição, a Constituição de uma República Popular. Nenhuma pessoa sensata, nenhum membro da Frente da Pátria, nenhum eleitor, homem ou mulher, se deverão declarar hostis à salutar Frente da Pátria, apenas por estarem descontentes — e com razão, confesse-se — com uma série de irregularidades e escândalos no campo do reabastecimento. Seria o mesmo que arrancar o nariz para se alterar um rosto imperfeito. Pelo contrário, deverão ajudar a Frente da Pátria a acabar com as irregularidades, com os escândalos e os actos arbitrários, com as infracções à legalidade estabelecida pela própria Frente. Depois da depuração e da autodepuração a que se irá proceder, as relações entre comunistas, agrários, «zvénari», sociais-democratas e radicais reforçar-se-ão e melhorarão ainda. E é com as forças unidas, em harmonia, como uma tropa inquebrantável, que a Frente da Pátria se apresentará, na próxima campanha eleitoral, contra a reacção.

Estou convencido de que a sabedoria colectiva da vossa Sessão plenária de comunistas, de agrárias, de «zvénari», de sociais-democratas e de apartidárias, vos permitirá tomar

decisões que irão assegurar a mais activa e consciente participação das camponesas e das cidadãs búlgaras nessas duas campanhas. Temos de eleger os melhores filhos e filhas do nosso povo para a Grande Assembleia Nacional, os mais dedicados e os mais dignos, independentemente da sua filiação política. Nós, os comunistas, temos a nobre ambição de propor alguns dos melhores. É preciso que o povo, os homens, as mulheres, os rapazes e raparigas de todo o país exprimam livremente no dia 27 de Outubro o seu sufrágio, é preciso que exprimam a sua vontade e que elejam representantes do povo efectivamente capazes de elaborar uma Constituição progressista, democrática e popular.

É de extraordinária importância a participação das mulheres na próxima campanha. As mulheres constituem uma enorme força. É preciso deixar bem claro que alguns dos nossos homens de Estado e homens políticos não compreenderam suficientemente que *sem a participação activa e consciente das mulheres na gestão do país, na vida pública e política, na vida económica e cultural, não poderá existir autêntica democracia, verdadeiro progresso e prosperidade do povo.* A União das mulheres, os seus membros e todas as outras mulheres búlgaras que amam a sua pátria deverão tornar-se infatigáveis propagandistas; durante a próxima campanha que precede a consulta eleitoral para uma Grande Assembleia Nacional, deverão dedicar-se a uma propaganda diária e contínua. Devem ser propagandistas de uma autêntica República popular, propagandistas de uma Constituição verdadeiramente democrática, propagandistas da salutar causa da Frente da Pátria.

É sabido que as mulheres são, pela sua própria natureza, autênticas propagandistas e oradoras. Mesmo as mais fracas poderão fazer propaganda à família, entre os vizinhos, entre os familiares, nas empresas e nos escritórios; podem ser propagandistas por toda a parte, de acordo com a sua força e possibilidades. Todas as mulheres podem explicar a verdade sobre o nosso novo Estado, a verdade sobre a Frente da Pátria, a verdade sobre a nossa República popular e a Constituição popular, a verdade sobre a luta contra os inimigos do povo. Cada uma de vós, quer viva na cidade ou no campo,

deverá ter a ambição de destruir as calúnias, as intrigas e as mentiras a que recorrem determinados meios e os inimigos organizados do povo. É preciso que não haja uma só mulher ou rapariga que pense com honestidade e que possa ser induzida em erro, que não participe no plesbicito e nas eleições para a Grande Assembleia Nacional. Destruí por todo o lado os erros, as intrigas e as calúnias dos inimigos do povo e daqueles que o pretendem enganar. Qualquer mulher, mesmo a mais simples camponesa, o poderá fazer. Fornecei-lhes com tempo as necessárias informações, explicai a todas a forma como deverão esclarecer os acontecimentos, como se faz propaganda, como se esclarecem os erros, as mentiras e as intrigas, como se deve defender o poder popular. O nosso povo disporá assim de centenas de milhares de mulheres propagandistas que irão, com o amor próprio a uma mãe, a uma irmã ou a uma patriota, contribuir para o triunfo ainda mais seguro da nossa grande causa nacional.

A União popular das mulheres búlgaras deverá desempenhar um grande papel na vida social, política, económica e cultural do nosso país; contudo é nos próximos meses que, lhe vai caber um papel particularmente grandioso.

As realizações da União das mulheres alegram os corações de todos os patriotas, pelo que as felicito cordialmente. Existem contudo, como podeis verificar por vós próprias, certas fraquezas e insuficiências que deveriam ser resolvidas pelo menos no que respeita às mais notórias. Não pretendo dar-vos conselhos de mentor. Conheceis melhor do que eu a mentalidade da mulher bem como as suas condições de vida no seio da família e fora dela. Parece-me contudo que a *primeira coisa* a ser feita, é trabalhar obstinadamente pela unidade da União popular das mulheres búlgaras, sem admitir qualquer cisão. Velai pela unidade da União das mulheres como se fosse a menina dos vossos olhos, pois há inimigos que a pretendem sapar. Existem meios que querem criar organizações femininas separadas, dirigidas contra a União popular das mulheres. Não admitais semelhantes tentativas de cisão. Todas juntas — comunistas e «zvénari», agrárias e sociais-democratas, e todas as outras —, fustigai seja quem for que ouse fazê-lo.

Em segundo lugar, é absolutamente necessário que a União popular das mulheres consagre uma atenção especial *às camponesas* e conjugue os seus esforços para as atrair ao seu meio, para as sociedades, para as organizações auxiliares e para as secções. Como sabeis, o nosso país é, devido à sua população, um país essencialmente agrário. Não pode existir uma União feminina séria, poderosa e apta para o trabalho que não englobe nas suas fileiras as nossas camponesas, fazendo delas membros activos. A Bulgária tem orgulho de possuir poucos analfabetos mas existe contudo, para nossa vergonha um considerável número de raparigas iletradas no campo. Cabe à União Popular das Mulheres, ao Ministério da Instrução Pública e aos restantes organismos e organizações do ensino acabar rapidamente com o analfabetismo entre as mulheres. O analfabetismo é o inimigo, e um cruel inimigo, da liberdade e do progresso.

Em terceiro lugar, deveis aumentar o número de operárias na União das Mulheres. Porque é que as operárias que aderem ao sindicato não hão-de aderir também em massa à União Popular das Mulheres? Além de outras vantagens, isso permitir-lhes-ia, às operárias, às camponesas e às intelectuais, uma vez unidas, unirem-se ainda mais e formar um bloco democrático, tanto sob o ponto de vista das ideias, da cultura e do carácter como até mesmo da mentalidade.

Em quarto lugar, conviria dedicar uma maior atenção às donas de casa, que não trabalham nem em empresas nem em escritórios mas que se encontram numa situação mais difícil que todas as restantes mulheres. Esses milhares de donas de casa têm a seu cargo as crianças e as preocupações domésticas. O futuro do nosso país exige crianças sãs e cheias de vitalidade. Para isso é no entanto indispensável aliviar as preocupações da mãe dona de casa e diminuir as suas dificuldades, aliás numerosas, oferecendo-lhe perspectivas, mostrando-lhe que a luz do sol do progresso pode também iluminar as suas almas.

Uma outra categoria importante para a União popular das mulheres é constituída pelas professoras das escolas primárias, das escolas primárias superiores, dos liceus e dos estabelecimentos de ensino superior, bem como de diversos

estabelecimentos para crianças. As professoras devem iluminar o povo. A vocação de professora é altamente honorífica. Existem infelizmente muitas professoras que não demonstram estar à altura do seu emprego. Não ajudam a União popular das mulheres, nem os comités da Frente da Pátria. Não testemunham solicitude para com as crianças nem tomam parte nas outras iniciativas culturais. Algumas delas, como «as senhoras de alta sociedade», apenas pensam nos seus interesses e no seu próprio bem-estar. A União popular das mulheres deve agir sobre estas professoras e atribuir-lhes ocupações úteis ao povo, como pessoas responsáveis de militância e encarregadas de o esclarecer. Se uma simples camponesa, uma operária ou uma dona de casa, não estão suficientemente preparadas para actividades culturais, uma professora, pelo contrário, está absolutamente apta, possui a necessária instrução e experiência pedagógicas e suficientes possibilidades para tal. Tem o dever, na sua qualidade de professora, de tomar parte nas iniciativas culturais. Hoje em dia é vergonhoso para uma professora manter-se fora da União popular das mulheres, à margem das actividades da Frente da Pátria.

Claro está que nada disto é novo para vós. Para que a União possa englobar todas as categorias de mulheres que se dedicam a um trabalho manual ou intelectual, para que a União popular das mulheres possa desempenhar bem as missões que lhe estão confiadas, dispondo de novos quadros, de novas propagandistas, tão necessárias neste momento, é preciso organizar e trabalhar com perseverança.

Gostaria de dizer ainda algumas palavras sobre a delicada questão que abordei ao de leve numa das minhas precedentes mensagens dirigidas à vossa União e que desagradou a alguns homens. Para que a mulher búlgara possa tomar uma posição ainda mais activa na vida social, política, económica e cultural do nosso país, convém acabar com o *conservantismo* que ainda existe entre nós no que diz respeito às relações do homem para com a mulher. A maioria dos homens — e entre eles conta-se também um grande número de membros da Frente da Pátria — demonstra uma atitude feudal e digna de repreensão para com a mulher. São inúmeros os que a este

respeito só lhes falta usar um velho turbante turco: tiraram cursos superiores, estudaram no estrangeiro, consideram-se de formação europeia, mas contudo nos seus contactos com a mulher, não são mais evoluídos do que um inflexível oriental. É conveniente acabar com esta situação o mais rapidamente possível.

Não podemos considerar como um homem cultivado e digno desse nome aquele que se comporta para com a mulher como para com um objecto doméstico. Não podemos considerar como cultivado o homem que demonstra uma atitude oriental para com a mulher e que não ultrapassou o nível dos turcos que possuíam haréns. É indispensável que não só na imprensa como nas reuniões e sobretudo nas relações privadas, se toque continuamente o alerta a fim de se alterar essa atitude. É conveniente estabelecer relações razoáveis e civilizadas com a mulher, considerando-a como um ser humano, uma camarada, a mãe dos nossos filhos, o mais precioso capital do povo. Repito: *uma mulher que seja um ser humano, uma camarada, uma mãe.* São precisamente esses tipos de relações, esse estímulo mútuo, que devem existir entre o homem e a mulher na Bulgária da Frente da Pátria. Deve ser mantido árdua e resolutamente o combate contra a odienta herança do passado. Esse combate deve ser conduzido através dos esforços conjugados de todos os militantes e dirigentes sociais e políticos, por todos os partidos e por todas as organizações da Frente da Pátria *e acima de tudo, por vós próprias.* É preciso destruir a ferro e fogo o infame conservantismo medieval nas relações do homem para com a mulher.

Faço votos, estimadas camaradas, que na vossa qualidade de União de mulheres, como mulheres búlgaras, vos lanceis ainda com maior energia e entusiasmo, com um reforçado amor de mães e de irmãs, com um coração ardente e consciência lúcida, nas próximas campanhas a favor da República Popular e pela Grande Assembleia Nacional, para que possamos festejar o 8 de Setembro com uma grande festa — a proclamação da República Popular, para que possamos festejar a formação de uma Grande Assembleia Nacional que reflita efectivamente a Frente da Pátria, bem como uma Constituição realmente democrática e popular. Ela permitirá abrir o caminho ao ulterior desenvolvimento progressista do nosso país, ao mesmo tempo que os nossos irmãos jugoslavos, sob a protecção e com o fraterno auxílio do nosso irmão eslavo mais velho — o grande povo russo.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo, n.º 176, de 7 de Agosto de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XII. Edições do P. C. B., 1954, pp. 249-260.

O PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS) DEVE SER O PRIMEIRO NA LUTA PELA REPÚBLICA POPULAR E PELA GRANDE ASSEMBLEIA NACIONAL

DISCURSO PRONUNCIADO A 9 DE AGOSTO DE 1946 NO X PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS)

Camaradas:

O nosso Plenário é chamado a tomar certas decisões de excepcional importância, dentro de uma conjuntura interna extremamente grave e complexa.

O *problema-chave* no respeitante à situação internacional consiste, como sabem e pressentem, na luta pelo estabelecimento da nova paz após a guerra. Terá decorrido dentro em breve um ano e meio sobre o final da Segunda Guerra Mundial sem que até ao presente se tenha estabelecido a paz, sem que estejam concluídos os indispensáveis tratados. No mundo inteiro, quer na Europa quer muito em especial nos Balcãs, a situação encontra-se longe de estar normalizada, o mesmo se dando com a cooperação entre os povos. Os povos estão ávidos de paz. O mundo necessita da urgente conclusão de uma paz justa e duradoura; continua contudo a não existir paz. Realizaram-se já uma série de conferências dos ministros dos Negócios Estrangeiros das Grandes Potências; decorre de momento em Paris a Conferência de Paz de 21 Estados. As dificuldades no estabelecimento da nova paz encontram-se contudo longe de ser resolvidas.

Surge pois uma pergunta absolutamente lógica: O que é que impede o estabelecimento dessa paz e entrava a rápida

liquidação das consequências da Segunda Guerra Mundial, a abertura de perspectivas de uma cooperação pacífica, amigável e duradoura entre todos os povos?

Se pretendermos entender com justiça e saber com exactidão a verdadeira causa, deveremos considerar a todo o custo as principais, as grandes consequências da Segunda Guerra Mundial que influem na situação internacional actual e que originam por seu turno as presentes dificuldades que entravam o estabelecimento da paz mundial.

Quais são pois essas principais, essas grandes consequências?

A primeira consequência consiste incontestavelmente no facto de o papel internacional, a autoridade internacional, da União Soviética terem aumentado extraordinariamente. Aumentaram, como sabem, em consequência do activo papel dirigente desempenhado pela União Soviética no derrubamento do fascismo no mundo.

A autoridade e o papel internacional da U. R. S. S. aumentaram também visto uma série de povos se terem libertado do jugo hitleriano e fascista graças ao valoroso Exército Vermelho. A autoridade e o papel internacional da U. R. S. S. aumentaram também por a União Soviética, graças à sua luta consequente a favor da paz e das transformações democráticas efectuadas no mundo após a guerra, ter passado *a encabeçar a democracia mundial,* à frente de todos os povos que apreciam a liberdade e que não querem viver como antigamente, antes da guerra, mas que se esforçam, pelo contrário, por partir na dianteira, por se tornarem os donos dos seus próprios destinos e do seu futuro.

A segunda consequência da guerra mundial são as grandes, as profundas transformações democráticas que surgiram no mundo, e em particular nos países que foram libertados do jugo fascista alemão com o auxílio e assistência do Exército Vermelho, à custa do seu sangue e dos seus sacrifícios. Nesses países os povos esforçam-se por se libertar do grande capital monopolista e especulador, da dominação da clique burguesa-capitalista espoliadora e parasitária. Esses povos esforçam-se por estabelecer nos seus respectivos países uma autêntica democracia popular, capaz de os ajudar a superar as grandes dificuldades do pós-guerra e de lhes assegurar um desenvolvimento no caminho do progresso e do bem-estar. Os povos, movidos por essa generosa aspiração, encontram o maior apoio, um apoio sincero e cordial, na U. R. S. S.

A terceira consequência, grande e importante, consiste no facto de os povos eslavos se terem aproximado uns dos outros, durante a guerra de libertação contra a Alemanha hitleriana, em face da luta comum, do sangue vertido em conjunto pela liberdade, pela independência e pela felicidade. Fizeram-no com o auxílio e sob a direcção do grande povo russo, o seu irmão eslavo mais velho. A unidade eslava foi estabelecida, consolidando-se cada vez mais contra todos os inimigos dos povos eslavos, contra qualquer possível agressão; essa unidade eslava é hoje também um grande factor internacional de excepcional importância que virá a desempenhar num futuro próximo, e encabeçada pela U. R. S. S., um grande papel na solução de todos os problemas da vida internacional.

Camaradas, estão a ver que *estas três grandes consequências históricas, resultantes da Segunda Guerra Mundial, não são a favor — antes pelo contrário — da reacção imperialista no mundo, visando sapar as posições fundamentais do imperialismo, sobretudo na Europa do sudeste.*

Daí a inquietação, a preocupação existente nos meios imperialistas, reaccionários, nos grandes Estados ocidentais. Daí a razão dos esforços que desenvolvem no sentido de tirarem o maior partido possível das suas próprias forças e meios, de todas as suas possibilidades e isto desde já, a partir do estabelecimento da nova paz, a fim de saparem o ulterior desenvolvimento desses três grandes resultados úteis à humanidade e à paz internacional.

É esta a principal explicação para o desejo de determinados dirigentes actuais dos E. U. A. e da Grã-Bretanha de ditarem as condições da futura paz na Conferência da Paz de Paris. É esta a explicação para as grandes discussões travadas sobre problemas de procedimento, que se prolongam desde há dez dias na Conferência da Paz. Essas discussões assentam na verdade não em problemas de procedimento, não em simples questões técnicas que se poderiam resolver em apenas 24 horas, mas sim em grandes questões políticas. Não é em vão que os representantes anglo-saxões pretendem a todo o custo que na Conferência da Paz os problemas sejam resol-

vidos por simples maioria e não por dois terços da maioria, e claro está, não se baseando no entendimento mútuo nem na igualdade de direitos dos grandes Estados. Insistem em que essas questões sejam resolvidas com uma ou duas vozes de maioria a seu favor e em prejuízo da União Soviética, bem como dos novos Estados democráticos. No seu admirável discurso pronunciado ontem na conferência, o camarada Molotov pôs a nu esta posição antidemocrática, este «jogo de vozes», segundo as suas próprias palavras, que cria inúmeros obstáculos à instauração de uma paz duradoura e segura.

À tese da U. R. S. S. segundo a qual não pode existir no mundo uma paz justa e duradoura sem obedecer a um acordo, sem um entendimento recíproco, sem concessões mútuas em proveito da causa comum da paz, os imperialistas opõem a tese da instauração da paz através de imposições, como antes da Primeira Guerra Mundial.

Esqueceram e esquecem contudo que existe uma diferença essencial entre a situação posterior à Primeira Guerra Mundial e a situação actual, depois da Segunda Guerra. Se os povos derramaram o seu sangue durante 4 anos na luta contra o imperialismo alemão, que pretendia impor o seu domínio sobre o mundo, não é de forma alguma para admitir agora uma outra dominação de um outro Estado imperialista. Qualquer pessoa com dois palmos de testa compreende que *não é a poderosa União Soviética que se irá submeter a uma imposição imperialista, seja ela qual for.*

A Rússia não participou nas negociações de paz efectuadas depois da Primeira Guerra Mundial. A jovem República soviética não se encontrava à altura de poder exercer a mínima influência nas condições da paz. Foram pois apenas os representantes dos Estados imperialistas que nas suas chancelarias e gabinetes secretos decidiram as condições de paz entre os povos.

Hoje, poderosa e invencível, a União Soviética participa na Conferência de Paris. Toma parte como força dirigente de um bom número de povos da Europa e, de uma forma geral, da própria democracia mundial. Hoje as condições dos tratados de paz estabelecidos com os antigos inimigos das Nações Unidas não são debatidas nas chancelarias ou nos

gabinetes secretos. Não é aí que se debatem as condições da futura paz mundial mas sim publicamente, perante a opinião pública universal. Hoje, mesmo por exemplo, Burnes fala com o camarada Molotov e com outros homens de Estado não só numa chancelaria, mas também publicamente, perante os representantes dos 21 Estados que participam nesta Conferência e, por seu intermédio, com milhares de homens no mundo. *Hoje, a democracia mundial tem a possibilidade de exercer influência nas decisões a tomar sobre a paz futura.*

Este facto é de excepcional importância.

Os reaccionários enganam-se redondamente quando pensam poder obrigar a União Soviética e os povos democráticos a adoptar uma paz imperialista. Pensam que a União Soviética, que sofreu durante a guerra de libertação as mais duras perdas materiais, que sacrificou o maior número de vidas humanas e que verteu maior quantidade de sangue, que suportou as mais dolorosas privações e sofrimentos, se encontra exausta ao ponto de aceitar qualquer tipo de imposição por parte dos imperialistas, sejam eles quais forem.

É isto que devemos ter em conta, especialmente nós, na Bulgária, onde existem ainda políticos de vista curta, homens públicos tacanhos e pessoas ingénuas que crêem na prosa de diversos jornalistas que enaltecem as enormes forças da Inglaterra e da América, subestimam deliberadamente as forças da União Soviética e predizem para breve uma guerra anglo-soviética.

Camaradas! Não precisamos de exagerar nem de alindar a realidade. Conhecemos as dificuldades com que depara a União Soviética e todos os povos democráticos na instauração de uma nova paz. Conhecemos os perigos que ameaçam presentemente o mundo, enquanto existirem Churchill a chefiar os promotores da guerra. Devemos contudo conhecer a verdadeira situação, quais as forças efectivas de que dispõe o campo da paz e da democracia sob a direcção da União Soviética e também quais as vantagens que apresenta em relação aos fomentadores de novas guerras.

Em resumo, quais são essas vantagens?

A primeira vantagem consiste no facto de a União Soviética estar edificada sob o ponto de vista económico, político

e social sobre as bases de um sistema socialista, representando um Estado socialista que põe à disposição do povo e do país todos os recursos do solo e do subsolo, todas as forças criadoras, as energias e aptidões dos povos desse imenso país, sob a gestão de uma vontade única.

A segunda vantagem consiste no facto de a União Soviética ter reunido todos esses povos numa unidade moral e política, graças a esse sistema socialista de poder do Estado, de organização económica, de institutos sociais, de organização do trabalho, etc. Não existem na União Soviética lutas de classes, visto não existirem classes que sirvam os interesses dos antagonistas. Não há greves, bem pelo contrário, há um entusiasmo geral pelo trabalho e estímulo socialista. Não existem na União Soviética partidos em luta uns com os outros, não há consórcios e «trusts» que dominem a vida económica nem a política interna e externa. Existe um partido, o glorioso *Partido Bolchevique que dirige* a União Soviética. Durante as hostilidades, cerca do final de 1941 e durante a primeira metade de 1942, teria a União Soviética podido fazer face, de forma eficaz, ao poderoso e terrível choque representado pela máquina de guerra alemã, se não fosse o sistema socialista e a sua direcção única, se não tivessem sido superados no passado, graças à Revolução de Outubro, todos os obstáculos erguidos pelo grande capital privado?

Tomemos com exemplo o ocorrido na Ucrânia em 1941. Teria acaso sido possível sob um outro regime aplicar com tanto rigor a seguinte palavra de ordem: aniquilar tudo, nada abandonar ao inimigo? Teria sido possível destruir a grandiosa central eléctrica do Dnieper a fim de a não abandonar às hordas hitlerianas, se ela pertencesse a sociedades capitalistas, de accionistas russos ou estrangeiros?

Que poder, a não ser o poder soviético, poderia ter transportado a indústria pesada como sabem, desde a Ucrânia, até milhares de quilómetros a Leste, até ao Ural, e isto com o Inverno mais terrível e mais rigoroso de que há memória? Que outro Estado seria capaz de pôr novamente essa indústria ao serviço da guerra de libertação? Qual seria o Estado capitalista capaz de fazer o mesmo? Se, por exemplo, a América ou a Inglaterra se tivessem encontrado numa situação idêntica, os diversos consórcios, «trusts», magnates da finança e até

os próprios membros do governo teriam afirmado: a central eléctrica deve ficar, todos os equipamentos devem ser conservados. O adversário aproveitar-se-á deles mas depois da guerra descobriremos maneira de chegar a um acordo. Os interesses capitalistas privados sobrepor-se-iam aos interesses nacionais e de defesa perante o inimigo.

Uma outra vantagem da União Soviética são as suas enormes possibilidades potenciais de recursos, de trabalho, de heroísmo e de entusiasmo pelo trabalho. Estão ao corrente do novo quinquénio na União Soviética. Recebem-se já informações, de diversos locais que esse quinquénio virá a ser terminado em três anos.

A União Soviética possui também uma superioridade militar.

Especialistas da arte militar, conhecedores da situação, afirmam unanimemente que o Exército Vermelho, apesar das grandes perdas sofridas, apesar dos milhões de vítimas, é hoje ainda mais forte, mais poderoso e muito mais apto para o combate que no início da Guerra patriótica.

A União Soviética possui ainda uma outra superioridade: enquanto as grandes potências de Ocidente possuem colónias constantemente em luta contra a metrópole, a União Soviética não tem colónias e em contrapartida dispõe de enormes extensões onde se valorizaram, como sabem, graças ao sistema socialista soviético, novos povos muito dotados e que desenvolvem grande actividade criadora.

A União Soviética é um Estado compacto, composto por muitas nacionalidades sob a direcção do grande povo russo. Em Kazakhie, no Uzbekistão, no Tadjikistão e em muitas outras regiões, onde os povos gozam dos seus direitos e liberdades, não existe jugo colonial nem luta contra a metrópole, contra Moscovo. Os povos vivem aí em unidade. Ora, qual é a situação no Ocidente? Os povos coloniais não estão satisfeitos; desejam a independência. As informações, embora insuficientes, puseram-vos ao corrente da existência de um poderoso movimento de libertação e de independência nacionais que alastra na Índia, informaram-vos da existência de uma guerra na Indochina, e que a luta contra o imperialismo se tem reforçado após a guerra em todas as colónias.

Uma outra importante vantagem a favor da União Soviética é o facto de contar com muitos povos à sua volta que lhe são sincera e profundamente dedicados, que lhe estão reconhecidos pelo auxílio prestado para a sua libertação, bem como pela ajuda actualmente prestada para o seu restauro tanto económico como político. Esses mesmos povos vêem em Moscovo o seu apoio. Consideram Moscovo como um sol que brilha no seu próprio país, sem o qual nada pode crescer, desenvolver-se e desabrochar. Evidentemente que se não pode afirmar o mesmo sobre as grandes potências ocidentais, que conquistaram certos Estados «amigos» através da opressão, os quais na primeira ocasião estão prontos a atravessarem-se no seu próprio caminho.

Estas vantagens da União Soviética, bem como muitas outras que nem os imperialistas nem os promotores de novas guerras possuem e que se tornarão ainda maiores no futuro, provam claramente e de forma indubitável que os povos que marcham em frente com a União Soviética, e muito em especial o nosso próprio povo, não devem estar cépticos quanto ao seu futuro. Não terão de se arrepender, bem pelo contrário, a amizade sincera e a luta lado a lado com a União Soviética pelo estabelecimento de uma paz mundial apenas lhe podem ser vantajosas.

Como sabem, existem jornalistas americanos exaltados que gabam extraordinariamente a bomba atómica. Fala-se já de «política atómica», de «diplomacia atómica». Esta noção começou a tornar-se vulgar. Deveriam ter dito: a União Soviética possui efectivamente, como poderoso Estado socialista, inúmeras vantagens, mas nós possuímos contudo uma coisa que ela não possui: a bomba atómica, a mais terrível arma. Podemos contudo responder: Deus é bom! Esse invento de uma importância tão excepcional não podia ser monopólio dos americanos.

Camaradas!

É nesta conjuntura internacional actual e em presença destas duas tendências, que ocorrem as discussões na Conferência de Paz em Paris: por um lado, a tendência da União Soviética e das novas democracias para a instauração de uma paz duradoura e justa sobre a base da igualdade de direitos, da cooperação entre os grandes Estados, uma cooperação em pé de igualdade; e por outro lado, a tendência para a dominação por parte deste ou daquele grande Estado, para ditar condições de paz imperialistas, para impor condições de vida o mais desfavoráveis possível aos países que prosseguem na via da nova democracia, que destroem exaustivamente o fascismo, que instauram o regime democrático, que se libertam das garras dos imperialistas exploradores. A Bulgária é a favor da primeira tendência.

O povo búlgaro encontrou o seu verdadeiro lugar.

Não pretendemos ignorar as dificuldades e dissabores com que irá deparar a nossa delegação na Conferência de Paz em Paris. Não faltarão personalidades influentes a dizer mal da nova Bulgária da Frente da Pátria, esforçando-se por suscitar disposições hostis para com o nosso povo.

Aconteça o que acontecer e apesar de tudo o que se tenha dito na Conferência de Paz em Paris, apesar das dificuldades e dos dissabores, não restam dúvidas camaradas, que no final de tudo, todos os povos incluindo o povo búlgaro terão uma paz democrática e duradoura, visto os povos e os exércitos desejarem a paz e nunca uma nova guerra.

Na actual Conferência de Paz em Paris, e especialmente nós os búlgaros, encontramo-nos numa situação muito mais favorável do que aquela em que nos encontrávamos na Conferência de Paz realizada depois da Primeira Guerra Mundial. A Bulgária apresentara-se nessa altura em Paris de rastos, completamente esgotada e sem qualquer opoio. Ninguém se preocupava em a ouvir. É notório o facto de Stamboliiski e outros delegados búlgaros terem sido então obrigados a bater à porta de certos diplomatas durante semanas, a fim de serem recebidos. E finalmente impuseram um tratado duro e humilhante à Bulgária. A situação é agora completamente distinta.

E porquê? *Primeiramente,* porque durante a guerra o povo búlgaro conseguiu opor uma grande resistência ao fascismo e aos ocupantes alemães, desencadeando contra eles uma luta heróica que representa agora para ele um enorme capital moral e político perante a opinião pública mundial bem como perante a Conferência de Paz de Paris.

Em *segundo lugar,* porque o povo búlgaro, depois de derrubar a ditadura fascista com o auxílio do Exército Ver-

melho, de rejeitar a orientação oficial hitleriana sobre a política estrangeira e de se pôr ao lado das Nações Unidas, conseguiu por sua própria iniciativa, e sem qualquer sugestão do exterior, entrar em guerra com o seu exército contra a Alemanha hitleriana; os seus soldados e oficiais cometeram então prodígios de heroísmo a fim de expulsarem as hordas alemãs da Grécia, da Macedónia e da Sérvia.

Em terceiro lugar, porque o nosso povo, graças à Frente da Pátria sua dirigente, rompeu definitivamente com o passado, com a política de agressão fascista dos chauvinistas megalo-búlgaros e transformou a Bulgária num país democrático, num elemento são, num factor seguro da paz e da democracia nos Balcãs. A nova Bulgária adquiriu para si própria o direito de ser tratada em suma como um país que luta ao lado das Nações Unidas.

Por outro lado, nesta Conferência de Paz de Paris não estamos isolados como depois da Primeira Guerra Mundial. Contamos agora com a grande protecção da União Soviética, da sua delegação à Conferência de Paris. Podemos também contar com o apoio da delegação checoslovaca, da polaca, bem como com outras delegações que nos apoiarão se não sempre, pelo menos no que diz respeito a determinadas cláusulas importantes do tratado de paz, isto no interesse da paz geral do mundo.

Não restam dúvidas de que as perspectivas da conclusão do tratado de paz com a Bulgária são reconfortantes. Não há razão para nos inquietarmos. *Existem apenas dificuldades a ser superadas.* Há uma campanha hostil que deve ser firmemente atacada não só por nós como pelos nossos amigos. Existem calúnias e intrigas que devem ser cerceadas; há preconceitos que, como sabem, são implantados pela oposição enraivecida e pelos seus protectores estrangeiros. Há preconceitos que devem ser eliminados para que não só na Conferência de Paz de Paris como fora dela, em todas as partes do mundo, onde quer que existam autênticos democratas e homens progressistas, se possa compreender a nossa justa causa nacional e se elevem vozes a seu favor.

Camaradas:

A situação interna do nosso país depende evidentemente da situação internacional.

Devo salientar, sem contudo entrar em pormenor, que a nossa situação interna se desenvolve sobretudo sob o signo da ofensiva política resolutamente desencadeada contra os vestígios do fascismo e da reacção, ofensiva essa que é empreendida pela Frente da Pátria e do nosso Partido. É sob esse signo que será igualmente desenvolvida a campanha do plebiscito. É sob esse signo que se irão também desenrolar as eleições para a Grande Assembleia Nacional.

Teremos nós o dever de empreender essa ofensiva política decisiva?

Penso que não existem no nosso Partido camaradas que duvidem da necessidade dessa ofensiva, empreendida aliás com um certo atraso. Esperou-se muito para se chegar a um acordo entre os partidos da Frente da Pátria e o seu Comité Nacional, para se decidir sem dificuldade determinadas questões importantes. Estamos todos finalmente persuadidos de que é necessário agir depressa, pois de contrário não poderemos esperar obter resultados positivos, não poderemos afastar os obstáculos que se erguem no caminho da realização do programa da Frente da Pátria não só no campo económico — no do aprovisionamento e reabastecimento da população — como no que se refere a determinadas medidas importantes que tendem a elvar o nível da nossa economia nacional. Seria preciso também tomar medidas contra os especuladores e intriguistas do mercado negro, contra os sabotadores dentro do exército, do aparelho de Estado e da própria Frente da Pátria. São indispensáveis actos heróicos e decisivos.

O camarada Guéorgui Damianov irá em breve fazer-vos uma comunicação especial sobre o saneamento no exército, sobre os resultados obtidos bem como sobre as perspectivas abertas após esse saneamento. Terão também possibilidade de se informar sobre a depuração realizada no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Ministério da Instrução Pública e nos estabelecimentos de ensino superior.

Esta depuração de ve ser feita de cima a baixo, em todos os estabelecimentos e organizações de massas, do Estado, cooperativas, etc. É preciso eliminar tudo o que entrava o nosso desenvolvimento democrático e o nosso restauro económico, a fim de estabelecermos definitivamente no nosso país a ordem legal e a segurança.

Quando iniciámos esta ofensiva, foi grande o alarme entre os nossos aliados e em especial do Zvéno, bem como em alguns outros meios. Elevaram-se vozes afirmando que isso significava a desintegração da Frente da Pátria, a crise governamental, a separação de certos partidos da Frente da Pátria e do governo, coisas particularmente prejudiciais ao momento actual, na véspera da Conferência da Paz em Paris.

Existem no nosso país pessoas que semeiam o pânico, políticos cobardes e de vistas curtas. Devemos confessar que mesmo no nosso Partido há já alguns camaradas que se começaram a inquietar. Alguns de entre eles, como direi a seguir, caíram no extremo oposto, de forma que no decorrer desta ofensiva contra a reacção se puseram a fazer das rosas espinhos.

Será verdade que a ofensiva contra a reacção do país, simultaneamente uma ofensiva contra a oposição, núcleo dessa mesma reacção, pode provocar uma crise na Frente da Pátria, e até causar a sua desagregação? Nada de mais falso. Para aqueles que conhecem a nossa realidade, para aqueles que sabem quais são as forças motoras da Frente da Pátria e do desenvolvimento político actual, a ofensiva do povo contra os seus inimigos e os meios reaccionários constitui um processo de saneamento. Esse processo não irá enfraquecer mas reforçará pelo contrário a todo o custo e muito mais a Frente da Pátria, na sua qualidade de união dos meios antifascistas democráticos e progressistas. Quando se considera a Frente da Pátria como uma vulgar coligação temporária de partidos, como o foi antigamente, justifica-se então uma inquietação. Sabe contudo que a Frente da Pátria é e deve ser não só um bloco de cinco partidos antifascistas no poder, mas sobretudo uma união antifascista e democrática das forças populares, das camadas populares democráticas e progressistas. Na medida em que a Frente da Pátria é e será cada vez mais uma união deste tipo, não temos qualquer razão para nos inquietarmos, para recearmos qualquer abalo no seu seio e ainda menos a sua desagregação.

Haverá alguém lúcido que queira abandonar por sua própria iniciativa a Frente da Pátria? Que grupo se decidiria a sair dela? Será o Zvéno, os sociais-democratas ou os radicais, para já não falar nos agrários? Qual de entre eles se

decidiria a deixar a Frente da Pátria, sabendo de antemão que se saísse ela continuaria a existir, tornando-se mesmo mais unida; assim, por exemplo, no caso de uma parte do actual Zvéno deixar a Frente da Pátria, haverá sempre um outro Zvéno, forte, mais forte até do que o actual que a não abandonará. Finalmente, a actual Frente da Pátria é composta por cinco partidos, podendo contudo existir, e existiria sem dúvida alguma, mesmo composta por quatro! Ou até por três! Tudo depende da vontade do povo; se o povo o desejar, assim será. Nós somos, claro está, a favor do grupo dos cinco. Somos pela unidade da Frente da Pátria, não a favor de uma unidade qualquer mas sim pela unidade que vise a realização do programa da Frente da Pátria.

Não somos por uma Frente da Pátria em termos gerais. Seríamos sem dúvida contra uma Frente da Pátria que servisse de capa à reacção e que fosse um meio de espoliação do povo. Somos pela Frente da Pátria porque a sua causa interessa todo o povo, porque é salutar para a nossa nação, para o nosso país. Para se obter uma semelhante Frente da Pátria, dever-se-á expurgá-la dos seus pseudopartidários e dos sabotadores que existem no seu seio, no seio dos próprios partidos e do Estado.

A ofensiva política, devidamente realizada e levada a bom termo, reforçará a unidade da Frente da Pátria, consolidará as suas profundas raízes no seio do povo; permitirá à Frente da Pátria demonstrar a sua unidade durante a campanha pela República popular e pela Grande Assembleia Nacional — uma unidade de ferro contra a reacção — a fim de desfechar um golpe decisivo nos inimigos da Bulgária, aniquilando-os completamente.

Devemos contudo reconhecer que alguns dos nossos camaradas, influenciados pelas provocações dos inimigos, não compreenderam de forma correcta e em profundidade essa ofensiva. Alguns deles afirmavam: o Partido empreendeu uma ofensiva contra a reacção; poder-se-ia afirmar que estamos em vésperas de um segundo 9 de Setembro. Mas lembrai-vos dos primeiros dias que se seguiram a esta histórica data, recordais certamente a cólera do povo que se indignava, e com razão, contra a ditadura monarco-fascista; sabeis que a única

lei então vigente era a da actividade desencadeada «in loco» pelo povo em revolta.

Falar hoje de um segundo 9 de Setembro é uma concepção errada e prejudicial para a ofensiva política contra os vestígios do fascismo e da reacção. Essa ofensiva não conduz evidentemente a um segundo 9 de Setembro visto que o 9 de Setembro de 1944, um Setembro histórico sem dúvida alguma, se não pode repetir. As condições são hoje completamente distintas. Existem actualmente suficientes meios legais para defender o poder popular.

O que é hoje indispensável é a explicação política, a propaganda política que possa chegar a todos e a todo o lado, até aos lugares mais recônditos do país, uma propaganda da causa da Frente da Pátria, do seu programa; é indispensável lutar contra a reacção, contra os odientos membros da oposição, contra a corrupção e as irregularidades, contra os sabotadores no aparelho de Estado e no seio da Frente da Pátria.

Que diríeis por exemplo do seguinte: no momento em que uma comissão especial, encarregue, segundo decisão do Parlamento, do controle do Exército, estabelece que deveriam ser licenciados 2000 oficiais para que o exército se possa tornar apto para o combate e efectivamente popular; no momento em que o governo e especialmente o nosso Partido — visto arcarmos com a maior responsabilidade de todos esses actos efectuados no país — deveriam tomar iniciativas para que esses 2000 oficiais não se transformem ao deixarem o exército, em dois regimentos de reaccionários, em inimigos — bem preparados sob o ponto de vista militar — da Frente da Pátria e do povo; no momento em que o governo e o nosso Partido pensam na forma de neutralizar a amargura dos oficiais licenciados; no momento em que procuram a maneira de exercer influência sobre determinados homens, visto muitos de entre eles terem sido induzidos em erro e inconscientemente arrastados para uma actividade antipopular e antidemocrática; no momento ainda em que tudo isso deverá ser feito pelo Partido de forma organizada, alguns secretários e dirigentes do Partido agem na própria altura em sentido inverso.

Há ainda o seguinte: o chefe do departamento militar de Pléven (ignoro se está aqui presente e se não estiver, deveriam tê-lo convocado) desloca-se a Sófia, ao Comité Central, a fim de receber informações e instruções. De regresso a Pléven, convoca o Comité regional do Partido e comunica ter recebido instruções do Comité Central e do Gabinete Político do Partido para mandar prender todos os oficiais licenciados e sobre eles exercer rigorosa vigilância. Claro está que *não existem nem podem existir* semelhantes instruções. Não há nem pode haver nenhum Gabinete do nosso Partido que admita semelhantes equívocos e tais loucuras, nocivos ao Partido e à causa da Frente da Pátria. Trata-se de um militante do Partido que desconhece a sua autêntica função, que crê que a sua função consiste em fabricar novos adversários políticos do Partido Operário e da Frente da Pátria.

Tomemos um outro caso. O presidente do Comité da Frente da Pátria em Tcherven Briag prende um homem e fá-lo espancar da mais selvática forma! Trata-se talvez de um provocador, visto existirem provocadores que fazem tais coisas em nome do Partido; tais pessoas devem ser descobertas e definitivamente expulsas. Se se não tratar contudo de um provocador, então está a realizar de forma totalmente errada a ofensiva política desencadeada contra a reacção.

Eis um terceiro caso, ainda mais flagrante. Um deputado, antigo resistente muito perseverante que goza da consideração de todos os seus conhecidos, um camarada que teve grandes méritos no movimento da Resistência e na Guerra patriótica, desloca-se com outros membros do Comité regional à prisão de Stara Zagora onde estão detidos oficiais na reserva suspeitos de terem participado numa conspiração. Ele e os seus camaradas espancam então esses oficiais, que antes do 9 de Setembro tinham usado de violência para com eles. Se esses oficiais forem suspeitos, há uma lei pela qual serão julgados. Todos sabem que actualmente se intentam também processos contra tais conspiradores. Em vez de cuidarem da autoridade do Partido como se se tratasse da coisa mais preciosa, esses camaradas de Partido, arrastados por considerações pessoais, aplicam os métodos mais condenáveis e mais indignos de um comunista. Existem outros casos semelhantes.

Alguns dos nossos camaradas seguem pois a linha do mínimo esforço. Em vez de explicarem, de fazerem propaganda, em vez de travarem uma luta política que exige claro está, uma maior tensão de espírito, recorrem às vias de facto e a actos arbitrários.

Tais actos são contrários à moral do Partido, contrários à legalidade da Frente da Pátria. Deve-se acabar com isso o mais rapidamente possível e punir severamente os culpados a fim de acabar com toda e qualquer manifestação deste tipo, para que não se torne a produzir no futuro nenhum acto arbitrário capaz de comprometer o nosso Partido e o nosso poder popular. Todos os culpados devem ser punidos, sem excepção. É preciso recorrer às mais severas sanções, até à exclusão do Partido ou inclusivamente levantando-lhes um processo.

Considero que, sem atender à posição social, às funções assumidas no Partido ou aos méritos passados, todos aqueles que infrinjam a moral de Partido, a disciplina de Partido e a legalidade da Frente da Pátria, todos aqueles que infrinjam as decisões do Comité Central deverão ser severamente punidos.

Os interesses do Partido estão acima de tudo, visto os seus interesses serem para nós os do povo, os do nosso país. Quem quer que tome a iniciativa de acções deste tipo prejudica o Partido pelo que deve incorrer numa merecida punição. Só a punição não chega. É preciso que toda a cidade, que toda a aldeia ou vila sejam informadas a esse respeito. A sanção deverá ser publicada na imprensa para que se torne do conhecimento geral, dos amigos e dos inimigos, para que sirva de lição a todos.

Gostaria que todos os nossos camaradas compreendessem que depois deste plenário se deve começar a sentir por todo o país uma mudança neste sentido, sem contudo abrandar, claro está, a ofensiva política contra a reacção, sem diminuir minimamente a vigilância do povo contra os sabotadores, os conspiradores, os inimigos da nova Bulgária democrática. A ofensiva deve, pelo contrário, tornar-se mais forte em todo o lado, devendo contudo ser uma ofensiva organizada. É preciso agir utilizando explicações e argumentos, empregando os meios da luta ideológica e política; é preciso agir sem falta

em função e dentro do âmbito da legalidade da Frente da Pátria. Quanto às nossas relações com os aliados, é indispensável compreender e manter a posição de que nas fileiras da Frente da Pátria não atacamos o Zvéno nem os outros Partidos *como um todo*, mas que desmascaramos de forma concreta e persuasiva unicamente os elementos que são contra a Frente da Pátria.

Camaradas! Gostaria de terminar desejando que examinásseis seriamente todas as questões relacionadas com as próximas campanhas, que vos esforçásseis, graças ao espírito colectivo de Partido, por tomar medidas que permitam ao nosso Partido ser efectivamente uma força dirigente de primeira ordem, para podermos, conjuntamente com os nossos aliados, assegurar a eleição de deputados verdadeiramente fiéis à Frente da Pátria para a Grande Assembleia Nacional (*).

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.º 183, de 15 de Agosto
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII
Edições do P. C. B.,
1954, pp 264-285.

(*) O estenograma do discurso foi um pouco abreviado.

A BULGÁRIA SERÁ UMA REPÚBLICA POPULAR

APELO TRANSMITIDO PELA RÁDIO AO POVO BÚLGARO, A 7 DE SETEMBRO DE 1946

Cidadãos e cidadãs!
Irmãos e irmãs!

A campanha do referendo já terminou. É amanhã que os eleitores e eleitoras búlgaros se irão dirigir às urnas para votar. Irão manifestar a sua autêntica vontade sobre o problema fundamental do país, sobre a forma e o carácter do nosso poder de Estado.

Algumas pessoas puseram em dúvida a necessidade de uma tão vasta campanha, e duvidaram mesmo da necessidade do referendo, uma vez que se sabe que a esmagadora maioria do nosso povo é incontestavelmente contra a monarquia e a favor da república.

Sim, é verdade que a ideia da república está profundamente radicada no espírito de todos os patriotas búlgaros. É também incontestável que a abolição da monarquia e a proclamação da República popular na Bulgária são ideias já totalmente amadurecidas. Não se trata contudo apenas da ideia da república. Trata-se de a pôr em prática. Trata-se de preparar as massas populares para a sua realização, visto que sem a participação consciente e activa das massas populares não é possível a edificação da república.

A campanha do referendo permitiu ao nosso povo efectuar uma análise crítica do caminho percorrido ao longo de cinco

decénios, avaliar os crimes cometidos pela monarquia e seus sequazes, extrair lições extremamente preciosas da sua amarga experiência passada.

Foi graças a essa campanha que o nosso povo pôde compreender a razão pela qual a Bulgária, em vez de participar agora totalmente com as Nações Unidas vitoriosas na Conferência sobre os problemas da paz do pós-guerra, se vê obrigada, na sua qualidade de satélite da Alemanha, a travar uma difícil luta pelo direito à existência nacional, pela defesa dos seus legítimos e elementares interesses e pelas suas reivindicações. O nosso povo compreende agora melhor que a verdadeira culpada é a política antipopular de traição da monarquia e desse sector da burguesia búlgara espoliadora, ligada à monarquia.

A campanha também revelou ao povo a pérfida hipocrisia dos meios reaccionários do nosso país que, não tendo coragem para defender abertamente a monarquia, tentam desacreditar o referendo através da calúnia e da intriga. Simultaneamente, os velhos cortesãos experimentados trataram de vestir rapidamente a casaca republicana.

Contudo, a importância capital da campanha reside no facto de se ter transformado numa grande escola política das vastas massas populares, em especial das centenas de milhares de mulheres e de jovens. É também incontestavelmente uma boa preparação para as eleições da Grande Assembleia Nacional que irá elaborar a Constituição do nosso país.

Quanto ao escrutínio, irá servir acima de tudo para que o povo possa ver qual a percentagem que ainda existe de partidários da tão amaldiçoada e criminosa monarquia, o que evidentemente, não deixará de ser de extrema utilidade.

Mas se for necessário dizer uma vez mais em que república votará o nosso povo democrático, permitir-me-ei responder de forma breve, embora clara e categoricamente:

O nosso povo é a favor de uma *república popular* e parlamentar e não de uma república plutocrata. É por um *governo republicano popular* e não por um *governo republicano burguês*.

O que quererá isto dizer?

Quer dizer, *primeiramente:* que a Bulgária não será uma república de Sovietes, mas sim uma república popular em

que o papel dirigente caberá à grande maioria do povo — aos operários, aos camponeses e à «intelligentsia» vinda do povo. Na república popular o factor decisivo será a grande maioria dos trabalhadores, aqueles que desempenham um trabalho de utilidade pública, e não o grande capital de especulação e uma minoria da alta-sociedade burguesa, política e moralmente viciada e em plena falência.

Em segundo lugar, a Bulgária será uma república popular em que a propriedade privada adquirida através do trabalho e da poupança virá a ser protegida de forma efectiva pelo poder do Estado contra os especuladores e os espoliadores, mas em que se não permitirá à propriedade privada de especulação dos grandes capitalistas fazer passar fome e reduzir à miséria o povo trabalhador — operários, camponeses, artesãos, empregados e intelectuais oriundos do povo.

Em terceiro lugar, a Bulgária será uma república popular que não irá deixar nenhuma via aberta a um eventual retorno ao odiento passado de monarquia, de fascismo e de chauvinismo megalómano búlgaro, e que fornecerá todas as garantias constitucionais, políticas, económicas, materiais e culturais necessárias ao desenvolvimento do nosso país na via do progresso e do incremento da nossa nação, até à supressão de todo o tipo de exploração do homem pelo homem.

Em quarto lugar, a Bulgária será uma república popular, um Estado livre e independente, que gozará de total soberania. Não se deixará manipular por diversos consórcios e «trusts» capitalistas que apenas pretendem submeter os pequenos povos tanto política como economicamente.

Em quinto lugar, a Bulgária será uma república popular, factor da unidade e da fraternidade dos eslavos contra toda possível agressão. Não se porá a reboque da política anti--eslava e anti-soviética, semeando o ódio entre os povos.

Em sexto lugar, a Bulgária será uma república popular que virá a constituir, juntamente com os restantes povos democráticos partidários da liberdade, um são elemento da paz e da democracia nos Balcãs e na Europa, e nunca um instrumento de aventuras militares e de guerras de agressão.

Em suma, é desta forma que consideramos o carácter da república popular pela qual iremos amanhã votar.

Poder-se-á duvidar que a maioria do nosso povo se irá pronunciar a favor de uma república popular deste tipo?

Claro que não. Não temos a mínima razão para duvidar.

Cada um de nós compreenderá facilmente que é de grande importância interna e internacional que amanhã se verifique uma participação máxima ao referendo.

Os eleitores e eleitoras que não se dirijam às urnas por estarem convencidos de que a proclamação da república está, assegurada mesmo sem os seus sufrágios, cometerão uma falta imperdoável.

Todos os votos são importantes. Os meios reaccionários do país e os nossos inimigos do estrangeiro terão de se render à evidência, deverão ver com os seus próprios olhos, através da votação de 8 de Setembro, a autêntica vontade do nosso povo, a sua firme e inabalável resolução de edificar a República Popular da Bulgária para bem do nosso país e por uma duradoura paz entre os povos.

Em nome do Partido Operário, em nome da Frente da Pátria e em meu próprio nome, dirijo um fervoroso apelo a todos os patriotas, homens, mulheres e jovens, para votarem com o boletim salutar para a nossa pátria:

«*Por uma república popular*».

Morte à monarquia e ao fascismo!

Viva a República Popular da Bulgária!

Viva a Frente da Pátria — unificadora do povo búlgaro e guia do destino da Bulgária!

Viva o povo búlgaro combativo, trabalhador, amante da liberdade!

Publicado em:
Rabotnicheski Délo
N.° 204, de 8 de Setembro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII
Edições do P. C. B., 1954, pp 292-296.

EDIFICAMOS UMA AUTÊNTICA REPÚBLICA POPULAR

DISCURSO PRONUNCIADO A 10 DE SETEMBRO DE 1946 NA REUNIÃO SOLENE, PERANTE AS DELEGAÇÕES SINDICAIS E OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Foram já pronunciados tantos discursos admiráveis que se me afigura supérfluo usar também da palavra. É difícil acrescentar-se algo melhor a tudo o que foi dito. Contudo, como o nosso presidente ([32]) demonstra tanto empenho em que eu fale, permitam-me pois que diga algumas palavras.

É com especial alegria que constatamos entre os nossos convidados as tão apreciadas presenças dos representantes das forças populares antifascistas, democráticas, progressistas dos países vizinhos ou afastados. Para nós, operários e empregados búlgaros organizados, para o nosso povo, este momento reveste-se de uma particular importância, uma vez que numa das grandes capitais da Europa está a decorrer a Conferência de Paz que examina e prepara as decisões sobre as condições dos tratados de paz com os antigos satélites da Alemanha, em que o nosso país se inclui. Sabeis que não só alguns dos delegados a essa Conferência como também determinados meios que a rodeiam não querem reconhecer a nova Bulgária democrática. Não querem considerar-nos como um país co-beligerante com as restantes nações unidas, embora tenhamos tomado parte na guerra contra a Alemanha, antes da assinatura do armistício, pela sua derrota definitiva, e embora tenhamos auxiliado os nossos vizinhos, os gregos,

a libertarem-se dos invasores alemães. Aqueles que não querem reconhecer a nova Bulgária democrática são os representantes de diversos consórcios e «trusts» internacionais, desejosos de subjugar económica e politicamente os pequenos povos. Alegra-nos contudo verificar que entre os povos europeus, todas as pessoas honestas reconhecem a nova Bulgária, a nossa democracia popular, o nosso avanço na via justa, na via do progresso, da prosperidade, da liberdade e da felicidade do nosso povo, na via do estabelecimento e consolidação de uma paz justa e duradoura entre os povos do mundo inteiro.

Sugerem-nos continuamente que se a Bulgária cedesse à pressão exercida pelos meios reaccionários, o tratado de paz lhe seria por assim dizer mais favorável. Querem que vendamos a nossa liberdade, a nossa independência e o nosso futuro por umas migalhas de pão.

O nosso povo é infelizmente pequeno mas não se encontra só. Caminha de mão dada com a grande União Soviética. O nosso povo possui um vizinho amigo na nova Roménia democrática. O nosso povo goza da simpatia e afeição da Checoslováquia e da Polónia democráticas, da nova Hungria. Beneficiamos cada vez de maior número de simpatias, da compreensão e do apoio das consideráveis forças democráticas da França, da Inglaterra e da América. Alguns ameaçam-nos com uma nova guerra, com a bomba atómica. No que diz respeito à Bulgária, devo declarar abertamente e sem qualquer equívoco que não é o povo búlgaro, que suportou durante cinco séculos o jugo otomano sem vergar, mas pelo contrário resistindo até ao fim, que não é o povo búlgaro, que lutou durante dois decénios com todas as suas forças e meios contra o fascismo, contra a ditadura monarco-fascista, não é esse povo coriáceo e democrático de operários e camponeses que cairá de joelhos perante tais ameaças e chantagens.

Esperamos que os nossos amigos da França, que o nosso amigo da Inglaterra e todos os nossos convidados tornarão conhecida nos seus países a verdade sobre o nosso, a verdade sobre a nossa democracia popular, sobre os nossos ideais tão caros a toda a humanidade. Podem afirmar com perfeita segurança através da imprensa falada e escrita, e por todos

os outros meios, possíveis que o povo búlgaro, tal qual é e tal como surgiu sobretudo depois do 9 de Setembro de 1944, apenas viverá e existirá de pé. Aconteça o que acontecer, este povo não se afastará do caminho certo em que se embrenhou. Ligou para sempre o seu destino ao do grande povo russo, ao de todos os países eslavos, ligou a sua sorte à de toda a democracia mundial. Aconteça o que acontecer, avançará sempre nesse caminho sem se preocupar com ameaças, e com a inabalável fé de que a sua causa há-de triunfar.

Caros convidados, vistes com os vossos próprios olhos o escrutínio de 8 de Setembro. Existem pérfidos jornalistas, agentes e informadores a soldo dos nossos inimigos, tanto de dentro como de fora, que espalham muitas vezes notícias no estrangeiro segundo as quais o nosso povo estaria desunido, que existiria uma forte oposição, que o poder estaria entre as mãos de determinados pequenos grupos de Partido sem o apoio do povo. Ora, o que demonstrou o 8 de Setembro? O que demonstrou o referendo?

92 % dos eleitores votaram pela república popular e apenas 4 % pela criminosa e corrupta monarquia.

Está unido o nosso povo? Poderá haver prova mais retumbante dessa unidade sólida e cimentada do democrático povo búlgaro que o próprio 8 de Setembro? Pode-se dizer que o nosso povo votou unanimemente pela república. Contudo, o que é ainda mais importante e que eu gostaria de frisar perante os nossos amigos do estrangeiro, é que o nosso povo votou a 8 de Setembro não só pela república mas expressamente, após prévios esclarecimentos, por uma república popular. Uma coisa é votar simplesmente pela república e outra por uma república popular. O povo búlgaro declarou a 8 de Setembro, através do seu voto, que é *a favor de um governo republicano popular e não por uma república plutocrática.*

Compreendemos bem — e os nossos amigos estrangeiros deverão sabê-lo — que a próxima proclamação solene e oficial da república resultante do referendo *não basta.* Vai ser necessário um trabalho tenaz para transformar a república popular a ser proclamada pela Assembleia Nacional a 15 de Setembro numa autêntica república popular. Tratamos de ser realistas. Não fechamos os olhos e não queremos que

o nosso povo, e em especial a nossa heróica classe operária, seja vítima de perigosas ligações. Existem dificuldades. Encontram-se muitos espinhos e pedras no nosso caminho. O nosso caminho é árido e escarpado, não é tão plano e liso como o empedrado da praça «9 de Setembro». Possuímos contudo uma profunda fé nas forças do povo, temos uma vontade inabalável, possuímos corações ardentes e uma experiência revolucionária para superarmos todas as dificuldades. A luta contra a monarquia, contra o fascismo e contra a reacção foi uma excelente escola política para o nosso povo, pelo que para as próximas eleições saberá apresentar-se bem armado, tanto ideológica como politicamente, elegendo uma autêntica Grande Assembleia Nacional. Sabemos que o êxito, a vitória e a felicidade pertencem aos inabaláveis, aos que se não vergam, aos que não ficam de braços cruzados perante as dificuldades, mas que lutam para superar essas dificuldades, que se encarniçam nessa mesma luta como cidadãos e como um povo, para marcharem em frente e sempre em frente rumo à prosperidade nacional.

O nosso povo deseja também obter o justo e merecido apoio das democracias ditas ocidentais. Poder-se-á pôr em dúvida que a vossa França, Senhor Jacques Pâris (dirigindo-se ao ministro plenipotenciário de França em Sófia), que a vossa França, camarada Frachon, se quiser ser verdadeiramente uma grande potência da Europa — *e é preciso que o seja* — não poderá deixar de apoiar os regimes democráticos da Europa do sudeste? Isto, no interesse sobretudo do povo francês, mas também no interesse de toda a Europa e do estabelecimento de uma paz duradoura entre os povos.

Regozijamo-nos sobretudo com o facto de o Partido Trabalhista possuir uma ala progressista favorável à democracia popular, e que se esforce por refrescar e rejuvenescer a velha democracia inglesa dos lordes. É com sincera satisfação que acolhemos a declaração do camarada Ziliacus (33) de que a classe operária, o povo trabalhador inglês, na pessoa do Partido Trabalhista, avança rumo ao socialismo e se esforça por torná-lo uma realidade através da via pacífica. Quando um dia tal acontecer à democracia inglesa, nós, os búlgaros, nós seremos os primeiros a regozijar-nos sinceramente. *Mas trabalhar pela realização do socialismo na Inglaterra, enquanto*

existem representantes do governo trabalhista inglês que contribuem para abafar a democracia na Grécia e entravar o desenvolvimento da democracia popular no nosso país ou na Jugoslávia, na Polónia e em vários outros países, afigura-se-nos como duas coisas absolutamente incompatíveis com o bom senso. É fácilmente compreensível que a realização do socialismo na Inglaterra pressupõe simultaneamente uma política estrangeira democrática.

Gostaria de dizer ao nosso amigo inglês e aos nossos convidados que ao analisar a situação geral, e as forças existentes nos Balcãs, ao considerar a experiência adquirida durante a guerra mundial e dela extraindo proveito, nós, o nosso Partido Operário, os comunistas, a nossa classe operária, os nossos sindicatos, nós consideramos que é também perfeitamente possível na Bulgária — nas condições de trabalho indispensável e de preparação necessária, baseada na democracia popular e no regime parlamentar — atingir um dia o socialismo. Os comunistas búlgaros atribuíram-se a nobre missão de trabalhar pelo levantamento do nível económico, social e cultural do nosso povo, de forma que a realização do socialismo seja uma obra de todo o povo.

No momento actual a nossa principal missão é contudo edificar a república popular. E quanto melhor edificada e mais poderosa essa mesma república for do ponto de vista económico, cultural, moral e político com mais segurança e à-vontade o nosso povo, os operários, os camponeses, os artesãos e os intelectuais oriundos do povo, todos os patriotas e homens honestos, se empenharão na salutar via do socialismo. Todos sabemos que o socialismo é historicamente indispensável a todos os povos. Um outro aspecto é a questão de saber por que via, em quanto tempo, quando, como e com que forças esse mesmo socialismo virá a ser realizado.

Estamos convictos de que conseguiremos edificar, não só com as nossas próprias forças como também com o auxílio dos nossos amigos e fiéis camaradas dos restantes países democráticos uma república efectivamente popular; conseguiremos transformar a Bulgária numa república-modelo de regime verdadeiramente parlamentar. Como garantia temos a nossa heróica classe operária, a numerosa massa dos nossos camponeses activos, coriáceos e resistentes, a sólida «intelligentsia»

oriunda do povo, bem como a nossa Frente da Pátria, *inabalável e invencível.*

Antigamente os pequenos povos tiravam lições da experiência dos grandes povos. Continuarão também sem dúvida no futuro a tirar lições ainda com maior zelo. Permitam-me contudo que vos diga, perante os representantes das grandes potências, que chegou a altura de *os grandes povos poderem também aprender alguma coisa com a democracia popular de uma série de pequenos povos.*

Permitam-me que brinde à unidade e à força combativa da Frente da Pátria, visto que sem ela não teríamos alcançado uma tão grande vitória como o 9 de Setembro de 1944, visto que sem a Frente da Pátria não teríamos obtido o que obtivemos a 8 de Setembro de 1946, isto é, o voto unânime do nosso povo pela república popular, e *visto que sem a Frente da Pátria é totalmente impossível edificar solidamente e com êxito uma autêntica república popular.*

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.° 208, de 13 de Setembro
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII
Edições do P. C. B.,
1954, pp 297-304.

ACERCA DO PAPEL E TAREFAS DA REVISTA «PHILOSOPHSKA MISSAL»

RESPOSTA ÀS PERGUNTAS FEITAS PELA REDACÇÃO

Como sabem, não tive infelizmente a possibilidade de seguir um curso universitário. Contudo, no decorrer da minha actividade social e política, posta ao serviço da classe operária e do povo búlgaro, senti desde a juventude que sem assimilar os princípios fundamentais da ciência da evolução da natureza e da sociedade, sem nos iniciarmos às aquisições da filosofia, é impossível desenvolver uma actividade social e política fecunda e justa.

Foi assim que, superando enormes dificuldades, comecei a estudar zelosa e tenazmente as maiores obras de alguns dos filósofos gregos antigos, as obras dos filósofos europeus dos novos tempos como Descartes, Spinoza, Kant, Hegel, Feuerbach, assim como grande número de outros representantes da escola filosófica materialista e idealista, em especial as obras de Marx e de Engels, de Plékhanov e de Lénine. Esses estudos persuadiam-me cada vez mais de que se tornava absolutamente necessário coordenar a *prática com a teoria,* visto a *prática* sem a *teoria* ser *cega* e a *teoria* sem a *prática* ser *estéril.* Isto aplica-se ainda com maior razão à classe operária, cuja missão histórica não consiste apenas em explicar correctamente e cientificamente o *que existe,* mas também em modificar radicalmente *o que existe,* em proveito próprio e em proveito do seu povo. Tal como frisou inúmeras vezes o grande Lénine, sem teoria revolucionária não pode existir prática revolucionária.

Posso portanto responder às perguntas que me foram feitas, baseando-me sobretudo nos meus longos anos de experiência.

Na minha opinião, a revista *Philosophska Missal (Pensamento Filosófico)* é absolutamente imprescindível. Poder-se-ia mesmo afirmar que surgiu com um certo atraso. Pois deve desempenhar um papel considerável. Na minha humilde opinião, e segundo a minha interpretação das coisas, paralelamente com a missão primordial e permanente sobretudo dos próximos anos, é preciso estabelecer uma sólida ligação entre a filosofia progressista e o povo, nomeadamente a sua «intelligentsia», é preciso que as aquisições do pensamento filosófico sejam postas ao alcance de todo o povo e que a filosofia saia dos gabinetes de trabalho para que tome lugar e seja aplicada na vida corrente do nosso país; as restantes missões da revista *Philosophska Missal* poderão ser formuladas como segue:

Em primeiro lugar: Desmascarar e contribuir por todas os meios para extirpar definitivamente a ideologia fascista (o racismo, a teoria da dominação das raças «superiores» sobre as raças «inferiores», o princípio do Fuhrer, a teoria do super-homem, o nosso chauvinismo búlgaro). Não devemos esquecer que sem a liquidação da ideologia fascista, contra a qual se desencadeia uma luta ideológica, de momento ainda débil, nas nossas Universidades, na nossa literatura e na nossa cultura, não poderemos aniquilar definitivamente todos os vestígios do regime fascista na vida social e política do país. A ideologia fascista enraizou-se outrora profundamente nos cérebros de uma parte da «intelligentsia» búlgara, pelo que não é muito fácil nem simples desembaraçá-los desse veneno.

Em segundo lugar: Denunciar e condenar a falsificação fascista da história em geral e da nossa história búlgara em particular. A literatura histórica e os manuais utilizados pela juventude universitária e escolar para aprenderem a história do nosso povo estão repletos de alterações e falsificações grosseiras e prejudiciais. É à revista *Philosophska Missal* que cabe a este propósito um nobre trabalho crítico e fecundo. Torna-se indispensável preparar e popularizar o mais rapidamente possível o justo critério marxista científico da correcta explicação dos períodos importantes e dos grandes acontecimentos da história do nosso povo, sobretudo do século passado, e isto de forma clara e convincente, baseada na análise científica dos factos históricos. Não é em vão que se afirma que o nosso melhor guia para o presente e para o futuro é a História bem interpretada e a utilização do tesouro das suas preciosas lições. Necessitamos da *nossa própria filosofia marxista da nossa História,* tal como necessitamos de pão e de ar.

Em terceiro lugar: A revista *Philosophska Missal* deverá ajudar a «intelligentsia» oriunda do povo, e acima de tudo dos operários, os camponeses e a sua juventude, a formar uma concepção justa, científica e marxista da vida, a assimilar o essencial da filosofia marxista sob a sua nova faceta, o leninismo, a assimilar o *método dialéctico marxista* não apenas como a forma mais segura da justa explicação do passado e do presente, mas também como um *princípio director da acção,* a fim de resolver os grandes e árduos problemas do momento e impulsionar o progressivo desenvolvimento do nosso país. Toda a experiência do movimento operário internacional demonstrou já claramente, e sobretudo a experiência obtida durante a Segunda Guerra Mundial, a enorme importância da extensão do método dialéctico no estudo da vida social, da história da sociedade e das leis da evolução social, e sobretudo a sua enorme importância na actividade prática da classe operária e do seu Partido.

Em quarto lugar: A revista *Philosophska Missal* deveria contribuir para a luta contra as diversas correntes e escolas filosóficas idealistas, ultrapassadas e retrógradas, que favorecem o renascimento do fascismo e representam para os meios reaccionários autênticas armas ideológicas cujo objectivo é entravar o incremento da democracia popular. A revista deverá ao mesmo tempo atacar de forma concreta, apoiando-se em argumentos, toda e qualquer tentativa de deformação do marxismo militante, vivo e fecundo, assim como estudar cuidadosamente sob o ponto de vista marxista os novos problemas da frente ideológica relativos ao actual período da Bulgária da Frente da Pátria, às suas tendências e perspectivas de desenvolvimento. É precisamente nesse sentido que a revista *Philosophska Missal* deverá estudar as questões metodológicas fundamentais de todas as ciências e em especial

aquelas que se encontram mais directamente ligadas à edificação económica, social e cultural da nossa república popular.

Em quinto lugar: A revista *Philosophska Missal* tem também uma outra importante missão a desempenhar. Deverá encorajar de forma metódica o interesse pelos problemas filosóficos e o amor pela ciência, estimular com a sua actividade o desejo da juventude trabalhadora e ávida de saber, de se instruir por si só com zelo e tenacidade, e ajudá-la por todas as formas, concreta e energicamente, nessa direcção.

Claro está que para o bom desempenho destas missões a revista *Philosophska Missal* deverá ser redigida de forma a tornar-se acessível ao leitor médio, isto é, àqueles que não receberam instrução secundária ou superior. É errado pensar que é impossível abordar as questões filosóficas e outras questões teóricas numa linguagem simples, clara e acessível. Como exemplo, temos os grandes clássicos do marxismo. É preciso para isso que os autores se auto-analisem constantemente, que se esforcem mais, que tenham em vista os leitores para quem escrevem, e sobretudo que se libertem completamente da rotina prejudicial dos filósofos burgueses que dando-se normalmente demasiada importância, escrevem propositadamente numa linguagem inacessível ao leitor médio, destinando as suas «obras» a «especialistas», à «elite aristocrática de espírito».

Penso também que a redacção da *Philosophska Missal* deveria ter a nobre ambição de se transformar com o tempo num laboratório, se bem que modesto, do pensamento filosófico-científico do país, agrupando em torno de si os sábios mais inteligentes e dedicados ao povo e à ciência, transformando-se numa escola de educação e promoção de novos e jovens cientistas marxistas búlgaros, indispensáveis à nova Bulgária.

Não posso deixar de salientar que o papel da *Philosophka Missal* é extremamente difícil e de responsabilidade. Este papel exige da redacção e dos seus colaboradores conhecimentos, aptidão, um enorme trabalho metódico e uma autocrítica rigorosa, a fim de melhorar e aperfeiçoar cada vez mais a revista.

Quanto às relações recíprocas entre *Philosophska Missal* e *Savrémennik (Contemporâneo)*, gostaria de dizer que estas duas revistas não podem ser de forma alguma concorrentes. Pelo contrário, cada uma destas revistas possui missões específicas, *mas missões que se completam*. É preciso não esquecer que o *Savrémennik*, na sua qualidade de órgão teórico e político do Partido Operário (Comunistas), é acima de tudo um órgão bimensal, com directivas sobre os acontecimentos actuais e sobretudo sobre os problemas correntes do Partido, da Frente da Pátria e do nosso povo em geral.

Antes de terminar, permitam-me que exprima a minha grande satisfação pelo aparecimento da revista *Philosophska Missal*, e o desejo sincero dos maiores êxitos à sua redacção.

15 de Setembro de 1946.

Jorge Dimitrov

Publicado em:
Philosophska Missal,
N.º 3, Julho-Setembro
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 305-310.

ACERCA DO PROCESSO DE NUREMBERGA

DECLARAÇÕES PRESTADAS AOS JORNALISTAS FRANCESES

O processo de Nuremberga ([34]) reveste-se de grande importância para a democracia mundial. O veredicto, embora incluindo uma grande lacuna devido à injustificada absolvição de Schacht, von Papen e Fritsche, merece apesar de tudo uma apreciação positiva.

Esta sentença é um sério aviso aos partidários de Churchill e a todos aqueles que, depois da derrota de Hitler, pretendem tomar o seu lugar na luta pelo domínio mundial; trata-se de um aviso sério, categórico, a todos aqueles que pegam nas armas e ameaçam com a bomba atómica, a todos os promotores de uma nova guerra de agressão, em especial contra a União Soviética. Não deverão esquecer como começou e terminou a campanha de Hitler, de Goering e dos seus semelhantes, contra o bolchevismo, contra a democracia, pela dominação mundial. Os candidatos a futuros Hitler e Goering não poderão esperar uma melhor sorte. Não conseguirão sequer percorrer um caminho tão longo como o que os hitlerianos percorreram, desde 1932 a 1945. Chegarão muito mais cedo ao seu Nuremberga.

Não existem profetas neste mundo. Eu próprio não me considerei profeta na altura do processo de Leipzig. No entanto, quando em 1933, Goering, como soberano absoluto da Alemanha, ergueu em pleno tribunal a sua espada sobre a minha cabeça, eu estava absolutamente convencido de que

mais cedo ou mais tarde a odiada Alemanha hitleriana acabaria por soçobrar juntamente com Hitler e Goering. Foi precisamente essa firme convicção que me forneceu a maior força moral para resistir a todo o terror a que me submetiam.

Hitler e Goering pretendiam aniquilar o comunismo. Hitler e o seu bando de vândalos queriam aniquilar a democracia mundial, queriam aniquilar a União Soviética, pretendiam impor a sua tirania ao mundo inteiro. Mas não conseguiram aniquilar o comunismo. Pelo contrário, o comunismo saiu muito mais reforçado em todos os países. Não conseguiram aniquilar a democracia. Pelo contrário, a democracia expandiu-se sob forma de democracia popular precisamente como consequência das lições prestadas pela guerra. Não conseguiram, claro está, aniquilar a União Soviética. Bem pelo contrário, o grande país do socialismo tornou-se cem vezes mais forte e mais poderoso, tanto moralmente, como política e materialmente. Não conseguiram impor a sua tirania fascista aos povos do mundo. Conseguiram sim, ao perpetrar crimes monstruosos e banhando a Europa em sangue, aniquilar *metade* do seu próprio povo, precipitar o país numa terrível catástrofe sem precedentes na história da humanidade, e encontrar o lugar que mereciam pelos seus actos.

Esta é sem dúvida uma admirável lição para aqueles que têm cabeça para reflectir, orelhas para ouvir e olhos para ver.

Não há dúvida que o veredicto do Tribunal de Nuremberga me trouxe uma grande satisfação moral. Os carrascos que pretendiam enviar-me ao patíbulo na Alemanha acabaram por terminar a sua vida criminosa e vergonhosa no patíbulo que o mundo inteiro lhes preparou.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.° 230, de 8 de Outubro
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.
1954, pp. 316-317.

AVANTE CONTRA A REACÇÃO E O FASCISMO, PELO TRIUNFO DA OBRA DA FRENTE DA PÁTRIA, SALUTAR E INVENCÍCEL

DISCURSO PRONUNCIADO A 28 DE SETEMBRO DE 1946 PERANTE O GRUPO PARLAMENTAR, OS MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO OPERÁRIO BÚLGARO (COMUNISTAS) E OS ACTIVISTAS DO PARTIDO, NA CIDADE DE SÓFIA

Camaradas:

As eleições para a Grande Assembleia Nacional revestem-se como facilmente compreendem, de uma enorme importância tanto interna como externa para o nosso país. A Grande Assembleia Nacional terá por missão elaborar e adoptar a Constituição da nossa jovem República. Essa mesma Constituição deverá ser de molde a permitir o estabelecimento de sólidas bases para a edificação da República Popular. Mesmo após a votação da nova Constituição, a Grande Assembleia Nacional deverá trabalhar durante mais um ano, em face da Lei adoptada pela Assembleia Nacional. A Grande Assembleia Nacional terá de desenvolver uma actividade legislativa fecunda. Deverá funcionar melhor que a Assembleia Nacional ordinária que a precedeu e sobre a qual se pode afirmar que trabalhou bastante bem até hoje pelo nosso povo e pelo nosso país.

A importância internacional das eleições reside sobretudo no facto de podermos demonstrar ainda mais claramente ao mundo, a unidade patriótica do nosso povo; poderemos pro-

var que a Grande Assembleia Nacional, tanto pela sua composição e actividade como sobretudo pela elaboração da nova Constituição, irá contribuir para dissipar os derradeiros preconceitos e falsidades que ainda existem no estrangeiro acerca da Bulgária nova, da sua democracia popular e da sua justa causa nacional, o que facilitará a solução do nosso grande problema — a conclusão de um tratado de paz.

Considerando a especial importância das eleições para a Grande Assembleia Nacional, importância essa que ultrapassa sem dúvida alguma a das eleições do ano passado para a Assembleia Nacional ordinária, é necessário que o nosso Partido e a Frente da Pátria dispendam todos os seus esforços para que a Grande Assembleia Nacional se torne, não só em função do número de deputados mas também pelo seu próprio carácter, pela sua qualidade, uma autêntica Grande Assembleia Nacional da República Popular da Bulgária.

Na próxima campanha eleitoral para a Grande Assembleia Nacional, a Frente da Pátria apresenta-se com uma plataforma comum. O projecto de constituição da República popular adoptado por unanimidade pelo Comité Nacional e pelos partidos da Frente da Pátria, constituirá a parte essencial dessa mesma plataforma. A Frente da Pátria apresenta-se como um todo, como uma união de todas as forças antifascistas, democráticas e progressistas do nosso povo pela edificação da República popular, contra a reacção, contra os vestígios do fascismo, contra todos os meios de restauração na Bulgária que, como sabem, possuem como núcleo os diversos agrupamentos da oposição.

Ao apresentar-se com uma plataforma comum, a Frente da Pátria decidiu que todos os partidos que constituem essa mesma frente possuam boletins com as diversas cores de partido, o que significa que cada eleitor que vota na plataforma da Frente da Pátria tem simultaneamente o direito e a possibilidade de votar pelos candidatos que ele escolher. Existem entre nós homens ingénuos, politicamente míopes, e também inimigos pérfidos, que já profetizam que nas eleições o escrutínio com boletins de diversas cores de partido da Grande Assembleia Nacional significa a própria decomposição da Frente da Pátria, o «fim da Frente da Pátria», tal como escreve por exemplo o *Zéléno Zémédelsko znamé.*

Contudo, camaradas, se a nossa Frente da Pátria se pode decompor e morrer pelo simples facto de os partidos que a constituem participarem nas eleições com boletins de diferentes cores, não mereceria sequer que a lamentássemos. A verdade é contudo totalmente diferente. A Frente da Pátria é a união das forças populares sãs do nosso país. Está profundamente enraizada no nosso povo; fez conquistas mesmo antes do 9 de Setembro e a sua obra é acima de tudo a histórica vitória do 9 de Setembro. Tem também a seu favor as conquistas e muitas obras úteis ao povo efectuadas desde o 9 de Setembro até hoje, apesar das excepcionais dificuldades internas e internacionais. Possui uma atitude consciente e crítica para com o seu governo e trabalha diariamente, com o auxílio dos melhores filhos e filhas do povo, na correcção das insuficiências existentes e dos erros cometidos para que o nosso país caminhe em frente, sempre em frente na via do bem-estar do povo. *Nenhuma tempestade poderá abalar os alicerces de uma tão indestrutível Frente da Pátria.*

Possuímos um exemplo instrutivo na Checoslováquia. Nas últimas eleições os partidos da Frente Popular apresentaram-se não só com boletins das diversas cores de partido, como até de maneira absolutamente independente. Qual foi o resultado? Será que a Frente Popular na Checoslováquia se decompôs, ou saiu pelo contrário mais forte do que antes das eleições? Aconteceu precisamente que a Frente Popular e o seu governo, que conduzem o país para êxitos cada vez maiores, saíram das eleições muito mais fortes do que antes.

Existe entre nós gente que adora caluniar o nosso povo. Afirmam continuamente que isso será impossível no nosso país. «O nosso povo, dizem eles, é um povo balcânico; os seus costumes são terríveis, as paixões irão inevitavelmente desencadear-se.» Que calúnia! Isso passou-se antigamente, em tempos idos, e por culpa da monarquia, do fascismo, dos partidos burgueses corruptos e dos conventículos. Desde então, muita coisa aconteceu. Muitas coisas mudaram. Operaram-se profundas modificações no nosso país, inclusive no espírito, na alma e no coração do nosso povo trabalhador. Possuímos agora suficiente número de garantias para superarmos todos os perigos a este respeito, para termos uma

campanha eleitoral em que a competição entre os diversos partidos da Frente da Pátria não irá ultrapassar os limites da sua cooperação cordial e da sua luta comum contra a reacção, contra o fascismo, contra os pérfidos membros da oposição, instrumentos dos meios reaccionários búlgaros e estrangeiros. O escrutínio com boletins dos diferentes partidos tem, claro está, as suas vantagens e inconvenientes.

Não fechamos os olhos aos inconvenientes mas sabemos que são inúmeras as vantagens. É preciso pois que todo o povo as conheça.

Que vantagens apresenta o escrutínio com boletins dos diferentes partidos por uma plataforma comum da Frente da Pátria?

Quais são pois essas vantagens?

A primeira vantagem é que, diferentemente das eleições de 18 de Novembro último, graças à tensão de todas as forças dos cinco partidos da Frente da Pátria, teremos incontestavelmente um número de votantes muito mais elevado que nas últimas eleições. Obteremos assim incontestavelmente um maior número de votos a favor da Frente da Pátria, a favor das suas listas de candidatos, do que se os partidos se apresentassem com uma lista única da mesma cor como no ano passado. É esta a primeira vantagem, sem dúvida de extrema importância.

A segunda vantagem é que cada um dos partidos da Frente da Pátria terá a possibilidade de verificar a sua autoridade moral e política real aos olhos do povo; dessa forma cada um dos partidos deixará de ter ilusões perigosas quanto ao seu futuro e de se sobrestimar a esse respeito. É esta a segunda vantagem, de grande importância.

A terceira vantagem é que, através de um escrutínio deste tipo e nas condições de uma tal campanha eleitoral, será possível verificar na prática a maturidade política de cada partido e o seu interesse na Frente da Pátria, o que é muito importante não só para nós como para o nosso povo. Nós somos aliados, lutámos juntos até ao 9 de Setembro, lutámos e trabalhámos juntos também depois do 9 de Setembro. Seremos agora todos postos à prova, a fim de sabermos em que medida todos nós, como partidos diferentes, ganhámos em lealdade, em boa tolerância recíproca e em respeito

mútuo, em que medida nos encontramos efectivamente ligados ao programa da Frente da Pátria, à histórica obra do 9 de Setembro, à nossa jovem República popular. Trata-se de vantagens, por assim dizer, de carácter interno.

Existe também contudo uma *grande vantagem* de importância internacional. Qual é ela?

Sabem que o mais sério trunfo, o argumento mais divulgado pelas pessoas mal intencionadas para connosco no estrangeiro, é a afirmação de que o governo da Frente da Pátria não é um governo representativo, o que seria confirmado pelo facto de efectuarmos eleições com uma lista única elaborada pelos dirigentes de alguns partidos. Teríamos por assim dizer nomeado os deputados, ter-nos-íamos apresentado, a 18 de Novembro último, perante os nossos eleitores e ter-lhes-íamos dito o seguinte: sancionem agora o que nós próprios já fizemos. Teríamos assim imposto os deputados. Não demos portanto a possibilidade aos eleitores, segundo dizem, de escolher os deputados que desejavam. Pois bem! A nossa actual forma de escrutínio suprime definitivamente este trunfo, reduz a nada este argumento dos nossos inimigos. Apresentamo-nos agora com uma plataforma comum, mas com cores próprias a cada partido, permitindo aos eleitores e eleitoras votar quer por um comunista, quer por um agrário, por um membro do Zvéno, por um social-democrata ou por um radical, segundo a sua própria vontade. Será possível uma maior liberdade de escolha? Será possível uma maior representatividade da futura Grande Assembleia Nacional e do futuro governo da Frente da Pátria do que com esta forma de eleger deputados?

Existem também inconvenientes. No fundo, reduzem-se a um só inconveniente sério que nós reconhecemos existir e que deveremos ter em conta durante toda a campanha eleitoral. Esse inconveniente reside no facto de os partidos que constituem a Frente da Pátria, ao apresentarem-se com o seu próprio boletim de voto, se esforçarem cada um por seu lado por conquistar o maior número de sufrágios possível. Ora, ao esforçarem-se por obter mais votos, poderão ver-se impelidos a fazer agitação contra os seus aliados. E ao fazerem propaganda uns contra os outros, acabarão por abalar e sapar a sua colaboração mútua. A unidade da Frente da

Pátria será pois abalada, o que não é de forma alguma desejável, e que é pelo contrário prejudicial, podendo trazer no futuro más consequências para o nosso país. Seria errado negar a existência deste perigo. Trata-se com efeito de um perigo sério.

Mas não poderemos superar esse perigo? Não disporemos na Frente da Pátria de forças e meios para o superarmos inteiramente ou pelo menos em 95 por cento, para não dizer em 99 por cento? Sem dúvida que sim. E como triunfar na prática sobre esse perigo?

Primeiramente, através da nossa plataforma política comum, que é uma lei para os comunistas, para os agrários, para os membros do Zvéno e para todos os que aderiram à Frente da Pátria. Essa plataforma é a base, uma base sólida da nossa campanha eleitoral que une política e moralmente todos os partidos da Frente da Pátria.

Em segundo lugar, graças ao nosso mútuo entendimento ontem confirmado no Comité Nacional por todas as direcções dos partidos, em virtude do qual iremos organizar a campanha eleitoral e a agitação eleitoral de forma a que não seja dirigida contra este ou aquele partido da Frente da Pátria. Será dirigida contra a reacção e contra as forças que entravam o desenvolvimento democrático da Bulgária, a sua recomposição económica, a resolução da sua situação internacional, a conclusão de um tratado de paz digno e duradouro, e contra aqueles que prejudicam a soberania da nossa nação. É nesse sentido que serão lançadas conjuntamente as nossas forças ideológicas e políticas — infantaria, artilharia, cavalaria, forças aéreas e todas as armas — as quais deverão destruir toda e qualquer veleidade dos meios reaccionários de entravar o progresso da nossa República popular.

Em terceiro lugar haverá um Comité Nacional da Frente da Pátria, comités eleitorais e organismos especiais locais cujo papel consistirá em assistir mutuamente os partidos durante a campanha eleitoral, em resolver rápida e cordialmente todos os conflitos, litígios e incidentes que possam surgir durante a campanha eleitoral entre os partidos aliados e amigos da Frente da Pátria. Por outro lado, para vencer esse perigo que realmente existe, com a boa vontade que existe e deve existir, poderemos tomar uma série de outras

medidas concretas visto que é a vontade do povo que pode a consolidação da unidade da Frente da Pátria e não o seu enfraquecimento.

Temos interesse em que os agrupamentos da oposição tomem parte nas eleições para a Grande Assembleia Nacional, por duas razões principais:

A primeira é por ser já tempo que os agrupamentos da oposição se apresentem abertamente perante os eleitores, perante o povo, que revelem a sua autêntica fisionomia, que sejam obrigados a aparecer com as suas respectivas plataformas, «as suas propostas», os seus «argumentos», para que o povo veja abertamente o carácter venal da oposição e dos seus diversos agrupamentos. Será uma grande vantagem para o nosso povo. E será também um grande êxito na educação política das massas populares do nosso país, visto tudo construirmos, como sabem, com base na elevação do nível ideológico e político do nosso povo.

A segunda razão é a seguinte:

Durante todo o tempo que se seguiu às últimas eleições, as pessoas mal intencionadas, que desejam que a Bulgária democrática e progressista se torne impotente e seja até aniquilada, apoiam, através da imprensa, de declarações públicas, por todo o lado e por todas as formas, a nossa oposição; apresentam-na como sendo uma força enorme que beneficia do apoio da maioria do nosso povo. Ora todos os factos atestam precisamente o contrário. Todos os correspondentes imparciais e todos os visitantes estrangeiros que vieram ao nosso país tiveram a oportunidade de se convencer que essa atitude é falsa. Contudo, e apesar da força e da lógica dos factos, essas pessoas mal intencionadas continuam a apoiar essa lenda. É esta também a posição dos representantes oficiais que pretendem possuir uma grande autoridade internacional e pretendem poder decidir o destino do mundo. Nós e o nosso povo estamos interessados em que se acabe de uma vez para sempre com essa lenda tão prejudicial ao nosso país; será destruída com a participação dos candidatos da oposição nas eleições da Grande Assembleia Nacional. Nessa altura, todos os observadores do estrangeiro e todos os agentes da reacção internacional poderão ver que a nossa oposição

é uma nulidade política, que não é merecedora sequer da mínima autoridade internacional, quanto mais de uma campanha que tantos dólares e libras esterlinas custa.

Desta forma, a oposição terá todas as possibilidades, de acordo com as leis do nosso país, para designar e fazer registar os seus candidatos. Terá a possibilidade de convocar reuniões e comícios, de publicar manifestos e de editar jornais a seu favor. Terá a possibilidade de anunciar ao povo, aos eleitores, o seu «programa», a sua «plataforma», pela Rádio, pela nossa Rádio da Frente da Pátria.

Não restam dúvidas contudo, camaradas, de que apesar de todas essas condições favoráveis, não é absolutamente seguro que os agrupamentos da oposição tomem parte nas eleições. Porquê? — Por duas razões:

Em primeiro lugar, e sobretudo, porque a oposição no país não é independente. Age sob inspiração estrangeira, desempenha o seu papel político sob a égide do estrangeiro. Ora, como sabem, existem no estrangeiro meios interessados que poderiam sugerir o boicote das eleições, mesmo depois de ela ter registado as suas listas, a fim de poderem em seguida clamar: a Grande Assembleia Nacional também não é representativa, a oposição não participou nas eleições! A Frente da Pátria foi a única a apresentar-se perante o povo, com os seus candidatos, com a sua plataforma, enquanto que a oposição boicotou as eleições! Embora seja politicamente prejudicial para os agrupamentos da oposição repetir a asneira feita a 18 de Novembro último, não é de excluir a hipótese de a repetirem, pois, como eu disse, não são independentes, e os seus dirigentes são homens que executam uma política estranha aos interesses do país e não uma política patriótica búlgara. A prova é que procuram desde já pretextos para boicotar as eleições, pretextos esses aparentemente «com fundamento», mas na realidade gratuitos e inventados do princípio ao fim. Preparam psicológica e politicamente o eventual boicote das eleições para a Grande Assembleia Nacional. Poderemos contudo afirmar nesse caso: «*Mesmo a mais bonita mulher do mundo apenas pode oferecer aquilo que tem.*» Se querem participar nas eleições, que participem, se não querem, não participem. Nós, por nosso lado, esforçar-nos-emos por não lhes fornecer o mínimo pretexto para

boicotarem as eleições da Grande Assembleia Nacional. Nem um só sequer!

A segunda razão, pela qual os dirigentes da oposição poderiam boicotar mais uma vez as eleições, reside sem dúvida alguma na falta de segurança política, na consciência da sua própria fraqueza, no medo de comparecerem perante o tribunal do povo.

Há duas coisas particularmente importantes e quanto a mim decisivas, nas eleições para a Grande Assembleia Nacional. É sobre elas que devemos sobretudo concentrar a nossa atenção, como partido, e como Frente da Pátria.

Primeiramente, organizar as eleições para a Grande Assembleia Nacional de forma a não nos deixarmos conduzir a um enfraquecimento da Frente da Pátria, como grande movimento popular e como o factor mais importante e apoio da nossa República popular. Pelo contrário, apesar de todos os transes e mesmo até das amarguras pessoais que possam surgir durante a campanha eleitoral, a Frente da Pátria deverá apresentar-se à Grande Assembleia Nacional ainda mais forte, mais fortalecida, mais combativa, com forças populares criadoras muito mais sólidas, e ter na Grande Assembleia Nacional uma enorme e sólida maioria para a solução dos seus grandes problemas.

Em segundo lugar, fazer a campanha eleitoral e as eleições de 27 de Outubro de forma a que sejam completamente livres, regulares e legais, de forma a que se desenrolem sem incidentes sérios nem conflitos, embora os nossos inimigos se esforcem por todas as formas por provocá-los, a fim de denegrirem os resultados das eleições da Grande Assembleia Nacional.

Somos nós, e em primeiro lugar o nosso Partido, quem deverá estar à altura de resolver estas duas coisas, estes dois problemas.

Permitam-me que vos diga algumas palavras de forma clara, franca e categórica sobre a administração e a milícia popular em relação às eleições. Já lá vai o tempo em que os conventículos burgueses e as cliques fascistas, de comum acordo com a administração e a polícia, asseguravam a sua maioria na Assembleia Nacional, uma Assembleia Nacional entre aspas. Nós vivemos numa época tal, o nosso país encon-

tra-se numa situação tal que é absolutamente desnecessário encarregar a administração e a milícia de fazerem as eleições. Não é essa a sua função.

A função da administração e da milícia popular consiste em assegurar totalmente a livre expressão da vontade do povo nessas eleições para a Grande Assembleia Nacional. Quanto melhor cumprirem essa missão, mais merecedores se tornarão do povo, da República popular e direi mesmo da história do povo búlgaro.

Cada funcionário da administração e da milícia popular deverá compreender que poderá prestar um mau serviço ao nosso Partido, à Frente da Pátria e à causa de todo o povo se não observar estritamente este princípio e se se afastar das leis em vigor no nosso país. Estas leis são suficientes para pôr no seu devido lugar cada provocador e cada inimigo do povo, e não há absolutamente nenhuma necessidade de que a administração e a milícia se permitam actos ilícitos, actos contrários à lei.

A administração e a milícia serão indubitavelmente provocados. Os nossos inimigos esforçar-se-ão por os impelir para um terreno escorregadio para mais facilmente poderem suscitar incidentes, que seriam imediatamente ampliados e multiplicados na ordem dos milhares, perante o estrangeiro, através das pessoas estrangeiras mal intencionadas que residem em Sófia. É por isso que se torna necessário que tanto a milícia popular como a administração demonstrem disciplina, sangue-frio, firmeza e espírito previdente durante a campanha eleitoral e no próprio dia das eleições. Deveremos todos saber dominar os nossos nervos, e em especial os funcionários da administração e da milícia popular. Não devem ceder a provocações de nenhum tipo, devem saber conter a sua indignação, mesmo legítima, não devem sair do âmbito da Lei, mas agir a fim de manterem a ordem e a calma em todo o país durante a campanha eleitoral e no próprio dia das eleições. Camaradas, o nosso glorioso Partido Operário (Comunistas) não tem a mínima necessidade de recorrer qualquer acto ilícito por parte da milícia ou da administração.

Contamos unicamente com a confiança do povo e apoiamo-nos nas massas populares.

A nossa força está na confiança do povo. É preciso pois reforçar essa confiança, espalhá-la, aprofundá-la através de palavras e sobretudo de actos, visto ser nela que residem a força e o futuro do nosso Partido.

Não restam dúvidas de que as condições em que se irá desenrolar a nossa campanha eleitoral e a votação de 27 de Outubro serão difíceis. A conjuntura é mais complexa em comparação com as últimas eleições.

Tivemos ocasião de frisar a este respeito que o nosso êxito nas eleições da Grande Assembleia Nacional será não só um êxito do nosso próprio Partido como também da Frente da Pátria e de todo o nosso povo. Contudo, esse sucesso não poderá ser duradouro se não superarmos no nosso próprio meio uma série de fraquezas internas e certas insuficiências. A nossa campanha eleitoral deve situar-se a um nível ideológico e político elevado. Não necessitamos de uma demagogia fácil e desprovida de animação; apenas nos poderá ser prejudicial. Necessitamos sim de uma vasta campanha explicativa, de argumentos e de factos convincentes.

Serão os próprios actos do nosso Partido que melhor militarão a nosso favor. Esses actos já anteriormente efectuados não só em 9 de Setembro como desde então para cá, constituem um enorme capital moral e político. Deve ser explicado aos eleitores o papel desempenhado pelo nosso Partido em favor da classe operária, das massas camponesas, de todo o nosso povo que sempre elevou bem alto o estandarte da luta de libertação contra a monarquia e o fascismo, contra os espoliadores e os parasitas.

O nosso Partido é o principal factor de defesa da liberdade e da independência da Bulgária. Os seus representantes e os seus militantes são os defensores resolutos e consequentes da causa nacional búlgara. Foram eles os primeiros a quebrar o gelo em que o nosso país se encontrava em relação ao estrangeiro, muito tempo antes do 9 de Setembro; sacrificaram, e estão prontos a sacrificar ainda, tudo o que lhes pertence pelo bem da nação, da nossa pátria.

É particularmente importante, em relação às eleições, destacar em primeiro plano as grandes missões confiadas ao nosso povo: elaboração da Constituição da República Popu-

lar da Bulgária, conclusão do tratado de paz, restauro da economia nacional, industrialização e electrificação do nosso país, desenvolvimento e mecanização da agricultura, melhoramento da situação social e cultural dos trabalhadores. É necessário explicar de maneira concreta e convincente a autêntica natureza das caluniosas afirmações segundo as quais os comunistas seriam a favor da supressão da propriedade individual e da iniciativa privada na vida económica, que pretenderiam estabelecer o poder dos Sovietes e o comunismo no caso de obterem uma grande vitória eleitoral; que os comunistas pretenderiam incluir a Bulgária na União Soviética, que seriam a favor de relações hostis com as democracias ditas ocidentais, que seriam ainda contra as relações comerciais com a Inglaterra e os E. U. A.; que na política tanto externa como interna da Bulgária, estariam por assim dizer às ordens de Moscovo, etc. É preciso explicar também aos eleitores que a Frente da Pátria, e em particular o nosso Partido, estabelecem as mais estreitas relações fraternas entre a Bulgária e a União Soviética, não excluindo, antes pelo contrário visando estabelecer relações mútuas normais e cordiais entre a Bulgária e as grandes potências do Ocidente, embora salvaguardando a soberania nacional do povo búlgaro.

Peço-vos que notem e fixem o seguinte: iremos fazer propaganda do nosso Paritdo baseando-nos nos actos, nos actos dos seus militantes, sem recorrermos a propaganda contra os nossos aliados. Os nossos aliados irão por seu turno fazer propaganda por si próprios, sendo obrigados a efectuar agitação a favor dos seus partidos, sem contudo fazerem propaganda contra os comunistas.

A natureza da nossa agitação e da nossa propaganda durante toda a campanha eleitoral é extremamente importante. O Plenário do Comité Central forneceu já indicações suficientemente explícitas sobre a natureza da agitação eleitoral. Quero sobretudo chamar a vossa atenção muito especialmente para o seguinte: os nossos agitadores, propagandistas e outros militantes sofrem de uma grave doença: não gostam de se preparar. Atenção no entanto: existem oradores e agitadores muito mais experimentados que os nossos que se preparam seriamente para cada um dos discursos que irão pronunciar.

Isto, enquanto um grande número dos nossos propagandistas tomam parte em reuniões importantes e falam perante milhares e milhares de assistentes sem sequer terem meditado no que vão ao certo dizer. Fazem improvisações, contam por vezes coisas que não só não são sérias, como até literalmente prejudiciais.

Nesta campanha eleitoral o nosso Partido deverá impor como condição — absolutamente essencial para o êxito —, que cada discurso, mesmo o mais curto, seja preparado; claro que não é preciso que todos os discursos sejam previamente escritos, mas as passagens essenciais, as principais ideias deverão ser anotadas e discutidas com antecedência; é preciso que exista um sumário. É preciso que se não fale pela «inspiração». Só os poetas preguiçosos contam com uma inspiração celeste, supraterrestre: surgiu-lhe uma ideia durante a noite, enquanto dormia; levanta-se e escreve uma poesia. Os autênticos criadores trabalham muito e com seriedade.

Não se trata aqui de ter ideias fulgurantes num momento mas sim de agitação e de propaganda política sérias. Não se trata apenas de eleições mas também da educação do povo, dos jovens e das mulheres, grande parte do qual nunca participou na vida política do nosso país. Pensem neles! Não lhes encham os miolos com frases ocas, com declarações nocivas e inconsideradas. O Comité Central do Partido providenciará para fornecer os materiais impressos em número suficiente: brochuras e outros. Possuímos grande número de material que deve ser estudado e utilizado. Infelizmente, nem todos os agitadores fazem o que devem. O nosso arsenal ideológico de luta contra os nossos inimigos, contra as pessoas mal intencionadas para com o nosso povo é ainda mal utilizado, como se se tratasse de um tesouro escondido. É preciso que durante esta campanha eleitoral se efectue uma viragem decisiva a este respeito, se quisermos claro está obter uma vitória real e duradoura e atingir os limites do nosso êxito real nas eleições para a Grande Assembleia Nacional.

Há também muito a corrigir na atitude de determinados dirigentes locais para com os membros do Partido e a chamada «gente simples». Embora o auditório seja numeroso,

não receio contudo dizer-vos francamente: há perigo que um determinado sector dos nossos dirigentes, secretários e membros de comités regionais, de bairro, de cidade e de distrito, secretários de organizações locais, se transformem em pequenos «governadores», tratando altivamente os membros ordinários do Partido e muito sobranceiramente os vulgares cidadãos e cidadãs, operários ou camponeses. É-lhes difícil descer do «Parnaso político» aonde alguns deles se elevaram, talvez por simples acaso, ou até mesmo sem merecimento próprio. É preciso que desçam um pouco mais abaixo, para perto dessa «gente simples», sem a qual o nosso Partido e a Frente da Pátria não poderão alcançar êxitos sérios e duradouros. Não somos apenas nós, os dirigentes do Partido, quem assegura o êxito da causa do povo.

É nosso dever dirigir de forma correcta. Se dirigirmos correctamente poderão louvar-nos; se não dirigirmos como deve de ser, deverão criticar-nos. O êxito da nossa causa depende afinal em 75 por cento dessa vulgar «gente simples» das empresas, dos estabelecimentos, das aldeias, dos bairros, etc. É a eles que devemos o essencial! Alguns crêem que pelo facto de terem estado num destacamento de guerrilheiros, que por tudo terem sacrificado, por terem recebido condecorações, por o Partido os louvar e deles se recordar, se podem permitir uma atitude altiva, dando ordens, lidando de alto com o «povo», desencorajando assim e mesmo repelindo os homens valorosos que devem trabalhar pelo Partido e pela Frente da Pátria, pela nossa grande causa.

Todo e qualquer funcionário ou militante, seje ele grande ou pequeno, do nosso Partido, deverá estar à altura de reunir os elementos honestos; deverá não só conservar aqueles que já estão do nosso lado como também aumentar o número dos que estão no Partido e em redor dele. Repito: é preciso que se proceda aqui também, a uma viragem decisiva. Se tivéssemos uma trombeta, uma possante trombeta, deveríamos fazer chegar o seu som a todo o país, até ao mais recôndito povoado, a fim de recuperarmos todos aqueles que, talvez sem o saberem, prejudicam o Partido, prejudicam a causa de todo o povo.

Durante esta campanha eleitoral cada um dos membros do Partido, e em especial os camaradas que ocupam lugares

dirigentes e responsáveis, deverão com seu exemplo fazer frente à demagogia e aos erros cometidos pelos demagogos, de forma a impossibilitar que o eleitor do nosso Partido e da Frente da Pátria seja repelido, mas que, pelo contrário, se conquistem novos eleitores que estejam de corpo e alma connosco e com a nossa causa e que sejam amanhã activos combatentes a favor dessa mesma causa.

Sob este aspecto é preciso prestar uma particular atenção às mulheres. Alguns dizem já que eu sou talvez o único defensor das mulheres. Não gostaria de ser o único a fazê-lo, mas sim ser acompanhado por todo o Partido. Deve-se compreender que a camponesa, mesmo a mais rude, meio letrada ou totalmente iletrada, pode fazer muito pela Frente da Pátria se houver alguém que a auxilie, que a secunde, que a encoraje, que lhe atribua um lugar, sobretudo durante a campanha eleitoral actual, quando se espalharem panfletos e boletins, e sobretudo na propaganda individual, de boca em boca.

A propaganda individual oral, de porta em porta, de boca em boca, situa-se precisamente no centro da nossa campanha eleitoral. Deve ser mobilizada a enorme massa de mulheres: não só aquelas que aderem ao Partido, que aderem às organizações de massas, mas também aquelas que não estão organizadas e que à primeira vista se não interessam pela política nem pelo que se passa no nosso país. É preciso pô-las em movimento, é preciso refrescar os seus espíritos, elevar o seu nível político, fortalecer a sua vontade, suscitar nelas o desejo e o gosto de fazerem algo de acordo com as suas forças e as suas aptidões, nas suas casas, nos seus bairros, no seu distrito, na empresa ou no estabelecimento em que trabalham, e de forma geral onde quer que se encontrem.

É-nos absolutamente indispensável atrair toda a gente honesta, respeitável e laboriosa, esclarecendo-a, levando a nossa verdade até ao mais longínquo lugarejo da Bulgária. É nesse aspecto que as mulheres e as raparigas poderão desempenhar um importante papel. Costuma-se dizer que as mulheres são oradoras natas. Com efeito, a sua própria natureza permite-lhes exprimir mais facilmente do que os homens e com maior ênfase, aquilo que sentem. Em princípio, tudo nelas provém do íntimo do seu coração. Se esse coração esti-

ver cheio de bons sentimentos, se o seu espírito estiver esclarecido pelas grandes ideias por que lutamos e lutaremos, as mulheres converter-se-ão numa enorme força.

Ainda duas palavras sobre a nossa participação e a nossa actividade nas organizações de massas: sindicatos, união dos agricultores, união das mulheres, organizações da juventude, organizações desportivas, cooperativas e outras diversas associações e organizações sociais e culturais, criadas com base na Frente da Pátria, e em que os nossos comunistas participam activamente. A campanha eleitoral efectuada dentro dessas organizações deve ser conduzida não por este ou aquele partido — incluindo, claro está, o nosso — mas sim pela Frente da Pátria, pela plataforma da Frente da Pátria. É preciso proclamar o seguinte princípio: quem vota por este ou por aquele partido da Frente da Pátria vota pela causa de todo o povo; por outro lado, quem vota pela oposição vota pela reacção interna e internacional, vota pelos inimigos do povo e da República popular. Na propaganda individual feita nos próprios locais de habitação e de trabalho dos membros dessas organizações, pode-se destacar as qualidades especiais, o carácter especial e os méritos especiais do nosso Partido, sem que essa propaganda seja contudo dirigida contra os restantes partidos aliados. É preciso observar rigorosamente o princípio de não provocar uma agitação e uma propaganda puramente partidária nessas organizações de massas. O nosso presidente da União dos sindicatos operários ou o seu secretário, por exemplo, não poderão aparecer simplesmente nesses locais e lançar o seguinte apelo: Camaradas, votem no Partido Operário (Comunistas)! Não, a direcção da União geral dos sindicatos operários e as outras organizações similares não podem lançar oficialmente, abertamente, nem um apelo nem um manifesto ou adoptar resoluções e tomar decisões a favor deste ou daquele partido ou até pelo nosso Partido. Com essa atitude não só nada perderemos como, pelo contrário, se agirmos de forma inteligente, ganharemos.

Gostaria finalmente de frisar que durante esta campanha eleitoral nós, o nosso Partido e os restantes partidos da Frente da Pátria, iremos comparecer perante um tribunal, o tribunal do povo. Este tribunal é severo e rigoroso. Em certos locais, e sob a influência dos inimigos, esse tribunal poderá mesmo

não ser suficientemente justo para com o nosso Partido. Por isso devemos arregaçar as mangas a fim de corrigirmos uma série de erros e de insuficiências, a fim de desenvolvermos uma campanha explicativa, honesta e autocrítica, mostrando claramente ao povo as grandes acções úteis efectuadas pelo nosso Partido, devendo comparecer perante o tribunal popular de fronte erguida, com fé no êxito do nosso Partido e da Frente da Pátria nas próximas eleições para a Grande Assembleia Nacional.

O trabalho que realizarmos nesta campanha eleitoral será compensado não só com o bom resultado das eleições para a Grande Assembleia Nacional, mas também com o ulterior desenvolvimento e actividade do nosso Partido e da Frente da Pátria. Depois da proclamação da República popular, teremos de percorrer um caminho semeado de espinhos e pedras, de forma nenhuma plano como o empedrado da Praça «9 de Setembro»; esse caminho conduzir-nos-á contudo ao autêntico bem-estar geral do nosso país, do nosso povo. É assim que será coroada a obra do nosso Partido.

Trabalhemos e lutemos com todas as nossas forças, empreguemos todas as nossas aptidões e toda a nossa energia, todo o nosso espírito e todo o nosso coração! Avante, contra a reacção e contra o fascismo, contra os inimigos do povo, pelo triunfo da grande obra popular, a obra da Frente da Pátria salutar e invencível!

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.° 224, de 1 de Outubro
de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.
1954, pp. 322-342.

A FRENTE DA PÁTRIA, APESAR DE TUDO, VENCERÁ

DISCURSO PRONUNCIADO EM SÓFIA, A 25 DE OUTUBRO DE 1946, PERANTE 200 000 PESSOAS REUNIDAS NO COMÍCIO ELEITORAL

Cidadãos e cidadãs,
Camaradas:

Estamos a apenas dois dias das eleições de deputados para a Grande Assembleia Nacional. Todos nós, eleitores e eleitoras, devemos no dia 27 de Outubro cumprir o dever de eleger os deputados para uma Grande Assembleia Nacional, cuja importância histórica nunca antes foi igualada no nosso país. O futuro da nossa pátria ficará aí decidido por muitos anos.

A Grande Assembleia Nacional de amanhã deverá cumprir três grandes missões extremamente importantes.

Quais são pois essas missões?

A primeira e mais importante consiste em elaborar e adoptar uma nova Constituição, a Constituição da nossa República Popular. Será graças à elaboração e ao voto dessa Constituição que a situação interna do país virá a ser consolidada. Terminarão todas as dúvidas e hesitações relativas a um possível retorno ao maldito e desprezado passado fascista e reaccionário. O nosso povo poderá, com uma certeza cem vezes maior, consagrar-se ao seu trabalho criador, à edificação da jovem República popular, de poderoso espírito nacional e brilhante futuro. As forças ocultas do fascismo e da reacção ver-se-ão amordaçadas e sem poder atentar contra a unidade

do povo nem perturbar a sua obra criadora, sem poder entravar a sua marcha em frente, na via do progresso e do bem-estar geral.

É nisto que consiste acima de tudo a importância histórica da Grande Assembleia Nacional que virá a ser eleita a 27 de Outubro.

Em segundo lugar, a Grande Assembleia Nacional terá como função conciliar a nossa legislação económica, social, cultural e outra, com as disposições e o espírito da nova Constituição, o que virá a permitir o estabelecimento da ordem, da legalidade e da justiça no nosso Estado popular. É esta a segunda importante missão da Grande Assembleia Nacional.

A Grande Assembleia Nacional terá contudo uma terceira missão a cumprir: elaborar e adoptar um plano económico de Estado, um plano de restauro e desenvolvimento da nossa economia nacional, missão sem dúvida difícil e complexa mas absolutamente indispensável.

Esse plano económico deverá coordenar, como não pode deixar de ser, os sectores de Estado, cooperativo, social e privado da nossa indústria e comércio, da nossa economia nacional.

É de notar que existe ainda sob este aspecto uma grande falta de precisão e muitas inconformidades de natureza a entravarem o desenvolvimento e utilização racional de todas as forças e recursos da nossa economia nacional. É um plano susceptível de dispor de forma conveniente cada um dos factores económicos e de considerar a necessária coordenação entre os sectores do Estado, cooperativo, social e privado, a fim de permitir que a nossa economia nacional possa sair do marasmo a que a tinham confinado os antigos governos fascistas, os antigos governantes criminosos, e lançar-se na grande via do desenvolvimento que conduzirá à prosperidade da nação, à felicidade do nosso povo.

Todos compreenderão com facilidade que a boa solução destas três grandes missões depende da composição da Grande Assembleia Nacional, dos homens que, na sua qualidade de deputados, serão incumbidos de executar essas missões.

A Frente da Pátria e os seus partidos preocupam-se em propor aos eleitores e eleitoras búlgaros candidatos que consideram aptos a cumprir o seu dever para com o povo e a pátria na Grande Assembleia Nacional. Serão afinal os eleitores e as eleitoras do nosso país que irão decidir através do seu voto quais os candidatos a ser eleitos, aqueles que serão mais dignos de os representar na Grande Assembleia Nacional.

As eleições de 27 de Outubro revestem-se de enorme importância, podendo mesmo dizer-se, de uma importância de ordem internacional. A conclusão de um Tratado de Paz está como se sabe iminente. Certos meios mal intencionados manifestaram-se contudo na Conferência de Paz em Paris, e fora dela, esforçando-se por impor à Bulgária severas condições de paz. Estão imensamente descontentes por o nosso povo ter tomado o seu destino nas próprias mãos, sob a direcção da Frente da Pátria. Como sabem, esses meios mal intencionados não se dignaram reconhecer até à data o nosso governo, o governo da Frente da Pátria, como um governo representativo. Contestam ainda o direito da Bulgária a ser considerada como um país co-beligerante contra os bárbaros hitlerianos. Fazem tudo ao seu alcance — e os nossos inimigos internos fornecem-lhes para isso suficiente material tendencioso — a fim de saparem os alicerces da nossa República popular. Esses meios contam com a desunião do povo búlgaro.

Quando no dia 28 de Outubro se souber em Paris, em Londres, em Washington e noutras capitais do mundo, os resultados das eleições, esses meios mal intencionados verão claramente que o nosso povo, na sua enorme maioria, se encontra unido, que os deputados à Grande Assembleia Nacional da Frente da Pátria foram eleitos de acordo com a vontade do povo livremente manifestada. Desta forma será arrancado o último trunfo das mãos dos nossos inimigos e a nossa justa causa nacional triunfará mais rapidamente e com maior segurança.

Considerando todos estes factores, é bem claro que o interesse supremo da nação exige que o sufrágio de 27 de Outubro dê origem a uma Grande Assembleia Nacional, grande não só pelo número de deputados mas também pela sua composição, constituída por deputados fiéis e dedicados ao nosso povo, por deputados que não se inclinem perante a reacção internacional, que não receiem as dificuldades nem

as ameaças — sejam elas quais forem — e que, apoiando-se na sua vontade, na unidade e no espírito combativo nacional do nosso povo, desempenhem a sua missão; deputados vindos do povo que não estejam dispostos a vender a liberdade, a independência e o futuro da nossa República popular a troco de umas migalhas, deputados da Grande Assembleia Nacional para quem os interesses do nosso povo, a vontade do nosso povo, sejam uma lei suprema impossível de infringir.

Eleitores e eleitoras! A Frente da Pátria, os seus partidos apresentam-se perante os eleitores e eleitoras da Bulgária com uma plataforma comum. O projecto da nova Constituição adoptado por unanimidade pelo Comité Nacional da Frente da Pátria e pelas direcções dos partidos da Frente da Pátria, constitui, como sabem, a parte essencial dessa plataforma.

Evidentemente que esse projecto não é definitivo. Representa apenas a base da futura Constituição a ser definitivamente elaborada e votada pela Grande Assembleia Nacional.

O projecto de Constituição está já submetido à discussão perante toda a nação.

Todos os eleitores e eleitoras têm a possibilidade de dirigir ao Comité Nacional da Frente da Pátria alterações e propostas. Depois dessa discussão pública, a Comissão encarregada da elaboração da Constituição junto da Grande Assembleia Nacional examinará o projecto bem como todos os materiais que lhe digam respeito. Poderá assim apresentar à Grande Assembleia Nacional um projecto para a futura Constituição tão perfeito quanto possível, a fim de ser votado.

Era e continua a ser intenção da Frente da Pátria que a nova Constituição búlgara seja o resultado do espírito colectivo e da vontade comum do nosso povo democrático. Não será elaborada em diversos escritórios e gabinetes de trabalho de professores e entendidos. As disposições da Constituição serão submetidas ao exame do espírtio e do coração dos eleitores de todo o país, tornando-se a carne e o sangue do nosso povo combativo.

Ao elaborar o projecto, os seus autores tiveram, evidentemente em consideração muitas outras Constituições, novas e velhas. Esforçaram-se contudo por extrair dessas Constituições unicamente o que se afigurava útil e razoável, o que corresponde às nossas condições búlgaras, à nossa estrutura

económica, à nossa cultura, ao carácter do nosso povo. Tomaram igualmente algumas das disposições da velha Constituição monárquica de Tirnovo, mas que, no seu conjunto, era perfeitamente inutilizável.

O projecto de Constituição, submetido à discussão pública, tem e deve ter um carácter de Constituição búlgara. Extraímos e devemos extrair ensinamentos dos outros, sobretudo daqueles que estão mais adiantados do que nós. É preciso contudo que se execute tudo o que é adequado e útil ao nosso próprio país e ao seu progresso.

Devemos estar atentos e não copiar à letra formas estrangeiras, disposições e posições que não correspondam totalmente às nossas condições ([35]). Avançaremos, camaradas, avançaremos em frente pelo nosso próprio caminho, pelo caminho búlgaro. Forjaremos a nossa própria sorte, a felicidade dos nossos filhos, em bases búlgaras; quando a Grande Assembleia Nacional adoptar a Constituição, não nos deixaremos influenciar por nenhuma influência estrangeira que possa entravar o nosso avanço na nossa qualidade de povo búlgaro, de povo eslavo, de povo que vive num determinado território em condições e situação determinadas e que possui a sua própria história.

O projecto da Frente da Pátria, embora tenha utilizado alguma coisa de outras Constituições, mantém-se contudo um projecto búlgaro, visto não criarmos uma Constituição para outros países mas sim para a República Popular da Bulgária.

A discussão do projecto da Constituição não terminou ainda. Continua, e continuará também após as eleições. Pode-se contudo declarar desde já com segurança que os princípios fundamentais do projecto são aceites pelas massas populares do país com grande agrado. Os princípios são já sobejamente conhecidos para que não nos atardemos neles. Tudo no projecto se reduz a um princípio geral: todos os poderes emanam do povo, dependem do povo e são controlados pelo povo; o povo exerce o seu direito de senhor supremo através da Assembleia Nacional e de outros órgãos representativos eleitos que ele próprio elege por meio de sufrágio universal, igual e directo, bem como através do referendo. É esta a profunda e radical diferença entre o pro-

jecto da Constituição e a caduca constituição de Tirnovo que acaba de soçobrar.

Os dirigentes da oposição opõem ao nosso projecto a Constituição monárquica de Tirnovo. A sua posição é francamente incoerente. Mas não se contentam apenas com isso. Permitem-se também fazer escandalosas deturpações do projecto da Frente da Pátria no que se refere ao parágrafo respeitante à propriedade privada e ao direito à herança dessa mesma propriedade.

O projecto da Constituição foi impresso na ordem dos milhares de exemplares, em jornais e em diversas brochuras. Foi difundido por todo o país. Cada eleitor poderá ler o artigo 8, onde se diz expressamente:

> «A propriedade privada e a iniciativa privada na economia são reconhecidas; a propriedade privada adquirida através do trabalho e da poupança gozam de uma especial protecção.
>
> O direito à herança da propriedade privada é regulamentado pela lei.»

A grande importância deste artigo do projecto de Constituição reside no facto de garantir a propriedade do agricultor, do artesão, de todos os trabalhadores manuais e intelectuais no nosso país, contra os ataques do capital espoliador, contra a especulação feita por vários grandes capitalistas, usurários, banqueiros, lavradores, que no passado exploravam de formas diversas e por processos vários os já de si reduzidos bens do camponês e do cidadão. O projecto de Constituição garante não só essa propriedade como também o direito à herança dessa mesma propriedade.

Este facto não impede contudo os membros da oposição demagogicamente de afirmar o contrário. Vão aliás ainda mais longe na sua impudência. Os comunistas, dizem eles, retirarão ao camponês e ao artesão a sua propriedade, ao cidadão, ao empregado e ao reformado a sua casa, a sua habitação, e privarão os seus filhos do direito à herança.

Note-se contudo que existe na Bulgária pelo menos meio milhão de agricultores, artesãos e outros cidadãos comunistas, ou familiares e amigos de comunistas, e que possuem também

a sua propriedade. Não obstante, os membros da oposição afirmam que o nosso Partido teria a intenção de arrebatar os bens dos agricultores e dos proprietários citadinos! É preciso ser absolutamente louco para acreditar numa semelhante invenção!

Aproveito a oportunidade para declarar categoricamente do alto desta tribuna que seremos precisamente nós, os comunistas, quem irá propor à Grande Assembleia Nacional que se escreva claramente e sem qualquer equívoco possível, no artigo 8 do projecto de Constituição, que a propriedade privada do agricultor, do rural, do artesão, dos trabalhadores manuais e dos intelectuais, bem como o direito à herança dessa mesma propriedade privada, sejam consolidados e garantidos aos proprietários e aos seus herdeiros, para sempre.

Eleitores e eleitoras:

A Frente da Pátria apresenta-se às eleições não só através de uma plataforma comum de que o projecto da nova Constituição é, como eu disse anteriormente, uma parte essencial, mas apresenta-se também através de actos, de grandes actos. Esses actos são conhecidos de todos os búlgaros, homens e mulheres, e são unicamente contestados pelos membros da oposição e pelos agentes estrangeiros, cegos de ódio.

Quem quer que tenha um pouco de memória pode recordar o que foi feito até 9 de Setembro e o que foi feito desde então pela Frente da Pátria, que goza da total confiança e apoio do povo búlgaro.

Nenhum eleitor consciencioso poderá negar ter sido a Frente da Pátria quem preservou o nosso povo, a 9 de Setembro de 1944, de uma terrível catástrofe nacional e do perigo de ver surgir, por exemplo, exércitos turcos no nosso território. Sem a Frente da Pátria que realizou a insurreição popular do 9 de Setembro, aproveitando o avanço do valoroso Exército Vermelho, que já atingira a Roménia, perto do Danúbio, nós teríamos certamente tido alguns dias mais tarde as tropas turcas na Bulgária. O exército turco encontrava-se então a postos, mesmo junto à nossa fronteira.

No dia 27 de Outubro, nenhum eleitor, nenhuma eleitora, poderá esquecer, ao pegar no boletim com que votará os deputados à Grande Assembleia Nacional, esse mérito histórico da Frente da Pátria.

Nenhum homem consciencioso poderá negar o facto de a Frente da Pátria ter preservado o país da guerra civil, ter salvo a economia nacional da ruína e assegurado o restauro da vida económica do país. Sem a Frente da Pátria, sem a unidade do nosso povo realizada pela Frente da Pátria, não estaríamos agora em melhor situação do que a Grécia, cada vez mais arrasada por uma autêntica guerra civil.

Existirá alguém na Bulgária que não saiba que a Frente da Pátria assegurou com êxito a participação do nosso exército na Guerra Patriótica, apagando dessa forma o opróbrio que manchara a fronte do nosso povo, e que constitui agora um dos mais importantes argumentos a favor da nossa causa nacional?

A Frente da Pátria entregou ao tribunal do povo os criminosos fascistas, assassinos do povo; esse mesmo tribunal castigou-os com severidade e justiça. Isto é para a Bulgária um capital moral e político perante o mundo democrático estrangeiro.

A Frente da Pátria saneou do nosso exército os organizadores de golpes de Estado, os conspiradores e reaccionários, unindo-o com firmeza e definitivamente ao povo.

Não será uma realidade o facto de a Frente da Pátria, a sua política, a sua vigilância e os esforços empreendidos pelo seu governo, terem salvo o país da inflação, da desvalorização da leva, perigo esse que atingiu tantos outros Estados que se alinhavam com a Alemanha? Desde há algum tempo que a nossa leva permanece quase constantemente ao mesmo nível. Estão bem patentes as possibilidades da sua estabilização e não se avistam ameaças de futura inflação, ao contrário do que acontece numa série de outros países.

A Frente da Pátria salvou a população da fome e o gado da morte.

A Frente da Pátria impulsionou as iniciativas do povo e da sua juventude, o entusiasmo criador de trabalho, de que são testemunha as brigadas existentes nas empresas, as brigadas de assistência às aldeias, as que abrem desfiladeiros como o de Haïn-Boaz. Os jovens, as mulheres, as operárias, os camponeses, todos fazem milagres no campo do trabalho criador, desenvolvendo esforços tremendos pelo bem da pátria.

O orçamento do Estado prevê, unicamente para este ano,

14 milhares de leva destinados à construção e ao desenvolvimento económico da nossa República popular.

Foi a Frente da Pátria que conferiu todos os direitos à mulher, à cidadã e à camponesa búlgara; mereceram-no aliás pela sua própria luta contra o fascismo, num pé de igualdade com o homem. No nosso país, as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, o que virá a ser expressamente confirmado na Constituição. Observa-se desde já no campo da vida social e cultural, no campo da economia, a nobre emulação entre a mulher e o homem.

Constatei pessoalmente em muitos locais que as mulheres, graças à sua actividade, ao seu entusiasmo, à sua tenacidade em superar as dificuldades, excedem grande número de vezes muitos homens. Será esta outra faceta que iremos observar nas eleições de 27 de Outubro. É preciso que todo o povo saúde as mulheres eleitoras que através dos seus sufrágios conferidos aos candidatos da Frente da Pátria irão contribuir mais do que ninguém para que a reacção sofra um golpe esmagador.

A Frente da Pátria assegurou aos jovens do país um amplo campo de acção a fim de poderem desenvolver as suas forças e aptidões. A nova Constituição irá legalizar e confirmar os direitos eleitorais dos jovens que perfizeram 18 anos de idade, bem como o seu direito à elegibilidade. A Frente da Pátria crê que o futuro pertence à nossa valorosa juventude combativa e não certamente aos «meninos» que servem a reacção, não só agora como também dentro de 10 ou 20 anos. É preciso dar desde já prioridade à nossa juventude combativa, à juventude búlgara da cidade e do campo, apta para avançar em primeiro lugar. Iremos ver também essa juventude no 27 de Outubro. Terá também um enorme peso no esmagador golpe a desfechar na odienta reacção durante as eleições.

Apesar das dificuldades, apesar dos regimes fascistas passados nos terem empobrecido, apesar da espoliação dos alemães e da seca do ano passado, a Frente da Pátria executou uma série de reformas para aliviar a situação da população: camponeses, operários, empregados, reformados; conferiu uma pensão às camponesas; estabeleceu a lei sobre a propriedade rural, que visa a distribuição da terra á centenas de milhares de camponeses pobres, aplicou a lei do imposto progressivo,

sobre o rendimento, que isenta cerca de 400 000 contribuintes de impostos fiscais e diminui os impostos de milhares de outras pessoas.

A Frente da Pátria lançou igualmente os alicerces de uma política popular no campo da saúde pública e da previdência social. Criaram-se casas destinadas à criança, creches, hospitais, dispensários, e maternidades em várias aldeias como nunca tinha sido feito até hoje, visto que as nossas aldeãs morriam muitas vezes de parto, por falta de cuidados e da mais elementar assistência médica.

Criaram-se casas de repouso para os operários, para os empregados, para os agricultores.

Criaram-se novas Universidades, liceus, escolas. E dá-se um grande impulso ao desenvolvimento da cultura popular e à actividade criadora dos intelectuais vindos do povo.

Tanto a mãe como o filho são objecto de especial solicitude e atenção.

Por outro lado, a Frente da Pátria criou uma lei contra aqueles que se enriqueceram ilicitamente, contra os espoliadores do povo, contra aqueles que especulam com o pão e os frutos do trabalho do povo; empreendeu uma série de medidas em proveito do povo, contra aqueles que até ao 9 de Setembro se permitiam armar em amos e senhores, explorando, espoliando, oprimindo.

A Frente da Pátria assegurou a vitória do povo sobre a abominada monarquia e aqueles que a apoiavam; criou a República popular.

Em resumo: em dois anos, a Frente da Pátria fez pelo desenvolvimento do nosso país e pelo bem-estar do nosso povo o que nunca tinha sido feito durante os 50 anos dos antigos regimes. Mesmo sem entrarmos em mais detalhes, é com um semelhante activo e tais actos úteis ao povo que a Frente da Pátria e os seus partidos se apresentam perante as eleitoras e os eleitores do nosso país. É pois amplamente justificada a confiança que a esmagadora maioria do povo neles deposita.

Camaradas:

Como é patente, os dirigentes da oposição boicotaram as últimas eleições para a Assembleia Nacional. Pretendem agora visivelmente corrigir o seu erro. Realizam encontros, reuniões, fazem agitação, injuriam desaforadamente a Frente da Pátria

e o seu governo, caluniam sem vergonha, provocam sem escrúpulos e clamam simultaneamente, claro está, que não existe liberdade. Não se apresentam contudo em lado algum com uma plataforma claramente determinada, concreta, positiva, útil ao povo. Não possuem semelhante plataforma.

Há uma coisa a unir os dirigentes da oposição. É a negação da Frente da Pátria, negação do poder popular, negação de tudo o que é útil ao povo. É sem dúvida a negação pura e simples, sob todos os pontos de vista.

Os dirigentes da oposição estão unidos pelo seu comum desejo de fazer retroceder a roda da história, de ressuscitar o passado da Bulgária, o passado fascista, reaccionário, maldito e ignominioso. O povo quer avançar, consolidar as posições das novas aquisições, continuar a construir, avançar rumo ao bem-estar, enquanto que os membros da oposição, os críticos e sabotadores pérfidos, tentam fazer retroceder.

Une-os o ódio — neles tão comum — para com a Frente da Pátria. Não se têm poupado a esforços, tanto dentro como fora do país, para neutralizar a Frente da Pátria; a Frente da Pátria permanece e permanecerá contudo tão inabalável como um rochedo de granito.

Todos esses dirigentes da oposição, das mais diversas índoles, estão unidos pelo facto de se colocarem todos eles ao serviço da reacção do país e do estrangeiro. Disputam entre si para receberem o maior número de subsídios do estrangeiro. Tanto uns como outros estão contudo ao serviço da reacção interna e estrangeira. São unânimes neste ponto. Possuem por assim dizer uma plataforma comum de traição nacional.

Quem terá esquecido que os chefes da oposição, obedecendo a uma influência estrangeira, se separaram dos seus próprios partidos, da União Agrária e do Partido Social-Democrata, e desertaram do governo da Frente da Pátria? Quem terá esquecido que ao separarem-se dos seus partidos, ao esforçarem-se por criar os seus próprios partidos sob os mesmos nomes, desejavam apenas servir as forças estrangeiras, aspirando aniquilar por todas as formas o poder popular na Bulgária, aniquilando a Frente da Pátria? Foi sob a influência estrangeira, na sua qualidade de núcleo estrangeiro, que perpetraram esse grande crime nacional. Desde então,

tudo fazem para entravar a obra criadora, da Frente da Pátria, que é a obra do nosso povo democrático.

A oposição participa na campanha eleitoral com duas armas principais.

A mentira e a calúnia são a primeira arma da oposição. Os membros da oposição são muito zelosos, enérgicos e activos neste campo; esta arma convém-lhes plenamente, está apropriada à sua mentalidade, à mentalidade de agentes estrangeiros. Por exemplo, não acham que a afirmação dos dirigentes da oposição, em especial a de que o projecto de Constituição não garante, segundo dizem, a propriedade privada e o direito à herança dessa mesma propriedade, não passa de uma pérfida calúnia?

A publicação e difusão de um discurso que não existe na realidade, e que nunca foi pronunciado pelo ministro americano dos Negócios Estrangeiros, Mr. Burnes, não passa de uma falsificação antibúlgara de traição, com o intuito de semear a confusão no seio do povo e de comprometer o nosso governo popular no estrangeiro.

Quando perguntámos ao representante americano, a quem foi lido o texto desse discurso, se era efectivamente verdade que o ministro americano dos Negócios Estrangeiros — Burnes — tivesse pronunciado tal discurso, a sua resposta foi a seguinte:

> «Como é que se pode admitir que Mr. Burnes tenha pronunciado tal discurso?»

É indiscutível contudo que os membros da oposição editaram esse discurso — que é uma mistificação — e que os partidários da oposição o divulgam. A própria filha de Lultchev está detida por ter participado na difusão desse infame libelo.

O que é isto pois, senão uma traição nacional comprovada, que precisamente na altura em que o nosso governo desenvolve todos os seus esforços para normalizar as relações da Bulgária com a América e a Inglaterra, os chefes da oposição comprometam o nosso país e a Frente da Pátria perante ingleses e americanos com todo o tipo de mentiras e calúnias, esforçando-se por todas as formas por entravar essa tão indispensável normalização das nossas relações com esses países?

Os chefes da oposição espalham a calúnia de que nem os americanos nem os ingleses concluiriam um tratado de paz com o governo da Frente da Pátria. Esses búlgaros — se búlgaros se pode chamar a semelhantes traidores da pátria — pedem aos americanos e aos ingleses para não concluírem a paz com a Bulgária visto ser governada pela Frente da Pátria. Traição mais pérfida e descarada não pode existir!

As dificuldades com que depara o nosso povo, resultantes dos crimes comitidos pelos monstros fascistas, da espoliação dos alemães e da terrível seca do ano passado são a segunda arma da oposição. Basta apenas recordar-vos a acção empreendida no ano passado pela Frente da Pátria, pelo seu governo e pela Assembleia Nacional, para salvar a população da fome e o gado da morte. Todos os honestos cidadãos foram mobilizados para a colheita de cereais e para a apanha da palha. E que fazia então, durante esse tempo, a oposição? Esses agentes criminosos incendiavam os depósitos de cereais e de palha.

A Frente da Pátria governa o país desde há dois anos. As dificuldades são inúmeras; cometeu-se uma série de erros, mas só não se engana quem nada faz. No entanto, enquanto a Frente da Pátria, o seu governo e em particular o nosso Partido, se esforçam, com o auxílio da população, por superar a todo o custo as dificuldades existentes, por suprimir as reais irregularidades, por corrigir os erros reconhecidos, que faz entretanto a oposição? Perguntem aos seus candidatos o que fez até à data a oposição a fim de remediar as insuficiências e superar as dificuldades, para ajudar o povo! Regozija-se sadicamente cada vez que o nosso povo tem de suportar duras provas, e esforça-se por seu lado em aumentar as dificuldades. Não apresentou até hoje uma só proposta concreta útil ao país. Posso mesmo declarar que o nosso Partido está disposto a oferecer uma recompensa não inferior a 100 000 leva ao eleitor que possa indicar uma proposta concreta, positiva, construtiva e útil ao povo, feita pela oposição. Mesmo que procurem com uma lanterna como fez outrora Diógenes, que segundo uma velha lenda grega procurava um homem em pleno dia de lanterna em punho, não encontrarão uma só proposta séria, concreta, útil ao povo feita pela oposição.

E compreende-se perfeitamente porquê.

A oposição, pela sua própria composição, pelo seu carácter e pelos seus actos, não é uma oposição búlgara, mas sim um agente estrangeiro! É um agente da reacção e do grande capital espoliador. É composta por latifundiários, por grandes capitalistas, por especuladores, por legionários, por terroristas fascistas. Alguns dos maiores latifundiários tornaram-se os chefes. É esta a oposição que os representantes dos grandes «trusts» e cartéis capitalistas admiram muito especialmente, os quais se esforçam por subjugar economicamente o nosso país e por o perder sob o ponto de vista nacional.

A linha de conduta dos dirigentes da oposição é a seguinte: quanto pior a situação for para o povo, melhor servirá a realização dos seus sinistros planos antipopulares!

Quais são as mais acalentadas aspirações dos dirigentes da oposição? Podem resumir-se em meia dúzia de palavras:

Em primeiro lugar, os dirigentes da oposição esforçam-se por inimistar o povo búlgaro com o seu libertador — o grande povo russo, com a poderosa União Soviética, o nosso mais fiel amigo e protector, o brilhante defensor da nossa causa nacional.

Em segundo lugar, esforçam-se por semear a discórdia entre o povo búlgaro e os seus irmãos jugoslavos, a quem estamos unidos pelo mesmo destino.

Em terceiro lugar, os dirigentes da oposição esforçam-se por criar discórdia entre os camponeses e operários, cuja indestrutível amizade constitui a força fundamental da Frente da Pátria e da República popular no país. Como todos estarão lembrados, a falta dessa amizade facilitou o golpe de Estado fascista de 9 de Junho de 1923 e o estabelecimento da ditadura monarco-fascista que durante mais de vinte anos castigou com fogo e sangue o nosso povo. O povo búlgaro sofreu demasiado, teve tantas vítimas e recebeu tantas amargas lições que não irá permitir aos pérfidos chefes da oposição realizarem as suas infernais intenções antipopulares.

O povo búlgaro sabe bem que para se preservar de um novo 9 de Junho é preciso que defenda com todas as suas forças as aquisições do 9 de Setembro e jamais repetir os erros do passado.

O nosso povo compreendeu já que apoiar uma tal oposição significa cometer um acto de traição nacional. Votar por essa

oposição antipopular significa cravar um punhal nas costas da nossa República popular.

Quando falo de oposição tenho em vista o seu grupo dirigente composto por latifundiários, por grandes capitalistas, por usurários, especuladores e venais politiqueiros, e não os agrários, os artesãos, os industriais e comerciantes, descontentes por outros motivos, transviados pela demagogia, as mentiras e as calúnias dos chefes da oposição. Tais eleitores terão ainda a possibilidade de reflectir seriamente até ao dia 27 de Outubro e não restam dúvidas que muitos de entre eles se recordarão do rifão popular segundo o qual «é imperdoável tolice deitar fogo a todo o cobertor apenas por causa de uma pulga». Deverão recordar-se também de um outro provérbio búlgaro: «quem boa cama fizer, nela se deitará».

Quanto aos dirigentes da oposição, é bom recordar-lhes o que aconteceu a Draja Khailovitch, na Jugoslávia.

Caros eleitores e eleitoras:

Os chefes da oposição afirmam hipocritamente que se a Bulgária capitulasse perante a reacção internacional, se caísse de joelhos perante os grandes senhores dos dólares e das libras esterlinas, ser-lhe-ia concedido um magnífico tratado de paz. Bastaria — pretendem eles — capitular, bastaria ceder o direito de domínio no seu próprio país aos «trusts», aos bancos e aos cartéis estrangeiros.

É contudo aconselhável recordar a este respeito a tão conhecida fábula do lobo e do cordeiro.

Como sabem, conta a fábula que um cordeiro se entretinha a matar a sede numa corrente de água pura. Surgiu um lobo faminto que acusou o cordeiro de lhe turvar a água que queria beber. Embora o cordeiro se apressasse em explicar que não podia de forma alguma turvar a água visto que bebia bem mais abaixo da corrente que o lobo, este limitou-se a responder-lhe: «Quer turves ou não a minha água, comer-te-ei!»

É desta forma que os lobos imperialistas estrangeiros da alta finança pretendem agir para com a Bulgária. Enganam-se contudo redondamente nos seus cálculos. Esquecem um «pequeno» detalhe: que depois do 9 de Setembro, o povo búlgaro, dirigido pela Frente da Pátria, não pode já ser tratado como um rebanho de carneiros. Já não é possível. O povo búlgaro provou que é combativo, que está pronto a sofrer

todas as privações e a superar todas as dificuldades, mas permanecendo o senhor soberano da sua própria casa, embora essa casa seja ainda modesta e pobre.

«Quer a turves ou não, comer-te-ei!» — esta máxima do mais forte é totalmente irrealizável no que respeita ao nosso heróico povo combativo. No que se refere à Bulgária da Frente da Pátria, é totalmente inconcebível!

Por outro lado, o nosso povo goza com justo direito do apoio da União Soviética.

O nosso povo conta igualmente com o apoio dos restantes povos eslavos. A sua justa causa é cada vez mais digna da compreensão e do reconhecimento crescentes entre os Estados ocidentais. É isto que ressalta também das declarações de muitas personalidades, deputados e jornalistas estrangeiros que visitaram a Bulgária e que agora apoiam energicamente no estrangeiro a nossa justa causa nacional.

Não estamos sós.

O brilhante discurso em defesa da Bulgária nova proferido pelos representantes da União Soviética e pelos outros irmãos eslavos, permanecerá inesquecível.

Vibram ainda as palavras do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Molotov, na última sessão da Conferência de Paris: «Dizemos com segurança aos búlgaros, nossos amigos: búlgaros, estejam tranquilos, a vossa fronteira permanecerá intacta!»

Permitam-me que em nome do nosso povo e da sua Frente da Pátria exprima do alto desta tribuna o meu mais ardente reconhecimento a todos aqueles que defenderam a sua justa causa na Conferência de Paris e fora dela.

Permitam-me que recorde aos que nos têm má vontade por edificarmos uma democracia popular na Bulária, que a Frente da Pátria age inteiramente dentro do espírito da Declaração de Ialta votada pelos dirigentes das três grandes potências a 12 de Fevereiro de 1945. Nessa Declaração afirma-se expressamente entre outras coisas o seguinte:

> «O estabelecimento da ordem na Europa e a reorganização da vida nacional e económica devem ser realizados de forma a permitir aos povos libertados aniquilar os derradeiros vestígios do nazismo e do fascismo e criar instituições democráticas da sua própria escolha. De acordo com os princípios da Carta do Atlântico sobre o direito de todos os povos de escolher a forma de governo sob a qual viverão, é preciso que seja assegurado o restabelecimento dos direitos soberanos e da autonomia dos povos que foram privados desses mesmos direitos pela violência das nações agressivas.»

Em face desta clara declaração das grandes potências, o povo búlgaro acolhe com profundo espanto as tentativas empreendidas por determinados países cujos representantes assinaram as decisões da Conferência da Ialta. Esses países apresentam-se com má intenção no que respeita aos esforços desenvolvidos pelo povo búlgaro para aniquilar os derradeiros vestígios do hitlerismo e do fascismo no nosso país e criar instituições democráticas da sua própria escolha. O povo búlgaro não pode deixar de considerar essas últimas iniciativas desses países, empreendidas nas vésperas das eleições para a Grande Assembleia Nacional, senão como contradições da declaração de Ialta e encorajamento dos vestígios do fascismo e da reacção na Bulgária.

A decisão da Conferência de Ialta a este respeito continua a vigorar para o nosso povo que prosseguirá avançando no seu próprio caminho, agindo de acordo com esta decisão.

Estamos ainda firmemente convencidos de que apesar de todas as dificuldades, apesar de todos os ataques hostis e de todas as intrigas impregnadas de ódio da oposição, o povo búlgaro obterá no final de tudo um tratado de paz honroso, que mereceu pelo sangue derramado e pelas suas vítimas, pelos actos efectuados em defesa da paz e da democracia. É preciso firmeza, resistência, nervos sólidos, e uma luta inabalável, até ao final, em defesa do nosso sagrado direito a uma existência nacional livre.

Camaradas, ao apresentar-se com uma plataforma comum, a Frente da Pátria propõe votar com boletins dos diversos partidos da Frente da Pátria.

Todo o eleitor ou eleitora que vote pela Frente da Pátria goza de plena liberdade para votar pelos candidatos do partido da Frente da Pátria que deseje.

É dada a possibilidade aos partidos que compõem a Frente da Pátria de procederem a uma competição correcta. A Frente da Pátria apenas terá a ganhar com isso, saindo das eleições ainda mais forte e poderosa.

Todo o voto a favor de um dos partidos da Frente da Pátria é um voto pela Frente da Pátria, contra a reacção e os inimigos do povo, um voto a favor da República Popular, a favor da grande causa do povo.

Paralelamente aos restantes partidos da Frente da Pátria, o Partido Operário toma uma posição activa na campanha eleitoral. Toda a gente reconhece que o nosso Partido é o iniciador e fundador da Frente da Pátria. Não renunciará nunca à sua obra, visto que a Frente da Pátria é uma obra do povo. Ora os comunistas não têm nem podem ter outro fim em vista a não ser o bem do povo.

O Partido Operário foi o principal organizador da Resistência e da luta de guerrilhas contra o fascismo e os ocupantes alemães. Foi o principal factor subjectivo da vitória da histórica insurreição do 9 de Setembro de 1944. O Partido Operário e a sua juventude tomaram a parte mais activa na Guerra patriótica contra os bárbaros hitlerianos. O Partido Operário é presentemente também a principal força da Frente da Pátria. É o partido político mais forte do país, o que goza da maior confiança das massas populares. Tudo isto, claro está, não é de forma alguma devido ao acaso. Trata-se de um fenómeno natural, devido à fidelidade e dedicação do Partido para com o povo, à sua luta firme, às numerosas e estremecidas vítimas que ofereceu pela causa comum do povo. É devido também aos seus esforços no sentido de consolidar a unidade da Frente da Pátria, ao seu cuidado incessante pela edificação da democracia popular búlgara, pelo bem do nosso povo e da nossa pátria, pela defesa reconhecida por todos da causa nacional búlgara.

Daí o desencadeado ódio dos dirigentes da oposição e dos seus protectores estrangeiros contra o Partido Operário, contra os comunistas búlgaros.

O nosso povo sabe contudo que nós, comunistas, apenas temos a intenção de assegurar a sua felicidade e bem-estar, a felicidade e bem-estar dos seus filhos, o incremento da nossa nação, a fim de que ela possa ocupar um lugar digno na família unida dos povos amantes de liberdade, e fornecer a sua contribuição para o progresso de toda a humanidade.

Neste momento em que a campanha eleitoral atinge o auge e em que se fez todo o tipo de prognósticos para adivinhar o número de sufrágios que obterá cada partido, uma coisa é incontestável: a Frente da Pátria triunfará, a cooperação entre os partidos da Frente da Pátria reforçar-se-á e quanto mais forte for o Partido Operário mais poderosa será a Frente da Pátria, com tanto maior êxito será realizado o seu programa, com tanto maior segurança será edificada a nossa República popular, serão tanto mais compactas as forças democráticas e progressistas sob a bandeira da Frente da Pátria, e tanto mais firme, resistente e seguro do seu futuro, será o nosso povo.

Que ninguém se engane: sem a poderosa Frente da Pátria não pode existir uma autêntica democracia popular. Sem a Frente da Pátria, a Bulgária não se poderá transformar numa República popular completamente livre, independente, poderosa e próspera. Sem a Frente da Pátria, o nosso povo não poderá adquirir uma paz justa, digna e duradoura. Sem a Frente da Pátria não poderá executar as suas missões nacionais: salvaguardar a sua independência nacional.

É por isto, homens, mulheres e jovens, é por isto que avançaremos. Avante para uma retumbante vitória da Frente da Pátria, por uma esmagadora derrota da reacção nas eleições de deputados para a Grande Assembleia Nacional! A Frente da Pátria, apesar de tudo, triunfará! Não há nenhuma força no mundo capaz de derrotar um povo que tomou o destino nas suas próprias mãos e que está pronto a defendê-lo firmemente até ao fim! Não existe nem pode existir semelhante força!

Viva a invencível Frente da Pátria!

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII,
Edições do P. C. B., Sófia
1954, pp. 348-372.

OS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA A GRANDE ASSEMBLEIA NACIONAL

CONVERSA COM OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS, A 26 DE OUTUBRO DE 1946, RELATIVAMENTE À À VITÓRIA DA FRENTE DA PÁTRIA NAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS PARA A GRANDE ASSEMBLEIA NACIONAL

É natural que se pergunte qual será o governo búlgaro após as eleições para a Grande Assembleia Nacional, agora que os resultados se tornaram públicos.

Como sabem, a Frente da Pátria obteve nas eleições uma retumbante vitória. Para a maioria, a oposição contava com o auxílio estrangeiro; os seus dirigentes faziam agitação, escreviam e diziam que após o 27 de Outubro a Bulgária teria um governo da oposição. Sabe-se mesmo que os dirigentes da oposição se disputaram sobre a distribuição das pastas ministeriais do futuro governo. Há um velho provérbio búlgaro que se aplica perfeitamente a esta circunstância, e que diz: «Ainda o peixe não foi pescado e já a sertã está ao lume para o fritar.» Ou ainda outro, que se lhe ajusta às mil maravilhas: «Não se deve vender a pele do urso antes de o caçar.» É nesta situação que se encontra a nossa oposição. Sofreu uma pungente derrota moral e política nas eleições para a Grande Assembleia Nacional. Em 465 lugares, apenas obtiveram 101, isto é, menos de uma quarta parte do número total de lugares na Grande Assembleia Nacional.

A Frente da Pátria dispõe de uma esmagadora maioria na Grande Assembleia Nacional. O Partido Operário, o Partido

dos comunistas, com 277 lugares, ocupa nessa maioria um lugar central. Representaremos na Grande Assembleia Nacional, que irá brevemente iniciar os seus trabalhos, cerca de 60 por cento de todos os deputados.

De acordo com a prática e as tradições parlamentares, o nosso Partido poderá, baseando-se nessa maioria na Grande Assembleia Nacional, formar o seu próprio governo, tal como fizeram por exemplo os trabalhistas ingleses. Tendo alcançado a vitória nas últimas eleições, formaram o seu governo homogéneo não aceitando um só conservador ou liberal. O povo confiou neles, concedeu-lhes a maioria e responsabilizá-los-á pelo governo. Os trabalhistas ingleses não recearam assumir essa responsabilidade. Tomaram o poder nas suas mãos declarando que iriam realizar o socialismo. Depois dos resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional seria absolutamente natural que na Bulgária os comunistas actuassem de idêntica forma. Não só no estrangeiro ninguém teria nada a dizer sobre essa atitude como até o povo da Bulgária a acharia perfeitamente natural. É minha opinião contudo — e creio que o nosso Partido virá muito provavelmente a decidir-se também nesse sentido — que o futuro governo do país não deva ser puramente comunista. Será um governo da Frente da Pátria, o que significa que dele farão parte representantes de outros partidos da Frente da Pátria, mas não certamente da oposição. Se contudo se vier futuramente a formar, no seio da oposição, com assento na Grande Assembleia Nacional, um grupo de deputados que provem que essa mesma oposição segue uma política nacional puramente búlgara e que não se trata de um núcleo estrangeiro, só então se poderá vir a falar de uma cooperação entre o governo e esse grupo. De momento um tal grupo não existe. A nossa atitude para com a oposição na Grande Assembleia Nacional dependerá unicamente da sua actuação não só dentro como fora dela. Repito no entanto que o governo será um governo da Frente da Pátria. O Partido Operário (Comunistas) assume agora uma grande responsabilidade perante o povo, pelo que é natural que não possa admitir a formação de um governo que não condiga com a vontade do nosso povo, tão clara e categoricamente expressa nas eleições de 27 de Outubro.

É preciso reconhecer a existência de elementos no governo que até agora têm entravado a firme e consequente aplicação do programa da Frente da Pátria. Hoje contudo a Bulgária poderá ter um governo apoiado na esmagadora maioria dos deputados à Grande Assembleia Nacional. Apoiando-se nos seus três milhões de eleitores que votaram pela Frente da Pátria e sobretudo nos dois milhões e meio de operários, empregados, agricultores, mulheres e jovens que aderem às suas organizações profissionais e sociais, o novo governo da Frente da Pátria poderá prosseguir resolutamente e sem qualquer hesitação, ainda com mais firmeza e energia, a política interna e externa da Frente da Pátria.

Quando o nosso povo concede a maioria dos seus sufrágios ao Partido Operário (Comunistas), fá-lo porque deseja que se siga resolutamente, de forma ininterrupta e até ao final, a política democrática da Frente da Pátria.

Quando o nosso povo concede uma tal maioria ao Partido Operário (Comunistas), fá-lo porque deseja que se suprimam radicalmente e com energia as sequelas do fascismo no nosso país, como foi aliás previsto pelas decisões da Conferência de Ialta.

Quando o povo búlgaro vota em tão grande maioria no Partido Operário (Comunistas), fá-lo porque deseja afastar da economia nacional o grande capital parasitário e especulador, porque quer imprimir à economia nacional e à iniciativa popular um incremento máximo.

Quando o povo búlgaro votou a 27 de Outubro último pelo Partido Operário (Comunistas), fê-lo porque pretende que se prossiga resolutamente e sem hesitar o reforço do exército búlgaro, como exército efectivamente nacional para sempre ligado ao povo.

Quando o povo búlgaro vota no Partido Operário (Comunistas), fá-lo porque quer que seja elaborada uma Constituição efectivamente popular sobre a base desse projecto da Frente da Pátria que o próprio povo aprovou através do seu voto.

O povo deu a maioria à Frente da Pátria e em especial ao Partido Operário, ao Partido dos comunistas, visto estar convencido ser essa a forma de prosseguir até ao fim a sagrada luta pelo direito à independência nacional do nosso

país e do nosso povo. A luta pela defesa da nossa justa causa nacional deverá ser levada até ao fim.

Para tal é preciso ter um governo capaz de conduzir uma tal luta, e de a conduzir sem hesitações.

Chegou a altura de agir resolutamente, com firmeza, sem hesitar, mas claro está, acertadamente, com ponderação. O futuro não pode ser dos cobardes, dos indecisos, dos homens ou dos povos de nervos brandos. O futuro não pode pertencer aos homens e aos povos que ao verem aproximar a borrasca, perdem o controle de si próprios e deixam de saber a que santo se entregar. O futuro não pode pertencer nem a tais homens nem a tais povos. O futuro é daqueles que sabem que depois da tempestade vem a bonança, que depois da borrasca o sol brilha com mais ardor e o ar é mais límpido.

Uma outra questão que vos interessa é saber sob que prisma serão observados no estrangeiro os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional.

Não restam dúvidas de que as eleições se desenrolaram numa calma total, legalmente e em uma perfeita ordem. Viram-no com os vossos próprios olhos: o povo exprimiu livremente a sua vontade. Essa vontade não é falsificada. Quanto à oposição e aos votos que obteve, não há dúvida de que a pressão estrangeira, a confusão lançada nos espíritos através das afirmações de que a vitória da Frente da Pátria privaria a Bulgária de um tratado de paz favorável, que nos seriam impostas pesadas compensações, que seriam arrancadas terras búlgaras, que os anglo-americanos denunciariam o armistício, etc., etc., não restam dúvidas pois que tudo isto influenciou uma parte dos eleitores a votar pela oposição.

Posso com absoluta consciência e sentido de responsabilidade declarar perante vós, como representantes da opinião pública mundial, que entre os agitadores activos da oposição na Bulgária se encontravam determinados representantes estrangeiros em Sófia e seus colaboradores. Não é segredo para ninguém que o faziam de forma diferente, aprovando, encorajando e apoiando a oposição contra a Frente da Pátria, contra o seu governo. Claro está que tudo isso não pode de forma alguma representar o espírito da política e o interesse dos povos que representam. Estão pelo contrário a prestar um mau serviço aos seus respectivos Estados. Conhecem certamente aquela fábula do urso que partiu a cabeça ao patrão adormecido, quando lhe atirou uma pedrada pretendendo afugentar uma mosca que lhe pousara na testa. Mesmo admitindo que as intenções desses representantes pudessem ser nobres e honestas, as consequências apenas poderiam ser prejudiciais.

Na minha opinião não restam dúvidas de que os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional serão acolhidos com simpatia por todos os meios progressistas e democráticos do mundo. Verão neles uma contribuição para o estabelecimento e consolidação da democracia no mundo e para uma duradoura paz entre os povos, uma contribuição búlgara. Esses resultados são saudados pelos irmãos eslavos na Jugoslávia, na Polónia, na Checoslováquia e sobretudo na União Soviética como resultados úteis à democracia e à paz.

Existe contudo uma categoria de pessoas, uma categoria de detentores de libras esterlinas, de dólares, de cartéis, de «trusts» e de consórcios que gostariam de ver nos Balcãs, e muito em especial na Bulgária, um núcleo que lhes permitisse subjugar economicamente e em seguida politicamente os Balcãs e a Bulgária. Esse tipo de pessoas ficará descontente com o resultado das eleições, exasperado contra a Frente da Pátria, contra a Bulgária e sobretudo contra os comunistas. A par desse tipo de pessoas existe um outro: os jornalistas e publicistas, alguns deles bastante dotados. Redigem artigos sob encomenda, de acordo com o que lhes é pedido. Irão agora escrever abundantemente, irão clamar contra as «eleições falsificadas». Escrevê-lo-ão pois para tal são pagos. Vão clamar contra uma pretensa «ditadura comunista» que no fundo não existe. Trata-se de um velho tipo de jornalistas e publicistas. Felizmente que a nova geração de jornalistas democráticos é, afinal de contas, honesta e conscienciosa. Regozijo-me por ter como convidados tais jornalistas, tais intérpretes da opinião pública nos seus países.

Outra questão é saber qual a atitude que irão tomar os meios oficiais, em primeiro lugar os governos da Inglaterra e da América, para com a Bulgária, depois das eleições.

Como é do vosso conhecimento, procuravam explicar a atitude negativa para com o governo búlgaro da Frente da Pátria pretendendo que o nosso governo não era suficientemente representativo, que a Bulgária era dirigida por uma minoria, sob o título de Frente da Pátria, e que a esmagadora maioria do povo búlgaro seguia a oposição. Por essa razão, diziam, não podiam reconhecer um governo que representava uma minoria, enquanto a maioria se encontrava na oposição.

Existem de momento razões suficientes para crer que o Sr. Burnes e o Sr. Bevin, bem como outros homens de Estado, irão entender a linguagem dos números, compreendendo os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional, pelo que apreciarão de novo os factos; ora, os factos saltam precisamente à vista. Deverão reconhecer que os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional demonstraram que a Frente da Pátria tem a seu favor mais de 70 por cento dos eleitores da Bulgária; ora 70 por cento é mais do que 20 por cento, 70 por cento é a maioria. Deverão reconhecer que os deputados da Frente da Pátria constituem uma esmagadora maioria, que a oposição conta com menos de uma quarta parte, enquanto que a Frente da Pátria conta por seu lado com mais de três quartos.

Daí resulta que agora, depois das eleições, é muito mais fácil e provável que a atitude dos governos americano e inglês para com a Bulgária se venha a alterar. Foi derrubado um grande obstáculo. A alteração na atitude daqueles governos viria permitir normalizar as relações com essas duas potências visto que entre nós, entre o nosso povo, existiu sempre o desejo sincero da sua normalização.

Embora sejamos um pequeno povo acreditamos ter direito a apresentar uma só e modesta condição para essa normalização: que não seja prejudicada a nossa soberania nacional, que nos deixem sossegados a fim de podermos organizar a nossa modesta casa de acordo com os interesses e a vontade do nosso povo, que não tentem exercer pressão no nosso país através de imposições, que prevaleça um respeito mútuo — o respeito dos interesses recíprocos — que se actue dentro do espírito dessa mesma declaração de Ialta, assinada pelos representantes ingleses e americanos. Sabem que a declaração de Ialta prevê o direito de cada povo a possuir o governo

que ele próprio deseje, sem pressão, sem sugestões estrangeiras, segundo a sua própria escolha.

Em resumo, os resultados das eleições têm para a Bulgária uma grande importância internacional. Abrem a via da normalização da situação internacional da Bulgária e da sua resolução. Ajudarão a Bulgária a obter um tratado de paz honrado e favorável.

Em todo o caso, de uma coisa estamos certos: prosseguiremos até ao fim a nossa luta pela liberdade, pela independência nacional, pelo direito a uma existência nacional independente. O povo búlgaro não se prostará de joelhos. Disse-o mais de uma vez. Não cederá a nenhuma ameaça, pois o povo viveu e formou-se numa contínua e dura luta pela sua liberdade e existência nacional.

Vou agora responder a uma outra pergunta relacionada com os resultados das eleições para a Grande Assembleia Nacional.

Que análise política se pode efectuar sobre os votos obtidos pela oposição nas eleições para a Grande Assembleia Nacional?

Em 4 300 000 eleitores, só 1 200 00 votaram na oposição, podendo ser agrupados da seguinte maneira: Em primeiro lugar — os grandes capitalistas, os especuladores, reaccionários, pró-fascistas, acólitos dos alemães na espoliação da Bulgária, que insistem obstinadamente no passado, no retrocesso; em segundo lugar — os homens de espírito e nervos fracos. Os restantes eleitores, a enorme maioria do nosso povo, mostraram possuir grande resistência moral. A esmagadora maioria dos eleitores declarou: permaneceremos aqui, de pé, e de pé ficaremos até ao final, visto tratar-se não só da nossa felicidade como também da felicidade dos nossos filhos.

Ao fazer a minha autocrítica, declararei que uma parte dos eleitores que votaram na oposição fizeram-no em face de determinados dissabores, de um certo descontentamento pessoal.

Convém lembrar que a nossa democracia é uma jovem democracia. O nosso governo é um jovem governo. Os seus dirigentes aprendem a dirigir de acordo com o interesse do povo. Ora as dificuldades no nosso país são enormes. A nossa

terra foi pilhada pelos alemães. O nosso país foi despojado dos seus principais géneros alimentícios e matérias-primas. No ano passado tivemos a infelicidade de sofrer uma terrível seca; foi necessário desenvolver grandes esforços, utilizar todos os nossos recursos, para salvar a população da fome e o gado da morte. Obtivemos êxito neste campo graças também ao auxílio da União Soviética que nos enviou 70 milhões de quilos de víveres. Presentemente continuam a existir dificuldades. Durante a segunda metade do ano sofremos uma nova seca. As batatas, o feijão, o milho, o girassol e a beterraba de açúcar sofreram bastante. Estas dificuldades não permitem fornecer toda a população do necessário. Somos obrigados a repartir os víveres disponíveis e outros produtos de primeira necessidade primeiramente entre as pessoas que trabalham nas fábricas, nas minas, nas empresas, nos transportes, nos campos, etc., que executam um trabalho manual particularmente difícil, assim como entre os empregados da função pública e outros. Há contudo cidadãos que recebem menos. Esses cidadãos estão naturalmente descontentes. Foi especialmente um certo número desses cidadãos descontentes que votaram na oposição.

Cometeram-se também erros na distribuição. Existem ainda no aparelho de Estado sabotadores, inimigos que se esforçam por desacreditar o poder da Frente da Pátria. Daí o descontentamento de uma outra parte da população.

Em terceiro lugar, os jovens dirigentes locais deixaram-se arrastar para determinados desvios, sobretudo no campo da vida económica. Considerou-se justa uma série de restrições impostas aos produtores agrícolas e outros, não lhes permitindo vender livremente os seus produtos, quando no fundo não se tratava de restrições absolutamente indispensáveis. Podiam ter-se evitado.

A oposição atiçou e continua a atiçar esses descontentamentos, a fim de pescar na água turva. Não será exagero dizer que pelo menos metade dos votos obtidos pela oposição são resultantes desse descontentamento e dessa animosidade.

A Frente da Pátria e o seu governo aproveitarão contudo essa lição, aproveitarão esse sinal fornecido pelo resultado das eleições para reduzir ao mínimo tais erros, corrigindo-os com rapidez.

Não restam dúvidas de que metade dos eleitores que votaram na oposição estarão de novo, dentro de alguns meses, na Frente da Pátria, ou em todo o caso não se contarão entre os inimigos da Frente da Pátria.

A oposição, que no prazo de um ano terá na Assembleia Nacional uma centena de deputados, contará na realidade dentro de alguns meses com duas vezes menos aderentes nas cidades e no campo, em face do progressivo melhoramento da situação material do país e da correcção dos erros cometidos.

Nós, comunistas, estamos firmemente decididos a melhorar a situação do país, nele estabelecendo a ordem e a calma a fim de que sejam asseguradas condições de trabalho fecundo e de progresso ao nosso povo.

Concluirei pois: não pode de forma alguma vir a existir uma ditadura comunista na Bulgária, como tentam fazer crer os nossos membros da oposição e os agentes estrangeiros. Pelo contrário, a actividade da Frente da Pátria na direcção dos assuntos públicos crescerá cada vez mais.

A Frente da Pátria e em particular os comunistas, ambicionam fazer da República Popular da Bulgária uma república exemplar, uma república modelo. Neste aspecto a Bulgária está em competição com os países fraternos eslavos: a Jugoslávia, a Polónia, a Checoslováquia.

Estamos certos e seguros de atingir esse objectivo.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.° 253, de 31 de Outubro
de 2946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.
1954, pp. 379-389.

OS DEZ IMPERATIVOS MAIS IMPORTANTES

Do voto expresso pelo povo búlgaro nas eleições de 27 de Outubro resultam alguns imperativos categóricos para todos os partidos da Frente da Pátria e as organizações sociais, para todos os patriotas búlgaros. Entre esses imperativos, os mais importantes podem formular-se sumariamente nos dez seguintes pontos:

Primeiro: Prosseguir resolutamente e sem hesitar a política externa democrática e pacífica desenvolvida pela Frente da Pátria até hoje: a luta pelo direito do povo búlgaro a uma existência nacional livre e independente, pela defesa da sua causa nacional — a conclusão de um tratado de paz honroso e favorável.

Segundo: Prosseguir resolutamente e sem hesitar a luta ideológica e política para suprimir definitivamente os vestígios do fascismo e dominar a reacção, como para assim fazer cessar de imediato todos os actos arbitrários e todas as violações da lei, cometidos seja por quem for, a fim de se estabelecer definitivamente a ordem democrática, a liberdade e a legalidade no país.

Terceiro: Continuar resolutamente e sem hesitação a promover empreendimentos que permitam a realização do programa da Frente da Pátria, recompor e desenvolver a economia nacional, assegurar a mecanização e o desenvolvimento da agricultura, a industrialização e a electrificação do país, bem como elevar rapidamente o nível material e cultural das amplas massas populares — operários, camponeses, artesãos e intelectuais provenientes do povo.

Quarto: Prosseguir resolutamente e sem hesitar a táctica de eliminar o capital parasitário e especulador da economia

nacional, conciliando judiciosamente o capital privado e a iniciativa individual com os interesses gerais do povo, a fim de assegurar o regular desenvolvimento da indústria nacional búlgara.

Quinto: Prosseguir resolutamente e sem hesitação o saneamento do aparelho de Estado, das instituições culturais e sociais, das escolas e dos estabelecimentos de ensino, a fim de serem totalmente colocados à disposição do povo.

Sexto: Prosseguir resolutamente e sem hesitar a manutenção da ordem e da calma no país, a fim de que o povo possa desenvolver sem entraves todas as iniciativas criadoras, as suas próprias forças e capacidades, afastando simultaneamente as irregularidades existentes na repartição das entregas e no reabastecimento da população, assim como todos os desvios prejudiciais e os actos arbitrários e ilícitos contra o trabalho, a iniciativa privada e os bens dos cidadãos.

Sétimo: Prosseguir resolutamente e sem hesitar uma política popular social e da Saúde pública, sobretudo no que respeita aos cuidados a dispensar à mãe e à criança.

Oitavo: Fazer adoptar pela Grande Assembleia Nacional, com base no projecto da Frente da Pátria, uma Constituição da nossa República popular, realmente progressista.

Nono: Prosseguir sem hesitar a consolidação do nosso exército e o reforço da sua combatividade, na sua qualidade de exército popular, para sempre ligado ao povo — fiel guardião da nossa liberdade, da independência nacional e das nossas fronteiras.

Décimo: Prosseguir resolutamente e sem hesitar a consolidação da colaboração e do respeito mútuo entre os partidos e as organizações sociais da Frente da Pátria, evitando toda e qualquer ingerência exterior na vida interna, reforçando a unidade da Frente da Pátria como união indestrutível dos operários, camponeses, artesãos e intelectuais do povo, como dirigente dos destinos do povo búlgaro, e como fundamental e inabalável apoio da República Popular da Bulgária.

Publicado em:
Rabotnitcheski Délo
N.° 254, de 1 de Novembro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.
1954, pp. 390-392.

NOTAS

(1) Em virtude de a Bulgária ter assinado o pacto tripartido sob pressão da Alemanha e da Itália, o governo búlgaro rompe relações com a Grã-Bretanha e com os E. U. A., declarando-lhes guerra. A 13 de Dezembro de 1941 a Assembleia Nacional fascista adopta a declaração de guerra do governo feita à Grã-Bretanha e aos E. U. A.

(2) Sob pressão das massas populares e a fim de evitar a invasão hitleriana, os governos da Grã-Bretanha e dos E. U. A. assinaram, a 14 de Agosto de 1941, a *Carta do Atlântico.* Em face desta Carta, são reconhecidos os direitos soberanos dos povos, sendo previstas novas tarefas para lutar contra o fascismo e neutralizá-lo. A 24 de Setembro de 1941 a U. R. S. S. assina também a *Carta do Atlântico.* A 1 de Janeiro de 1942, os países signatários da *Carta do Atlântico* assinam em Washington a *Carta das Nações Unidas.* Após a guerra, os governos dos E. U. A. e de Inglaterra recusam-se a aplicar as cláusulas da *Carta do Atlântico,* o que se vem a patentear sobretudo na política de agressão dos E. U. A. no Extremo Oriente — Coreia, Vietname, Laos, República Dominicana, Congo e noutros lados.

(3) A nota do comissário do povo dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., datada de 3 de Março de 1941, foi escrita imediatamente após a adesão do governo de Bogdan Filov, a 1 de Março de 1941, ao Pacto tripartido fascista.

(4) Em Dezembro de 1940, o governo soviético propôs ao governo búlgaro, através do seu enviado Arcadi Sobolev, comissário-adjunto dos Negócios Estrangeiros, concluir um pacto de amizade e de assistência mútua, mas o governo de Filov rejeitou esta proposta. Foi então que o Partido Operário Búlgaro (Comunistas) organizou uma grande campanha a favor da proposta da U. R. S. S. O poderoso movimento popular que seguiu a iniciativa de Sobolev veio a exercer uma considerável influência no desenvolvimento da luta do povo búlgaro contra os ocupantes hitlerianos e contra os monarco-fascistas búlgaros.

(5) Trata-se da entrada das tropas alemãs na Bulgária, a 1 de Março de 1941. A Bulgária tornou-se uma base de agressão contra a Jugoslávia, a Grécia e a União Soviética.

(6) As vitórias alcançadas pelo Exército Vermelho em 1943 permitiram aos Aliados destruir o exército italo-alemão no Norte de África, desembarcar na Itália do sul (durante o Verão do mesmo ano) e iniciar uma ofensiva em direcção ao norte. A Itália capitulou. Mussolini fugiu e o governo do marechal Badoglio declarou guerra à Alemanha, a 13 de Outubro de 1943.

(7) Bogdan Filov, fascista a soldo da corte, presidente do Conselho de Ministros até 28 de Agosto de 1943 e seguidamente regente até 9 de Setembro de 1944 condenado à morte pelo Tribunal do Povo. Nicolas Jékov (1865-1951) comandante-chefe do exército búlgaro durante a Primeira Guerra Mundial, um dos responsáveis pela catástrofe nacional, antigo agente do imperialismo alemão na época dos Kaisers e dos hitlerianos; Alexandre Tzankov, dirigente dos fascistas búlgaros, organizador do golpe de Estado de 9 de Junho de 1923, carrasco do povo por conta dos hitlerianos.

(8) *A Conferência de Moscovo* realizou-se de 19 a 30 de Outubro de 1943, com a participação do comissário dos Negócios Estrangeiros da União Soviética e dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e dos E. U. A.

A Conferência tomou decisões sobre as medidas a adoptar para pôr fim, o mais rapidamente possível, à guerra e para prosseguir a cooperação entre os aliados durante o período do pós-guerra. Adoptou uma declaração que visava «a segurança geral» bem como uma outra declaração incidindo sobre a responsabilidade dos hitlerianos autores de atrocidades.

(9) *A Conferência de Teerão* realizou-se desde 28 de Novembro até 1 de Dezembro de 1943, em Teerão, entre os chefes dos três grandes Estados aliados. Na declaração publicada após a Conferência, os dirigentes da U. R. S. S., da Grã-Bretanha e dos E. U. A. afirmam ter coordenado um plano comum de neutralização das forças armadas alemãs e «terem chegado a um acordo sobre a envergadura e os prazos das operações militares a serem executadas no Oriente, no Ocidente e no Sul».

A Conferência de Teerão tomou importantes decisões sobre a cooperação dos aliados no pós-guerra. Contudo, uma vez terminada a guerra, essas mesmas decisões não virão a ser observadas pelos Estados capitalistas, sobretudo os E. U. A.

(10) Ivan Bagrianov — grande proprietário rural, homem político burguês, agente fascista, hábil demagogo. De 1938 a 1941 foi ministro da Agricultura, de 1 de Junho a 2 de Setembro de 1944, presidente do Conselho de Ministros. A sua ascensão ao poder em 1944, na altura em que a ditadura monarco-fascista do país era ameaçada pelos golpes do Exército insurreccional de libertação nacional e pelas vitórias do

Exército soviético na Frente de Leste, tinha sido cuidadosamente meditada e projectada com Berlim. A burguesia búlgara no poder pretendia enganar o povo criando-lhe a ilusão de uma mudança de orientação e desviá-lo, através de uma demagogia desenfreada, da luta armada. A missão de Bagrianov consistia em tergiversar, a fim de ganhar o tempo necessário para a conclusão de uma paz em separado entre Hitler e os Estados ocidentais, alterando o decurso da Segunda Guerra Mundial.

A 2 de Junho de 1944, o Partido Operário Búlgaro (Comunistas) desmascarou as maquinações de Bagrianov, através da estação de radiodifusão «Christo Botev». Bagrianov prosseguiu a política terrorista dos governos precedentes.

Após o 9 de Setembro de 1944, o Tribunal do Povo condenou Bagrianov à pena capital.

(11) Em Junho de 1944, no momento em que a ofensiva do Exército Vermelho era mais forte, quando as vitórias alcançadas pelas tropas soviéticas tinham alterado completamente a situação, e era evidente que a União Soviética iria por si só, sem necessidade do auxílio dos seus aliados, esmagar a Alemanha hitleriana, pôr fora de combate os seus satélites e libertar a França, as tropas anglo-americanas desembarcaram no norte da França, abrindo a segunda Frente.

(12) Durante o Verão do ano de 1944, quando se tornou evidente que a Alemanha havia perdido a guerra, um grupo de oficiais superiores alemães tentaram assassinar Hitler, a fim de se apoderarem do poder, concluir uma paz com os aliados ocidentais, evitar assim a subida ao poder das forças democráticas. Mas o atentado falhou.

(13) Trata-se das conversações com a delegação económica búlgara (a 14 de Junho de 1945), em Moscovo, visando a conclusão de um acordo comercial com a U. R. S. S.

(14) O Congresso da Frente da Pátria realizou-se de 9 a 13 de Março de 1945. A resolução sobre a actividade do Comité nacional e dos comités locais da Frente da Pátria aprova as linhas gerais da política e da actividade do movimento da Frente da Pátria. Recomenda o firme prosseguimento de uma política interna e externa que responda aos interesses do povo búlgaro.

O Congresso sublinha a necessidade de mobilizar todas as forças, de tomar todas as iniciativas adequadas e de utilizar todos os recursos do país para realizar gradualmente o programa salutar da Frente da Pátria, e para elevar, sob todos os pontos de vista, o nível do poder económico, político, cultural e militar da Bulgária; sublinha ainda a necessidade de se elevar ao mais alto grau possível a vigilância nacional contra os inimigos declarados ou camuflados da Frente da Pátria, para consolidar ainda mais a unidade política militante da Frente da Pátria.

No seu manifesto dirigido ao povo búlgaro, o Congresso indicou as principais medidas a tomar para a realização do salutar programa da Frente da Pátria.

([15]) Cila e Caribdes: Turbilhão e escolho célebres do estreito de Messina, terror dos navegantes se se evitava um deles, embatia-se muitas vezes no outro. Daí a origem do provérbio: Passar de Cila para Caribdes, de um mal para outro pior.

([16]) Muchanov Nicolas — Militante do Partido democrata. Ministro das Obras Públicas do segundo gabinete Malinov (17/X-28/XI 1918), ministro do Interior do gabinete T. Todorov (1918-1919), presidente do Conselho de Ministros (1932--1934). Como presidente do Conselho, Muchanov recusou reconhecer a nacionalidade búlgara a Jorge Dimitrov, após a brilhante vitória por este conquistada no processo de Leipzig. Logo após 9 de Setembro de 1944, Muchanov tornou-se um dos piores inimigos do poder popular.

([17]) Trata-se do jornal reaccionário editado pela União Agrária Popular Búlgara na oposição *Narodno Zémédelsko Znamé (Bandeira Popular Agrária)*, conhecido sob o nome de *Zélénoto Znamé (Bandeira Verde)*.

([18]) Jornal *Svoboden Narod (Povo Livre)*, edição do Partido social-democrata na oposição de 1945 a 1946.

([19]) Jornal *Znamé (Bandeira)*, órgão do Partido democrata.

([20]) Como organização política de massas, a Frente da Pátria era nessa altura composta pelo Partido Operário Búlgaro (Comunistas), pela União Agrária Popular Búlgara, pelo Partido Operário Social-Democrata Búlgaro, pela União Popular «Zvéno» e pelo Partido Radical.

([21]) Trata-se do discurso pronunciado por Jorge Dimitrov a 15 de Novembro, perante as eleições de 18 de Novembro de 1945.

([22]) A Conferência de Ialta realizou-se de 4 a 12 de Fevereiro de 1945. A ela assistiram os dirigentes dos três Estados aliados: J. V. Estáline, F. Roosevelt e W. Churchill. Nesta Conferência foram fixados e coordenados um plano de operações imediatas para a derrota definitiva da Alemanha, o programa do desarmamento militar, económico e político com a desmobilização de todas as forças armadas alemãs, a liquidação da indústria de guerra alemã, assim como todas as organiazções e todos os estabelecimentos, hitlerianos, e o justo e rápido castigo de todos os criminosos de guerra. Foi decidido, para a manutenção da paz e da segurança, criar conjuntamente com os outros Estados aliados uma Organização Internacional das Nações Unidas.

Contudo, após a guerra, os E. U. A. e a Grã-Bretanha ignoraram sistematicamente as decisões que haviam assinado.

([23]) A Conferência de Potsdam realizou-se de 17 de Julho a 2 de Agosto de 1945. Nela participaram J. V. Estáline, Truman, presidente dos E. U. A., Churchill, primeiro-ministro

da Grã-Bretanha e após 28 de Julho também Attlee, primeiro-ministro da Grã-Bretanha. As decisões da Conferência visavam consolidar a histórica vitória sobre o imperialismo alemão e garantir uma paz justa e duradoura. Decidiu-se igualmente constituir um Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros dos cinco Estados: U. R. S. S., E. U. A., Grã-Bretanha, França e China. Os participantes na Conferência de Potsdam acordaram os princípios de coordenação da política dos Aliados para com a Alemanha. Contudo, os E. U. A. e a Grã-Bretanha não tinham a mínima intenção de se conformar às decisões de Potsdam.

([24]) *A Conferência de Londres,* ou primeira sessão do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, foi inaugurada em Londres a 11 de Setembro de 1945. A sua principal tarefa consistiu em preparar os tratados de paz com a Alemanha, a Itália, a Roménia, a Bulgária, a Hungria e a Finlândia. Contrariamente às decisões tomadas pela Conferência de Potsdam, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos E. U. A. (Burnes) e da Grã-Bretanha (Bevin) insistiram para que nos preparativos dos tratados de paz tomassem parte não só os países que haviam assinado as condições de capitulação, como também alguns outros, o que a delegação soviética não consentiu, atendo-se firmemente às decisões da Conferência de Potsdam. A primeira sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Londres interrompeu os trabalhos.

([25]) A Conferência de San Francisco, convocada pela U. R. S. S., pelos E. U. A., pela Grã-Bretanha e pela China, realizou-se de 25 de Abril a 26 de Junho de 1945. Foram também convidados a nela tomar parte os governos de 42 países, signatários da Declaração das Nações Unidas ou que a ela se tinham posteriormente unido, e que haviam declarado guerra aos países que formavam o Eixo. A Conferência decidiu que nela participasse também a República Socialista Soviética da Bielorrússia e da República Socialista Soviética da Ucrânia. A proposta de Molotov para convidar também a Polónia foi recusada.

Um único ponto figurava na ordem do dia da Conferência: a elaboração dos estatutos da organização internacional para a manutenção da paz e da segurança. Os estatutos entraram em vigor a 24 de Outubro de 1945.

([26]) A Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., dos E. U. A. e da Grã-Bretanha, realizada entre 16 e 26 de Dezembro de 1945 em Moscovo foi convocada de acordo com as decisões das Conferências de Ialta e de Postdam. Em 28 de Dezembro de 1945 foi publicado um «comunicado da Conferência de Moscovo». A Conferência resolveu uma série de questões sobre a organização da paz após a guerra na Europa e no Extremo Oriente.

A questão da táctica a seguir para resolver definitivamente os tratados de paz com a Itália, a Roménia, a Bulgária, a

Hungria e a Finlândia foi resolvida em conformidade com as decisões da Conferência de Potsdam e de acordo com o ponto de vista da U. R. S. S.

([27]) As Zadrugui (Associações agrícolas) foram criadas em função da nova lei de 19 de Novembro de 1935. No Congresso das «Zadrugui» agrícolas (a 14 de Fevereiro de 1937) foi fundada uma União Geral dos Agrários Búlgaros, cujos estatutos foram aprovados. Em Dezembro de 1944, a União Geral dos Agrários Búlgaros foi dissolvida e organizada uma nova União com o nome de União Geral Profissional Agrária, existente até 1950.

A União Geral Profissional Agrária chamou a si o trabalho de unir todos os agricultores dos dois sexos, de agir a favor dos seus interesses económicos e culturais, de cuidar o desenvolvimento e a elevação do nível da agricultura búlgara, de despertar e reforçar nos agricultores o sentimento de solidariedade para com as Uniões fraternas dos trabalhadores manuais e intelectuais e com o movimento cooperativo agrícola, e de ajudar o poder popular, que realiza um programa e uma política no interesse dos agricultores laboriosos.

([28]) John Mack — deputado trabalhista de esquerda no Parlamento inglês. Chegou a Sófia a 10 de Abril de 1946, a fim de se inteirar da situação política na Bulgária.

([29]) Harold Lasky — professor, presidente do Partido Trabalhista na Grã-Bretanha. Lasky publicou em Maio de 1946 um panfleto de propaganda intitulado «O batalhão secreto», que se destinava a influenciar os delegados à Conferência do Partido Trabalhista, para que votassem contra a inclusão do Partido Comunista Britânico no movimento trabalhista.

([30]) Harold Lasky preferiu guardar silêncio em vez de responder a esta carta aberta que o colocou, como se vê, numa situação bastante crítica.

([31]) Alexandre Stamboliiski — (1879-1923) — eminente homem político, dirigente da União Popular Agrária Búlgara. A ideologia da U. P. A. B. e de Stamboliiski é de carácter pequeno-burguês. As particularidades dessa ideologia devem-se à convicção de que seria possível um governo agrário independente, considerando que os camponeses constituem cerca de 80 por cento da população do país. Stamboliiski opõe à luta de classe dos operários e à ideologia comunista, a ideologia de corporação agrária.

Stamboliiski baseava-se em posições capitalistas. Esperava poder afastar as faltas do sistema capitalista através da cooperativa. Contudo, as grandes massas camponesas viam em Stamboliiski um combatente contra o regime pessoal do rei Ferdinando, contra a monarquia, e a favor da República. Durante a Primeira Guerra Mundial, Stamboliiski declarou-se contra a entrada da Bulgária na guerra, ao lado da Alemanha. A sua atitude hostil à política germanófila do rei Ferdinando

valeu-lhe a condenação a prisão perpétua. Após a derrota do exército búlgaro em Dobro Polé (Macedónia), Stamboliiski foi posto em liberdade e tomou parte na proclamação da República de Radomir. Presidente do Conselho (1919-1923), fez promover certas iniciativas dirigidas contra os interesses do grande capital. Quando do golpe de Estado fascista de 9 de Junho de 1923, Stamboliiski foi barbaramente assassinado.

([32]) A sessão solene dos operários em honra das delegações sindicais que se deslocaram ao país por ocasião do referendo que deu origem à abolição da monarquia e à proclamação da República Popular, realizou-se sob a presidência de Raïko Damianov. Além dos representantes das organizações sindicais dos países de democracia popular, como a Checoslováquia, a Hungria, a Roménia, a Albânia, a ela assistiram também a delegação francesa conduzida por Benoît Frachon, secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho, Albert Bouzanke — secretário da C. G. T. —, Olga Tournati, da União Sindical dos Metalúrgicos, Ziliacus, do Partido Trabalhista Britânico, etc., bem como muitos representantes da imprensa estrangeira.

Os jornalistas estrangeiros, que haviam verificado a vontade livremente expressa pelo povo búlgaro a favor da República Popular, rebateram as mentiras sobre o referendo divulgadas pela rádio inglesa, num telegrama aprovado na Conferência organizada pela Direcção da Imprensa. O telegrama é assinado não só pelos representantes da imprensa dos países de democracia popular como também pelos da imprensa burguesa: *Telepress*, Londres — *The Observer*, Grã-Bretanha — *The New York Times*, *The Daily Herald*, *The Daily Express*, *Associated Press*, etc.

([33]) Conny Ziliacus — deputado inglês do Partido Trabalhista, que se deslocou à Bulgária por ocasião da celebração do segundo aniversário da Insurreição de Setembro, com o intuito de apreciar «in loco» as mudanças ocorridas após o advento do poder popular a 9 de Setembro de 1944.

De regresso a Inglaterra, Ziliacus — tal como John Mack — pronunciou-se a favor da Bulgária no parlamento inglês.

([34]) As audiências do Tribunal Internacional Militar encarregado de julgar os principais criminosos de guerra realizaram-se em Nuremberga, de 20 de Novembro de 1945 a 1 de Outubro de 1946. Fizeram parte do tribunal representantes da U. R. S. S., dos E. U. A., da Grã-Bretanha e de França.

Foram reconhecidas culpadas dezanove pessoas, das quais 12 condenadas à morte (Goering, Ribbentrop, Keitel, Rosenberg, etc.) e 7 condenadas a prisão; 3 foram absolvidas.

O general J. T. Kikitchenko, representante da U. R. S. S. no tribunal militar internacional, declarou-se não conforme com a absolvição de Schacht, de von Papen e de Fritsch, com a condenação a prisão perpétua de Hess, assim como

com a recusa do tribunal em reconhecer como culpadas as organizações do gabinete governamental e do Estado-Maior General do Alto Comando das forças armadas hitlerianas.

(35) Jorge Dimitrov faz alusão à proposta dos partidos da oposição quando da elaboração da nova Constituição, para tomar como base as Constituições burguesas da Suíça, de França e da Bélgica.

Título: Obras Escolhidas — IV
Autor: Jorge Dimitrov
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Oficinas: Guide - Artes Gráficas. Lda.
Tiragem: 5200 ex.
Acabou de se imprimir: Em 28 de Abril de 1976